REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

4º TRIMESTRE DE 1871

NOBILIARCHIA PAULISTANA

GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(*Continuada do 3º trimestre, pag. 46*)

RENDONS

Titulo historico e genealogico da familia de Rendons das capitanias de S. Paulo e da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, que escreveu no anno de 1769, na cidade de S. Paulo Pedro Taques de Almeida Paes Leme. E fielmente copiada em Lisboa em 1784.

A illustre familia de Rendons, Quebêdos, Lunas, Alarcões, Cabeças de Vacca (que por varonia são Sarmentos) da capitania da cidade de S. Paulo, e da de S. Sebastião do Rio de Janeiro, traz a sua propagação da cidade de Coria no reino de Leão em Hespanha, e d'onde eram naturaes os Rendons, filhos do fidalgo D. Pedro Matheus Rendon, que foi regedor das justiças na villa de Ocanha, pelo estado

dos fidalgos, e de sua mulher D. Magdalena Clemente de Alarcão Cabeça de Vacca, que se passaram ao Brasil, seguindo o real serviço na armada que veiu á Bahia do Salvador de Todos os Santos com o general d'ella D. Fradique de Toledo Ozorio, marquez de Uvaldêça no anno de 1625, pelo motivo seguinte:

Via-se o reino de Portugal subido a maior magestade na reputação, no imperio e nas riquezas, quando tudo viu sepultado nos campos de Africa, chorando a perda de um principe mais bellicoso, que advertido, sendo-lhe successor um monarcha menos aconselhado, que remisso; este foi o Sr. cardeal D. Henrique, o qual tomou a corôa mais para a levar a sepultura, que para a subir ao throno; porque com anno e meio de reinado, o alcançou a morte no seu paço de Almerim em 31 de Janeiro de 1580 annos com 78 de idade.

Apoderou-se do reino pelo direito das armas, el-rei D. Filippe II, de Castella, e 1° em Portugal, tão favorecido do seu poder, do tempo e da fortuna, como desamparado de justiça e da razão. D'esta sorte, unido o reino de Portugal á corôa de Castella, ficou sujeito ao odio com que todas as nações da Europa se oppunham á grandeza da monarchia hespanhola, tanto mais aborrecida, quanto mais dilatada.

Ardia n'este tempo a guerra nos Estados de Flandres entre hollandezes e hespanhoes: aquelles por defenderem a rebeldia, estes por castigarem a rebellião. No anno de 1581 se rebellaram as oito provincias unidas, formando uma republica democratica; e negando a obediencia ao seu natural senhor, lhe disputaram as armas com a maior constancia e com o valor mais intrepido, ganhando insignes victorias contra numerosos exercitos. Achava-se com a posse e governo de dois mundos d'esde 1621 el-rei D. Fi-

lippe IV de Castella e terceiro em Portugal, quando os hollandezes dispunham uma grande armada para invadirem a cidade do Salvador de Todos os Santos, capital então do Estado do Brasil. Esta se achava n'aquelle tempo no descuido e grandeza que costuma resultar da longa paz; e esquecidos os seus moradores das frechas dos inimigos naturaes, não cuidavam das ballas dos estranhos; porque nos animos que invilesce o ocio, ou a opulencia entorpece, não fazem consternação os perigos no ameaço, se não na ruina. Tinha por este tempo as redeas do governo geral do Estado, Diogo Furtado de Mendonça, quando em 9 de Maio de 1624 chegou á barra da Bahia a armada hollandeza, composta de 25 vasos, com 3,400 homens de guerra trazendo por seu general a Jacob Vilhe Khens, por almirante a Petre Petrid, inglez de nação, e por mestre de campo de toda a infantaria a João Dorth. Por interpresa foi occupada a cidade, approveitando-se o inimigo do nosso descuido, primeiro que a presteza da sua diligencia. Quem não sabe temer, não sabe prevenir, e no repente dos assaltos obra mais a confusão dos invadidos, que o valor dos invasores.

Chegou a noticia do successo a Lisboa, que mediu o damno pela perda, e sentiu com excesso a desgraça. A Madrid chegou tambem a noticia da ruina, que despertou o letargo em que jazia aquella côrte no descuido das conquistas. Dispôz logo o conde duque de Olivares duas poderosas armadas; uma em Castella, e em Portugal outra. Escreveu el-rei D. Filippe IV de sua real mão aos governadores do reino de Portugal, os condes de Portalegre e de Basto, e a outros muitos grandes, com encarecidos termos, o muito que esperava do valor e lealdade portugueza n'aquelle empenho, que tocava a toda a monarchia. Em uma e outra, se previniram armadas: na de Portugal se alistou grande numero de fidalgos da maior esphera, uns com praça

de soldados, outros com nome de aventureiros, sendo general d'ella D. Manoel de Menezes, tão célebre então pelo nascimento, valor e mais moraes virtudes, como depois pelas desgraças. A de Castella não era de menor apparato, antes superior em náos, gente e experiencia : n'ella vinham varios titulos e fidalgos de elevada grandeza ; uns já famosos na profissão da guerra, e outros que escolheram esta occasião para ensaio do seu novo militar emprego. Entre estes soldados vieram tres filhos do fidalgo D. Pedro Matheus Rendon, que foram D. João Matheus Rendon, D. Francisco Rendon de Quebêdo e D. Pedro Matheus Rendon Cabeça de Vacca. Depois já no anno de 1640 veiu outro irmão D. José Rendon de Quebêdo com instrumento da sua fidalguia, e d'ella fazemos menção em n. 3º d'este titulo.

Estas duas armadas com o numero de 66 vasos, 12,000 homens e 1,015 péças de artilheria, entraram pela barra da Bahia na sexta-feira da semana santa, 28 de Março de 1625. Desembarcou a nossa infantaria, sahiu á terra, escolheu sitio, formou quarteis, levantou trincheiras, dispôz platafórmas, accommodou artilheria e bateu as fortificações do inimigo, vigilante em se defender, até que desenganado e opprimido, entregou a cidade salvas as vidas, e sahiu em 20 de Abril do mesmo anno, corrido e castigado o mesmo orgulho que a 9 de Maio do anno antecedente tinha entrado triumphante e atrevido ; deixando-nos a cidade tão abastecida e municionada, como se só entrára n'ella a deixar fortalecida. Esta guerra anda diffuzamente narrada na *Nova Lusitania* ; no *Castrioto Lusitano* ; no *Portugal Restaurado* e na *America Portugueza.* Nós aqui sómente tocamos n'ella por conta da passagem, que na armada castelhana fizeram os tres irmãos Rendons, já referidos, como assumpto d'este genealogico e historico titulo de Rendons.

A cada um d'estes tres irmãos fez el-rei D Filippe IV, por seu alvará mercê de 3 escudos de mais por mez, além da praça ordinaria que venciam (1). Acabada a guerra da Bahia e lançado d'ella os belgas, se retiraram as armadas, largando as vellas no dia 4 de Agosto do mesmo anno de 1625. Ficaram continuando o real serviço os tres fidalgos Rendons, até que se passaram para S. Paulo, como iremos mostrando no decurso d'este titulo, no qual veremos a cada um d'elles em seu distincto numero para melhor percepção dos ramos que propagaram.

N. 1. D. João Matheus Rendon.
N. 2. D. Francisco Rendon de Quebêdo.
N. 3. D. José Rendon de Quebêdo.
N. 4. D. Pedro Matheus Rendon Cabeça de Vacca.

D. João Matheus Rendon veiu da Bahia para a cidade de S. Paulo onde fez assento. N'ella levantou uma companhia de infantaria á sua custa para a restauração de Pernambuco, que se achava possuido do inimigo hollandez, desde 4 de Fevereiro de 1630, em que tinha entrado a sua armada composta de 70 vélas, contando-se entre ellas poderosas náos com 8,000 homens de guerra, que governavam dois generaes, Henrique Lonc, no mar, e Theodoro de Wandemburg, na terra. Em a matriz de S. Paulo a 17 de Novembro de 1631 casou D. João Matheus Rendon ; e no assento d'este casamento se declarou, que era natural da cidade de Coria, filho de D. Pedro Matheus Rendon e de sua mulher D. Magdalena Clemente de Alarcão Cabeça de Vacca, com D. Maria Bueno de Ribeira, filha de Amador

(1) Cart. da provedoria da fazenda real de S. Paulo, liv. de registros das sesmarias, n. 8, anno de 1633 até o de 1638 pag. 53.
N. 12 anno de 1636 até 1696 pag. 87 v.
Vid. liv. de datas, tit. 1637 fls. 89, e tit. 1633 fls. 42 e seguintes.

Bueno e de sua mulher D. Bernarda Luiz, todos naturaes de S. Paulo (2). D'este grande paulista Amador Bueno e das suas acções, cargos e illustre ascendencia tratamos em titulo de Buenos, cap. 1.°

Do matrimonio de D. João Matheus Rendon e D. Maria Bueno de Ribeira (que falleceu em S. Paulo a 7 de Novembro de 1646) (3) nasceram em S. Paulo cinco filhos que foram :

D. Pedro Matheus Rendon e Luna...... cap. 1.°
D. João Matheus Rendon............... cap. 2.°
D. José Rendon..... .... cap. 3.°
D. Ignez de Ribeira.................. cap. 4.°
D. Anna de Alarcão e Luna........... cap. 5.°

CAPITULO I

1—1. D. Pedro Matheus Rendon e Luna, casou na matriz de S. Paulo com D. Maria Moreira Cabral, filha de Luiz da Costa Cabral e de sua mulher Luzia Moreira, ambos naturaes de S. Paulo, em cuja matriz casaram a 21 de Abril de 1652. Este Luiz da Costa Cabral foi mandado por parte dos camaristas de S. Paulo beijar a mão ao Sr. rei D. João o IV, restituido ao throno de Portugal, levando por adjunto a Balthazar de Borba Gato, e ambos fôram recebidos com benigno agazalhado do soberano monarcha, que se dignou agradecer esta obediencia por carta firmada do seu real punho, datada em Lisboa a 24 de Setembro de 1643 (4). Neta pela parte paterna de Simão da Costa, natural da cidade

(2) Livro 1° de assentos dos casamentos da matriz de S. Paulo, no anno de 1631, o de D. João Matheus Rendon.

(3) Orphãos de S. Paulo, masso 1° de inventarios, letra M n. 11.

(4) Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros, capa de couro, n. 2, tit. 1642, pag. 13 v.

de Beja, (filho de Luiz da Costa Cabral, cavalleiro fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Antonia Gomes Froes, ambos da cidade de Beja) e de sua mulher Branca Cabral, natural de S. Paulo, irmã direita de Pedro Alves Moreira, que foi pai dos honrados paulistas, o alcaide mór Jacintho Moreira Cabral, que falleceu na villa de Sorocaba, e do coronel Pascoal Moreira Cabral, aos quaes dois irmãos elegeu o Sr, D. Pedro II, para penetrarem o sertão das serras de Cahativa e Biraçoyaba, e n'ellas fazerem os exames das pedras de prata e descobrimentos de minas de ouro com fr. Pedro de Sousa, a quem o mesmo senhor enviára para este effeito com cartas firmadas do seu real punho datadas em Maio de 1682 (5), nas quaes trata sua magestade a Jacintho Moreira Cabral com o caracter de alcaide mór, e a Pascoal Moreira com o de coronel.

Por sua avó Branca Cabral, foi bisneta de Pedro Alvares Cabral, natural da ilha de S. Miguel (traz a sua origem da casa de Belmonte,como escreve o rev.Dr. Gaspar Fructuoso, a quem seguiu o padre Antonio Cordeiro do collegio da cidade da Ponte Delgada, no seu livro *Historia Insulana* impresso em Lisboa em 1717), e de sua mulher Susana Moreira,natural de S. Paulo, irmã direita de Maria Moreira que foi mulher de Innocencio Preto, natural de Portugal, ouvidor da capitania de S. Paulo e S. Vicente, em cuja camara tomou posse no livro tit. 1684, pag. 49, e foi um dos primeiros e nobres povoadores d'esta villa com mais irmãos, José Preto, Manoel Preto e Sebastião Preto, que todos vieram pelos annos de 1562 na companhia de seu pai Antonio Preto, que depois de ter feito muitos serviços a Deus, a el-rei e ao donatario da capitania Martim Affonso

(5) Secretaria do conselho ultram. livro das cartas do Rio de Janeiro, tit. 1673 até 15 de Dezembro de 1700 pag. 30.

de Sousa, voltou para o reino, e trazendo sua mulher se estabeleceu em S. Paulo em 1574, onde já se achavam os quatro filhos (6). Terneta de Jorge Moreira,natural do Rio Tinto da cidade do Porto, pessoa de estimada nobreza, que veiu em 1545 para a villa de S. Vicente, da qual foi capitão mór governador, e onde casou com Isabel Velho, natural da cidade do Porto, de d'onde com seus irmãos os padres Gabriel Rodrigues e Antonio Rodrigues, ambos presbyteros do habito de S. Pedro, Garcia Rodrigues, Francisco Rodrigues Velho, Jorge Rodrigues e as irmãs Maria Rodrigues, mulher de Salvador Pires, Mecia Rodrigues, mulher de Domingos Gonçalves de Mendonça ; e outras mais que tinham vindo para S. Vicente na companhia de seus pais Garcia Rodrigues e Isabel Velha, ambos da cidade do Porto.

Foi D. Maria Moreira Cabral, mulher de D. Pedro Matheus Rendon e Luna, pela parte materna, neta de Innocencio Preto e de sua mulher Maria Moreira, os mesmos de que fallamos supra. (*) D. Pedro Matheus Rendon, segundo uma nota do major Pedro Taques, se passou de S. Paulo para a Ilha Grande com seu sogro Luiz da Costa Cabral em 1651, e descobriu os matos do rio Pirahy, em cujas terras teve sesmaria em 1656. Seu pai foi tambem para a Ilha Grande, vide fl. 33. E se é certo que D. Pedro foi para a Ilha Grande em 1651, não é provavel que casasse em 1652 em S. Paulo, em cujos livros da matriz se não acha tal casamento ; certamente casaria na dita Ilha). Teve D. Pedro Matheus Rendon e Luna seis filhos, que são os seguintes:

Filhos de D. Pedro Matheus Rendon e Luna.

2—1 : D. João Matheus Rendon......... § 1.°

(6) Cartorio da provedoria da fazenda. livro de registros das sesmarias, n. 3. tit. 1618 até 1620 pag. 1. Livro n. 1, tit. 1562 pag. 159.

2—2: D. Pedro Matheus Rendon........ § 2.º
2—3: D. José Rendon de Quebêdo...... § 3.º
2—4: D. Luiz Rendon de Quebêdo...... § 4.º
2—5: D. Francisco Matheus Rendon.... § 5.º
2—6: D. Maria Cabral Rendon......... § 6.º

§ 1º e 2º

2—1. D. João Matheus Rendon: falleceu solteiro nas minas de Parnaguá.

2—2. D. Pedro Matheus Rendon: falleceu solteiro nas Minas-Geraes na occasião do levantamento dos europêos contra os paulistas.

§ 3º e 4º

2—3 } D. José Rendon de Quebêdo, e D. Luiz Rendon
2—4 } de Quebêdo seguiram o real serviço, sahindo de S. Paulo em 1679 com o governador D. Manoel Lobo, que foi fundar na ilha de S. Gabriel do Rio da Prata uma fortaleza, e nova colonia, a que deu o nome de cidade do Sacramento. Para esta acção sahiu de Lisboa D. Manoel Lobo com patente de governador e capitão-general do Rio de Janeiro, com ordem de que logo que tomasse posse do dito governo, passasse ao Rio da Prata a formar as fortificações necessarias para uma nova colonia por carta datada em Lisboa a 12 de Novembro de 1678 (7). Subiu a S. Paulo a tratar a materia de sua commissão com os paulistas Fernão Paes de Barros e Fernando Dias Paes Leme, para os quaes trazia cartas do principe regente o Sr. D. Pedro para darem toda a ajuda e soccorro a D. Manoel Lobo, para se conseguir a pretenção, a que vinha dirigido: assim se vê

(7) Carta da provedoria da fazenda da praça de Santos. Livro de registros das ordens n. 3, tit. 1678 até 1684 pag. 26 v.

da carta para Fernão Paes de Barros, cuja fiel copia é do theor seguinte :

« Fernão Paes de Barros. Eu o principe vos envio saudar. O governador D. Manoel Lobo vos ha de dar conta de um negocio de meu serviço, que pondo-se em effeito redundará em augmento dos meus vassallos, principalmente dos que vivem n'essa repartição do Sul. E porque estou inteirado do zelo, com que vos haveis em varios particulares de meu serviço, espero, que n'este ajudeis a D. Manoel Lobo com vossa pessoa, escravos e o mais que vossa possibilidade der lugar, para que se consiga o que se pretende, e me ficará em lembrança, para vos fazer mercê.

Escripta em Lisboa a 12 de Novembro de 1678. «Principe.»

Para Fernão Paes de Barros.

D'este mesmo theor foi a carta para Fernando Dias Paes Leme, como temos escripto em titulo de Lemes, cap. 5° § 5° n. 3.

Chegando a S. Paulo o fidalgo D. Manoel Lobo foi hospedado com grandeza e abundancia por Fernão Paes de Barros todo o tempo que precisou demorar-se, dispondo o necessario para a viagem, que tinha de fazer para a ilha de S. Gabriel. Deu-lhe em dinheiro cem mil réis, e tres cavallos dos melhores que tinha em sua cavalherice ; e porque no almoxarifado da praça de Santos não havia dinheiro para supprir as despezas que tinha de fazer D. Manoel Lobo, appareceu no senado da camara de S. Paulo Fernão Paes de Barros, e representou aos officiaes d'ella, que para o serviço de sua alteza tinha quarenta arrobas de prata nas baixellas de sua copa ; que todas offerecia para que ou se fundissem, ou se empenhassem, ou se vendessem, com tanto, que se effectuasse o real serviço, de que vinha encarregado o governador D. Manoel Lobo. Tudo

consta do termo de vereança em um dos livros do anno de 1679; e tambem dos papeis de serviços do dito Barros, processados em S. Paulo em 1685 perante o juiz ordinario Diogo Barbosa Rego, sendo escrivão dos autos o tabellião Roque Mendes da Silva.

D. Manoel Lobo retirou-se de S. Paulo a embarcar-se no porto de Santos para a cidade do Rio de Janeiro, levando em sua companhia como soldados aventureiros, aos dois irmãos D. José e D. Luiz Rendon de Quebêdo, os quaes em companhia do mesmo D. Manoel Lobo embarcaram no Rio de Janeiro a demandar a ilha de S. Gabriel, onde chegaram a salvamento com o corpo militar de infantaria do prezidio d'aquella praça, e da que veiu da Bahia com todos os petrechos de guerra e artilheria grossa, capaz de cavalgar nas carretas da nova fortaleza, que iam fazer construir.

Elegeu D. Manoel Lobo o sitio, e n'elle fundou a cidade da Nova Colonia do Sacramento e a sua fortaleza, de d'onde escreveu aos officiaes da camara de S. Paulo em Fevereiro de 1680, pedindo mantimentos de carnes de porco e tresentos alqueires de feijão, e que tudo mandariam entregar no porto de Santos a Diogo Pinto do Rego capitão-mór governador da capitania de S. Vicente, a quem escrevia para fazer promptificar embarcação que conduzisse estes generos para o Rio da Prata. Enviou por agente d'esta expedição a João Martins Claro, á quem Fernão Paes de Barros entregou 150 arrobas de carne de porco, mil alqueires de farinha de trigo e cem de feijão, sem mais interesse que a honra d'esta serventia.

Achava-se em S. Paulo o tenente de mestre de campo general Jorge Soares de Macedo, mandado por sua alteza para acompanhar para as minas de Parnaguá e para o sertão de Sabarábuçû ao administrador geral D. Rodrigo

de Castel-Blanco, natural do reino de Castella (V. em titulo de Lemes, cap. 5. § 5º, n. 3), que da cidade da Bahia tinham vindo, trazendo uma companhia de sessenta soldados infantes da qual era capitão Manoel de Sousa Pereira e alferes Mauricio Pacheco Tavares ; e se dispôz por determinação do dito administrador geral á passar o Rio da Prata, e d'alli principiar a examinar todo o sertão da costa pelo interesse de descobrir minas de prata e ouro. Para este effeito preparou-se em S. Paulo de todo o necessario elegendo ao paulista Braz Rodrigues Arzão para capitão-mór de toda a gente da leva, de que lhe passou patente o dito tenente-general em S. Paulo em 15 de Janeiro de 1679 ; ao paulista Antonio Affonso Vidal para sargento-mór da dita leva por patente com a mesma data ; com outros muitos paulistas, que então seguiram este real serviço, como foram Manoel da Fonseca, Manoel da Costa Duarte, João Carvalho, João de Goes Raposo e seu irmão Manoel de Goes Raposo, Francisco Dias Velho e seu irmão José Dias Velho, além de outros, dos quaes não descobrimos documento algum, que nos declarasse quem elles foram ; e com duzentos indios bons sertanistas. Para esta jornada recebeu Jorge Soares de Macedo dos officiaes da camara de S. Paulo dois contos e cincoenta mil réis em dinheiro, doze catanas , dezenove espingardas, quinze arrobas de tabaco de rolo, tres mil alqueires de farinha de trigo, tresentas arrobas de carne de porco, cem alqueires de feijão, oito mil varas de panno de algodão, trinta e oito arrobas de fio de algodão torcido em tres linhas e duas arrobas de fio singelo (8). Todos estes generos fizeram conduzir para o porto de Santos os officiaes da camara de S. Paulo a

(8) Archivo da Cam da S. Paulo. liv. de vereanças, tit. 1675 pag. 62 usq. 75 v.

entregar ao dito tenente-general Macedo. Este alli embarcou em fins de Março de 1679 com sete sumacas, das quaes era capitão de mar Manoel Fernandes por patente do mesmo Macedo datada em Santos a 29 de Janeiro de 1679, levando n'ellas toda a gente da sua conducta, indios, fabricas mineraes de sua alteza, fazendas, mantimentos, e tudo o mais necessario. Teve tres arribadas por contrarios ventos e temporaes grandes, que levaram ao fundo uma sumaca, sem escapar do naufragio, viva creatura; e tres foram de arribada tomar o porto da ilha de Santa Catharina; e Macedo, com outras tres, tomou a barra de Santos. D'esta villa penetrou por terra a costa do Sul, e pelo sertão chegou a ilha de Santa Catharina: Estando n'ella recebeu ordem do governador D. Manoel Lobo para alli postar com a infantaria e mais gente da sua conducta applicando-a á manobra de serrar madeiras e taboados, fazer cal de ostras e fazer carvão, para tudo servir na povoação da Nova Colonia: tudo fez assim executar o dito Macedo. Depois teve segunda ordem do mesmo governador D. Manoel Lobo para embarcar nm uma sumaca, e n'ella ir para a ilha de S. Gabriel (9), a qual ordem é do theor seguinte:

« Ordeno ao capitão Manoel da Costa Duarte, que ficou por cabo da gente e indios que assistem na ilha de Santa Catharina, conserve a dita gente e indios, não lhes permittindo saiam da ilha senão aquellas pessoas de que muito se fiar, principalmente aquelles indios, que tiverem algum prestimo, assim de officiaes mecanicos, como os que tiverem capacidade para acompanharem os brancos nas jor-

(9) Carta da provedoria da praça de Santos, livro de registros das ordens, n. 5, titulo 1693 até 1701 pag. 81 v. na carta patente do mestre de campo Jorge Soares do Macedo, governador da praça de Santos, datada em Lisboa a 26 de Janeiro de 1700.

nadas dos sertões, por assim convir ao serviço do principe nosso senhor, e esta se cumprirá tão inteiramente como n'ella se contém. Dada n'esta cidade do Sacramento aos 8 de Abril de 68.»—D. Manoel Lobo.

Embarcado o tenente-general Jorge Soares de Macedo com algumas pessoas de avultado nome, deu vélas a sumaca á demandar o Rio da Prata ; porém na altura do cabo de Santa Maria, deu a embarcação á costa com uma grande tempestade. Salvou-se miraculosamente o dito tenente-general e 24 companheiros, cada um arrimado a sua taboa, perecendo todos os mais comtudo quanto ia na dita sumaca. Os naufragos que sahiram á terra, se puzeram em marcha a demandar a Nova Colonia. Já por então haviam os jesuitas da missão de Yapejú despedido uma grande tropa de indios armados a occupar o sertão da costa do Sul, assim como outra tropa de canoas tinha occupado a navegação do rio Paranãa, pelo justo temor de que de S. Paulo sahia grande soccorro a unir-se com D. Manoel Lobo; assim o declara o livro intitulado *Insignes Missioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay.* Livro 3° cap. 10 até o cap. 13 ; posto que é obra jesuitica, como se conhece do estyllo d'ella e da acommodação dos textos sagrados ao seu intento e com o nome de D. Francisco Xarque de Andela. O tenente-general Jorge Soares de Macedo e seus 24 companheiros foram encontrados da tropa d'estes indios, que a todos prisionaram e conduziram até a missão de Yapejú, da qual foram mandados para Buenos-Ayres, onde foram presos no carcere da fortaleza, com sentinellas á vista, como consta da carta patente do mesmo Jorge Soares, citada na margem retro ; e entre elles o capitão-mór Braz Rodrigues Arzão e o sargento-mór Antonio Affonso Vidal, ambos paulistas.

Tendo já o governador D. Manoel Lobo completa a obra

da fortaleza da Nova Colonia e cidade do Sacramento teve d'ella noticias D. José de Garro, cavalleiro da ordem de S. Thiago, governador e capitão-general da provincia de Buenos-Ayres, que por prevenção tinha pedido soccorros a D. Filippe Rege Corbalan, governador da provincia de Paraguay, e ao tenente-general Martim de Garayar, que governava a cidade de Cordova. Por este tempo, se achava na cidade de Salta, D. João Dias Andino, governador da provincia de Tucuman; porém os avisos contra D. Manoel Lobo chegaram até ao vice-rei do Perú, que então era o Exm. arcebispo de Lima o Dr. D. Melchior de Linhan. Escreveu tambem ao superior de todos os jesuitas das missões dos indios o padre Christovam Altamirano; e só a reducção de Yapejú, que fica no rio Uraguay 20 léguas antes de Buenos-Ayres, promptificou tres mil e tresentos indios de armas, distribuidos em companhias de cem homens, dois mil cavallos em pello, quinhentas mulas de cargas para a conducção do trem e duzentos bois de carretas para puxarem a artilheria, que o general Garro quizesse encaminhar ao campo inimigo.

Estando prompto um pé de exercito capaz de qualquer acção de batalha, enviou Garro varios protestos ao governador D. Manoel Lobo, requerendo-lhe desamparasse o sitio que occupava, por serem as terras d'elle, de el-rei de Castella; e que lhe concederia todos os partidos que propuzesse, comtanto, que lhe evitasse o rompimento da guerra, pelo que lhe offerecia todas as embarcações e viveres necessarios para se restituir ao Rio de Janeiro; e que lhe mandaria entregar livres os prisioneiros que já se achavam na cidade de Buenos-Ayres com o tenente-general Jorge Soares de Macedo. Constante porém o valor de D. Manoel Lobo, se não deixou vencer do terror, com que

o castelhano lhe representava o seu direito e força de suas armas no corpo do exercito com que o ameaçava.

Desenganado o castelhano de que o portuguez não cedia da constancia do seu valor, fez pôr em marcha o seu exercito á disposição do mestre de campo D. Antonio de Vera Moxica, a cujo valor e pericia militar fiou Garro todas as operações da batalha. No dia 6 de Agosto de 1680 se moveu o exercito do campo inimigo pela fórma seguinte: Quatro mil cavallos em pello sem serem montados de pessoa alguma vinham adiante em um só corpo montuoso: Logo atraz tres mil indios de armas divididos em tres batalhões, que governavam os mestres de campo tambem indios João de Aguilera, João de Frutos e Alexandre de Aguirre. A retaguarda occupavam os soldados hespanhoes de tropas pagas do 3º do mestre de campo D. Francisco de Gusmão e Tejeda, da cidade de Cordova, ficando na de Buenos-Ayres dois mil homens de armas para a defender no caso de ficar o exercito derrotado e de intentarem os portuguezes sorprezar a dita cidade, considerando-a menos presidiada. Todos marchavam a pé, porque discorria o mestre de campo Moxica, que empregada a artilheria da fortaleza, no corpo montuoso e dilatado, que formava o numero de quatro mil cavallos avulsos, podiam os indtos e os soldados hespanhoes com presteza militar levar por assalto a dita fortaleza, antes que a artilheria d'ella repetisse a sua segunda descarga. Esse discreto, ou nescio discurso, que não é da nossa intelligencia applaudil-o, ou condemnal-o, se distraiu para logo, quando os mestres de campo Aguilera, Frutos e Aguirre, com os tres mil indios dos seus terços, começaram a murmurar e a queixar-se de que os levavam a morrer, e não a pelejar. E perguntados porque causa aprehendiam tão infausto successo, responderam que sentindo os cavallos o écho da artilheria e as ballas

d'ella, haviam de voltar atraz com tão furioso impeto, que atropelariam e poriam em desordem os esquadrões. Julgou Muxica prudentissimo este temor, e mandou que, retirados os cavallos, marchasse o exercito. Chegou este a fortaleza, pouco antes de romper a alva, quando a sentinella de um baluarte fez signal com um tiro de canhão a cujo estrondo foi entrada a fortaleza pelos soldados de D. Ignacio Amandiu pelo mesmo baluarte, onde primeiro mataram a sentinella d'elle; e acudindo todo o corpo militar da praça, avançaram pela parte da cidade os tres mil indios dos terços dos mestres de campo já referidos. Travou-se entre portuguezes e inimigos uma rigorosa disputa de armas assim de fogo, como de ballas em funda, maças e outros instrumentos de guerra, de que vinham petrexados os indios. N'este dia estava enfermo de cama e purgado o governador D. Manoel Lobo, porém as forças do corpo lhe não diminuiram o valor do animo. Em viva peleja sustentamos 3 horas largas este assalto com valor e obstinação portugueza. Entre muitos se fez bem distincto Manoel Galvão, capitão de infantaria da praça do Rio de Janeiro, que montado á cavallo com a espada na mão, feria e matava animando a todos, e reforçando por muitas partes os batalhões, até perder a vida. Imitou a seus altos espiritos sua mulher D. N.... que ao lado do marido movia a espada tão ligeira, que parecia raio, e continuou assim ainda depois de o vêr morto até que teve a mesma sorte que a de seu esposo. E' lastima não declarar-se o nome d'esta matrona.

Perdemos a batalha e a praça, ficando muitos prisioneiros, entre os quaes sabemos de D. Francisco Naper de Lancastre, o capitão Simão Farto com 12 soldados da sua companhia, os dois irmãos D. José e D. Luiz Rendon de Quebêdo, que até no destino de serem prisioneiros tiveram a sorte de fazer fiel companhia ao governador D. Manoel

Lobo, a quem acompanhavam d'esde a sahida de S. Paulo, porque tambem ficou prisioneiro e foi conduzido para a cidade de Buenos-Ayres, e mettido na mesma prisão, em que se achava o tenente-general Jorge Soares de Macedo, e ambos foram mandados passar para a cidade de Cordova, onde se conservaram presos até 9 de Novembro do anno de 1681, em que foram soltos para assistirem a entrega e restituição da Nova Colonia; porém Macedo querendo passar a Portugal, foi para a cidade de Lima, onde se embarcou nos galeões de Hespanha, como tudo consta da sua carta patente de mestre de campo e governador da praça de Santos, da qual já temos feito menção.

D. José e D. Luiz Rendon de Quebêdo se deixaram ficar em Buenos-Ayres, depois que conseguiram a liberdade pelo tratado provisional celebrado entre as duas corôas de Portugal e Castella, a respeito da restituição da cidade do Sacramento da Nova Colonia, que se assignou em Lisboa a 7 de Maio de 1681 por parte do Sr. D. Pedro principe regente, sendo seus plenipotenciarios o duque de Cadaval, o marquez de Fronteira e o bispo D. Fr. Manoel Pereira, secretario d'Estado; e por parte d'el-rei D. Carlos II, o duque de Jovenasso seu embaixador extraordinario na côrte de Lisboa com pleno poder para este negocio. E teve effeito esta restituição, entregando-se a dita cidade a Duarte Teixeira de Chaves que veiu de Lisboa em Janeiro de 1682 com ordem régia para que, logo que tomasse posse do governo da capitania do Rio de Janeiro, passasse á Nova Colonia para tomar entrega d'ella na fórma do dito tratado. (Camara de S. Paulo, livro de registros, tit. 1675 pag. 84 v.)

Em Buenos-Ayres, com eleição igual ás suas qualidades, casaram os dois irmãos Rendons, e se corresponderam com seu irmão D. Francisco Matheus Rendon em S. Paulo, cujas filhas foram pedidas para passarem áquella cidade á

custa dos grandes cabedaes que os tios possuiam, se as sobrinhas quizessem abraçar o estado de religiosas em um dos mosteiros d'aquella cidade. Se n'ella deixaram descendencia, ignoramos.

§ 5º

2—5. D. Francisco Matheus Rendon (filho de D. Pedro Matheus Rendon, do cap. 1º), casou em S. Paulo com D. Maria de Araujo, filha do capitão mór governador e alcaide-mór da capitania de S. Vicente e S. Paulo, Pedro Taques de Almeida e de sua mulher D. Angela de Siqueira. (*Falleceu a 14 de Março de 1733. Orph. de S. Paulo, maç. 3º n. 11, let. F.) Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 3.º E do seu matrimonio nasceram em S. Paulo 6 filhos.

3—1. Pedro Taques de Almeida.
3—2. D. Francisco Taques Rendon.
3—3. D. Maria da Assumpção e Araujo.
3—4. D. Angela de Siqueira Rendon.
3—5. D. Ignacia Francisca Xavier Rendon.
3—6. D. Custodia Paes Rendon.

3—1. Pedro Taques de Almeida, nasceu a 8 de Março de 1701.

3—2. D. Francisco Taques Rendon, nasceu ao 1º de Novembro de 1699. (*Acho outro assento a fl. 104 v. de 4 de Janeiro de 1698 de nome de Francisco, filho dos mesmos pais.)

3—3. D. Maria d'Assumpção.

3—5. D. Ignacia Francisca Xavier Rendon, nasceu a 3 de Julho de 1696, (fl. 122) e falleceu.

3—6. D. Custodia Paes Rendon, filha ultima, nasceu a 15 de Julho de 1708, (fl. 192) e falleceu.

3—4. D. Angela de Siqueira Rendon de Quebêdo, primogenita, nasceu a 20 de Março de 1625, fl. 113, (filha

de D. Francisco Matheus Rendon do § 5º), casou com Diogo de Toledo Lara seu tio em 3º grão de consanguinidade mixto com o 2º, em cujo impedimento foram dispensados pelo Exm. bispo. Foi natural de S. Paulo e cidadão da sua republica, cujos honrosos cargos serviu sempre, e de juiz ordinario e orphãos. Por eleição de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general da capitania de S. Paulo, minas do Cuyabá e dos Guayazes, governou muitos annos as minas de Parnampanema e as de Apiahy, com patente de capitão-mór e regente d'ellas. Datada em 26 de Agosto de 1725 (10).

Foi segundo padroeiro do altar de Nossa Senhora da Purificação da igreja do collegio dos jesuitas de S. Paulo onde todos os annos fazia a festa no dia 2 de Fevereiro com muita solemnidade ; e por seu fallecimento deixou em dinheiro estabelecido um reddito para as despezas d'esta festa a que se obrigou o reitor por si e seus successores. Foi filho de João de Toledo Castelhanos (* Falleceu a 2 de Fevereiro de 1726, e nasceu a 5 de Março de 1642. Liv. de bapt. e obit. da cidade de S. Paulo) natural e cidadão de S. Paulo ; e de sua primeira mulher D. Maria de Lara, que foi irmã inteira do capitão-mór governador e alcaide-mór Pedro Taques de Almeida, de quem já tratamos n'este § 5.º Neto pela parte paterna de D. Simão de Toledo Piza, natural da cidade de Angra da Ilha Terceira e de sua mulher D. Maria Pedroso, com quem casou na matriz de S. Paulo a 12 de Fevereiro de 1640. Este D. Simão de Toledo Piza tinha militado assim nos presidios como nas armadas de Castella (11). Em S. Paulo falleceu no anno

(10) Arch. da cam. de S. Paulo, liv. de registros, tit. 1721 pag. 185 v. E secretaria do governo de S. Paulo, liv. 2º do registro geral a fl. 38 v.

(11) Cartorio da provedoria da fazenda, liv. de registros das sesmarias, n. 9 tit. 1638, até 1642 pag. 106 v.

de 1668, tendo occupado repetidas vezes os honrosos cargos da republica; e foi juiz de orphãos proprietario por mercê do marquez de Cascaes, donatario da capitania de S. Vicente e S. Paulo. Os grandes serviços que fez a el-rei e a republica n'esta capitania constam no livro 4° de registros, tit. 1664 pag. 30 v. do archivo da camara de S. Paulo, de cuja capitania e da de S. Vicente tinha sido ouvidor de que tomou posse a 16 de Julho de 1666 na camara capital de S. Vicente. Foi este D. Simão de Toledo Piza filho de D. Simão de Toledo Piza, natural de Madrid, que falleceu na Ilha Terceira em posto de sargento-mór de infantaria, com o qual tinha vindo na armada, de que foi general D. Alvaro de Bazan, marquez de Santa Cruz no anno de 1588 contra Mr. de Chatres, cavalleiro de Malta, que se achava occupando aquelles mares a favor do Sr D. Antonio Prior do Crato (cuja voz seguiam os moradores das ilhas), refugiado em França contra o poder d'el-rei D. Filippe II de Castella e 1º em Portugal. Na batalha naval, que durou 5 horas perdeu um olho o sargento-mór D. Simão de Toledo Piza, e ficando morador na Ilha Terceira n'ella casou com D. Gracia da Fonseca Rodovalho, irmã direita do deão d'aquella sé, chamado o Rabaço, que instituiu o morgado da ilha do Pico Redondo, e el-rei o aposentou com o mesmo soldo de sargento-mór, fazendo-lhe mercê de mais 200 cruzados cada anno alem de sua praça, em attenção a qualidade do seu illustre sangue, como consta do alvará d'esta mercê, registrada na vedoria da Ilha Terceira, tendo-se consumido o original em nosso poder em 1755, em que nos achavamos em Lisboa quando foi o terremoto e incendio das casas, onde moravamos junto a igreja dos Martyres, abaixo do cemiterio de S. Francisco da cidade. Teve o dito sargento-mór duas filhas, que el-rei D. Filippe as mandou recolher para Madrid, e as acommodou em religiosas em

um dos mosteiros d'esta côrte; e dois filhos que foram D. Gabriel e D. Simão, e a ambos concedeu uma praça de soldo com 3 escudos de vantagem, até terem idade de tomar armas, como consta do real alvará, registrado na vedoria da Ilha Terceira, cujos originaes tambem se consumiram, reduzidos em cinzas em nosso poder em Lisboa com outros muitos papeis e certidões de serviços do sargento-mór D. Simão de Toledo Pisa, e de seu filho do mesmo nome, que antes de vir para S. Paulo tinha estado em Madrid já em patente de capitão de infantaria do presidio da Ilha Terceira, para onde recolhendo-se teve não sei que successo, pelo qual foi preso no castello d'aquella ilha, do qual fugitivo se passou ao Brasil e casou em S. Paulo no anno de 1640, como fica declarado. Elle assim o expressou no seu testamento constituindo n'elle herdeiro dos seus serviços ao filho João de Toledo Castelhanos, e dos serviços de seu pai o sargento-mór D. Simão de Toledo Piza ; o qual antes de vir na armada com o general d'ella o marquez de Santa Cruz tinha militado com D. João de Austria, com quem se achára na batalha de Lepanto, ganhada aos turcos em 7 de Outubro de 1571, e na recuperação de Tunes e Bizerta em 1576 com o mesmo D. João de Austria; e com elle se achou tambem na famosa batalha de Glembours ; o que tudo constava das certidões passadas ao dito sargento-mór, que se reduziram á cinzas em Lisboa e que se acham registradas na Ilha Terceira. Por estes papeis de serviços se via que o dito sargento-mór D. Simão de Toledo Piza, era de qualidade illustre, como filho de D. João de Toledo Piza, natural da villa de Alva de Tormes, legitimo descendente sem quebra de bastardia da illma. casa de Arva de Tormes, que são os condes de Oropeja e duques de Alva e de sua mulher D. Anna de Castelhanos, natural de Madrid.

E pela parte de sua avó D. Maria Pedroso foi o capitão-

mór Diogo de Toledo Lara bisneto de Sebastião Fernandes Corrêa, natural de Refoios de Ponte de Lima, freguezia de Santa Eulalia, primeiro provedor e contador da fazenda real da capitania de S. Vicente, proprietario por mercê do Sr. rei D. João IV de 3 de Janeiro de 1642 (12), e de sua mulher D. Anna Ribeira, natural de S. Paulo, filha de Sebastião de Freitas, natural da cidade de Silves, e de sua mulher D. Maria Pedroso de Alvarenga, natural de S. Paulo, onde falleceu a 17 de Julho de 1666, e foi sepultada em jazigo proprio que tinha na igreja dos religiosos carmelitas (13). Este Sebastião de Freitas nasceu no lugar da Alagoa da cidade de Silves do Algarve em 1565, filho de Manoel Pires, pessoa nobre, que foi provedor da santa casa da misericordia da dita cidade de Silves, e de sua mulher N.... que depois casou segunda vez com Diogo Mendes da Motta, cavalleiro professo da ordem de Christo e almoxarife da real fazenda na mesma cidade. Passou ao Brasil em praça de soldado da companhia do capitão Gabriel Soares, que veiu a Bahia no anno de 1591 com o governador geral D. Francisco de Sousa para o acompanhar ao sertão ao descobrimento das minas de prata, que tinha ido offerecer a el-rei D. Filippe um Riberio Dias, natural da mesma cidade da Bahia, assegurando, que havia mais prata no Brasil do que Bilbáo dava ferro em Biscaya, e pedindo, por premio d'este grande descobrimento a mercê de marquez das Minas, que se lhe não conferiu, posto que, por alvará de lembrança foi despachado com outras mercês, e de administrador geral das ditas minas, se deu a D. Francisco de Sousa a de marquez das minas, que depois no anno

(12) Cartorio da provedoria da fazenda real, livro de registros n. 1, tit. 1637 até 1658, pag. 16.

(13) Cartorio do 1º tabellião de S. Paulo, maç. de titulos antigos, inventario de D. Maria Pedroso com testamento, letra M.

de 1670 se verificou em seu neto do mesmo nome, terceiro conde do Prado por mercê de 7 de Janeiro do dito anno do Sr. rei D. Affonso VI. Na jornada falleceu o capitão Gabriel Soares e o simulado Riberio Dias não mostrou as minas promettidas, depois de fazer penetrar o sertão mais de 200 leguas a D. Francisco de Sousa, que por fim se recolheu a cidade, tendo-se consumido uma grande somma de dinheiro em aprestos, instrumentos, mineraes, gente e corpo militar da sua conducta. Este engano porém ou se julgasse commettido na promessa, ou na execução, dissimulou o governador geral D. Francisco de Sousa, e sem duvida experimentaria Riberio Dias o merecido castigo se não houvesse fallecido logo, deixando aquellas esperadas minas occultas até aos seus proprios herdeiros ; sendo certo que elle era um dos moradores principaes e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares, e tinha uma baixella e todo o serviço da sua capella de finissima prata tirada em minas, que achára em suas terras. Esta opinião se verificou depois com a resolução de passar a Madrid, e offerecel-as com a indiscreta ambição de aspirar por premio a desmarcada mercê de marquez d'ellas. O general D. Francisco de Sousa passou da Bahia para S. Paulo onde chegou em Novembro de 1599, e fazendo entablar as minas de Jaguamimbaba, Jaraguá, Vaturuna e Biraçoyaba, se recolheu ao reino em 1602, em que lhe chegou successor. Voltou do reino para S. Paulo em 1609 com administração geral das minas, e a mercê de marquez d'ellas. Falleceu em S. Paulo em 10 de Junho de 1611, deixando com o governo a seu filho D. Luiz de Sousa, que em 11 do mesmo mez e anno tomou posse na camara de S. Paulo.

Da cidade da Bahia passou para S. Paulo Sebastião de Freitas, onde fez muitos serviços, porque no anno de 1594 acompanhou ao capitão Jorge Corrêa ao sertão a dar guerra

ao barbaro gentio, inimigo que havia vindo pôr em cerco a villa de S. Paulo. Depois no anno de 1595 acompanhou ao capitão Hieronimo Pereira de Sousa ao mesmo sertão, levando seus escravos a dar guerra ao inimigo gentio, em bem e utilidade da capitania. Em 1599 sahiu de soccorro para a villa do porto de Santos acompanhando o capitão Diogo Gonçalves Lopo pelo rebate que houve de 4 velas inimigas, e assistiu todo o tempo, que foi preciso alli demorar-se o capitão Lopo. Por estes e outros serviços foi armado cavalleiro em S. Paulo em 1600 por D. Francisco de Sousa, que para isso tinha faculdade régia. Tudo consta da provisão que lhe passou para sua guarda e titulo datada em S. Paulo a 22 de Junho de 1600 (14). Em S. Paulo teve sempre as redeas do governo civil e militar, Sebastião de Freitas, que como pessoa distincta e caracterisada lograva respeito, autoridade e estimação. Estes merecimentos bem os reconheceu Hieronimo Corrêa Souto-Mayor capitão-mór governador da capitania, loco-tenente do donatario d'ella Lopo de Sousa, quando em 22 de Julho de 1606 lhe passou patente de capitão da gente da villa de Piratininga do campo de S. Paulo, para com ella poder acudir em todas as occasiões de rebate por haverem inimigos na costa, o que diffusamente narramos em titulo de Freitas.

Por sua bis-avó D. Maria Pedroso foi terneto de Antonio Rodrigues de Alvarenga fidalgo da casa real, natural da cidade de Lamego (filho de Balthazar de Alvarenga e de sua mulher Messia Monteiro, fidalgos de geração, como se expressa na sentença proferida no juizo do civel da côrte de Lisboa por virtude da qual se passou brazão de armas, cuja copia existe em titulo de Alvarengas, em 22 de Julho

(14) Archivo da camara de S. Paulo, Livro de reg; tit. 1600 pag. 22.

de 1681) (15), e de sua mulher D. Anna Ribeira, que falleceu em S. Paulo a 23 de Outubro de 1647, e seu marido Antonio Rodrigues de Alvarenga falleceu a 19 de Setembro de 1614, e foram sepultados na capella-mór da igreja do Carmo em S. Paulo.

Por sua ter-avó dita D. Anna Ribeira foi quarto neto de Estevão Ribeiro Bayão, natural da cidade de Beja, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, da cidade do Porto, de onde vieram com filhos e filhas, para a capitania de S. Vicente a povoar de sua nobre geração aquella villa, da qual se passaram para a de S. Paulo do campo de Piratininga, onde se estabeleceram e casaram suas filhas com acertos da eleição, porque D. Anna Ribeiro foi mulher de Antonio Rodrigues de Alvarenga, como temos escripto; D. Leonor Pedroso foi mulher de Pedro de Moraes de Antas, filho de Balthazar de Moraes de Antas, natural da villa de Monxagate, fidalgo da casa real; Cicilia Ribeiro foi mulher de Bernardo de Quadro, nobre sevilhano, provedor e administrador das minas de S. Paulo e juiz de orphãos, proprietario, senhor do engenho de fundir ferro e aço, na serra de Biraçoyaba etc, porque de Estevão Ribeiro Bayão, e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira procede a primeira e mais qualificada nobreza da capitania de S. Paulo, que sempre no real serviço deram a conhecer o sangue que lhes adornava as vêas.

O capitão-mór Diogo de Toledo Lara falleceu a 20 de Janeiro de 1743, e havia nascido ao 1° de Fevereiro de 1680, e baptizado por seu tio o padre José Pompêo; e sua mulher D. Angela de Sequeira Rendon falleceu a 24 de Setembro de 1764 (16).

(15) Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros tit. 1675 pag. 97.

(16) Orph. de S. Paulo, maço 2.° n. 90, inventario e testamento do capitão-mór Diogo de Toledo.

4—1 Antonio de Toledo Lara.
4—2 D. Maria Thereza de Araujo e Lara.
4—3 D. Anna de Toledo, nasceu a 28 de Dezembro de 1724.
4—4 D. Escholastica Maria Rendon de Toledo, nasceu a 13 de Janeiro de 1727.
4—5 D. Ursula Maria das Virgens de Toledo Rendon, nasceu a 24 de Março de 1729.

4—1 Antonio de Toledo Lara (filho do capitão-mór Diogo de Toledo Lara), baptizou-se a 11 de Julho de 1723, sendo seus padrinhos seus avós maternos D. Francisco Rendon e D. Maria de Araujo (17).

§ 6.°

2-6. D. Maria Cabral Rendon (filha ultima de D. Pedro Matheus Rendon, do cap. 1°), foi casada com Manoel Lopes de Medeiros, natural e cidadão de S. Paulo, onde serviu os honrosos cargos da republica e n'ella teve tanta autoridade, que sempre conservou as redeas do governo politico e militar: Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão general do Rio de Janeiro com o governo de S. Paulo, teve d'este paulista muito honrosas informações pelo bom procedimento que havia acreditado nas occasiões do real serviço. Em 22 de Setembro de 1699 o proveu no posto de sargento-mor da comarca de S. Paulo com 80$000 de soldo, que tanto tiveram sempre os d'esta patente: n'ella diz o general Arthur ibi—«morador da villa de S. Paulo e estar exercitando o posto de sargento-mór dos auxiliares do terço do mestre de campo Domingos da Silva Bueno, e ser uma das principaes pessoas d'aquella villa, onde serviu por

17. Livro de baptizamentos fl. 106 v. da matriz de S. Paulo.

espaço de 14 annos o posto de capitão da infanteria da ordenança; e pela boa informação que teve d'elle o governador geral do Estado, Antonio Luiz Martins de Castro Coutinho, o proveu no cargo de provedor dos defuntos e ausentes, capellas e residuos das capitanias de S. Vicente e de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaen. Apresentando em a camara de S. Paulo o capitão-mór Manoel Peixoto da Motta a real ordem para correr o dinheiro a peso, foi o primeiro que obedeceu á dita ordem, expondo por isso a vida ao odio do povo, que não queria aceitar a dita ordem.» (18)

Do posto de sargento-mór da comarca tomou posse na camara capital de S. Vicente a 18 de Outubro de 1699. Foi confirmada esta patente pelo Sr. rei D. Pedro II, assim como a provisão com que serviu de provedor dos ausentes, capellas e residuos pelos annos de 1694 (19). Teve a incomparavel honra de receber do mesmo senhor uma carta firmada pelo seu real punho, com data de 20 de Outubro de 1698, registrada na secreraria do conselho ultramarino, entre outras mais escriptas á diversos paulistas no livro das cartas do Rio de Janeiro que principia a 28 de Março de 1673 pag. 198 até 199. O theor da dita carta é o seguinte :

« Manoel Lopes de Medeiros. Eu el-rei vos envio muito saudar. Por haver sido informade pelo governador e capitão general do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Menezes do zelo com que vos houvestes na expedição das ordens que tocavam á meu serviço, que o dito governador para este effeito expediu, e a grande vontade com que vos haveis em tudo o que vos recommendou, mostrando n'isto a boa lealdade de honrado vassallo : Me pareceu por esta, mandar-vos agradecer, e segurar-vos, que tudo o que n'este particular obrastes, me fica em lembrança, para folgar de vos fazer toda a mercê quando trateis de vossos requerimentos. Escripta em Lisboa a 20 de Outubro de 1698. Rei.»

Quando Arthur de Sá e Menezes passou por ordem régia do Rio de Janeiro para S. Paulo, com 600$000 de ajuda de custo em cada um anno, alem do seu soldo de capitão general, sendo preciso dar providencia ás desordens que experimentavam os povos das novas minas dos Cataguazes, que com o tempo ficaram conhecidas pelo caracter de Geraes, só confiou esta importantissima commissão do sargento-mór Manoel Lopes de Medeiros, a quem enviou com ampla jurisdicção e regimento datado em S. Paulo a 10 de Fevereiro de 1700, em serviço de sua magestade, e bem dos vassallos do mesmo senhor, fazendo atalhar qnalquer perturbação que houvesse em ditas minas e repartir as terras mineraes, não só as que já estavam descobertas, mas tambem as que de novo se fossem descobrindo, e tambem para examinar com João Carvalho da Silva um dos principaes paulistas por sangue e procedimento de honrado vassallo, as minas de prata, que se suspeitava haver n'aquellas serras para de tudo se dar conta ao monarcha (20).

Este honrado paulista Manoel Lopes de Medeiros foi irmão direito do muito reverendo padre Antonio Lopes de Medeiros, presbytero do habito de S. Pedro, de grande veneração e respeito, não só dentro do bispado, mas fóra d'elle; e ambos filhos de Antonio Lopes de Medeiros, natural e cidadão de S. Paulo, onde sempre teve as redeas do governo civil, e pela sua distincta qualidade, foi eleito em ouvidor da capitania, de que tomou posse na camara ca-

(18) Cart. da provedoria da fazenda real, livro capa de holandilha de registros n. 5. Liv. 8.° de 1693 pag. 63 v.

(19) Livro supra-citado pag. 16 v. Archivo da camara de S. Paulo. livro de registros n. 4, tit. 1658 pag. 56 v.

(20) Cart. da Prov. da Faz. real, liv. de reg. n. 5, anno de 1693 pag. 68.

pital da villa de S. Vicente a 7 de Dezembro de 1659 (21) : e de sua mulher Catharina de Onhatte, com quem casou na matriz de S. Paulo a 10 de Junho de 1642. (22) Neto pela parte paterna de Mathias Lopes, que foi mamposteiro-mór dos captivos pelos annos de 1608 (23), e de sua mulher Catharina de Medeiros, filha de Amador de Medeiros, um dos nobres povoadores da villa de S. Vicente pelos annos de 1538, e casou na villa de Santos, onde se achava morador pelos annos de 1568, e passando para a de S. Paulo lhe foram concedidas por sesmaria todos os pontos devolutos, pelo caminho velho da antiga villa de S. André, rio Jarobátiba, continuados ao longo do Tamanduátihy, até o Tejucuçû, como se vê no cartorio da provedoria da fazenda real no livro de registros das datas de sesmarias, tit. 1562, n. 1° pag. 161. Este Amador de Medeiros sahiu de S. Vicente com o soccorro para a conquista do Rio de Janeiro em 1560, em que o governador geral Mem de Sá tomou a fortaleza aos francezes : segunda vez sahiu com soccorro de S. Vicente para Cabo-Frio, quando o governador Antonio Salema foi contra os barbaros gentios do Cabo-Frio (24). E pela parte materna, neto de Christovão da Cunha d'Onhate, natural e cidadão de S. Paulo, onde falleceu a 26 de Junho de 1664 (25), e de sua mulher Mecia Vaz

(21) Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros n. 4. tit. 1658 pag. 65 v.

(22) Cartorio de orphãos de S. Paulo, masso 1° de inventarios, letra C. n. 39. E masso 1°, letra M. n. 25.

(23) Arch. da camara de S. Paulo, livro de registros, tit. 1607 pag. 11 v.

(24) Cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro das sesmarias, titulo 1562 pag. 115 v.

(25) Cartorio de orphãos de S. Paulo, masso 1° d'inventarios, letra C. n. 2

Cardoso. Em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1º § 1º; e em titulo de Vaz Guedes, cap. 9.º

Em S. Paulo falleceu D Maria Cabral Rendon a 23 de Novembro de 1699 (26). E teve do seu matrimonio 2 filhos que foram:

3—1. D. Antonia de Medeiros Cabral.
3—2 Antonio João de Medeiros.

3—1. D. Antonia de Medeiros Cabral, foi casada com Floriano de Toledo Piza, natural e cidadão de S. Paulo filho do capitão-mór governador D. Simão de Toledo Piza. Em titulo de Toledos, cap. 3º § 1.º E em titulo de Taques, cap. 3º § 9º n, 3—9, e 4—1, e ahi a descendencia de Floriano de Toledo.

3—2. Antonio João de Medeiros, ficou herdeiro do cabedal e bens encapellados de seu tio o rev. Antonio Lopes de Medeiros, e abandonando a administração d'estes bens e dos rendimentos das moradas de casas em S. Paulo, passou solteiro para o Cuyabá, onde casou com D. Gertrudes de Almeida Campos, natural da villa de Sorocaba e filha do capitão-mór Thomé de Lara e Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3º § 4º n. 3—15; falleceu no Cuyabá. Com geração.

CAPITULO II

1—2. D. João Matheus Rendon (filho de D. João Matheus Rendon e de D. Maria Bueno, do n. 1.º), casou na cidade do Rio de Janeiro com D. N.... de Azeredo Coutinho, da mais qualificada nobreza d'aquella capitania, por trazer a sua origem do illustre fidalgo Vasco Fernandes Coutinho, que tendo servido na India aos Srs. reis D. Manoel e D. João III, d'esde o anno de 1511 este monarcha

(26) Idem supra, masso 5º letra M.

lhe fez mercê de juro herdade de 50 leguas de terra na costa do Brasil para fundar uma capitania, por carta de doação passada no anno de 1525, que com effeito a fundou, e é chamada do Espirito-Santo, e sua capital a villa da Victoria, com mais duas, que são a de Nossa Senhora da Conceição e a do Espirito-Santo. Vasco Fernandes Coutinho veiu em pessoa fundar a sua capitania trazendo do reino muitos navios e gente, aprestos de guerra, e familias nobres para povoadores. Tomou terra no porto do Espirito-Santo onde fundou com esta vocação a primeira villa, e conquistando as terras da sua demarcação, teve com os gentios barbaros d'aquelle sertão muitas batalhas, e contra o poder das armas d'estes inimigos alcançou uma muito particular victoria: Por ella edificou no mesmo lugar a villa d'este nome como trophéo, e triumpho alli conseguido. N'esta capitania teve o donatario e senhor d'ella dito Vasco Fernandes Coutinho em uma Sra. N.... de Almada o filho Vasco Fernandes Coutinho chamado o moço, que casou com. . . . . e d'este matrimonio procedem os Coutinhos do Rio de Janeiro já com alliança de Azeredos, porque da capitania do Espirito-Santo passou para a do Rio de Janeiro Marcos de Azeredo Coutinho, primeiro tronco da familia dos seus appellidos n'esta cidade de S. Sebastião, na qual é esta nobilissima familia bem conhecida. A sua illustre ascendencia é patente nos autos, e demanda que correu sobre a decisão de um morgado na Ouvidoria da mesma cidade, sendo autor na causa Sebastião da Cunha Rangel de Azeredo Coutinho. Ignoramos se do matrimonio de D. João Matheus Rendon houve filhos. Sabemos porém que ficando viuvo se habilitou para o estado sacerdotal, e passou para Lisboa a tomar ordens, e tendo já conseguido as de presbytero do habito de S. Pedro, falleceu de bexigas n'aquella côrte.

1—3. D. Ignez de Ribeira casou em S. Paulo com Vicente da Siqueira e Mendonça, irmão direito de Antonio de Siqueira e Mendonça, chamados de alcunha—Capubeiros—naturaes e cidadãos de S. Paulo onde sempre tiveram o primeiro voto no governo da republica. Foram filhos de Lourenço de Siqueira que falleceu a 4 de Junho de 1633, e de sua mulher Margarida Rodrigues, que falleceu a 29 de Dezembro de 1634 (27), o qual Lourenço de Siqueira foi natural da villa de Santos, e irmão de Beatriz de Siqueira mulher de Antonio Gonçalves David, capitão do forte do Pinhão da Vera-Cruz, da praça de Santos com soldo e outros, que todos foram filhos de Antonio de Siqueira que veiu de Lisboa para a villa de S. Vicente no anno de mil quinhentos e tantos, proprietario dos officios de tabellião e escrivão da camara e orphãos da villa de Santos por mercê do Sr. donatario Martin Affonso de Sousa; e casou na villa de Santos com uma filha de Antonio Pinto, irmão de Rui Pinto e de Francisco Pinto, todos fidalgos da casa de sua magestade, que tinham vindo em 1530 para o de 1531 com o dito Martim Affonso.

Foi Vicente de Siqueira e Mendonça, o Capuheiro, neto pela parte materna de Garcia Rodrigues, um dos primeiros povoadores da villa de S. Vicente, e de sua mulher Catharina Dias, filha de Lopo Dias, que veiu povoar S. Vicente atrahido do donatario em 1531, e o dito Garcia Rodrigues era natural de S. Vicente, e por elle bisneto de Domingos Gonçalves, que falleceu em S. a 30 de Abril de 1627, e de sua segunda mulher Messia Rodrigues, natural da cidade do Porto (28), e por esta terneto de Garcia Rodrigues e de sua

(28) Cartoriode orphãos de S. Paulo, mas. 1° de inventarios, letra L n. 42.

(28) Idem, masso 2° de inventarios, letra D, o testamento de Domingos Gonçalves.

mulher Isabel Velho, primeiros e nobres povoadores de S. Vicente para onde vieram da cidade do Porto com varios filhos. Em titulo de Garcias Velhos....

Do matrimonio de D. Ignez de Ribeira nasceram 8 filhos, que foram :

2—1. D. Innocencia........................... § 1.°
2—2. D. Joanna............................... § 2.°
2—3. D. Maria................................ § 3.°
2—4. Manoel de Siqueira Rendon................ § 4.°
2—5. José de Siqueira Rendon.................. § 5.°
2—6. Lourenço de Siqueira Furtado de Mendonça.... § 6.°
2—7. Antonio de Siqueira de Mendonça........... § 7.°
2—8. João Matheus Rendon...................... § 8.°

§ 1.°

2—1. D. Innocencia.... casou nas Minas-Geraes, e ignoramos se teve descendencia.

§ 2.°

2—2. D. Joanna.... casou nas Minas-Geraes, e ignoramos se teve geração.

§ 3.°

2—3. D. Maria.... falleceu solteira no Rio de Janeiro.

§ 4.°

2—4. Manoel de Siqueira Rendon, casou no Rio de Janeiro com D. Brites da Fonseca Doria, e teve 3 filhos, que foram :

3—1. D. Joanna, mulher de Manoel Alves Fragoso, dos campos de Guaitacazes.

3—2. D. Brites da Fonseca Doria, mulher de Gregorio Nazianzeno.

3—3. D. Antonia, casou nas Minas-Geraes.

Porém no livro dos casamentos da igreja da villa de Taubaté achamos que Manoel de Siqueira Rendon (filho de Vicente de Siqueira Mendonça e de sua mulher D. Ignez Navarro de Alva), casára a 22 de Novembro de 1693 com Maria Vieira Cardoso, filha de Antonio Vieira da Maia e de sua mulher Maria Cardoso. Suppomos que este Manoel de Siqueira, do § 4°, casou primeira, ou segunda vez no Rio deJaneiro com D. Brites da Fonseca Doria. Em titulo de Vieiras Maias, cap. 4.°

§ 5.°

2—5. José de Siqueira Rendon, casou no Rio de Janeiro com D. Maria da Fonseca Doria, irmã direita de D. Brites da Fonseca Doria, do § 4° supra, e teve 3 filhos que foram:

3—1. D. Maria, mulher de Ignacio Ferreira Funchal.

3—2. D. Marianna, mulher de João da Fonseca Coutinho.

3—3. Ignacio de Siqueira Rendon, que falleceu solteiro.

§ 6.°

2—6. Lourenço de Siqueira Furtado de Mendonça, foi capitão-mór da barra de Guaratiba do Rio de Janeiro, e casou com D. Barbara da Fonseca Doria, e teve 4 filhos que foram:

3—1. Salvador de Siqueira Rendon, casou com D. Rosa Maria de Caldas.

3—2. Fradique Rendon de Quebêdo, capitão-mór da barra de Guaritiba, que existia pelos annos de 1759, em que nos hospedamos em sua casa, e d'elle recebemos estas noticias da geração que teve D. Ignez de Ribeira, d'este cap. 4.°

3—3. D. Margarida de Luna, casou com José Corrêa Soares, natural do Rio de Janeiro, filho de Gaspar Corrêa e de sua mulher D. Luzia de Aguilar, que foi filha de Martim Rodrigues Tenorio e de D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca, que foi filha do capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo, do n. 2º d'este titulo.

3—4. D. Leonor de Siqueira Rendon, casou com Gaspar de Asedias Machado.

§ 7.º

2—7. Antonio de Siqueira e Mendonça, casou com D. N.... sobrinha do capitão-mór Manoel Pereira Ramos, senhor do engenho e freguezia de Marapicú.

§ 8.º

2—8. João Matheus Rendon (ultimo filho de D. Ignez do Ribeira), existia solteiro no Rio de Janeiro em 1759.

CAPITULO IV

1—4. D. José Rendon (filho de D. João Matheus Rendon do n. 1º), nasceu gemeo com sua irmã D. Anna, e ambos se baptizaram na matriz de S. Paulo a 4 de Agosto de 1641, como consta do liv. 1º dos assentos dos baptismos d'esta igreja em dito mez e anno. Casou na cidade do Rio de Janeiro (tendo passado a ella na companhia de seu pai D. João Matheus Rendon, que segunda vez estava casado em S. Paulo com D. Catharina de Goes e Siqueira, como adiante fazemos menção) com uma irmã dos padres Francisco Frazão e Antonio de Alvarenga Mariz, ambos da companhia de Jesus do collegio d'aquella cidade. Não teve filhos.

CAPITULO V e ultimo.

1—5. D. Anna de Alarcão e Luna, nasceu em S. Paulo e de um mesmo parto com seu irmão D. José Rendon, supra. Na companhia de seu pai D. João Matheus Rendon pelos annos de 1655, se recolheu ao Rio de Janeiro. Este fidalgo viuvou pelos annos de 1646 em S. Paulo, onde segunda vez casou com D. Catharina Goes de Siqueira, como adiante mostramos, e com ella se passou para a capitania do Rio de Janeiro, onde já era morador desde 1651 seu irmão D. José Rendon de Quebedo do n. 3° adiante, como alli tratamos. No Rio de Janeiro casou D. Anna de Alarcão e Luna com Ignacio de Andrade Souto Maior (* D'aqui por diante vai esta descendencia copiada de um titulo de Rendons feita pelo Illm. Sr. João Siqueira Ramos em 1746, que me foi confiado depois da sua morte) senhor da casa de Jerecino com sete engenhos, capitão e muitas vezes vereador da mesma cidade, filho de Ignacio de Andrada Machado, natural da Ilha Terceira, d'onde passou ao Rio de Janeiro, o qual era legitimo descendente das familias dos seus appellidos, de cuja origem se trata em titulo de Machados, das ilhas, e de sua mulher Helena de Souto-Maior, chamada a viuva da Pedra, sua parenta e filha de Belchior da Ponte Maciel, da familia dos Pontes Cardosos, da mesma ilha, como se vê em titulo de Pontes.

Teve:

§ 1° José de Andrada Souto-Maior.
§ 2° D. Helena de Andrada Souto-Maior.

2—1. José de Andrada Souto-Maior, nasceu no Rio de Janeiro, onde vive n'este anno de 1746 senhor da casa de Jerecinó, que fôra de seus pais. Casou com sua prima D. Anna de Araujo e Andrada, filha de Francisco de Araujo

de Andrada e de sua mulher D. Maria de Souro, filha de João de Souro, e neta pela parte paterna de Belchior de Andrada e Araujo, natural da villa dos Arcos e capitão no Rio de Janeiro, e de sua mulher Maria Cardoso de Souto-Maior, irmã inteira de Helena de Souto-Maior, de quem fallamos acima, cap. 5.º

Teve:

3—1. Ignacio de Andrada Souto-Maior.
3—2. D. Maria de Andrada Souto-Maior.
3—3. D. Anna de Alarcão e Luna.
3—4. D. Josepha, solteira.
3—5. D. Luzia, solteira.
3—6. Francisco de Araujo e Andrada.

3—2. D. Maria de Andrada Souto-Maior, casou no Rio de Janeiro com Mathias de Castro Moraes, que é hoje coronel de cavallaria da mesma cidade onde vive, fidalgo da casa real, e filho de Gregorio de Castro Moraes, mestre de campo da mesma cidade, onde falleceu na occasião, em que os francezes a invadiram, de cuja ascendencia se trata em titulo de Pimenteis Moraes.

Teve:

4—1. José de Moraes Castro Pimentel, falleceu solteiro indo das minas de Paracatú para a Bahia onde foi sepultado na igreja do mosteiro de S. Bento : sem geração.

4—2. Gregorio de Moraes Castro Pimentel, que serve a sua magestade no posto de ajudante de infantaria de um dos regimentos da guarnição do Rio de Janeiro.

3—3. D. Anna de Alarcão e Luna, filha de José de Andrada Souto-Maior, casou no Rio de Janeiro com Francisco Fernando Camello Pinto de Miranda, moço fidalgo da casa real, natural da cidade do Porto, filho de Ayres Pinto de Miranda, moço fidalgo da casa real e neto de Fernão Camello de Miranda, senhor da casa de Villar do Pa-

raiso, de cuja ascendencia se trata em titulo de Pintos, senhores de Ferreiros e Tendaes, de quem é a sua varonia.

Teve :

4—1. Ayres Pinto Camello de Miranda, moço fidalgo da casa real, tenente de cavallaria.

4—2. D. Joanna de Miranda, ajustada para casar com seu primo co-irmão Gregorio de Moraes Castro Pimentel, acima.

4—3. D.

§ 2.º

2—2. D. Helena de Andrada Souto-Maior, filha de D. Anna de Alarcão e Luna, cap.5.º Casou no Rio de Janeiro com Clemente Pereira de Azeredo Coutinho, natural da mesma cidade, senhor dos engenhos de Itaúna e Guaxindiba, capitão-mór e vereador da camara da mesma cidade, filho de Domingos Pereira da Silva, capitão de infantaria paga na mesma praça e de sua mulher D. Paula Rangel, em titulo de Azeredos Coutinhos e Mellos, do Rio de Janeiro, o qual falleceu em 1739 a tempo que já era viuvo e tinha os filhos seguintes :

3—1. D Anna de Alarcão e Luna, mulher do sargento-mór Bento Rodrigues de Andrada de quem ficou viuva em 1746, sem geração,

3—2. D. Helena de Andrada Souto-Maior, que segue.

3—3, Carlos de Azeredo Coutinho de Mello, que falleceu solteiro em 1739: sem geração.

3—4. D. Ignacia de Andrada Souto-Maior, que vive em companhia de sua irmã D. Helena, sem haver tomado estado.

3—2. D. Helena de Andrada Souto-Maior, filha segunda de D. Helena e de Clemente Pereira, nasceu no engenho de Itaúna, em que viviam seus pais, e foi baptizada na fregue-

zia de Nossa Senhora da Piedade de Magé a 3 de Novembro de 1700. Casou no Rio de Janeiro com Manoel Pereira Ramos, em cuja casa foram recebidos a 16 de Agosto de 1721, e vivem ambos no seu engenho de Marapicú em 1746. E' Manoel Pereira Ramos natural do Rio de Janeiro, capitão-mór de um dos districtos da mesma cidade, vereador da camara d'ella e senhor dos engenhos de Marapicú, Cabuçú, Itaúna, do Gama, etc., filho de Thomé Alvares do Couto Moreira e de sua mulher D. Michaella Pereira de Faria e Lemos, neto pela parte paterna de Thomé Alves Moreira do Couto, que havendo nascido na villa de Moreira bispado do Porto, na quinta da Azenha, que era de seus pais, casou no balliado de Lessa, d'onde passou ao Brasil por uma morte que fez; e da sua ascendencia se acham memorias nos titulos de Coutos Moreiras, do Porto; e pela parte que toca a sua mãi, neto de Francisco de Lemos de Faria, natural da Ilha do Faial, d'onde passou ao Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Isabel Pereira de Carvalho, filha de Gaspar Pereira de Carvalho e Jardim, senhor do engenho de Pinditiba; o qual Francisco de Lemos era legitimo descendente das familias dos Lemos e Farias, bem conhecida no Faial.

Tem:

4—1. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, que nasceu a 2 de Julho de 1722, e foi paptizado em casa de seus pais a 31 de Agosto. E' cavalleiro da ordem de Christo e oppositor em canones na universidade de Coimbra.

PROSSEGUIMENTO DO TITULO DE RENDONS, QUE ESCREVEU O SR. JOÃO PEREIRA PARA DEPOIS SER POSTO EM MELHOR ORDEM

Seguem-se seus irmãos

4—2. D. Michaella Joaquina Pereira de Faria e Lemos, baptizada a 22 de Março de 1726, religiosa no convento de Narvilla junto a Lisboa com o nome de soror Michaella Joaquina Archangela de Sant'Anna.

4—3. Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria, baptizado a 16 de Julho de 1728. E' cavalleiro da ordem de Christo, que recebeu no Rio de Janeiro no convento de S. Bento no anno de 1746.

4—4. D. Helena Josepha de Andrada Souto-Maior Coutinho, baptizada a 12 de Novembro de 1729, religiosa no mesmo convento de sua irmã com o nome de soror Helena Josepha Angelica da Gloria. Fizeram as suas profissões em 1746.

4—5. Clemente Pereira de Azeredo Coutinho de Mello, baptizado a 31 de Outubro de 1731.

4—6. Ignacio de Andrada Souto-Maior, baptizado a 10 de Agosto de 1733.

4—7. Francisco de Lemos de Faria Pereira, baptizado a 22 de Abril de 1735.

4—8. Thomé Alves Pereira do Couto Moreira, falleceu de poucos dias.

4—9. D. Anna Rosaura Rita de Alarcão e Luna, baptizada na freguezia de Nossa Senhora da Candelaria do Rio de Janeiro a 10 de Junho de 1737.

4—10. Thomé Alves do Couto Moreira, fallecido de poucos dias.

4—11. D. Maria de Mello Coutinho e Azeredo, baptizada a 18 de Junho do 1739.

4—12. José Rendon de Luna Quebedo Alarcão, baptizado a 20 de Junho de 1743.

O fidalgo D. João Matheus Rendon pag. 133, casou segunda vez em S. Paulo pelos annos de 1654 com D. Catharina de Goes e Siqueira. Esta senhora estava viuva d'esde 18 de Janeiro de 1651 de seu primeiro marido Valentim de Barros, natural de S. Paulo capitão de infantaria na restauraração de Pernambuco contra os hollandezes, cujo irmão Luiz Pedroso de Barros casou tambem na Sé da cidade da Bahia com D. Leonor de Siqueira irmã da dita D. Catharina de Goes e Siqueira que eram naturaes da Bahia, de onde se passaram com seus maridos para S. Paulo, cortando pelas saudades da patria e dos irmãos João de Goes de Araujo que foi desembargudor juiz do civel da relação da sua patria pelos annos de 1666, em que o Sr. rei D. Affonso VI, lhe tinha encarregado varios negocios do seu real serviço, de que mandou fazer avizo aos officiaes da camara de S. Paulo (29) de que tratamos, e da nobre ascendencia do dito desembargador em titulo de Goes.

D. João Matheus Rendon fez assento no seu engenho de assucar de Itacuruçá, onde já se achava pelos annos de 1656. Levou de S. Paulo os dois enteados Fernando e João, o qual se baptizára em S. Paulo a 13 de Julho de 1645. Ignoramos se D. João Matheus Rendon teve filhos

(29) Archivo da camara de S. Paulo, livro de registros n. 4, tit. 1664 pag. 52.

d'este segundo matrimonio na capitania do Rio de Janeiro, Nós entendemos, que os não teve, e que os enteados Fernando ou João, se enlaçaram por casamentos na mesma nobre familia de Rendons do Rio de Janeiro.

FIM DO N. 1.º

N. 2.º

DE

D. Francisco Rendon de Quebedo

D. Francisco Rendon de Quebêdo, acabada a guerra contra os hollandezes na Bahia, passou para S. Paulo onde casou com D. Anna de Ribeira, irmã direita de D. Maria Bueno de Ribeira, mulher de seu irmão D. João Matheus Rendon. Foi este fidalgo D. Francisco Rendon, juiz de orphãos proprietario em S. Paulo, onde sempre teve as redeas do governo da republica e da milicia. Pelo seu grande respeito, actividade e zelo do real serviço, foi encarregado para levantar em S. Paulo companhias de picas hespanholas com 40 escudos de soldo por mez os capitães para restauração de Pernambuco, e armada que na Bahia preparava o conde da Tôrre para passar com ella contra os hollandezes. Havia encarregado as dependencias todas d'esta guerra nas capitanias do sul ao governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, o qual logo se lembrou para desempenho da acção de D. Francisco Rendon de Quebêdo, a quem concedeu todos os poderes, que se notam do contexto das patentes que para isto lhe mandou passar, que se acham registradas no lugar a margem citada (30). A 1ª datada a 23 de Maio de 1639 ; e a 2ª em 2 de Agosto

(30) Cart. da Prov, da Faz. real de Santos, liv. do reg. n. 3º, 1638 Pag. 23 v. e liv. n. 6º. 1626 pag. 40.

do dito anno. De ambas daremos aqui fiel copia. As ordens do conde da Torre foram expedidas da Bahia com data de 3 de Fevereiro, 8 de Junho e 2 de Agosto do anno de 1639, que todas se acham registradas no archivo da camara de S. Paulo, no livro de registros, tit. 1636, n. 5, pag. 82, 96 e 99. Caderno de registro n. 1 capa de couro de veado, tit. 1640 pag. 3 e 18. Livro de registros n. 5 tit. 1636 com capa de carneira, pag. 96.

Deu causas para esta recruta de soldados paulistas o máo successo, que teve o conde da Torre, quando com poderosa armada sahiu de Lisboa para restaurar Pernambuco, e se recolheu á Bahia, onde então tinha as redeas do governo geral do Estado Pedro da Silva. Havia o conde da Torre sahido de Lisboa nos ultimos de Outubro de 1638 com armada para restaurar Pernambuco, do poder dos hollandezes e do seu general o conde de Nassau, tão poderosa nos vasos como crescida no portante dos navios, galeões, fragatas de guerra, náos grossas, copia grande de embarcações ordinarias, com instrumentos bellicos, artilharia, etc. Era a frota mais poderosa, que até aquelle tempo sulcára os mares da America. Em 10 de Janeiro de 1639 se avistou do Arrecife esta pomposa armada com assombro dos inimigos e alvoroço dos pernambucanos, que vendo aquelle poder pelo vulto dos vasos, encheram de discreta confiança a sua expectação. O hollandez parecendo-lhe que o desengano do golpe lhe chegava sem tempo para o reparo, olhava para o que temia, e para o que necessitava. Via as suas praças desmantelladas, suas fortificações cahidas, e sustentados só na confiança da paz, em lembrança das victorias. Considerava-se sitiado no Arrecife, e sem aquella provisão de mantimentos e munições precisas para sustentar um cerco. Os soldados tão poucos por suas fortificações, que reconduzidos do sertão, e chamados das forta-

lezas, não faziam corpo, que pudesse avultar á vista do nosso poder. Olhava para o que tinha no mar, e só via 5 náos que estavam á carga. Cotejava o seu estado, e nossa injuria, e não achava em que pudesse fundar a menor confiança para se oppôr á resistencia, e assentava comsigo o ser chegado o fim do imperio hollandez em aquella porção da America. Porém quando o conde de Nassau se considerava perdido, se viu respirar desabafado; porque sem tomar panno foi navegando a armada até dobrar o cabo de Santo Agostinho, e ancorar na enseada da Bahia. Emquanto n'ella se deteve quasi um anno, se preveniu o conde de Nassau e o da Torre D. Fernando Mascarenhas de capitães mais destros nos caminhos e veredas dos reconcavos de Pernambuco, para que com a gente da sua disciplina penetrassem os matos e d'elles assaltassem com subitas armas os quarteis e habitações hollandezas. Para segurança d'este premeditado projecto mandou o conde da Torre ordem a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, governador alcaide-mór do Rio de Janeiro para fazer levantar na capitania de S. Paulo, companhias de infantaria de picas hespanholas, cada uma de 80 paulistas, como já dissemos, cujos cabos e officiaes lhe seriam confirmadas as patentes pelos ditos conde, chegados que fossem á Bahia para se passarem na armada, em que havia ir restaurar Pernambuco. Esta importante recruta se fiou de D. Francisco Rendon de Quebêdo, que com actividade e zelo do real serviço, conseguiu elegendo capitães e mais officiaes as pessoas de maior confiança e valor. E' lastima não descubrirmos documentos, que nos certifiquem de todos os capitães que n'esta importante occasião tiveram a honra do real serviço! Apenas encontramos a certeza de que do corpo militar paulistano foram capitães de infantaria Valentim de Barros e seu irmão Luiz Pedroso de Barros, An-

tonio Raposo Tavares e seu irmão Diogo da Costa Tavares, Manoel Fernandes de Abreu e João Paes Florião. No porto da villa de Santos debaixo do commando do capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo embarcaram os capitães, seus officiaes e soldados, com grande numero de indios frecheiros e arcabuzeiros para a Bahia, onde foram recebidos os capitães com benigno agasalho pelo conde da Torre, que lhes mandou passar suas patentes, pagando-se a todos, os soldos d'esde o dia que tinham destacado de S. Paulo. Do Rio de Janeiro fez regresso o capitão Rendon para S. Paulo, ficando entregue de todo o corpo militar o governador Salvador Corrêa de Sá. Estas companhias foram encorporadas na Bahia no terço do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra.

COPIA DA ORDEM DO GOVERNADOR SALVADOR CORRÊA PASSADA A D. FRANCISCO RENDON DE QUEBÊDO (31)

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, alcaide-mór da cidade de S. Sebastão do Rio de Janeiro, commendador da commenda de S. Salvador da Alagôa, almirante da costa do Sul e Rio da Prata, superintendente em todas as materias de guerra da dita costa, capitão-mór e governador d'esta capitania do Rio de Janeiro, etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem, que dando-me o Sr. conde da Torre, governador e capitão general de mar e terra d'este Estado, parte de haver chegado á cidade da Bahia com a armada, que o dito senhor foi servido mandar a ella para restauração de Pernambuco, e que necessitava de infantaria para refazer a que no decurso da viagem havia mor-

(31) Cartorio da provedoria da fazenda real da villa de Santos, livro de reglstros n. 6, titulo 1626, pag. 40.

rido, pedindo-me o soccorresse com toda a que podesse d'esta capitania, e das de S. Vicente e S. Paulo, e dispondo a dita leva n'esta cidade por minha pessoa; e tendo satisfação da do capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo, morador em S. Paulo, lhe cometti a que na dita capitania se havia de fazer, o que elle fez com tanto cuidado e zelo do serviço de sua magestade, que juntou muitos infantes e 54 indios frecheiros e arcabuzeiros, os quaes me trouxe a esta cidade para o effeito de ir ao dito soccorro, gastando de sua fazenda muito até os trazer a ella, de d'onde com a mais gente, que lhe aggreguei de infantaria o nomeei por capitão d'ella, e cabo de todo o dito soccorro, para partir para a dita cidade da Bahia. E tendo n'esta occasião segundo aviso do dito Sr. conde da Torre governador geral de que fosse o soccorro com toda a vantagem de infantaria e indios quanto fosse possivel, para cujo effeito lhe pareceu serviço de sua magestade enviar-me a provisão, que irá trasladada com esta, para que possa perdoar crimes, que me parecer, e em particular os commettidos nas entradas dos sertões, com o que ficaria a dita leva mais augmentada, e o dito soccorro mais consideravel. E havendo respeito ás partes, qualidade, sufficiencia, zelo e desvelo, com que se tem havido no serviço de sua magestade em muitas occasiões, como me consta, e em especial n'esta presente da dita leva o dito capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo, e que sendo morador na villa de S. Paulo, fica mais suave o conseguimento da dita leva, hei por bem, e serviço do dito senhor, de lhe encarregar que torne á dita capitania, e n'ella faça e solicite a leva de toda a infantaria e gente que lhe fôr possivel, declarando e manifestando a mercê que o dito Sr. conde em nome de sua magestade, concede por meio da sua provisão em cumprimento da qual eu lhes darei o dito perdão dos

crimes que haviam commettido, em especial dos commettidos nas entradas do sertão, sendo que venham para ir ao dito soccorro, ou mandem em seu lugar estando impedidos outras pessoas, filhos, parentes, ou familiares da sua, e a todas as pessoas, que para o dito effeito o dito capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo offerecer o perdão em nome de sua magestade, e debaixo d'esta minha ordem, eu lhes concedo na fórma que se me ha concedido: E bem assim a todas as pessoas que particularmente fizerem gente e o ajudarem na dita leva, o dito capitão prometterá a companhia da mesma infantaria que alistarem, o que eu confirmarei em virtude da dita provisão, para cujo effeito lhe concedo todo o meu poder da mesma maneira que eu o tenho. E ao dito D. Francisco Rendon de Quebêdo nomêio por capitão de infantaria de picas hespanholas com 40 escudos de soldo em cada mez, os quaes gozarão de hoje em diante, visto estar actualmente em serviço de sua magestade n'esta leva, e commissão d'ella ; e ordeno ao capitão-mór, ouvidor, officiaes de justiça e fazenda da dita capitania dêm ao dito capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo todo o favor e ajuda, que para effeito da dita leva lhe for necessaria, e embarcações para trazer a gente de guerra, que assim alistar, com comminação de se haver por elles, suas fazendas e bens, toda a omissão que n'isto houver, e possa prejudicar ao serviço de sua magestade, deligencia e brevidade, que o caso requer : E mando a todas as pessoas, que assim alistar lhe obedeçam e sigam suas ordens de palavra, ou por assento ; e as justiças de sua magestade da dita capitania de S. Paulo, as guardem sendo caso que para o dito effeito se passe alguma cedula de confiança para poder algum criminoso assistir livremente na dita leva, até chegar a esta cidade, onde eu lhe confirmarei o perdão ; E havendo alguma pessoa, official de justiça ou

fazenda, que impida ou não favoreça ao dito capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo em dita leva ou ordem que para ella der, para que com melhor effeito se corrija o serviço de sua magestade, poderá o dito capitão emprazar a tal pessoa para que pareça ante mim ; e sendo pessoa que vença ordenado da fazenda de sua magestade, se lhe porá verba no assento, até eu determinar o dito emprazamento : E outro sim ordeno, que a primeira provisão, que passei ao dito capitão para effeito da dita leva, fique em sua força e vigor, como n'ella se contem ; e que o dito capitão proceda contra todas as pessoas, que livremente se alistaram na primeira leva que fez, e depois sem impedimento algum se ausentaram por não irem no dito soccorro, pelo que lhe mandei passar a presente minha provisão, que mando se cumpra e guarde como n'ella se contem e se registrará nas camaras das villas, onde parecer que convem. Dada n'esta cidade do Rio de Janeiro sob meu signal e sello das minhas armas a 2 do mez de Agosto de 1639 annos.—*Salvador Corrêa de Sá e Benevides.*—

No fim do anno de 1639 sahiu da Bahia o conde da Torre, deixando entregue o governo a D. Vasco Mascarenhas, conde de Obidos (depois vice-rei da India e o 2º do Estado do Brasil em 1663) e com vento em popa navegou a armada até avistar a barra grande distante de Pernambuco para a parte do Sul 25 leguas : alli se advertiu a conveniencia do porto para o intento de lançar-se a gente em terra debaixo do commando do seu mestre de campo o Barbalho, como tinha premeditado na Bahia o conde da Torre, general d'esta armada, e feito antecedentes avisos d'este seu projecto aos de Pernambuco ; porém não se admittiu o conselho pela distancia. A vista de Tamandaré 17 leguas do Arrecife se fez o mesmo requerimento e foi reprovado, não sabemos se por desprezo. Já n'esta altura

experimentava a frota a vehemencia com que corriam as aguás, que ajudadas da furia dos ventos fizeram innutil todo o governo do leme e do panno. O inimigo hollandez, que com destreza se sabia aproveitar das occasiões, que lhe offerecia a fortuna, mandou largar panno a 20 fragatas e alguns patachos, (já de antes prevenidos para este fim) que sahiram do porto com a vantagem de navegarem a barlavento dos nossos, cahiram sobre a capitania com ousada resolução 3 fragatas, intentando abalroal-a, brevemente sahiram da empresa ao mesmo tempo castigados e arrependidos. A primeira tragaram as ondas despedaçada ; e as duas desarvoradas e desfeitas, de sorte que apezar da memoria as desconhecia a vista. Abonançou o vento por espaço de 3 horas, em cujo tempo poderam os nossos navios ordenar-se para a batalha, que a temeu o contrario e valeu-se do desvio, servido da furia, com que se repetiu a tempestade, que a uns e a outros, não deixou mais salvação que a de obedecer aos mares. Levado das ondas desgarrou a frota portugueza para Indias de Hespanha, onde primeiro a levou o destino do que a ordem que el-rei tinha dado ao conde da Torre, para que concluida a empresa de Pernambuco tomasse as Indias e comboiasse os galeões da frota de S. Lucar. As náos hollandezas favorecidas do vento voltaram para o Arrecife, embandeirada de negro entrou a sua capitánia, em cujo luto se amortalhou toda a alegria da ventura tão custosa pela perda, como pela magoa, com que d'ella se tiraram os corpos dos mortos, entre os quaes vinha o do seu general.

Este infeliz successo da nossa armada, fez acordar aos capitães do terço do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra a vigilante cautella, com que agora o conde de Nassau poderia intentar ir sobre a Bahia, reconhecendo a falta das forças militares, que se desgarrava na armada, que

seguia para Indias de Castella e propozeram ao conde da Torre a necessaria providencia e soccorro, que devia deixar em terra em qualquer dos portos d'aquella costa de onde podessem marchar pelo sertão para a Bahia. Instava a importancia d'esta resolução; e no porto do Touro 14 leguas do Rio-Grande para o Norte deixou a armada ao mestre de campo Barbalho com mil e tresentos infantes,em que entravam os capitães, officiaes e soldados paulistas, e os governadores D. Antonio Filippe Camarão e Henrique Dias com seus pretos; este dos crioulos e minas, e aquelle dos indios. Havia de ser a marcha pelo interior do mato e em parte por entre a barbaridade dos indios do sertão, topando em muitas com armas dos inimigos hollandezes, e em todas sem provisão nem esperanças de soccorro humano com distancia de quasi 300 leguas até a cidade da Bahia, cujas difficuldades eram superiores aos mais ousados corações, e só o de cabos tão destimidos e que já tinham o caracter de bons sertanistas, havendo conquistado muitas e diversas nações barbaras dos sertões de S. Paulo e Indias de Hespanhas nas provincias do Paraguay até o reino do Perú poderam intentar e vencer semelhante empresa, que ainda depois de conseguida se fez duvidosa. Os transes d'esta jornada vimos compendiados no cartorio da provedoria da fazenda de Santos, no livro de registros n. 4 tit. 1641 pag. 154 v. na patente de ajudante de João Martins Esturiano, um dos soldados paulistas, que teve a honra de servir em uma das companhias da leva de S. Paulo, e d'esta patente consta o seguinte successo :

Parte de um deserto era o porto de Aguassú junto ao do Touro, onde a armada deixou ao mestre de campo Barbalho com a gente já referida no dia 7 de Fevereiro de 1640, sem mais viveres, que os que cada um dos soldados pôde tirar na sua moxilla, falta que, considerada em semelhante

lugar está accusando a determinação não só de temeraria, se não de louca, fiando a livrança dos perigos a contingencia de milagres; porém aquelle valor de portuguezes sempre igual nos despresos da vida pelas melhoras da patria nada mais lhe deixava vêr, que a constancia, a lealdade e o serviço do rei. Todos se alentavam por estes briosos estimulos e alentado coração do seu mestre de campo Barbalho, que então lhes fez uma discreta e advertida ponderação, lembrando-lhes: « Que o motivo que os tirára a uns da Bahia, e a outros de S. Paulo, deixando todos a patria, os lançára agora n'aquella praia, por ficar infructuosa a restauração de Pernambuco, e se voltavam para a defensa da Bahia, que no máo successo da armada tiveram parte os elementos, e não os inimigos, e que n'esta jornada tinham de pelejar com os inimigos e com os elementos: estes armados dos rigores do tempo, e aquelles revestidos da colera do odio: que tudo se venceria se estribados na causa alentassem a confiança, por ser certo, que não falta Deus com auxilios a quem lhe dedica obsequios: que os poderia acobardar a falta dos mantimentos, se já não estivessem bem costumados com as agrestes fructas dos sertões incultos, com o mel silvestre de suas abelhas, com as amendoas das variedades dos cocos dos matos, com os palmitos doces e amargosos, e com as raizes das plantas conhecidas capazes de digestão; e porque onde se contrasta o maior perigo se alcança a maior gloria, era de parecer, que na marcha se buscasse o povoado, no qual poderiam conseguir remedio para a fome e augmento para a fama, que sempre foi mais grata a quem vencia homens, que a quem mata féras: e que quando o hollandez os procurasse poderoso, então se aproveitariam da retirada com a vantagem do conhecimento de penetrar sertões, que se fazia superior ás forças e numero dos soldados inimigos.

Com esta bem advertida ponderação formou o mestre de campo Barbalho a sua gente e começou a marcha, levando diante do seu esquadrão descubridores para as ciladas, e guias para as veredas, com ordem que todos os cavallos e bois que descobrissem, os recolhessem para o sustento e para o serviço. Com saudosa magoa perderam de vista as ultimas vozes da armada, que navegava arrazada em popa. Dos moradores que encontravam, recebiam os soldados de Barbalho o sustento, que voluntariamente davam compadecidos de sua necessidade. Das fazendas do inimigo mandava Barbalho tomar o necessario e queimar o restante, sem que a espada deixasse vida, que podesse chorar a perda. No districto do Rio-Grande acharam ao seu governador chamado Gusmão, e destruidas as suas armas, o levaram captivo com muitos flamengos e indios, seus confederados, até a Bahia. Na villa de Guayana, onde chegaram pelas 2 horas depois da meia-noite, deram um assalto ao inimigo e lhe degollaram 530 hollandezes, que tinha o presidio, entrando o seu governador Alexandre Ricardo e outros officiaes de estimação ; e os que d'este conflicto escaparam foram perseguidos ao romper da alva, e todos acabaram na casa forte, onde se haviam refugiado. Chegando á mata do Brasil, onde se alojaram, e tocando na retaguarda o inimigo arma, foi investido de uma companhia volante, que matando a muitos, escaparam outros com vergonhosa fugida, largando armas, munições e petrechos, de que os nossos se aproveitaram. Em outras muitas partes encontraram inimigos em desigual numero que em todas destruiram com igual sorte. Em nada era dissimilhante a dos indios rebellados, em os quaes a entidade da culpa não deixava vêr a distincção da natureza.

Chegou ao Arrecife primeiro a noticia da perda, que a da marcha, e o impaciente Nassau, fez sahir ao general

Marfez com 3,000 soldados em tres terços, com instrucção de que a todo o risco seguisse e perseguisse a Barbalho, até o destruir e sua gente. A este tempo já o mestre de campo deixava atraz o districto de Pernambuco, e d'elle tinha aggregado a si, não poucos moradores com suas familias, que receiosos da vingança, que em sua innocencia havia executar a tyrannia, trocavam o captiveiro da patria, pela liberdade do desterro. Informado o valoroso Barbalho do poder com que o seguia o hollandez, lhe escondeu a marcha: por muitos dias penetrou o interior do mato com tanta molestia, que a força de braço se hia abrindo caminho. Passou o rio de S. Francisco, e da parte do Sul, fez alto para descanso e allivio de tão dilatada jornada. A nossa vista parou o inimigo que o seguia, temendo na passagem o destroço. Passados alguns dias, continuou Barbalho a marcha; e cheia de espanto a cidade da Bahia quando entraram n'ella, não cessou em muitos dias de encarecer o muito que o mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra com seus capitães ganharam de gloria, e adquiriram de fama. O esquadrão inimigo voltou a marcha para o Arrecife, e a colera contra os pobres moradores, matando e destruindo tudo quanto topou até Pernambuco.

D'esta armada e do que obraram os soldados das companhias do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, trata o livro *Castrioto Lusitano*, p. 1.ª liv. 3.º de n. 140 até 154, e muito melhor os autos de justificação de serviços do capitão Valentim de Barros e de seu irmão o capitão Luiz Pedroso de Barros, processados na villa de S. Vicente em 1643, sendo escrivão Antonio Madureira Salvadores, tabellião da dita villa, sendo juiz ordinario d'ella Pedro de Sousa Muniz. No serviço do grande João Paes Florião, decretados e registrados na nota do tabellião da villa de Mogy das Cruzes, e na patente já referida de ajudante

João Martins Esturiano, na provedoria da fazenda da villa de Santos, datada em 14 de outubro de 1645 annos, e passada pelo capitão mór governador e alcaide mór da capitania de S. Vicente, Francisco da Fonseca Falcão.

O capitão D. Francisco Rendon depois de ser morador em S. Paulo muitos annos, tendo já seus irmãos na capitania do Rio de Janeiro, se passou a ella, e fez assento na Ilha Grande de Angra dos Reis, aonde no anno de 1665 pediu terras por sesmaria. N'este requerimento allegou parte dos seus serviços pela petição seguinte:—Diz o capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo, que passam de 40 annos que veiu a este Estado do Brasil, servindo de soldado com 3 escudos de vantagem cada mez de mais de sua praça ordinaria na armada, da qual foi general D. Fradique de Toledo Ozorio, que restaurou a cidade da Bahia occupada pelo hollandez, em cuja restauração se achou ; depois se passou para S. Paulo, em cuja villa casou, e como soldado e capitão da ordenança, que foi alguns annos, procedeu com inteira satisfação dos seus maiores, e ultimamente levantou uma companhia de infantaria á sua custa para soccorro da guerra de Pernambuco, em que gastou quantidade consideravel de sua fazenda, como dos seus papeis largamente consta ; e ao presente é morador n'esta villa de Nossa Senhora da Conceição de Angra dos Reis, onde tem sua casa e familia sem ter terras algumas, em que se agasalhar e plantar mantimentos, e ora estão devolutas e desaproveitadas as terras, que ficam detraz da serra, em cujas fraldas fica o engenho de Itacuruçá, que foi do governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que ao presente é de seu irmão D. José Rendon de Quebêdo ; e as terras que o supplicante pede hão de começar de um rio, que está no fim da praia de Moriquecariná da banda do dito engenho, e acabará sua testada no rio Itiriga, que

poderá ter uma legua de rio a rio, botando-se o rumo pelo nor-nordeste da banda do rio Itinga para o sertão até chegar as cabeceiras do rio Guandú ; e passando este pede mais uma legua em quadra etc. Foram-lhe concedidas as terras que pediu em 7 de Setembro de 1665 por João Blau, capitão-mór, loco-tenente da condessa de Vimieiro donataria da capitania de S. Vicente e S. Paulo.

Do matrimonio do capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo nasceram em S. Paulo 4 filhas, que foram :

D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca Cap. 1.°
D. Bernarda de Alarcão e Luna....... Cap. 2.°
D. Catharina........................ Cap. 3.°
D. Francisca........................ Cap. 4.°

CAPITULO PRIMEIRO

1—1 D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca, casou na igreja matriz de S. Paulo a 20 de Outubro de 1642 com Martim Rodrigues Tenorio e Aguilar, natural de S. Paulo, filho de João Paes e de sua mulher Suzana Rodrigues, e neto de Martim Tenorio e Aguilar, e de sua mulher Suzana Rodrigues, estando viuva de seu primeiro marido Damião Simões ; e o dito Tenorio tendo passado ao sertão por capitão-mór da tropa, n'elle falleceu no anno de 1603. Do matrimonio de D. Magdalena casou no Rio de Janeiro a filha D. Luzia de Aguilar com Gaspar Corrêa, e teve a José Corrêa Soares, que casou com D. Margarida de Luna filha de Lourenço de Siqueira Furtado de Mendonça, e de sua múlher D. Barbara da Fonseca Doria, como temos mostrado n'este titulo N. 1° cap. 4 § 6°.

Não sabemos se D. Magdalena Clemente Cabeça de Vacca teve mais filhos na capitania do Rio de Janeiro além de D. Luzia de Aguilar; nem tambem se acabaram em tenros annos, ou solteiras as duas filhas, que teve em S. Paulo, que foram D. Isabel, baptizada em S. Paulo no 1.º de Julho de 1652, e D. Maria, baptizada a 30 de Outubro de 1653; porque como se ausentou com seu pai o capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo para a capitania do Rio de Janeiro, como temos referido no anno de 1665, ignoramos a descendencia d'esta senhora.

CAPITULO II

1—2 D. Bernarda de Alarcão e Luna, ficou em S. Paulo sua patria, onde falleceu a 20 de Março de 1683, e foi casada com Fructuoso do Rego e Castro, natural e nobre cidadão de Pernambuco, da familia de seu appellido (32). E teve tres filhos nascidos em S. Paulo.

2—1 D. Angela de Castro do Rego. . . . . § 1.º
2—2 D. Anna de Castro e Quebêdo . . . . § 2.º
2—3 Cosme do Rego e Castro d'Alarcão . . . § 3.º

§ 1º

2—1 D. Angela de Castro do Rego, foi casada com o capitão Antonio Pacheco Gatto: sem geração e falleceu em S. Paulo a 21 de Agosto de 1706 (33).

(32) Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra B n. 30.

(33) Cartorio supra, maço 4º de inventarios, letra A.

§ 2°

2—2 D. Anna de Castro e Quebêdo, foi casada com Salvador Bicudo de Mendonça, natural de S. Paulo, onde falleceu a 15 de Junho de 1697, e foi sepultado na igreja dos reverendos religiosos carmelitas no jazigo de seus avós· não consumou o matrimonio por achaques que tinha, como declarou no seu testamento (34).

§ 3

2—3 Cosme do Rego e Castro de Alarcão, seguiu os estudos, e tomou o grão de mestre em artes no fim do curso que leu no collegio de S. Paulo o padre José de Mascarenhas, da companhia de Jesus. Nós o tratamos pelos annos de 1731, em que falleceu de bexigas, estando habilitado para o estado clerical.

CAPITULO III e IV

D. Catharina e D. Francisca, nasceram em S. Paulo em cuja matriz se baptizaram: esta a 12 de Outubro de 1654 e aquella a 10 de Julho de 1650. Ignoramos se falleceram de tenros annos ou, se acompanharam a seu pai o capitão D. Francisco Rendon de Quebêdo para a capitania do Rio de Janeiro.

---

(34) Cartorio 1° de notas de S. Paulo, maço de inventarios antigos, letra S.

N. 3.°

DE

D. JOSE' RENDON DE QUEBÊDO

D. José Rendon de Quebêdo sahiu de Madrid para o Brasil em 1640, e veiu para o Rio de Janeiro, onde fez o seu estabelecimento; por qnanto em 1639 tirou instrumento de abonação em Madrid, o qual foi authenticado em Lisboa em 25 de Maio de 1640. E no anno de 1651 estava situado em Juhiari, e pediu mais terras nas serras de Jericinó e Marapicú, que lhe foram concedidas pelo capitão-mór João Blau, loco-tenente da condessa de Vimieiro D. Marianna de Sousa da Guerra, donataria da capitania de S. Vicente e S. Paulo (35).

No Rio de Janeiro casou D. José Rendon com uma viuva D. Suzana Peixoto, senhora do engenho chamado de Fumaça em Hirajá, que o trocou por outro que possuia em Itacuruçá o governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides : a qual senhora foi mãi de Francisco de Lemos, que falleceu em 1680. Parece que a mesma D. Suzana Peixoto foi irmã de D. Maria Peixoto, mulher de D. Luiz de Quixada Reinoso, hespanhol, e ascendente de Hieronimo Carneiro de Albuquerque, e do morgado de Paramos ; e tambem parece que foi irmã de Francisco de Lemos Peixoto, cavalleiro de Aviz, e filha de Pedro Peixoto Castelam, natural de Guimarães, e provedor da Fazenda do Rio de Janeiro, e de D. Antonia de Azevedo de Lemos, filha de Francisco de Lemos de Azevedo, alcaide-mór do Rio de Janeiro, e de D. Branca do Porto, filha de

(35) Cartorio da provedoria da fazenda real da villa de Santos, livro de registros das sesmarias n. 12, titulo 1656 pag. 87 v.

Ruy Dias Bravo, e de Antonia Rodrigues ; neta paterna de Gonçalo Gomes Peixoto de Freitas, e de D. Suzana Mendes de Brito, filha de João Mendes de Brito. No dito engenho de Itacuruçá se estabeleceu o fidalgo D. José Rendon do Quebêdo, e ficou o dito engenho tomando o nome do seu possuidor dito Rendon.

Do seu matrimonio teve nascidos na Ilha Grande de Angra dos Reis, cinco filhas, e um filho, que foram :

D. Theodora .... cap. 1º
D. Anna .... cap. 2º
D. Francisca .... cap. 3º
D. N.......................... cap. 4º
D. Maria de Alarcão............ cap. 5º
D. Pedro Rendon e Luna........ cap. 6º

CAPITULOS I, II e III

D. Theodora, D. Anna, e D. Francisca. Estas tres irmãs elegeram o estado celibato, e vestiram o habito de carmelitas, e assim falleceram e foram sepultadas na casa do capitulo do convento dos carmelitas da Ilha Grande. Essas memorias nos communicou Fradique Rendon de Quebêdo, capitão-mór da barra de Guaritiba no anno de 1759, estando já em avançada idade, e de quem fazemos mensão n'este titulo n. 1º cap. 4.º § 6.º

CAPITULO IV

1—4. D. N. . . . casou com N. . . . Lobo, de cujo matrimonio nasceu unico filho que foi Antonio Lobo de Alarcão, que casou com D. Ignacia Telles, filha de Francisco Telles com geração.

CAPITULO V

1—5. D. Maria de Alarcão, casou com Damaso Pimenta Gago de Oliveira, natural da Ilha Grande, onde a sua distincta qualidade é assás bem conhecida pelo seu ascendente João Pimenta de Carvalho, fidalgo da casa real e morador na Ilha Grande em 1629, capitão-mór e ouvidor locotenente da condessa de Vimieiro D. Marianna de Sousa da Guerra, que casou na nobre familia dos Oliveiras Gagos, transplantada da villa de Santos em 1... com dois irmãos naturaes da dita villa. E teve do seu matrimonio tres filhos.

2—1. José Pimenta Rendon........ § 1.°
2—2. João Pimenta Gago de Alarcão. § 2.°
2—3. D. Maria Pimenta............ § 3.°

§§ 1° e 2°

2—1. José Pimenta Rendon, acabou solteiro, morto a facadas em Itacuruçá.

2—2. João Pimenta Gago de Alarcão, falleceu solteiro de bexigas.

§ 3°

2—3. D. Maria Pimenta, foi casada com o capitão Jacintho de Sá Barbosa, que teve lavras mineraes no arraial velho, junto ao Sabará. Foi irmão do coronel Antonio de Sá Barbosa, que teve grandes lavras na Roça Grande, freguezia de Santo Antonio, e que falleceu sem geração. Irmão tambem de D. Maria Coutinho, que casou no Rio de Janeiro a furto com o capitão João Ferreira Coutinho com quem se passou para Minas Geraes, e tiveram filhos, o padre Boaventura Ferreira Coutinho, clerigo de boa vida, o padre Francisco Ferreira Coutinho, D. Gertrudes Coutinho,

casada com José Tavares Pereira, capitão em Sabará, natural das Ilhas: com geração.

D. Maria Pimenta e o capitão Jacintho de Sá Barbosa são paes de D. Antonia de Sá Barbosa, mulher de José Pacheco Viegas, que em 1759 existia na Ilha Grande no seu engenho de assucar : de Bento de Sá Barbosa, que viveu e falleceu no Sabará, e casou com D. N. . . . filha do coronel Faustino Ferreira da Silva, e de sua mulher D. Maria da Fonseca Romeira Velho Cabral, natural de Pindamonhangaba, onde casou com dito coronel Faustino Ferreira da Silva, natural de Vianna, irmão direito de Fernando Ferreira de Castro, ajudante da praça de Santos, onde falleceu, e de Felix Ferreira capitão-mór do Caetê.

CAPITULO VI

1—6. D. Pedro Rendon e Luna, ordenou-se de clerigo de S. Pedro. O Exm. bispo do Rio de Janeiro D. José de Barros e Alarcão o fez seu visitador das igrejas das villas da capitania de S. Vicente, e S. Paulo (36).

FIM DO N. 3.

---

(36) Livro dos casamentos da igreja de Taubaté e Guaratinguetá.— Cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro de registros n. 4, tit. 1686 pag. 45.

N. 4

DE

D. PEDRO MATHEUS RENDON CABEÇA DE VACCA.

D. Pedro Matheus Rendon Cabeça de Vacca, tambem se achou na Bahia do Salvador de Todos os Santos, e acabada a guerra contra os hollandezes passou a S. Paulo com seus irmãos (37). Não casou este fidalgo, e, ou se recolheu ao reino de Castella, ou falleceu solteiro. E' certo, que depois de estar em S. Paulo muito annos se passou para a capinia do Rio de Janeiro, onde todos os irmãos se ajuntaram; e se casou, foi n'esta capitania; e não temos certeza alguma do seu estado. A noticia diffundida dos antigos, que se conserva na memoria dos modernos, assevera que se recolhêra para a patria, a cidade de Coria, por ter cessado a causa que a elle e a seus irmãos tinha obrigado a embarcarem para o Brasil, na armada com o general D. Fradique de Toledo Osorio, pelo crime de haverem morto á facadas a um geral dos franciscanos em Castella, estando todos em uma quinta divertindo-se; e fôra acto primo primus este sacrilego attentado contra o padre geral. Não encontramos documento algum, que verifique esta constante noticia, que a communicou em S. Paulo o rev. padre mestre José de Mascarenhas, da companhia de Jesus, que foi um grande indagador de memorias antigas, e unico genealogico das familias da capitania do Rio de Janeiro, S. Vicente e S. Paulo.

FIM

(37) Cartorio 2.° de notas de S. Paulo, livro de notas, titulo 1684, pag. 55.

(*A respeito de D. João Matheus Rendon, pag. 159, irmão segundo de D. Pedro Matheus Rendon, e filho de D. João Matheus Rendon, do n. 1, é preciso advertir, que em Janeiro de 1793 achei no cartorio ecclesiastico de S. Paulo no maço 1° da letra I, n. 15 uns autos *de genere* processados em 1680 no Rio de Janeiro a favor do sobredito D. João Matheus Rendon, pelos quaes consta ser filho de D. João Matheus Rendon e de sua mulher D. Maria Bueno: neto por parte paterna de D. Pedro Matheus Rendon, e sua mulher D. Magdalena de Alarcão; e pela materna neto de Amador Bueno, e de sua mulher Bernarda Luiz. Na petição declara sómente a sua naturalidade, e não a de seus pais e avós. Do dito das testemunhas consta mais alguma cousa. Consta mais dos autos, que era viuvo e passava de 30 annos de idade, e que tinha sido casado com D. Ignez de Oliveira, a qual tinha sido casada com o capitão-mór da Ilha Grande João Bláo (este foi capitão-mór loco-tenente da condessa donataria, como consta de muitos documentos): e porque a mulher dita D. Ignez era viuva quando com elle casou, foi dispensado por um missionario apostolico capuchinho da irregularidade que contrahiu de bigamia interpretativa. Por um requerimento que fez, allega ser tutor dos seus sobrinhos, filhos de seu irmão D. Matheus Rendon, e que como, estando para partir os navios em que elle devia embarcar para Lisboa dentro de dois dias, não cabia no tempo o dar contas da tutoria na Ilha Grande onde se fizéra o inventario, pedia dispensa d'aquella irregularidade, etc. Mas eu creio que houve erro na citação do nome do defunto seu irmão, pai de seus pupillos, porque além de que o nome de Matheus era o appellido proprio d'aquella familia, não consta por outra parte que tivesse outros irmãos varões mais do que D. Pedro Matheus Rendon, o qual falleceu na Ilha

Grande, e D. José Rendon de Quebêdo. D'este se faz menção como testemunha na escriptura de doação de bens para patrimonio que lhe faz Luiz de Vilhena Peixoto. Creio pois com toda a probabilidade que em vez de D. Pedro Matheus Rendon, escreveu-se na petição D. Matheus Rendon, omittindo-se o primeiro nome ; e isto com maior razão, porque em uma certidão, que o mesmo ordinando ajuntou aos ditos autos para mostrar que se livrára de um crime de morte feito na ilha Grande, se declara, que estando João Vaz da Conceição na Ilha Grande e fazenda de D. Maria, cunhado do réo, onde assistia, tendo o réo suspeitas que o dito João Vaz havia de casar com a dita D. Maria, tratou de o matar ; e que sendo na occasião da festa, que se fez em o anno de 670 da dita villa....... E como D. Pedro Matheus Rendon foi casado com D. Maria Moreira Cabral, não póde ser certamente outra D. Maria a que se trata por sua cunhada já viuva, e por consequencia nem outro o irmão fallecido senão o mesmo D. Pedro. A ultima testemunha da sobredita inquirição diz, que conhecêra a D. José e D. Francisco Rendon, filhos do justificante e irmãos de seu pai.

Ora em um livro de notas velho, que se acha em poder do Dr. José Arouche a fl. 16 v., se acha uma procuração bastante lavrada a 27 de Junho de 1690, na qual o capitão Domingos da Siva Bueno, alem de outros procuradores que constitue em diversas partes, tambem constitue ; —e na ilha Grande a D. José Rendon.—Este não era outro certamente, como creio, senão o irmão de D. Pedro Matheus e de D. João Matheus, que se habilitou.

No mesmo sobredito livro de notas a fl. 63, acha-se uma escriptura lavrada a 11 de Julho de 1691 pelo qual toma—o capitão D. João Matheus Rendon—cem mil reis a juros de 8 por cento, dos quaes foi seu fiador o sargen-

to-mór Manoel Bueno da Fonseca. Creio que este foi filho de D. Pedro Matheus Rendon e irmão de D. Francisco Matheus Rendon, e que foi o que falleceu solteiro nas minas de Parnaguá, como se diz a fl. 6 v. d'este titulo ; muito principalmente porque logo na seguinte folha do dito livro de notas se acha uma procuração bastante em nome do mesmo capitão D. João Matheus Rendon, o qual constituia (a 16 de Julho de 1691) na villa de S. Paulo (em que se passava a procuração) por seus procuradores ao major Manoel Bueno da Fonseca, o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, a *D. Francisco Rendon* e *D. Pedro Rendon de Alarcão* ; o qual tambem era irmão do dito D. Francisco Rendon ou D. Francisco Matheus Rendon (as vezes deixavam de pôr o Matheus), e falleceu nas Minas Geraes, como diz a fl. 6 v. d'este mesmo titulo.)

(*Continúa*)

APONTAMENTOS

PARA A

HISTORIA DOS JESUITAS NO BRASIL

Extrahidos dos chronistas da companhia de Jesus

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Socio do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil

(*Continuados da pag.* 101)

Em 1551 chegou ao Rio a armada hespanhola, de que era general Diogo Flores de Baldez, que ia assegurar a entrada do estreito de Magalhães.

Vinha alli um carpinteiro muito destro, Francisco Escalante, que desembarcou e procurou logo o collegio,—porque pedia a companhia. Tambem um pedreiro já velho, de nome João Fernandes, bom homem,—com a noticia da morte da mulher em Portugal, entrou para a companhia (Bahia), e morreu no fim de sete dias.

Parece que foi quem pôz os sinos na igreja do novo collegio.

Prophetisa o padre José d'Anchieta a perda de el-rei D. Sebastião na celebre e mallograda batalha d'Alcacer-quibir (43), declarando ao mesmo tempo que D. Sebastião não morreria no conflicto, e que quanto á sua apparição «—reservava isso Deus pera si.»

(43) B. Telles. Chron. da comp. Part. II, liv. V. cap. X, n. 2.

Morte do padre Francisco Pinto

O padre Francisco Pinto morreu em 1608, sendo companheiro de Anchieta desde o anno de 1582. Depois de muitos gloriosos trabalhos, depois de baptizar muitos milhares d'almas, pereceu ás mãos dos indios em uma de suas entradas ao sertão.

Milagre do mar Vermelho—Que a maré enchendo, para não tocar n'elle que estava em oração na praia, se fez como um muro todo em roda, deixando um esteiro por onde elle podesse sahir (44). Omittimos, para não cançar o leitor, outros casos milagrosos do padre Anchieta, que vêm narrados nos cap. X, XI e XII do tomo II, da *Chronica* do padre Balthasar Telles.

Passou a vida toda com grandes achaques e continuas enfermidades,que todas tiveram a primeira origem n'aquelle mal de costas, que se lhe desencaixaram.

Ajuntaram-se depois com a idade outras varias incommodidades, de fomes, caminhos e outras fadigas quasi quotidianas.

Acrescentou-se a todos estes cansaços, que navegando uma vez, se afundou a canôa em que ia, e sahindo todos á nado, só elle ficou debaixo d'agua por espaço de meia hora — mas como sahiu todo molhado, e lhe foi necesario caminhar logo, de noite, e com muita chuva, por praias, e matejar por aquellas charnecas, se lhe acrescentaram esses achaques a seu corpo, velho, fraco e debilitado, tendo para mór gravame—perpetua falta de somno.

Crescendo a molestia, licenciou-se de governar a outros, como quem já não podia reger sua propria fraqueza (45).

(44) Chron. Part. II, liv. V, cap. XII, n. 2.

(45) Item, cap. XIII, n. 2.

Com licença do visitador, o padre Christovão de Gouvêa, se jubilou do governo da provincia, e o entregou ao padre Marçal Belliarte, havendo sete annos, que era provincial,— Foi isto em 1585, e ainda viveu doze annos.

Continuou sempre em seus exercicios, doutrinando e acudindo aos indios até que de todo cahiu de cama.

Estava elle então na casa do Espirito Santo, d'onde o passaram a uma aldêa de indios, quatorze leguas distante, a vêr se melhorava com a mudança de clima.

Quiz morrer entre os indios, tomou a extrema-unção, e logo entrou em artigo de morte, que lhe durou meia hora, e expirou entre cinco da companhia (46).

Morte de Anchieta

Morreu a 9 de Junho de 1597, com 64 annos d'idade, dos quaos viveu na companhia quarenta e sete, tres em Portugal, e quarenta e quatro no Brasil.

« Divulgada sua morte, foi grandissimo o sentimento em todos os estados de pessoas, chorando todos a perda de um pai commum.—Seu corpo foi mettido em um caixão, sem cal, nem defensivo algum, que preservasse de corrupção e máo cheiro, e em hombros de indios foi levado á nossa casa do Espirito-Santo, com pompa funeral, dois dias depois da sua ditosa morte. Ia o padre João Fernandes, da companhia, revestido d'alva e estolla,e com grande multidão de gente, que lhe iam cantando, ou pera melhor dizer, chorando nas exequias.»

« Chegando o corpo á porta da villa, o sahiram a receber todos quantos havia na terra, assim seculares como religiosos, e com todas as honras funereas possiveis o levaram a enterrar ao nosso collegio.»

« Prégou nas exequias o administrado, que alli tem as

(46) Part. II, cap. XIII, n. 4.

vezes de bispo, e se apellidava Bertolomeu Simões, chamando-o de *Apostolo do Brasil.*—Houve grande abalo nos ouvintes com grande copia de lagrimas, porque todos, vivo, o respeitavam com extranho amor, e morto, o choravam com notavel tristeza.»

Foi sepultado na igreja da companhia, em uma capella dedicada a Santiago, ficando seu tumulo pegado logo ao do padre Gregorio Serrão.

D'ahi á algum tempo, pela fama de suas obras, o geral Claudio Aquaviva mandou que fossem trasladados os seus ossos para o collegio da Bahia,—ficando ahi sua sepultura junto ao altar-mór — « e seus ossos buscados e estimados em Portugal, pelos milagres que faziam nos enfermos de maleitas.»

«Era homem de pequena estatura e ainda parecia menor, por causa das costas que tinha desencaixadas e proeminentes pera fóra : era muito magro por suas muitas penitencias e grandes achaques, as côres morenas e requeimadas, do sol, que de dia muitas vezes soffria, e do sereno, que de noite levava.—Todas estas propriedades assi juntas, faziam ao padre Joseph no exterior mui desprezivel ; porém quem o via e o tratava, logo reconhecia n'elle alguma cousa superior (47).»

Aquelle general da armada de Hespanha, D. Diogo Baldez, que no anno de 1581 chegou ao Rio de Janeiro, lhe tinha grandissimo respeito e fazia quanto o padre lhe pedia, e confessára que a primeira vez que o vira, nunca se lhe representára cousa mais contentivel ; porém que depois tratando-o, nunca em presença de alguma magestade se sentira mais apoucado. »

« Foi homem de grandes talentos, raro engenho, me-

(47) Part. II, çap. XIII, n. 7.

moria fecundissima, teve um animo capacissimo, que a nenhum perigo se sujeitava — e ainda que as forças do corpo, por causa de suas indisposições eram poucas, comtudo foi grande trabalhador e soffredor de trabalho ; com ser tão enfermo, parece que era de ferro.—Com ser tão aspero para comsigo, parecia de cera para com seus subditos : tratava de os persuadir com brandura, não de os domar com aspereza(48).»

Pelos annos de 1640 se estava tratando da sua canonisação, e parece que os autos estavam pendentes da sagrada congregação da Rota.

Anno de 1554

Morte de dois irmãos da companhia.— Pero Corrêa e João de Sousa. O irmão Pero Corrêa, antes de entrar na companhia, residia no Brasil, empregando o esforço de seu braço (pelo qual era conhecido e temido) em fazer injusta guerra áquelles gentios, salteando a uns e captivando a outros, conforme o damnoso costume de muitos portuguezes n'aquelle tempo.— Pediu com instancia a companhia, e foi n'ella recebido pelo padre Leonardo Nunes, na capitania de S. Vicente,—desejando satisfazer com boas obras o mal que tinha feito aos *Brazis* (49).

« Como era mui corrente e o melhor exercitado na lingua da terra, discorria por uma e outra parte rompendo matos, atravessando rios, vadeando alagôas com grandes trabalhos, com excessivas fomes e intoleraveis calmas, com tão abrazada caridade, que de todos aquelles indios era mui amado e estimado, e por lhe terem grande respeito,

(48) Part. II, liv. V, cap. XIII, n. 8.

(49) Idem, cap. LII, n. 1 e 2.

acabava com elles cousas mui difficultosas, prégando-lhes de dia nas igrejas das aldêas, aonde os ajuntava, e de noite pelas choupanas, aonde os buscava, entoando (conforme o costume dos *Brazis*), em altas vozes o mysterio, que lhes queria intimar; e continuava o fervoroso irmão o exercicio d'estes seus brados, pelas portas das choupanas com tanto fervor, que muitas vezes lhe acontecia continuar da meia noite até a romper da alva e nascer o sol ; aceitando aquelles barbaros tão alegres alvoradas, com tal gosto, que tanto que uma vez ouviam a sua voz, que já mui bem conheciam, não queriam mais dormir, pondo-se todos em vigia, e ouvindo com grande applicação e silencio os mysterios de nossa santa fé.»

Certos hespanhoes, vindos do Rio da Prata foram captivados pelos indios. Não duvidou o padre Manoel da Nobrega de o mandar só, confiando que só elle acabaria a obra do santo serviço de Deus (50).

— Chegando o irmão Pero Corrêa, e entrando muito pelo sertão dentro, foi dar com os pobres captivos, e insinuando-se pelo seu modo no animo dos indios, ora com praticas familiares, ora com prégações, facilmente acabou com elles o que queria.

« Teve noticia n'este tempo o padre Manoel da Nobrega de uma nação de gentios, que está além dos *Carijós*, que em sua lingua se chamam *Hirajáras* (bilreiros dos portuguezes), dos quaes dizem ser algum tanto mais domesticos e disciplinaveis que os indios da costa do Brasil , e posto que diffiriam alguma cousa na lingua, o irmão Pero Corrêa com o seu grande zelo, tinha já alcançado o conhecimento de seus vocabulos e modos de fallar por via de um indio, que muito tempo captivára entre elles.»

(50) Part. II, cap. LII, n. 3.

A esta missão foi o padre Corrêa com mais dois companheiros—acrescentando-se « a este principal intento uma obra de caridade, qual era levar em sua companhia certos castelhanos nobres, que com suas familias tornavam para o Rio da Prata, e só com a presença do irmão Pero Corrêa se davam por seguros dos indios *Tupís*, que por serem contrarios aos indios *Carijós* (com quem os castelhanos tinham amizade) se temiam estes que n'elles fizessem presa.»

« Postos em salvos os dois castelhanos, começou o bemaventurado irmão a prégar a lei de Christo por todas aquellas terras, persuadindo aos *Tupís* a paz com os *Carijós*, seus fronteiros, pera d'esta maneira mais facilmente cultivar a uns e outros com a prégação do Evangelho. Tão boas razões lhes deu o irmão, que os persuadiu á paz e a fazerem de novo uma grande povoação pera todos juntamente aprenderem as cousas da santa fé; logo, contra seu barbaro costume lhe entregaram dois *Tamoyos*, gentios, seus contrarios, que já tinham em cordas presos, e bem cevados pera os levarem ao matadouro. »— Deram mais um hespanhol tambem prisioneiro, mas este tão enfermo e maltratado que, por compaixão, lhe deixou um dos dois religiosos, que comsigo levava, para o tratar.

« Prosseguiu seu caminho com o outro irmão, chamado João de Sousa, entrando pelo sertão a dentro, prégando entre aquelles barbaros á fé de Christo.»

Havia n'aquellas terras um castelhano que servia de lingua, ao qual um padre da companhia por nome Manoel de Chaves, tinha dado a liberdade e a vida, alliviando-o das mãos dos barbaros *Tupís*, que n'elle queriam fazer presa.

Estava juntamente captiva uma india, com a qual o castelhano, antes de captivos pelos barbaros, vivia em peccado.

O padre livrou tambem a esta, casando-a com outro.—O castelhano fez extremos para tornar a haver a sua india, e cégo de ira e ciume resolveu perseguir o padre e seus companheiros a ferro e fogo. Já tinha partido o padre Manoel de Chaves.

Sabendo pois que tinha chegado a aquella aldêa dois religiosos, juntou os barbaros, mettendo-lhes em cabeça que aquelles vinham como espias dos *Tupís,* e que convinha matal-os, porque os não enganassem.

« Ei-los subitamente amotinados! bradam, assobiam, convocam as tribus, tomam seus arcos e frechas, poem-se todos em som de guerra, e logo com impeto diabolico e furia infernal, lhes tomam o caminho aos dois prégadores do Evangelho, cercam-n'os, dão vozes e alaridos.»

« Vinha o irmão João de Sousa com um cestinho de pinhões nas mãos, que era o viatico e provisão pera o caminho aos *Hirajáras :* — apenas teve tempo de se pôr de joelhos, e com as mãos postas, atravessam-n'o de frechas e expirou!

— Este, antes de entrar para a companhia, fôra creado de Thomé de Sousa— e foi recebido n'ella pelo padre Manoel da Nobrega.

Emquanto o irmão João de Sousa de joelhos recebia a morte — o irmão Pero Corrêa fallava aos barbaros — que advertissem que não mereciam a morte.— Não attenderam nem se abrandaram. Descarregaram as frechas tambem sobre este que só teve tempo de largar o bordão para mais facilmente levantar as mãos ao céo, e assim em pouco acabou a vida.

Anno de 1555

O padre Dr. Martim d'Olhave tratava de introduzir a

companhia em França. Henrique II remette as bullas e letras pontificias á Sorbona (51).

« Em resolução na universidade de Paris, a faculdade dos theologos sorbonicos sahiu com um decreto mui pesado e offensivo contra a nossa religião; porque n'elle entre outros cargos que nos punham, nos chamavam perturbadores da paz commũa, semeadores de discordias, homens prejudiciaes a toda a igreja de Deus, desobedientes aos prelados, suspeitos a fé catholica, e que recebiamos entre nós gente aviltada e infame; e que finalmente mais tinhamos vindo ao mundo pera destruição, que pera edificação (52). »

Loyola tratou de haver um testemunho publico dos mais reinos da christandade, onde já estava a companhia.

N'esse anno de 55. — D. João III, escreveu ao bispo conde D. João Soares (53).

Reverendo bispo.— « Eu tenho muita affeição aos padres da companhia de Jesus pelo grande louvor que se segue a Deus Nosso Senhor, proveito espiritual ás almas, e a mim muito serviço, e a todos meus reinos e senhorios grande consolação do religioso exemplo, virtuosa vida, conversão, doutrina, industria e zelo do amor de Deus e das almas, que os padres e pessoas da companhia tem mostrado e mostram cada dia em meu reino, desde o tempo que ha que n'elles edificam collegios da companhia, com que têm feito e fazem muito fruito, de que eu tenho

(51) Part. II. Liv. VI, cap. XIIII, n. 4.

(52) Idem, idem, n. 5.

(53) Idem, cap. XV, n. 1.

recebido e recebo muito contentamento e serviço, e lhe sou por isso em muita obrigação, pelo que vos encommendo muito que por isso assim ser, como sabeis, queirais dar d'isso vossa fé e testemunho por escripto, e de como sabeis de quanta qualidade e exemplo são as pessoas que em a dita companhia se recebem, etc.»

Foi o padre Diogo Miram provincial tres annos, succedendo-lhe em 1555 no cargo o padre Dr. Miguel de Torres (54).

Nos annos em que foi geral o padre S. Francisco de Borja—Diogo Miram exerceu em Roma o de assistente de Portugal, e das provincias da India e do Brasil.

Chega o padre Balthasar Telles com a sua *Chronica da Companhia* até aqui, isto é, até 1556 ou a dezesete annos da companhia de Jesus, tratando dos jesuitas no Brasil até o cap. 52, do livro V, n. 13, pag. 506 do tomo II.

Simão de Vasconcellos. — Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil (55).

Nasceu Nobrega de pais nobres: passou a Coimbra, onde estudou humanidades. D'ahi a Salamanca, onde principiou os seus canones (a que sempre foi inclinado). Voltou a Coimbra, onde tomou o grão de bacharel formado em canones (56).

(54) Part. II, cap. XXI, n. 1.

(55) Extractos da 1.ª edição de 1663. Seu autor, o padre Simão de Vasconcellos vestiu roupeta na Bahia, e foi lente de theologia e provincial da ordem no Brasil, e segundo o douto e monumental *Diccionario Bibliographico Portuguez*, nasceu o padre na cidade do Porto em 1597 e morreu na do Rio de Janeiro a 22 de Setembro de 1671. Além da *Chronica da Companhia* escreveu outras obras como se verá á pag. 286 do 7.° volume do cit. *Dic. Bib.*

(56) *Chronica da Companhia*, liv. 1.° n. 8 pag. 8.

« Vagára uma collegiatura na universidade: era costume levar-se esta por opposição : oppôz-se a ella o padre Manoel da Nobrega, já então sacerdote de missa, supposto que a juizo dos melhores, fazia elle ao seu oppositor conhecidas vantagens, ficou comtudo aquelle victorioso e Nobrega regeitado (57). »

« Determinou despicar-se com o mundo, affrontal-o, repudial-o, como o mundo o fizéra com elle.» Entrou no collegio de Coimbra em 1544.

Entrou com toda a alma e zelo pelos pobres. Depois d'elle partido, por muito tempo ainda se fallou no *padre Gago*, que assim o chamavam por ter alguma cousa de impedimento no fallar.

« Não cabia em um só collegio, em uma só cidade zelo tão grande. Sahia com licença dos superiores a desafogar em missões por diversas partes do reino, e ainda dos de Galliza e Castella. » Partiu de Coimbra com um bordão na mão e o breviario pendurado do braço, sem mais outro viatico, caminhando a pé, o vestido mui roto e desprezivel.

A este escolheu o padre-mestre Simão Rodrigues para o substituir na empreza do Brasil. Mandaram-n'o chamar das continuas missões em que andava, mas por mais pressa que se deu, já o governador tinha partido com os seus companheiros, quando elle chegou a Lisboa. Eram estes companheiros :

o padre Leonardo Nunes.
o padre João d'Aspilcueta Navarro.
o padre Antonio Peres, e os irmãos
Vicente Rodrigues,
Diogo Jacome.

Embarcou-se na formosa náo de Antonio Cardoso, que

(57) *Chron. da Comp.* Liv. I, n. 9.

ficára esperando por elle, até se encontrar com a frota, onde passou-se para a náo do governador (58).

Thomé de Sousa, «mui experimentado nas guerras d'Africa e da India, nas quaes partes se tinha portado valoroso cavalleiro, e mereceu fiar d'ello el-rei empreza tão grande.» Partiu de Lisboa a 1.º de Fevereiro de 1549.

Na frota, prégando, praticando, fazendo procissões, prohibindo jogos, juramentos, chamando aos sacramentos, em breve reformou Nobrega a frota (59).

Narrando o padre Simão de Vasconcellos o caso da cabeça de peixe (60),—cita em seu abono e para isso a *Chronica* do padre Balthazar Telles, e conclue : « Conciliou o caso assi pera com o governador como pera com toda a náo conceito de santo a Nobrega; e á volta d'esta opinião obrava em bem de suas almas grandes cousas. » (61).

Em fins de Março ou, como querem outros, em principios de Abril, avistaram signaes de terra. Segundo Orlandini chegaram á Bahia com 66 dias de viagem.

Descripção da Bahia (62).

Tem um golpho de trinta e seis leguas de circumferencia : « é estancia fiel pera navios, abrigada dos ventos e tempestades do oceano. Dentro de uma barra real de mais de duas leguas de largura (limpa, funda, navegavel), entrada segura para galeões e náos da India, sufficiente pera todas as armadas do mundo, entresachada de aprazíveis

(58) *Chron. da Comp.* liv. 1.º n. 24, pag. 26.

(59) Veja-se a nota A no fim da obra.

(60) *Chron. da Comp.* liv. 1.º, n. 26.

(61) Veja-se a nota B in fini, citada na *Introducção*.

(62) *Chron.* liv. I, n. 28.

ilhas, tantas em numero,que se assevera passam de cento.» Do sertão vêm pagar-lhe tributo os grandes rios : Piraia Matuim, Parnámerim, Seregipe, Paraguaçú, Jagoaripe.»

« Veem-se hoje todas estas bahias e margens de rios cercadas de rica lavoura de canna de assucar, quasi innumeraveis, fazendas á beira dos rios, commercio a todas estas lavouras, — todas com porto e sahida em alegre confusão. »

Quando escrevia o padre Simão de Vasconcellos, contavam-se sessenta e nove engenhos, que representavam outras tantas villas para onde vai-se em barcos, escusando carros e cavalgaduras.

Os moradores naturaes da terra por natureza são liberaes, engenhosos, magnanimos e dadivosos.

Que o primeiro descobridor da Bahia, Christovão Jaques, quando alli chegou, encontrou duas náos de francezes, as quaes, por não quererem largar o porto, metteu no fundo, com gente e fazenda. Estavam estas náos a regatear com os indios (63).

O primeiro governador Francisco Pereira Coutinho, destro nas guerras da India, despeja a terra, depois de oito annos de guerra com os *Tupinambás*. Voltando dos Ilhéos aonde se tinha acolhido do naufragio, e é tomado e morto pelos selvagens (64).

D'aqui veiu tomar o rei para si a capitania, assim como a Bahia, que por doação posterior ficára pertencendo ao mesmo povoador Coutinho.

Caramurú—« Assentou suas casas n'aquelle raso, que hoje se vê em Villa-Velha, além de N. S. da Victoria, cujas ruinas *ainda agora* dão signaes.»

(63) *Chron.* liv. 1.° n. 33, pag, 34.

(64) Idem n. 34.

Pedro Fernandes Sardinha, despachado vigario geral para a India, depois veiu por primeiro bispo do Brasil.

Uns castelhanos navegando para o Rio da Prata, foram dar á costa em Boipeba, depois chamada a *Ponta dos Castelhanos*. Caramurú salvou-os; e elles voltando á Hespanha, foram causa de Carlos V escrever a Caramurú uma carta de muitos favores.

D'este *naufragio* ou *encalhe* salvou um indio uma imagem (pintura) de Nossa Senhora.—Caramurú fez-lhe casa sob a invocação de Nossa Senhora da Graça.

Por este tempo Martim Affonso de Sousa, indo para a India, arribou a este porto. Vinham com elle alguns religiosos, que baptizaram os filhos de Caramurú.—Então, e na mesma occasião, uma d'ellas se casou com Affonso Rodrigues, de Obidos, e a outra com Paulo Dias Adorno, fidalgo genovez, que tinha vindo de S. Vicente por causa de um homicidio.

Thomé de Sousa desembarcando, demandou o lugar chamado «Villa-Velha» sitio aprazivel e d'onde se descobre a formosura de toda a Bahia. Veiu marchando em som de guerra, armados os seus em ordem de peleja, já por se não confiar dos indios, já para mostrar o poder com que vinha.

Alli se demorou um mez em quanto se demarcava o sitio para a nova cidade.

Trazia mil homens, seiscentos soldados, quatrocentos degradados. O ouvidor geral Pero Borges e provedor-mór do Estado Antonio Cardoso de Barros.

Desembarcaram tambem os jesuitas, alojaram-se junto do arraial e celebraram o primeiro sacrificio, o mais solemne que poderam, em acção de graças. Erigiram a cruz.

Diz o autor que o padre Nobrega «levantando os olhos do alto d'aquella eminencia por todo o grande contorno

da Bahia, alcançou que tudo eram estancias de indios barbaros, e que com a mesma frequencia habitavam pelo interior do sertão, em tanta quantidade,que podia duvidar-se quaes eram mais, se elles ou as folhas das arvores.»

Eram impedimentos para a conversão: Primeiro, não haver sacordotes, mas a pedido do governador e de todos começaram á prégar, confessar, desobrigar e os mais officios de parocho os padres da companhia. Segundo, não sabiam a lingua, nem tinham interpretes. Terceiro, por andarem os indios em guerra entre si, e muito d'elles com os portuguezes, sendo as causas d'ella o que segue.

« A raiz d'ellas sabe-se que foi antiga, desde os primeiros fundadores das capitanias... porque foram notando os naturaes da terra em nossos portuguezes, outra intenção mui differente da com que aportaram a ella em Porto-Seguro. Então tratavam com elles como hospedes, mostravam alegrar-se com sua presença e enchiam-n'os de favores e mimos; porém agora haviam-se como inimigos, pretendiam desterral-os de suas patrias, fazerem-se senhores d'ellas e inda de suas liberdades. Para remedio d'estes males e defensão sua natural, passaram palavra por toda a costa do Brasil, e confederaram-se as nações, suspendendo os arcos que maneavam uns contra os outros, passando a força d'elles contra os portuguezes, inimigo commum.»

Entraram depois em concertos de paz: foram os primeiros os *Tobayaras* e *Tupinambás* da Bahia, e os *Tobayaras* de Pernambuco, os *Tamoyos* do Rio, receiosos tambem dos *Potiguáras* e *Tapuyas*, que lhes ficavam sobre as costas (de cuja amizade jamais se fiavam).

Estes ficaram exasperados, mais no fim do tempo, vieram tambem a imitar os outros.

« Duraram estas pazes, em quanto durou a paciencia

nos indios ; porque a gente portugueza não contente com senhorear a terra, passava senhorear as pessoas, e como em caso da liberdade natural, todo o homem por mais tosco que seja, acuda por si, houveram de tomar a rompimento muitas d'estas nações.»

« A primeira traça com que sahiram os padres foi fazer familiares (ainda á custa de dadivas e mimos) os meninos filhos dos indios, porque estes por menos divertidos e por mais habeis que os grandes, em todas as nações do Brasil, são mais faceis de doutrinar, e doutrinados os filhos, por elles se começariam a doutrinar os pais.»

Com os meninos, a volta da doutrina, iam tambem elles aprendendo a lingua do paiz.

Fizeram ou fizeram-se taes quaes pazes. « No entanto não era o seu trabalho sem fructo, salvando as almas de muitos innocentes, e de velhos e enfermos que baptizavam *in extremis*.»

Passado o mez de Abril, o governador mudou-se para o sitio onde demarcava a nova cidade (65). Todos occupados em fazer suas casas, e as obras publicas, e as fortificações, porque não se confiavam muito dos indios. Os padres se mudaram tambem para o lugar onde fizeram a igreja, depois reconstruida, de N. S. da Ajuda. Elles, como todos, iam ao matto, cortavam madeiras, acarretavam-n'as, eram os mestres de taipa—mas o mór rigor era que havia grande falta de sustento corporal—andavam esmolando, e achavam pouco, porque a necessidade chegava a todos. Iam tambem á fonte para agua e ao matto para lenha, etc.

« Depois chegando sacerdote do reino, entregaram-lhe a casa,igreja e vigararia, e passaram-se para fóra da cidade, no monte chamado Calvario, onde depois se edificou o mosteiro do Carmo.

(65) *Chr. do Comp.* liv. 1.º n. 46.

« N'aquelle tempo era este sitio o principal assento das aldêas dos indios, por seus bons ares, visinhança do mar e outras melhorias, que n'elle conheciem.»

As difficuldades, com que lutavam, os padres eram impedir que os indios comessem carne humana, tivessem muitas mulheres, e conservassem odios entre si, vivendo em guerras, feiticerias e excessos de vinhos, sobre tudo a ignorancia em que estavam da lingua. O padre João Aspilcueta Navarro « sahiu em breve tempo sufficiente para prégar n'ella, e foi o primeiro que pôz na lingua geral algumas orações e dialogos da nossa santa fé. »

Viam a cada passo diante de seus olhos aquella carneceria nefanda, ouviam as solemnidades das festas com que imitavam, e distribuiam como em açougue, a carne de seus inimigos.

Gostavam d'ella : primeiro, porque suppunham-n'a o manjar mais saboroso e vital que havia no mundo ; segundo, por vingança ; terceiro, por supporem que a maior gloria que póde ter um homem n'esta vida é captivar um contrario seu, ceval-o, chamal-o á terreiro, e matal-o ao som de vivas, applausos e dansas.

« Contava um padre de nossa companhia, grande lingua brasilica, que penetrando uma vez o sertão, chegando em certa aldêa, achou uma india velhissima, no ultimo da vida, cathequisou-a n'aquelle extremo, ensinou-lhe as cousas da fé e fez compridamente seu officio. Depois de haver-se cançado em cousas de tanta importancia, attendendo á sua fraqueza e fastio lhe disse (fallando á moda seu da terra) « Minha avó (assim chamam as que são muito velhas) se eu vos déra agora um pequeno de assucar ou outro bocado de conforto de lá de nossas partes do mar, não o comerieis ? Respondeu a velha, cathequisada já « Meu neto, nenhuma cousa da vida desejo, tudo já

me aborreceu ; só uma cousa me poderá abrir agora o fastio. Se eu tivéra uma mãozinha de um rapaz tapuya de pouca idade, tenrinho, lhe chupava aquelles ossinhos, então me parece tomára algum alento ; porém eu (coitada de mim) não tenho quem me vá frechar a um d'estes.»

Tiram um dia um morto do poder das velhas, ellas gritam, instigam os homens, o apellidam-n'os covardes e fracos, elles tomam armas, vêm contra os padres, mas estes já se tinham recolhido a umas pobres casas de barro, onde hoje é o collegio. Acommettem a cidade, o governador acode com o presidio, e os fazem recuar com as armas de fogo, como atraz fica dito, na *Chronica* do padre B. Telles (66).

Os portuguezes criminam os padres que o *resgate* dos indios era o remedio dos homens (isto parece quanto a mim, queixa posterior), porque nas guerras estava a salvação de todos, e o commercio e a alimentação d'elles.

Esta aldêa pede paz, nas outras pedem os padres para baptizarem os captivos, mas os indios aceitam-n'o com grande constrangimento, porque acreditavam que o baptismo tirava o gosto á carne, e por isso rescindem os da aldêa o contracto

Vão então os padres ás aldêas á pretexto de assistirem as suas festas, e os baptizam á surelfa.

Aqui repete o autor o caso, já narrado pelo padre Balthasar Telles, do feiticeiro com o padre Manuel da Nobrega (67). Appareceu então uma epidemia que naturalmente havia de atacar com mais força os indios que andavam com os portuguezes, pela mudança de habitos (68).

(66) *Chr. da Comp.* liv. 1.° n. 51.

(67) Idem, n. 55.

(68) Idem, n. 57.

Crêm elles no entanto que vinha do baptismo; mas o padre Nobrega conseguiu debellar o mal com applicação de sangrias.

Correu a noticia que na capitania de *S. Vicente* havia grande desamparo da doutrina de Christo; porque os portuguezes, que já alli estavam e começavam a povoar aquelle lugar, viviam á modo de gentios, e os gentios, á exemplo d'estes, iam fazendo maus conceitos dos christãos, sobre tudo que viviam aquelles portuguezes de um trato vilissimo, salteando os pobres indios, ou nos caminhos, ou em suas terras, sendo muitos d'estes christãos baptizados por certos religiosos de S. Francisco, castelhanos, que por successo de viagem, tinham estado com elles algum tempo na paragem a que chamam dos *Patos* (Santa Catharina(69).

O padre Nobrega mandou a isso o padre Leonardo Nunes, e o irmão Diogo Jacome: partiram elles da Bahia em 1.º de Novembro de 549, com provisões efficazes do governador Thomé de Sousa (70).

Fizeram escala pela capitania do Espirito-Santo, que já então era principiada, e receberam por noviço o irmão Matheus Nogueira, ferreiro de officio.

Eis como descreve o padre Simão de Vasconcellos a capitania de S. Vicente (71); — Terreno fecundo, abundantes searas de trigo e fecundas vinhas. Esta capitania era a fartura de todo o estado de carnes e trigo—todo o genero de metaes, principalmente ouro, e *d'este se bate hoje moeda.*

Martim Affonso em uma armada á sua custa, andou son-

(69) *Chron. da Comp.*, liv. I, n. 58.
(70) Idem, n. 61.
(71) Idem, n. 62.

dando até o Rio da Prata—fundou a villa de S. Vicente, em porto que senhorea duas ilhas, com duas barras, a do norte que fortificou com uma torre que chamam Bertioga, e a do sul com outro forte. A duas leguas de S. Vicente fundou Santos. Em S. Vicente foi onde primeiro se fez assucar na costa do Brasil, e d'onde as outras se proveram de cannas e vaccas para criação.

Diz o autor que os indios de S. Vicente, taes como os *Tapuyas*, *Carijós*, *Pátos*, e *Goyanases*, se foram afastando para o sul (72).

« Os costumes dos portuguezes, moradores que então se achavam n'estas villas, vinham a ser como os dos indios, porque sendo christãos viviam á moda dos gentios.

« Na sensualidade era grande a sua devassidão, amancebando-se ordinariamente de portas á dentro com suas proprias escravas indias, ou fossem casados ou solteiros, » — ladainha de que não confessavam, nem frequentavam os sacramentos, nem jejuns, nem nada. Conclue assim o chronista :

« Vivia-se de rapto de indios,e era todo o officio de assaltal-os por valentia, e por elle eram os homens estimados.»

Era este o estado de cousas, quando chegou áquella capitanía o padre Leonardo Nunes com o companheiro.

Foram os padres recebidos em S. Vicente com grande alvoroço (73).

« Começaram a fabricar-lhes casas e igrejas, folgando cada um de entrevir no trabalho d'ellas, trazendo as madeiras e mais materiaes a seus proprios hombros, ainda os mais graves da terra como por causa sagrada.

« Era o padre Leonardo Nunes varão descarnado de

(72) *Chron. da Comp.* liv. I,n. 65.
(73) Idem, n. 66.

todos os affectos humanos, mortificado, pobre, humilde, prudente, paciente (74). »

O exemplo bastava para os converter.

Viam o padre Leonardo pedindo esmola, pobremente vestido, talvez descalço, nas praças, nas praias, nos campos, doutrinando aos filhos, aos escravos, na casa do pobre e do rico, do peccador, do sensual, de salteador, fazendo amizades, alcançando perdão, prégava no pulpito, dizia missa aqui e duas e tres legoas mais adiante, outra vez missa no mesmo día, e doutrina e sermão, de noite, de dia, pelo relento, pela calma,—chamaram-lhe os indios *Abarê Bebé —padre que vôa.*

Reformam-se, casam-se, etc. Testemunha isto o padre Anchieta com sua affirmativa.

Para o ajudar, começou elle a receber noviços, que sabiam bem a lingua, ou que a podiam aprender facilmente (75).

« Em primeiro lugar, a Pedro Corrêa e Manoel de Chaves, homens principaes, moradores na terra, de muitos annos do Brasil e muito grandes linguas. »

Apoz estes, alguns moços pequenos, europêos ou mestiços, entre estes, os que principalmente provaram bem, foram João de Valle e Gaspar Lourenço.

« O irmão Pedro Corrêa foi pondo em estylo da lingua da terra a summula da doutrina christã. »

O padre Leonardo, em companhia de um dos mais robustos irmãos, boa lingua, entrou pelo sertão, atravessou as serras, e conseguiu que os indios lhe entregassem os filhos, que trouxeram para S. Vicente.

Formou então um seminario com alguns orphãos, vindos

(74) *Chron. da Comp*, liv. I, n. 68.
(75) Idem, n. 70.

de Portugal, mestiços da terra, e estes indios, ensinando-lhes a estes o portuguez e ainda o latim a alguns mais habeis.

Para os sustentar, o irmão Diogo Jacome levantou um torno, fazia corôas e rosarios de páo. Outros irmãos aprendiam a fazer sapatos, « que vendiam a alguns dos homens ordinarios, e de que usam para caminhos asperos, e para isso punham de molho quinze ou vinte dias, *gravatás* ou *coroatàs*, depois tiravam as *cascas* ou estrigas e com elles teciam as taes alpercatas (76).

Outro se fez official de carpinteiro.

O irmão Matheus Nogueira, que tinha vindo do Espirito-Santo com o padre Leonardo, usava de seu officio de ferreiro « fazendo anzoes, cunhas, facas, e o mais genero de ferramenta com que acudia grandemente ao sustento dos meninos. »

« E d'este tempo ficou introduzido trabalharem os irmãos em alguns officios mechanicos e proveitosos á communidade, por razão da grande pobreza em que então viviam. »

Esta tranquillidade não durou muito. O padre Leonardo trouxéra provisão do governador geral, « em que mandava fossem restituidos os indios que os portuguezes haviam cativado contra justiça, ou em caminhos, ou em suas terras, ou d'outro qualquer modo em especial os christãos, que tinham doutrinado e baptisado os religiosos de S. Francisco (castelhanos) para que fossem todos postos em sua liberdade. »

O padre, ao chegar, conseguiu isso d'alguns moradores, mas logo arrependidos, começaram a murmurar dos padres, a perseguil-os, tirando-lhes as esmolas, « e dizendo d'elles cousas que sua paixão lhes dictava. » Recompozeram-se

(76) *Chron. da Comp.*, liv. I, n. 72.

as cousas porém mal. Outras amarguras estavam apparelhadas ao padre.

Um homem tão velho na idade, como envelhecido nos vicios da carne, « vivia amancebado e com filhos. O padre préga-lhe e este aborrece-o,e segundo as expressões pouco sombreadas do padre S. de Vasconcellos até na igreja o persegue.

Esperou o peccador no meio da rua, quer-lhe dar com um páo. Um filho mette-se de permeio. O homem arrepende-se, e morre com mais de cem annos. Sobrou-lhe a *cêra do enterro*, o que se attribuiu á salvação do homem.

João Ramalho, « homem por graves crimes infame e então excommungado» é posto pelo padre Leonardo fóra da igreja, pelo que dois filhos d'este quizeram vingar a injuria do pai, e o esperaram á porta da igreja.

O padre ajoelha-se, os homens não ousam feril-o.

Resgata do poder dos *Tamoyos* umas mulheres de portuguezes, que elles tinham no cévo. O irmão Pedro Corrêa, que era grande talento e extremado lingua, a quem o padre Leonardo levára comsigo para esta expedição, conseguiu este milagre.

Fez o padre Leonardo outra viagem aos indios dos *Patos*, d'alli a cem leguas, porque « indo ter áquella paragem certos fidalgos castelhanos com suas familias, que navegavam pera o Rio da Prata (então inimigo), por meio da presença do padre Leonardo, cuja autoridade era conhecida e venerada entre aquellas gentes, que vieram a amansar-se.»

Deram os castelhanos com elles, voltaram para S. Vicente até que « houve occasião opportuna de proseguirem a sua viagem. »

Tinha o padre Leonardo convertido a capitania de

S. Vicente, quando em 1553 o foi visitar o padre Nobrega pela primeira vez.

No anno de 1550, chegou a armada a Bahia, com o galeão chamado « o *Velho* » e outros menores com gente e soccorro para a nova cidade do Rio de Janeiro. *Mariz* suppõe que então veiu tambem o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro do Brasil, com clerigos e « quantidade d'ornamentos pera o culto de sua Sé (77). »

S. de Vasconcellos diz que viu nos livros da fazenda que « o seu provimento é de 4 de Dezembro de 1551, chegou ao Brasil em principios de 1552, e morreu a 16 de Junho de 1556.»

N'aquella armada de 1550, de que era capitão Simão Gama vieram quatro padres:

Affonso Braz,
Salvador Rodrigues,
Manoel de Paiva,
Francisco Peres.

mandados por ordem do geral Ignacio de Loyola, o qual nomeára n'esta occasião para vice-*provincial* do Brasil o padre Nobrega (78).

O padre Nobrega tinha para si que todo o espirito dos missionarios do Brasil se devia reduzir a dois pontos: *Mortificação* e *obediencia*.

Mandou pois vender o padre Manoel de Paiva, á pretexto de necessidade, com pregão publico pelas ruas.

Quem quer comprar este homem que é já sacerdote, e póde servir para muitos usos ? »

O pregoeiro era o padre Vicente Rodrigues, e o pregão continuou por alguns dias.

(77) *Chron. da Camp.*, liv. I, n. 80.
(78) Idem, n. 81.

O governador Thomé de Sousa propôz o caso ao ouvidor Pero Borges, accrescentando « Eu nunca vi vender sacerdote de missa, mas como vejo que os padres o fazem, não ouso condemnal-o.»

Que já promettiam cem cruzados e que os moradores de Villa-Velha subiam no lanço, porque o queriam para capellão.

Depois d'esta prova, mandou-o que se deitasse de um monte ingreme, e o padre Paiva, já o ia fazendo, sem detença, quando o susteve !

Ao padre Vicente Rodrigues mandou, que entrasse de discipulo em casa de um tecelão, e com elle morasse até sahir perfeito no officio.

Ao padre João Aspilcueta Navarro, que era confessor do governador, «mandou que se fosse disciplinando pelas ruas até chegar á praça do governador, que folgaria de ver penitente tão destro. (79)»

« Havia ainda n'este tempo, grande corrupção de costumes, assim na gente portugueza como nos indios. Os portuguezes licenciosos com a vida soldadesca vecejaram em vicios publicos, que serviam de escandalo a toda a terra. Os indios estavam ainda pertinazes no peior dos seus vicios, e com mais força nos que são mais conformes á carne.»

« Com um portuguez degradado, nobre no sangue, mas infame nos vicios e escandaloso em toda a cidade, importunou-o a ponto que o homem perdendo a paciencia, lhe disse que em vez de lhe estar quebrando a cabeça, faria melhor em limpar-lhe o ourinol, e ir-lhe á fonte para agua. Assim o fez o padre mui promptamente.(80)

(79) *Chron. da Comp.* liv. I, 85.
(80) Idem, liv. I, n. 86.

Rendeu-se, prometteu emenda, e chegou a viver como religioso, recolhendo-se a sombra dos padres.

Com outro commetteu a empreza do padre Navarro, que era do solar dos Aspilcuetas do reino de Navarra e ainda aparentado dos Loyolas. Do tal diz Vasconcellos : «Eram mais illustres que elle seus vicios, commettidos assim em Portugal, como no Brasil, malfeitor, arrogante, soberbo, desbocado, sem temor de Deus, nem dos homens, em cabo desalmado.»

Cahiu doente, estava em uma choupana fóra da cidade. O padre offereceu-lhe os seus serviços, aceita-os como cousa devida á sua pessoa. Malcreado de si e mais com as impertinencias da molestia, reprehendia o padre, que nada fazia a seu gosto, sempre era o que era etc. O padre acoita-se detraz de um crucifixo, elle o atalha, chora e rende-se.

Com os indios das aldêas d'entorno da Bahia se occupava o padre Navarro, que já era grande lingua.

Persuadia-lhes que edificassem capellas e igrejas para receberem doutrinas, o que elles fizeram contentes, por imitarem os portuguezes.

O outro mal era que viviam sempre *vagos*, como homens que do arco tiravam o sustento.

O padre Navarro para doutrinal-os usou da seguinte traça : «Ia esperal-os sobre a tarde, a tempo que vinham carregados com suas caças, dava-lhes as boas vindas, e os parabens do successo aos que tiveram boa dita. Dizia-lhes que descançassem e ceiassem muito embora com suas familias ; e quando já estavam descançados e satisfeitos, em entrando a noite, começava elle a despregar a torrente da sua eloquencia, levantando a voz e prégando-lhes os mysterios da fé, andando em roda d'elles, batendo o pé, espalmando as mãos, fazendo as mesmas pau-

sas, quebros, esgares e espanto costumados entre seus prégadores, pera mais os agradar e persuadir. Arrebatavam-se de sua grande eloquencia etc.»

Acabou tambem com os indios, que levantassem em duas aldêas principaes duas casas, aonde se ajuntasse seus filhos e os das mais aldêas, á imitação do outro seminario que o padre Nobrega levantára junto a cidade.(81) Aprendiam, cantavam, transmittiam a doutrina e o ensino aos pais.

Por mandado dos padres rezavam o Padre Nosso sobre os doentes, e muitos curavam ! Como esta superstição ha muitas mais.

Diz o padre S. de Vasconcellos : que a conversão dos indigenas parecia vinculada na gente Aspilcueta ; pois que João Aspilcueta era parente ou aparentado de S. Francisco Xavier(82).

Junto a cidade da Bahia, Nobrega tinha fundado, como já disse, um seminario, onde recolhêra muita quantidade de meninos indios e mestiços da terra. De todas as partes concorriam outros em tanto numero, que parecia impossivel sustental-os. Os mais provectos sahiam em procissão pelas ruas, entoando em solfa as orações e mysterios da fé na lingua da terra(83).

O padre Vicente Rodrigues muito doente ha mais de anno, não tem obreiros que o ajude. Manda-lhe o padre Nobrega, «que em virtude da *santa obediencia*, lance fóra a molestia e vá acudir ao proximo». Assim o fez o padre'; d'esde esse instante melhorou e veiu a ficar bom.

(81) *Chron. da Comp.* liv. I, n. 91.
(82) Idem, n. 92.
(83) Idem, n. 93.

Em 1551 veiu nova armada, igual a do anno passado, em soccorro á cidade de S. Salvador, sendo capitão d'ella Antonio de Oliveira, em quem encabeçou a alcadaria-mór da cidade, que permaneceu nos seus descendentes até o anno em que Vasconcellos escrevia a sua *Chronica* (84).

Vinha na armada quantidade de homens degradados e orphãos, que a rainha D. Catharina mandou para se cazarem e povoarem a terra.

N'este anno de 1551 mandou o padre Nobrega ao padre Affonso Braz que fosse á capitania do Espirito-Santo. Fundada esta em 1525 por Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo valente e dos mais nobres de Portugal. Concedeu-lhe D. João III cincoenta leguas por costa, começando d'onde acabasse a data de Pedro de Campos, donatario de Porto-Seguro, correndo ao sul, isto pelos serviços que na India lhe fizéra a elle rei.

Fez o donatario uma armada com gente e aprestos necessarios para defensão da terra, com sessenta homens nobres, creados de el-rei, entre elles D. Jorge de Menezes e D. Simão de Castello-Branco. Entrando no porto, lançaram a gente á mão esquerda, junto ao monte de Nossa Senhora, fundaram aqui a villa chamada «Velha» sob a invocação do Espirito-Santo.

Para tomar posse da doação, travou guerra com os *Goyanàs* de uma parte e com os *Tupinanquis* da outra, d'onde uns se renderam e outros se retiraram, e deram-lhe espaço para á fundação da villa da Victoria.»

Está a villa em lugar commodo, defensavel, cercado de aguas, armada de penedia horrivel por a natureza, habitavel por arte, arredores de terra fertil, capaz de grandes can-

(84) *Chron.* liv. I, n. 94.

naviaes, campos amenos, retalhados de rios e fontes, matos, delicias de cheiros, balsamos, *copaigbas*, almecegas, sassafrazes, jutahy, etc. montes prenhes de ricas minas de pedras finas, e suppunha-se que tambem d'ouro e prata.

Entre as arvores balsamicas que descreve o autor, fez especial menção do *cabureigba*: Diz elle que a « *cabureigba* (cupahyba) de côr cinzenta, folhas á maneira de myrtho, e casca da grossura de um dedo. Esta casca golpeada no mez de Fevereiro ou Março em conjuncção de lua cheia, lança pelas feridas copia de licor amarello fragrantissimo e preciosissimo, a que chamamos *balsamo*, em tanta quantidade que corre o mundo todo: ou como sahe da arvore, ou feito em obra de bolas, vasos, contas e semelhantes peças cheirosas e presadas. » (85).

« E' admiravel sua virtude medicinal, elle só suppre uma botica de remedios humanos, resolve, digere, conforta, por intensão callida e secca. Duas gottas d'elle levadas em jejum pela bocca, desfaz a asma e cruezas do ventre, e conforta as entranhas. Com elle morno, esfregado o peito se desfazem as opilações frias; e esfregada a cabeça e pescoço com *panno vermelho*, corrobora o cerebro e preserva de apoplexia e espasmo. Tem efficacia grande pera sarar mordeduras e feridas de animaes peçonhentos. »

E' o mesmo que a *copahyba*, só é que esta tem as folhas maiores e o balsamo não é tão bom.

O padre Affonso Braz e seu companheiro foram aqui bem recebidos, fizeram casa e igreja. Pouco resta do que fizeram, só que Affonso Braz exercia o officio de carpinteiro que nunca aprendêra.

(85) *Chron.* liv. I, n. 96.

N'este anno de 1551 foi o padre Nobrega a Pernambuco, afim de ver o modo que poderia ter a conversão d'aquellas almas que eram innumeraveis. Corre a capitania de Pernambuco por 51 leguas de costa desde o rio de S. Francisco até o de Iguarassú. « E' terra bem assentada, com moderada compostura de montes e campinas, o torrão fertil, feraz, vigoroso, e que promette desempenhar os desejos dos que a cultivarem por mais ambiciosos que sejam. Os campos são fecundos de copia de gados, regados de rios, abundantes de fontes e aguas salutiferas. » (86),

Partida de Duarte Coelho.

Fundada por Duarte Coelho, chegado da India, rico de bens e de serviços.

Partiu de Lisboa em Março de 1530. (87).

Pondo-se em guerra com os indios, sahiu-se sempre victorioso, matando « infinidade de barbaría, e aos que ficacaram, obrigou a retirada do sitio por larga distancia, » sendo de grande auxilio os indios *Tobayaras*, que se pozeram da parte dos portuguezes. Tinham por chefe Tabyra; de quem diz o padre Simão de Vasconcellos ser « capitão de valor, esforço e arte: chegou a ser o terror e assombro de nossos inimigos, venceu batalhas, matou innumeraveis, e fez taes proezas em armas, que só com Tabyra sonhavam. » (88).

Foram os *Tobayaras* os primeiros que se pozeram da parte dos portuguezes, com Tabyra, seu chefe.

(86) *Chron*, liv. I, ns. 98 e 99.

(87) Idem, ns. 100 a 102.

(88) Os feitos d'este guerreiro indigena inspiraram ao famoso poeta Gonçalves Dias a bella poesia que tem por titulo o nome d'este chefe indio, e que vem impressa nos *Segundos Cantos*. Veja-se *Cantos*, pag. 237.

Não foi inferior a este no valor e potencia o grande Pyrajibá, ou braço de páo, que taes façanhas obrou, que mereceu o habito de Christo e tença (89).

Em 1551, governando ainda Thomé de Sousa, chegou a Olinda o padre Nobrega, tendo por companheiro o padre Antonio Peres, e sendo governador de Pernambuco Duarte Coelho, o moço.

Foram os padres bem recebidos d'este, e dos portuguezes, e com grande alegria dos indios, que desceram logo de suas aldêas a lhes dar as boas vindas, carregados de caça, legumes, beijús, farinhas (90).

Eram graves impedimentos ás doutrinas e prégações dos padres os amancebados com suas proprias indias e os possuidores de escravos.

« Era para elles o mesmo que a hora da morte ouvir fallar na liberdade dos indios ou na resolução da entrega dos christãos captivados a seu serviço d'elles. »

Não só os seculares, os proprios sacerdotes possuidores de escravos conceberam tal odio contra os padres da companhia, que pretenderam expulsal-os, infamal-os, ou acabal-os, se o podessem. Intrometteram-se n'isto e conciliaram as cousas, homens principaes do governo e desapaixonados.

Os indios de fóra pediam no emtanto aos padres que fossem ás suas aldêas. « Era a multidão grande, e os obreiros sómente dois; pouco industriados em sua lingua, e era impossivel acudir a todos. Escolheram um dos mais habeis que fossem cathequizados, e servissem de mestre aos outros. » (91).

(89) *Chron.* Liv. I, n. 103.
(90) Idem, n. 108.
(91) Idem, n. 111.

Diz o chronista que um dos chefes, indignado de não ser contado no numero dos *cem*, ia mettendo em cabeça aos simples indios que elle era da geração dos padres, que d'elles antigamente, e por certa via aprendêra a doutrina, e que morrendo, por mandado de Deus resuscitára para os ensinar. Que pois deixassem ir os padres que elle só bas-ava para o effeito. » Nobrega soube « desfez seus embustes com tão grande effeito, que foi desterrado por falso ; e esteve á ponto de ser morto ás mãos do povo. »

Voltou Nobrega á Bahia e deixou *em refens* o padre Antonio Peres, bemquisto dos indios e dos portuguezes.

Duarte Coelho lhe deu a ermida de Nossa Senhora da Graça, que edificára com intenção de trazer para ella religiosos de S. Agostinho : « edificada no proprio monte, onde *hoje* vemos o collegio da companhia. » Diz que a poder de braço, porque era homem de grande força, arrazou um grande terreiro, no qual por suas proprias mãos edificou casas de taipa, onde se agasalhou com recolhimento extremado.

Nobrega chegou á Bahia em Março de 1552. Chegou pela semana santa, e para que os interpretes ficassem livres de se occupar com as aldêas, « no dia-santo, pela manhã dizia missa na nossa igreja da cidade, depois d'ella, confessava e prégava até certas horas, e logo, a pé, com seu bordão na mão, ia á Villa-Velha dizer missa outra vez, prégar e confessar (92). »

N'esta necessidade de obreiros, chegou, segundo Vasconcellos em 1552, D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil com alguns sacerdotes, conegos e dignidades, para formar sua sé e igreja cathedral.

Sardinha estudou em Paris, sendo depois nomeado vi-

(92) *Chron.* Liv. I, n. 113.

gario geral da India e d'ahi bispo do Brasil. « Era dotado de grande zelo do serviço de Deus, e n'elle tinham posto os olhos e esperanças os moradores de sua diocese. Quiz ajudar-se dos trabalhos dos padres para desempenho de suas obrigações pastoraes. Com beneplacito de Nobrega deu provisão ao padre Antonio Peres para que visitasse aquella diocese de Pernambuco. « Este fez o officio com grande prudencia, dando remedio a muitos negocios, que parecia impossivel acabarem-se em tempos tão licenciosos. » Voltou á Bahia para dar conta ao prelado da sua commissão.

N'este meio tempo accendeu-se quasi de repente uma como peste terrivel de tosse e catarrho mortal em certas casas de indios já baptizados, mas dados ainda com publico escandalo á seus antigos vicios; « porque sómente elles morriam com todos os seus filhos e familias, não tocando a peste nos bons e tementes a Deus. » Os indios acreditam que a peste vinha dos padres, resultado da agua do baptismo, pelo que os evitavam, « e o mesmo era vel-os em um caminho, que voltarem por outro (93). »

« Chegaram a usar do ultimo remedio, que quando ouviam que haviam de vir por um caminho, ajuntava-se toda a communidade e n'elle queimavam pimenta e sal, como para retel-os e esconjural-os não fossem por diante, segundo costumavam fazer por sitios antiguos de suas gentilidades, quando queriam afugentar máos prodigios, pestes ou animaes nocivos. »

Os padres corriam ás casas dos doentes, curavam com agua bruta ; e se algum acertava de escapar, era isso attribuido áquella santa agua. Um menino em artigo de morte,

(93) *Chron.*, liv.1, n. 115.

foi baptizado, e logo tornou a si ; viveu, e foi isto o que, segundo Vasconcellos, acabou de desenganar aquella gente.

Um sacerdote, que se suppõe ter sido o padre Navarro, corria as aldêas desciplinando-se até ao sangue, prégando aos indios que a peste era castigo do céo, por elles comerem carne humana, « ao que elles prometteram emenda, e assim foi. »

O seminario dos indios e mestiços era governado pelo padre Salvador Rodrigues.

Sahiam estes em procissão pela cidade todos juntos, cantando ladainhas e orações. Os portuguezes conhecendo as vantagens d'esta instituição aggregavam-lhes tambem os seus filhos e os das aldêas, de cruz levantada, cantando orações na lingua da terra « com summo gosto e alegria dos pais, que de nenhuma cousa mais se prezavam.

Nenhuma outra satisfaz tanto a esta gente como a doçura do canto, n'ella põem a felicidade humana. Chegou a ser opinião de Nobrega, que era um dos meios com que podia converter-se a gentilidade do Brasil, a doce harmonia do canto ; e por esta causa ordenou-se-lhe pozessem em solfa as orações e documentos mais necessarios á nossa fé ; por que á volta da suavidade do canto entrasse em suas almas a intelligencia das cousas do céo. » (94)

« Nas aldêas rezavam os meninos sobre os doentes, com fé de que se curariam. »

« Chegou a ser demasiada a opinião que se tinha acerca d'estes meninos entre os indios ; por que os respeitavam como a cousa sagrada, nenhum ousava obrar cousa alguma contra a sua vontade, criam no que diziam, e cuidavam que n'elles estava posta alguma divindade, e até os caminhos enramavam, por onde haviam de passar. »

(94) *Chron.*, liv. I, n. 118.

Fundaram os portuguezes outros seminarios em diversas povoações, assignando-lhes renda para seu sustento. Foi esta em parte a maneira de converter os indigenas, e oxalá a seguissem sempre e com animo deliberado! (95)

N'este tempo, por ordem da côrte, aprestava o governador uma missão ao centro do Brasil, distante duzentas leguas ao sul da Bahia em busca de certas minas; Navarro pede para acompanhar a expedição a titulo de capellão, e o governador lhe faz igual requerimento para o serviço d'El-rei, e veiu assim por diante do seu intento.

Não se descobriram os haveres, lutando a expedição com as difficuldades d'aquellas primeiras entradas, sem caminhos, e quasi sem rumo.

« Eram aquelles sertões, ainda virgens, intrataveis a pés de portuguezes, difficultosissimos de penetrar, sendo necessario abrir caminho á força de braços, atravessar innumeras alagoas e rios, caminhar sempre a pé, e pela mór parte sempre descalços, os montes fragosissimos, as mattas espessimas, que chegavam a impedir-lhes o dia! Entre todos estes trabalhos muitos desfalleciam, e muitos acabavam a vida.... »

Trouxe comsigo o padre grande quantidade de almas, e veiu sahir em Porto Seguro, onde as assentou em aldêa. Debilitado pelos achaques e pela viagem, alli se ficou com elles o padre Navarro, até que no anno seguinte (1553) se avistou com Nobrega.

Nicoláu Orlandini na *Chronica da Companhia*, Livro 13, n. 71, e Balthasar Telles no Tom. 1, livro 3.°, capitulo 9, fallam d'esta missão, sem lhe pôr data.

Vasconcellos a suppõe em 1552, por que sabe com certeza do encontro dos duis padres em principios de 1553.

A 2 de Dezembro de 1552 falleceu o maior dos missio-

(95) *Chron.*, liv. 1, n. 119.

narios, o padre S. Francisco Xavier, que foi depois canonisado.

Entramos em 1553. Logo em Janeiro partiu Nobrega da Bahia, na companhia de Thomé de Sousa, que ia visitar a costa do sul. Levou comsigo o padre Francisco Pires, e quatro orphãos de Portugal, que viviam da doutrina dos padres, no intuito de visitar as missões de S. Vicente. Foi percorrendo as capitanias (96).

Nos Ilhéos impôz com o exemplo e prégações.

Em Porto-Seguro encontrou o padre Navarro, que tinha edificado aquelle povo. Pediam com instancia os padres, e o governador logo lhes destinou lugar para casa e igreja.

Na do Espirito-Santo achou casa e seminario, presedidos pelo padre Affonso Braz, com boa criação d'aquellas tenras plantas, e ajuda dos indios, e portuguezes.

Avistaram a barra do Rio, onde não entraram por constar que a gente estava de guerra e não admittia commercio com os portuguezes. D'ahi em diante para o sul soffreram máos tempos,e o navio de Nobrega foi ao fundo: « diz o chronista, que o padre não sabia nadar e que boiava em cima das aguas » os indios o salvaram e o pozeram n'um ilhote, que alli faz o oceano, d'onde o vieram buscar, e o levaram com muita festa a S. Vicente, » onde houve *Te-Deum*, etc.

Todavia diz elle que João Ramalho, homem rico da terra, acompanhado de seus filhos, que eram muitos e de má casta, mamelucos, illigitimos e desalmados, *com arcos, frechas e gritarias, fazendo gente*, desenquietava a villa contra os padres, espalhando de alguns d'elles crimes pessimos, etc.(97)

(96) *Chron.* liv. I, n. 126.
(97) Idem, n. 124.

Não me parece que elle se atrevesse a isso na presença do governador, nem o chronista diz que parte tomou elle no negocio, sendo tão amigo dos padres, e pelo menos tão cheio da sua autoridade como quem estivéra na India!

Vasconcellos diz que se tomaram testemunhos e que sahiram culpados os accusadores, como homens de tão má vida que eram.

Accrescenta porém, que entre os padres se admittiram mestiços, e dos que se aproveitassem, passariam para a companhia, ou quando menos serviriam de linguas.

Entre estes se achou um culpado, não diz de que crime. Nobrega o condemnou «a ser enterrado vivo» confessou-o, commungou, dobraram os sinos, celebrou-se o officio de defuntos, o padre Manoel de Paiva disse missa de corpo presente, amortalhado o pobre diabo, etc. Deitam-n'o na cova, lançam-lhe um pouco de terra, e n'este passo os padres se ajoelham, intervem, e Nobrega o despede da companhia!....

« D'alli em diante se abstiveram de receber semelhante gente,» o que me não parece exacto, se se confronta o numero dos padres vindos do reino com o que, segundo as *Cartas Annuaes* existiam nos collegios do Brasil.

Vendo Nobrega que aqui pouco fructo colhia pelo desmando em que todos viviam, e sedento do serviço dos indios, determinou-se a entrar pelo sertão, levando o irmão *Antonio Podrigues*, ha pouco noviço, que tinha *sido soldado nas* partes *do Paraguay*, mui versado nos costumes dos *Carijós*, entre os quaes vivêra muitos annos (98).

Com este e alguns cathecumenos dos indios de Piratininga, entrou pelo sertão, cousa de quarenta leguas, até

(98) *Chron*. liv. I, n. 130.

as aldêas de *Japyuba* e *Maniçoba*, onde fizéra uma pequena igreja, dando tambem principio a uma residencia «que continuou alguns annos com muito fructo d'aquellas almas, principalmente de innocentes e baptizados *in extremis.*»

Diz mais o autor que a fama de Nobrega era mui conhecida pelos sertões do Paraguay, e que o chamavam *Barcacluê* (o homem santo), que se abalaram grandes levas de *Carijós* (que eram os taes *Paraguayos*) a virem ás aldêas já ditas, por ser mais perto, visto que *tantas vezes já os tinham debalde convidado os padres.*

O diabo se metteu no meio de pura inveja. Os *Tupís* seus contrarios, os esperam no caminho, os matam e roubam. Elles disseram, que os matassem e comessem, pois que elles sempre se haviam de salvar !

Diz Vasconcellos que com estes *Carijós* vieram alguns castelhanos, os quaes ao tempo do combate se metteram fugidos pelos matos, e foram alguns ter á aldêa de Maniçoba, onde os acolheu o padre Antonio Peres, outros cahiram no poder dos inimigos, que os estavam cevando. A estes indios mandou o padre Nobrega por seu embaixador a *Paranaitú* o irmão Pedro Corrêa, e os indios os entregaram logo (99).

Nobrega instituiu aqui a confraria do *Menino Jesus*, como já estabelecêra outra na Bahia, e achára outra no Espirito-Santo. Por *virtude* de bullas pontificias, que para isso *houvera*, aggregando a ellas os quatro orphãos portuguezas que trouxéra, e dos quaes pretendia fazer dignos obreiros da vinha do Senhor, e juntamente os meninos indios que o padre Leonardo Nunes havia congregado,—uns aprendiam a lingua, outros portuguez, etc. (100)

(99) *Chron.* liv. 1, n, 132.
(100) idem, n. 133.

O padre Leonardo Nunes é mandado a Bahia para trazer mais padres (101.) A' 13 de Julho de 1553 chegáram de soccorro sete sujeitos, sendo superior de todos o padre Luiz da Gram, o que fôra do collegio de Coimbra. Eram d'estes, sacerdotes, o padre Braz Lourenço, Ambrosio Peres e quatro irmãos, João Gonçalves, Antonio Blasques, castelhano, Gregorio Serrão e Joseph Anchieta(102).

Partidos de Lisboa a 8 de Maio com D. Duarte da Costa, filho de Alvaro da Costa, que fôra embaixador de D. Manoel a Carlos V. E' questão quando chegou Duarte da Costa.

Mariz, no *Dialogo* 5, cap. 2, diz que foi em 1552. No livro de *Assentos* do collegio da Bahia, onde se escreveu por ordem chronologica e data por data os que chegavam, tambem se diz que este soccorro foi do anno de 1552,mas os *Apontamentos* de Anchieta, aos quaes seguem Orlandini, liv. 13, pag. 68. Paternina, pag. 23 e 43, Balthazar Telles, liv. 5, cap. 6, dão o embarque a 8 de Maio, e chegada a 13 de Julho de 1553.

Nos registros da fazenda da Bahia consta, que Duarte da Costa foi provido a 1 de Março de 1553 ; e cahem assim por terra, quanto a mim, as razões dos que dizem que veiu em 1552, e que Thomé de Sousa governou sete annos.

(101) *Chron*, liv. 1, n. 134.

(102) Diz a *Synopsis* do padre Franco, que em 1553 veiu o padre Luiz da Gram, reitor que tinha sido do collegio de Coimbra, com os padres Braz Lourenço e Ambrosio Peres. Este, eloquente na lingua brasilica, mas menos humilde do que convinha a um padre, abandonou a sociedade illudido nas suas esperanças de voltar a Portugal, morreu em extrema miseria. Foram além d'aquelles Gregorio Serrão, João Gonçalves, Antonio Blasques, castelhano, e J. d'Anchieta Partiram a 8 de Maio, chegaram á Bahia no dia 13 de Julho, como acima extracto da *Chronica*.

Foram recebidos de dois irmãos, e um sacerdote o padre Salvador Rodrigues e os irmãos Vicente Rodrigues e Domingos Pecorela, assim chamado por sua extrema candura, que eram sós os que havia então na Bahia (103.)

Um mez depois morreu na casa da Bahia o padre Salvador Rodrigues, a quem Nobrega disséra partindo : «Nosso reverendo, não morra em quanto eu não torno ! » O padre Luiz da Gram com poderes de collateral do provincial «absolveu aquella alma retida em laços de obediencia só imaginados.»

Foram mandados a Porto-Seguro os padres Ambrosio Peres e Gregorio Serrão, em lugar de Navarro, ainda debilitados da sua viagem ao sertão.

Milagres de Navarro. Reinando contendas e odios entre aquelles moradores (os de Porto Seguro) vem um incendio que tudo devora. Em outro lugar licencioso em vicios, ha outro incendio. Se não são provados os milagres, é provado o contraste que tinham estas povoações em seu começo, e como entre quatro palhoças ardia a luta e folgavam os vicios dos antigos e grandes povoados !

Porto Seguro foi dado a Pedro de Campos Tourinho, homem nobre, natural de Vianna de Lima, e segundo outros da villa do Conde. Vendeu a sua fazenda, embarcou com mulher e filhos e familias conhecidas, veiu ao lugar onde aportára Cabral, fundou as villas de Santa Cruz e Santo Amaro, e teve guerra com os *Tupinaquis* (104).

Por morte de Tourinho, herdou o capitania sua filha D. Leonor de Campos, que a vendeu a D. João de Alencastre, duque de Aveiro, por cem mil réis de juro. O duque mandava todos os annos gente e mercadorias, e chegou a ter

(103) *Chron.* liv. 1, n. 137.
(104 Idem n. 142.

cete engenhos. Do norte toca nos Ilhéos por meio do Rio Grande, do sul com a do Espirito Santo pelo rio *Maruhy*.

O padre Leonardo Nunes demorou-se na Bahia até 8 de Novembro, e n'esse tempo voltou d'alli para S. Vicente som Vicente Rodrigues, já então sacerdote, e mais quatro irmãos, entre elles Anchieta.

Foi tormentosa a viagem : o navio de Anchieta perdeu batel, mastros, velas, etc., sahiram a salvamento á praia com as cousas sagradas, e o navio, bem que destroçado, sempre pôde entrar no porto das Caravellas. Padecem fome na praia.

Concertado o navio, foram ao Espirito Santo, onde depois de alguma refeição, embarcaram o padre Affonso Braz, deixando em seu lugar o padre Braz Lourenço, e chegam a S. Vicente a 24 de Dezembro de 1553.

Nobrega até então havia governado como provincial subordinado á provincia de Portugal (105).

Loyola, attendendo as grandes distancias e outros inconvenientes, faz do Brasil provincia e nomeia para ella Nobrega, com jurisdicção independente de Portugal, e por seu collateral o padre Luiz da Gram, ordenando-lhes que escolhessem alguns de mais experiencia por consultores, com voto sómente consultivo, e que os dois provinciaes, Nobrega e Gram fizessem profissão solemne dos quatro votos, *nas mãos de qualquer ordinario d'estas partes.*

Feito provincial, a primeira cousa em que intentou o padre Nobrega foi a creação d'um collegio nos campos de Piratininga, para onde já tinha feito mudar alguns indios principaes com suas aldêas, deixando o lugar dos antigos por duas razões :

(105) *Chron*, liv. I, n. 147.

1.ª porque n'aquelle lugar podiam mais commodamente acudir, não só as aldêas dos indios que já alli moravam, senão a outras muitas, que estavam por aquelle sertão. Havia já então muitos e bons linguas.

2.ª porque no lugar, onde estavam, eram muitos, e tinham á sua conta para sustentar grande numero de meninos do seminario, assim brancos, como filhos de indios, « e a terra estava muito pobre, e as esmolas não podiam abranger a tantos.

3.ª porque sendo o Brasil provincia de per si, era necessario haver estudos e criar sujeitos em tal numero, que acudissem a tão diversas partes.

Deixados na villa os que pareceram necessarios para os ministerios dos portuguezes, foram mandados treze ou quatorze sujeitos (padres e irmãos) logo no principio de Janeiro de 1554 fundar o collegio de Piratininga sob a obediencia do padre Manoel de Paiva.

Estes campos, onde se fundou o maior collegio da provincia, « bem merece o nome de *elysios.* » De toda a abundancia de cousas necessarias pera uso da vida humana tão capazes, e ainda pera recreação e diligencia, aquem a procurar. Reveste-se de flôres, de cravos, de rosas, açucenas, lyrios ; é fertil de uvas, maçãs, pecegos, nozes, ginjas, figos, marmellos, amóras, melões, *balancias* e quasi todas as fructas da Europa (106).»

« De searas de trigo, grandes vinhas, abundancia de gados, cavallos, carneiros, cabras, porcos mansos, montezes e aquarios (capiváras).»

« Caça infinita de animaes, aves, gallinhas, perús, perdizes, rolas: seria longo contar só as especies de todas estas

(106) *Chron.* liv. I, n. 149.

consas. » Distam como dez leguas do mar, doze ou treze de S. Vicente: fica-se como na segunda região do ar, depois de atravessada aquella notavel serrania, que sempre vai subindo, accumulando montes sobre montes.

« Aspero de subir, o caminho mais facil que acharam os moradores da outra parte do sertão de Piratininga para o mar (chamam-lhe os indios a este caminho Paraná piacaba) com ser parte escolhida, e o caminho feito por arte, é elle tal, que põe assombro aos que hão de descer ou subir. »

« O mais do espaço não é caminhar, é trepar de pés e mãos, aferrados ás raizes das arvores, e por entre quebradas taes, e taes despenhadeiros, que confesso de mim que a primeira vez que passei por aqui me tremeram as carnes; olhando pera baixo. »

« A profundura dos valles é espantosa, a diversidade dos montes uns sobre outros, parece tira a esperança de chegar ao fim; quando cuidaes que chegaes ao cume d'um, achae-vos ao pé de outro não menor.

A subida compensa, « olhando de cima, parecia-me que via todo o globo da terra posto debaixo de meus pés, e com notavel formosura pela variedade de vistas do mar, da terra, dos campos, dos bosques e serranias, tudo vario e sobremaneira aprazivel. » A serrania é sempre a mesma, posto que aqui se chame *Paraná-Piacã-Miri*, e logo adiante *Cabarú Parangaba.*

« E finalmente vai subindo sempre, até chegar ao raso dos csmpos e á segunda região do ar, onde corre tão delgado, que parece se não podem fartar os que de novo vão a ella. A grande copia de lagôas, fontes e rios, a formosura dos bosques, brutescos e arvoredos, a diversidade de ervas e flôres, a variedade de animaes terrenos e voadores, as apparencias admiraveis de compostura da penedia posta

em ordem desigual ; a riqueza dos mineraes de ferro, cobre, chumbo e ainda ouro, prata e pedraria, etc. »

Primeira missa.—Nome á provincia de S. Paulo e a sua capital.

Ita aé cerá (parece que é estrondo de pedra, conforme se traduz), foi aqui, no mais patente d'estes campos, junto a um rio e perto da vivenda dos indios, que escolheram os padres sitio para seu collegio. Disseram missa a 25 de Janeiro, dia da conversão do apostolo S. Paulo, de cujo nome denominou o sitio, estendendo-se depois á villa e ao territorio todo.

Vasconcellos cita José de Anchieta ácerca de seu viver na terra, n'aquelle tempo.

« Aqui se fez uma cazinha de palha, com uma esteira de cannas por porta, tendo quatorze passos de comprido e doze de largo, alli moraram algum tempo bem apertados os irmãos; mas este aperto era ajuda contra o frio, que n'aquella terra é grande com muitas geadas. As camas eram redes que os indios costumam : os cobertores o fogo, pera o qual os irmãos commummente, acabada a lição da tarde, iam por lenha ao mato e a traziam ás costas pera passarem a noite. O vestido era muito pouco, pobre, e de panno d'algodão, sem calças nem sapatos. Pera meza usaram algum tempo de folhas largas de arvores, em lugar de guardanapos; mas bem se escusavam toalhas, onde faltava o comer, o qual não tinham d'onde lhes viesse, senão dos indios, que lhes davam alguma esmola de farinha, e as vezes, mas raras, alguns peixinhos do rio e caça do mato » (107).

(107) *Chron.* liv. I, n. 153.

Muito tempo passaram grande fome e frio, e com tudo proseguiam seu estudo com fervor, lendo ás vezes a lição fóra, ao frio, com o qual se haviam melhor que com o fumo dentro de casa. (*Carta annua* do padre José de Anchieta).

Aqui se abriu a segunda classe de grammatica latina, que teve o Brasil, lecionada pelo padre José de Anchieta, no que tem grande trabalho, por falta de horas. Anchieta escrevia as apostilhas, uma para cada discipulo, e n'isto passava as noites, porque os dias tinha-os occupados nas obrigações do seu officio, e assim amanhecia escrevendo. Tornou-se mestre da lingua geral ou *tupí*, reduziu-a a regras grammaticaes, e d'ella se fazia uso nos collegios da provincia (108).

Compôz um vocabulario, traduziu a doutrina e mysterios da fé, tratados, interrogatorios, e avisos necessarios para os que houvessem de confessar e instruir. Aprendeu a fazer alparcatas de cardos bravos, e inventava artes e modo que podesse ser de alivio a seus irmãos n'aquelle desterro do mundo, e até sangrava.

Fizeram igrejas de taipa á mão, cobertas de palha.

Dos indios que primeiro se aggregaram aos padres foram os principaes. Martim Affonso *Tebireçá* e João *Cai Uby*; senhor de *Jaraibatigba*, já muito velho, o qual deixando no sertão parentes, casas e roças, veiu viver junto aos padres, em uma pequena choupana. D'aqui partiu com grande trabalho, pela velhice, ao seu lugar em busca de mantimento, dizia o dia da volta, e em dia certo se apresentava aos padres a dar razão de si, e n'esta boa fé cathequisado, doutrinado e baptizado, morreu cheio de dias.

Vieram tambem os filhos dos indios creados no seminario de S. Vicente, que já sabiam ler e escrever, e can-

(108) *Chron.* liv. I, n. 154.

tar muitos d'elles, continuaram na eschola ajudando os officios, cantando com instrumentos musicos, que era o maior gosto e incitamento que podia haver para os pais. Eram estes os mestres dos outros. No fim da lição, cantavam na igreja a ladainha, á tarde a Salve-Rainha com outras pias orações : os pais se emendavam, com isto, dos seus grandes vicios, mulheres e vinhos. «N'estes vicios a nenhum tinham mais contrarios que seus proprios filhos ; porque estes com zelo já christão vigiavam os pais, e os accusavam aos padres, e ajudavam a lhes quebrar as talhas de vinho em suas bebedices.»

« Começou a apoderar-se dos indios uma peste de pryorizes, que matavam em tres ou quatro dias. Persuadiam-se elles que a morte lhes vinha dos padres, que não morriam assim em seus sertões(109).»

Fizeram-se por isso novenas de procissões, com côro de anjos, os meninos com cruzes ás costas, desciplinando-se muitos d'elles até derramarem sangue. « Parecendo-lhes que o mal era força de sangue, Anchieta com um canivete os sangrava, e raro foi o que depois morreu.» Diz-se que a doença a dava o diabo, e a saude os padres.»

« Este meio de caridade que com esta gente usamos em suas enfermidades é uma das razões mais forçosas, que abrandam a sua natural fereza.»

Odios. Os Ramalhos suscitam novos rancores aos moradores pela falta de indios. « Aos proprios indios persuadiam com argumento de mór força que póde haver entre esta gente, e era lançar-lhes em rosto o que se acolhiam á igreja por covardes, e por não prestarem pera a guerra contra os seus inimigos.» Na aldêa de Maniçoba amotinam tudo, os persuadem que larguem os padres, ho-

(109) *Chron.* liv. I, n. 162.

mens estrangeiros e degradados por serem gente vadia; e que maior honra lhes seria sujeitarem-se a homens destros em arcos e frechas, como elles, que a uns estranhos covardes.

« Enganados da eloquencia dos mamelucos. em cujo corpo parece que fallava o diabo, assim se foram embravecendo e amotinando, que os padres tiveram por então de largar a aldêa.»

N'isto pozeram-se os indios em guerra, talvez atiçada pelos mesmos mamelucos. «Vieram aquelles a pelejar com os de Piratininga. São afugentados, com morte de dois dos nossos. Voltaram á noite, desenterraram os cadaveres, julgando dos contrarios, e com maravilha acham os proprios seus.

Esta volta e desenterro não está nos costumes dos indios e devem se ter a conta do chronista.

Em 1554, o padre Leonardo Nunes, primeiro companheiro de Nobrega e fundador no espiritual da capitania de S. Vicente, é nomeado para ir a Roma levar ao geral noticias da provincia. Partiu em Junho.

Era ainda Loyola geral da companhia. Morreu este padre no naufragio do navio em que ia. Bem mereceram os costumes com a sua vida em S. Vicente.

Ao mesmo tempo chegam do sertão a nova das mortes de dois outros, de Pedro Corrêa e de João de Sousa, recebidos ambos pelo padre Leonardo.

« Contava-se de uma nação de gente que habitava além dos *Carijós*, aos quaes chamavam *Higberayàras* e os portuguezes *Bilreiros*, dotada de bons costumes, d'uma só mulher; de não comerem carne humana, de sujeição a uma só cabeça, e que não eram amigos de matar.» Pareciam proprios da doutrina de Christo. Este primeiro motivo foi a conversão á fé.

Segundo motivo. Naufragio dos hespanhoes que indo para o Rio da Prata, naufragaram no porto dos *Patos*. D'alli os trouxe o padre Leonardo com suas familias a S. Vicente.» Com medo dos *Tupís*, que lhes ficavam entre-meio, pediram a Nobrega mandasse applacar estes barbaros pelo irmão Pedro Corrêa (110).

Terceiro. Para acabar as guerras entre os *Tupís* e *Carijós*, com as quaes se lhes não poderia prégar e doutrinar.

Partiu Pedro Corrêa a 24 de Agosto de 1554, acompanhado de dois outros irmãos, João de Sousa e Fabiano (111).

Chegou ao porto principal dos *Tupís*, que depois se chamou *Cananéa*, prometteram pazes aos hespanhoes, fazer igreja, e entregaram os prisioneiros que tinham, entre estes um castelhano mal ferido, com o qual ficou o irmão Fabiano para o curar e tratar.

Passa aos *Carijós*, consegue pazes com os *Tupís*. D'aqui vendo ser impossivel paz com os *Bilreiros*, postos a salvo os hespanhóes, vinha voltando para dar aos *Carijós* noticia das pazes que conseguira.

No caminho lhe tramaram a morte, e a causa foi um castelhano que o padre Manoel de Chaves tinha livrado da corda dos *Tupís*, cedendo a elles a india sua manceba. Dizem outros, que este castelhano era o mesmo que Pedro Corrêa livrára agora dos *Tupís*. Assim o affirma Orlandini (112). Este votou odio á companhia.

Mette em cabeça aos indios, que os dois irmãos vinham por espias da guerra dos *Tupís*. Battem estes os pés e os

(110) *Chron.* liv. 1, n. 172.
(111) Idem, n. 174.
(112) *Orlandini*, livro 14, 125.

arcos, acomettem os padres. Primeiro cahe João de Sousa. Depois o irmão Pedro Corrêa a lhes prégar e bradar, até cahir ferido, ficando de joelhos até que o acabaram.

Este irmão gastou muitos annos da sua vida, acommodando-se ao modo de viver do lugar, salteando e captivando indios por mar e por terra, de que enriquecia a sua casa, não lhe parecendo que fazia n'isso damno áquellas creaturas, antes serviço a Deus.»

Chegando porém o padre Leonardo Nunes á capitania de S. Vicente em 1554, e ouvindo Pedro Corrêa a sua doutrina, deliberou deixar o officio e o mundo, consagrando-se todo aos indios no espaço de cinco annos, que lhe restou da vida.

Prégou aos *Tamoyos*, aos *Tupís*, *Tupinaquis*, *Carijós*, sendo homem de muita eloquencia na lingua. Aprendia latim com Anchieta.

O irmão João de Sousa foi dos primeiros povoadores de S. Vicente, e dos primeiros que o padre Nobrega recebeu na companhia. Era da casa de Thomé de Sousa. Ainda no seculo, vivia como em religião : jejuava ás quartas, sextas e sabbados. Não consentia, onde quer que estava, cousa que parecesse offensa a Deus, e por esta causa padeceu alguns desprezos e vituperios. Folgava de servir na cozinha e mais officios baixos.

D'estes dois escrevem.

Orlandini, livro 14, desde n. 118.

Maffeo, livro 16, das cousas da india.

Padre Pedro Jarich, T. 2, *Thesouro Indico.* livro 1, cap. 24.

Padre Pedro de Ribadeneira, *Vida de S. Ignacio*, livro 4 cap. 12.

Padre Spinola, *Vida da Virgem*, cap. 20.

Catalogo dos Martyres da Companhia.

Euzebio de Mieremberg. *Varões Illustres da Comp.*ª T. 2.

Na casa do Espirito-Santo continuava o padre Braz Lourenço e fez alli a devota confraria da Caridade. Os que n'ella entravam, eram obrigados a procurar com todas as forças desarreigar os dois vicios mais communs na terra, juramentos e murmurações. Se o fazia, ou não tolhia, podendo, pagava multa para ajuda de casar uma orphã.

« Não teve nunca padre companheiro, nem ainda sacerdote de fóra, que o alliviasse nas obrigações exteriores do povo, ou nas interiores de sua consciencia.» As mulheres, com notavel fama de honestidade, por todo o Brasil, já confessando-se todos os oito ou quinze dias.

« Ainda no mesmo anno falleceu no collegio da Bahia, aquelle irmão simplicissimo, chamado Domingos Pecorela, do qual se não sabe se era mais simples ou se mais obediente.» Cinco annos serviu este servo fiel a companhia, e em todos elles se teve sempre por um escravo comprado por dinheiro para o serviço da casa, sem mais querer, nem mais pretender que o de um escravo leal.»

« O jumentinho, de que tinha cuidado, ia com elle a todas as partes as que era preciso para sustento da casa.» Irmão Domingos, ide á lenha para a cozinha.» Sem mais demora, a pé, descalço, sem barrete ou sombreiro, roupeta a meia perna, lá ia ao mato com o seu jumentinho, e logo á fonte, e logo para o que era mais preciso ! »

« Quando faltava o comer, orneava o seu jumento, ia ás aldêas, entrava com os indios, que muito o estimavam, e voltava carregado com o mais precioso de seus haveres, caça, carás, inhames, farinha, bananas, batatas. Acudia ao jumentinho, como a irmão ; tomava-lhe a carga, quando vinha carregado de mais, assim o alliviava (113).»

(113) *Chron.* liv. I, n. 189.

« Puro, pobre, manso, douto, devoto, mortificado, soffredor de trabalhos e de grande zelo. »

Perito na lingua, fazia grande fructo aos indios com aquelle seu modo chão e simples, de que elles gostavam. Foi dos primeiros que recebeu o padre Nobrega, na Bahia.

Morte de João de Sousa.

Adoeceu de pedra, perdeu os sentidos antes que lhe faltasse a paciencia, expirou a 24 de Dezembro de 1554. *Veniunt indocti et rapiunt regnum cœlorum*, escreveu S. Agostinho, citado por Simão de Vasconcellos (114).

N'este anno tinha a provincia vinte seis sujeitos da companhia : quatro na Bahia, dois em Porto-Seguro, dois em Espirito-Santo, cinco em S. Vicente e treze em Piratininga.

No fim d'este anno partiu o padre Luiz da Gram da Bahia, a ver-se pela primeira vez com Nobrega em S. Vicente (115).

Morte do padre Navarro.

Em 1555, parece que logo ao entrar do anno expirou o padre Navarro, do excesso das suas fadigas n'aquella viagem do sertão. Entrou para a companhia em 1544. Jaz sepultado na igreja velha do collegio da Bahia.

Nobrega porém não tinha pouco que fazer com os seus indios de Piratininga. No comêço do anno apanharam um contrario, *Tapuya* e fugiram para fazer as suas festas na aldêa distante de *Jaraibatigba*. Foram e os comeram aos prisioneiros, mas na volta lhes deu Nobrega penitencia, que não entrassem na igreja. Para se reconciliarem sahi-

(114) *Chron.* liv. I. n. 191.
(115) Idem, n. 193.

ram pelas ruas, açoitando-se uns aos outros, e os filhos em procissão cantando ladainha e *miserere*.

Não se tinham passado muitos dias, quando indo á guerra, apanharam um *Goyaná* de tão boas carnes, que isso lhes aguçou o apetite. O principal—Martim Affonso de Mello preparou e presidiu ás solemnidades, « arrebatados todos do deleite da vingança ou da honra que cuidam ganhar. » Nobrega os reprehende sem fructo.

Alguns religiosos mais resolutos « rompem as cordas, quebram os vasos e panellas, afugentam as velhas e tomam a propria massa do sacrificio, que é entre elles o maior aggravo. »

O principal gritou, assobiou, bateu o arco e o pé, appellidou as suas gentes.

Mais mansos, porém anojados, porque lhes tinha escapado o *Goyaná*, se foram metter em suas casas. A mulher e a sogra do principal, indias já baptizadas, o convenceu do mal que fizéra, e se vieram lançar aos pés dos padres.

A 15 de Maio de 1555, chegou o padre Luiz da Gram a S. Vicente.

Ha n'este passo da *Chronica* uma repetição de castelhanos do Rio da Prata, que pediam ir para suas terras (trazidos pelo padre Leonardo Nunes, segunda vez ?), missão e embaixada dos indios de Paraguay, que era o seu principal—já christão—Antonio de Leiva ; mas tudo isto me parece repetição,—e como não teve effeito a tal jornada,basta só lembral-o.

Diz tambem o padre S. de Vasconcellos, que o padre Luiz da Gram, como era homem de muitos espiritos, tentou logo uma entrada pelo sertão em companhia do padre Manoel de Chaves, que era grande lingua : que fôra mal recebido, por estarem os naturaes de guerra. Voltando de-

pois fôra melhor recebido em outra aldêa, que estava de paz, que fizéra igreja, etc.; mas como não consta senão o que diz Vasconcellos, que parece ter tido em vista dizer alguma cousa ácerca dos feitos de Luiz da Gram, passaremos tambem por alto estes successos.

O que é positivo é que os dois provinciaes acharam conveniente formar em perfeito collegio o que já estava principiado em Piratininga. Estavam alli no coração da gentilidade do Brasil; podiam acudir-lhes mais de prompto, a terra mais farta. Succedeu isto em Janeiro de 1556. O primeiro collegio formado que teve o Brasil, já n'este tempo, acabadas as casas e igreja de taipa de pilão com não pouco amor dos estudantes que traziam ás costas cestos de terra e potes d'agua, no intervallo das lições, O padre Affonso Braz era o mestre assim das obras de taipa como das de carpintarias. Acommodaram-se mais as classes, e passou para o collegio os bens de raiz que possuia a casa de S. Vicente.

Luiz da Gram fica em S. Vicente e o padre Nobrega volta á Bahia. Isto succede em 1556. No Espirito-Santo continuava o padre Braz Lourenço. No Rio estavam de guerra os *Temiminós* e *Tamoyos*, que se destruiam e comiam. Conseguiu o padre que o governador Vasco Fernandes Coutinho offerecesse gasalhado ao principal dos *Temiminós* que estava de peior partido. Chamava-se *Maracayaguaçù* (grande gato). Estes indios, que já de nome conheciam os padres, acolheram-se á sua sombra, mandando constantemente embarcações para o transporte d'elles, e vieram assim todos. Formou-se uma populosa aldêa (116).

« *Maracayaguaçù*, além de perfeito christão, era homem

(116) *Chron*. liv. I, n. 203.

muito prudente em cousas de paz, e em seu trato pouco differente de qualquer bem governado portuguez »

A' fama d'estes, desceram dos sertões, grandes levas de gente, e entre elles o afamado *Pira-obyg* (peixe verde) com grandes aldêas (117).

De Porto-Seguro desceram tambem muitos da nação dos *Tupinaquís*, e « fizeram todos grossas povoações. » E foram de grande adjutorio estas aldêas na conquista que depois intentamos na enseada do Rio de Janeiro, indo a ella em companhia do governador Mem de Sá e de seu sobrinho Estacio de Sá.

Indignados contra as tyrannias, vexames e soberba dos portuguezes, os indios se rebellam. Os *Tupinambás*, numerosos, valentes e aguerridos, confederam-se com os *Tapuyas* do sertão. Une-os a vingança, o estimulo da honra, o amor das guerras. Roubam os caminhos, atacam as fazendas, assolam tudo : soffrem os moradores e, por mais expostos, os indios dos padres, os da cidade cansados das guerras passadas, menos guerreiros pelo ouro, mais ociosos e amigos do bem-estar pelo clima, querem paz, bradam e instam por ella ao governador, ainda em condições desiguaes.

D. Duarte era homem de grande animo, resiste, atacam de longe porque as armas tem mais alcance que as frechas. O capitão Alvaro da Costa, seu filho, muito contribuiu para a felicidade das armas do pai.

Com os tiros não perdiam gente, sahiam sempre vencedores, conservavam o mesmo respeito; mas a guerra tinha detença, porque os inimigos eram sem numero. Usou de manha, fingiu de tratar pazes com os *Tupinambas*, e d'ahi os *Tapuyas* não se fiando d'aquelles, com os quaes anda-

(117) *Chron.* liv. I. n. 205.

ram sempre em guerra, temem traição e retiram-se Os *Tupinambás* vendo-se fracos tratam então de paz (118).

Os que a não pediram foram vencidos, parte mortos, parte captivos, e *eram estes muitos milhares.* Assentou a terra em Maio de 1556.

N'este comenos chega á Bahia o padre Nobrega, levando por companheiros o padre Francisco Peres, e os irmãos Antonio Rodrigues, Antonio de Sousa e Fabiano de *Lucena.* Pediu e conseguiu do animo pio do governador que reduzisse á aldêas os indios novamente captivos, que já eram christãos, ou o quizessem ser.

Fundaram-se muitas aldêas, sendo a primeira junto ao Rio Vermelho, onde residiram os padres Antonio Rodrigues, ordenado de proximo, e Leonardo do Valle, ambos peritos na lingua do Brasil. Esta gente se mudou depois para a aldêa de S. Paulo (119).

A segunda, de S. Sebastião, em outro sitio a meia legua da cidade, depois unidos com outros fundaram a de S. Thiago.

A terceira, do Espirito-Santo, « não longe do Rio de Janeiro, que *hoje* ainda persevéra, mas não n'aquella antiga grandeza, que era de mais de mil arcos. »

A quarta, de S. João, no sitio que depois se chamou *Tapéra de Boirangaoba.*

Todas com padres ou irmãos. Cessava d'este geito a antropophagia com a falta de guerras, e ausencia de contrarios. Tomou-se grande cuidado com os meninos, occupando-os nas aulas de manhã, e á noite fazendo-os rezar ladainhas, e occupando-os com processões e cantos.

Diz o padre Simião de Vasconcellos dos indios : « E'

(118) *Chron.* liv. II, n. 3.
(119) Idem, idem, n. 5.

esta gente tanto mais facil em aceitar a fé do verdadeiro Deus, quanto menos empenhada está com os falsos, por que nenhum conhece ou ama, que possa roubar-lhe a affeição. Vencidos seus vicios.... nenhuma repugnancia lhes fica pera cousas da fé. Assim que, vencidas as difficuldades dos votos, é muito pera louvar a Deus, ver n'esta gente o cuidado com que os já christãos acódem a celebrar as festas e os officios divinos. São affeiçoadissimos á musica, e os que são escolhidos pera cantores da igreja, prezam-se muito do officio, e gastam os dias e as noites em aprender e ensinar a outros. São destros em todos os instrumentos musicos. Prezam-se de que andem suas igrejas bem ornadas. Será entre elles falta mui notada, possuirem cousa de preço sem que repartam com a sua igreja. Nos dias de festa ornam com grande curiosidade suas igrejas, com enramados aprazíveis de hervas e flôres. Será tido por sacrilegio entre elles deixar de acudir a uma d'estas festas : indias com os filhos aos peitos, costos de comida á cabeça, e assim andam duas e cinco leguas, em jejum, porque antes da missa nada comem. »

Em Piratininga crescia o trabalho. Os indios, pelas necessidades de suas lavouras, dividiram-se em sete distinctas povoações, e todas distantes. Deviam os padres acudir a todos, e ainda ás casas dos portuguezes, com falta de curas, e isto em distancia de tres leguas, ás vezes, por máos caminhos, não raro de noite, com frio e geadas, descalços e por meio de matos espessos, allumiados por archotes.

N'este tempo chegaram novas que metteram em perturbação toda a costa, de que a frota franceza era entrada na enseada, que os indios chamavam *Nictheroy* e os portuguezes *Rio de Janeiro*, distante 24 leguas da costa de S. Vicente (120).

(120) *Chron.* liv. II, n. 13.

Na capitania do Espirito-Santo, de onde partira Vasco Fernandes Coutinho, deixando entregue o governo a D. Jorge de Menezes, levantaram-se os indios, principalmente *Tupinaquis*, deram crueis assaltos nas terras, destruiram os engenhos e fazendas, matam a D. Jorge e depois a seu successor, D. Leonardo Castello-Branco, e chegaram a pôr a villa em tal aperto que muitos moradores a despovoaram.

Naufragio e morte de D. Pedro Fernandes Sardinha. Embarcou-se o bispo para Portugal em companhia de Antonio Cardoso de Barros, provedor-mór que fôra do Estado, chamado do céo ou d'el-rei, ou dos bens das almas. Ignora o autor, S. de Vasconcellos, o motivo d'esta viagem. Vão com elles outras pessoas nobres com as mulheres e filhos. Partiram em 2 de Junho de 1556. Com quatorze dias de navegação, assalta-os uma tormenta, que lhes arrebata ancoras e amarras e naufragam nos baixos de S. Francisco, lugar chamado Porto dos Francezes, na altura de 10 gráos e meio, entre o rio de S. Francisco e outro chamado *Curcuruig*.

Os *Caetés* do alto das serras assistem ao naufragio, descem á praia com animo refalsado, os hospedam, ferem lume, dão-lhes alimentos e ao mesmo tempo avisam a seus circumvisinhos.

Despedem-n'os, elles seguem o caminho que os hospedes lhes haviam indicado, mas junto ao rio que de força deviam passar sahem chusmas de selvagens com o que as mulheres desmaiam e as crianças gritam. Matam uns e carregam com outros. O prelado tinha atravessado o rio e assistia da outra margem a este espectaculo. Do mar sahem outros á ribeira e acabam o infeliz bispo.

O lugar onde foi morto este virtuoso prelado é tradicção commum «que nunca mais viu em si formosura ou orna-

to algum natural; porque, vestindo-se antes de hervas, ficou d'ahi em diante esteril, escalvado e secco, quaes outros montes de Geltré pela maldição de David.»

Morte de Loyola.

Morre Ignacio de Loyola em Roma a 31 de Julho de 1556, com 65 d'idade e 16 da fundação da companhia de Jesus.

No seguinte anno succedeu que Nobrega veiu a padecer na Bahia longas e graves enfermidades.

No mez de Junho morre D. João III, que de idade de 20 annos tomára o sceptro por morte de D. Manoel, seu pai, e casára com D. Catharina, filha de Filippe I, rei de Castella, irmã de Carlos V.

Foi o primeiro a pedir em Roma de S. Ignacio e do pontifice padres da companhia (121), vindo para Portugal os dois padres, Francisco Xavier e Simão Rodrigues, o primeiro fundador da provincia da India, o segundo da de Portugal, como já fica relatado no resumo da *Chronica da Companhia de Jesus*, do padre Balthasar Telles.

Fez levantar sumptuosos templos, provendo a todos de sacerdotes, ornamentos e peças de custoso valor. Magnificos dons que ainda hoje existem em Jerusalém, Galiza e em outros lugares. Entre todos, se diz, que leva vantagem o formoso alampadario do templo de Sant'Iago.

Encommendou á rainha sua mulher que désse ao neto, D. Sebastião, mestre e confessor da companhia.

Além da companhia introduziu o rei outros religiosos mais observantes de S. Francisco, a da Piedade e a da Arrabida.

(121) *Chron.* liv. II, n. 27.

« Foi de mediocre estatura, rosto formoso, alvo, corado, negra a densa barba, olhos da côr do céo, resplandecentes e cheios de magestade que muitos se perturbavam em sua presença, e com ser tão grande a autoridade de sua pessoa, tinha uma serenidade de aspecto tão amavel, que todos os que o viam, se lhe approximavam.»

Morreu de apoplexia em Lisboa a 11 de Junho de 1557 com 55 annos d'idade e 35 e 5 mezes de reinado. Está sepultado, como D. Manoel, em Belem.

Francezes no Rio de Janeiro, o porto e navios sem defesa. Os Tamoyos muito mais generosos, unem-se a elles. Villagaillon, cavalleiro de S. João, tinha assentado pazes, e fortificado o rio. Abundancia de páo Brasil (vermelho).

Em 1556, como já vimos, o Grande-Gato se passa do Rio para as terras do Espirito-Santo. Brigam os *Temiminós* com os portuguezes pela cubiça d'estes e retiram-se para as brenhas, porém conseguem os padres que muitos voltem.

Chegada de Mem de Sá.

Mem de Sá, que fôra nomeado por provisão de 23 de Julho de 1556, cujo registro é de 1558, chega ao Brasil n'esse mesmo anno. D'aqui se collige que os governadores passados tiveram mais de tres annos, nem era possivel ajustar-lhes as contas em partes tão distantes, navegações longas e aprestos demorados. N'essa provisão declarava-se que, além dos 3 annos ordinarios, serveria o mais tempo que a el-rey aprouvesse; tanto que Mem de Sá serviu 14 annos.

A primeira cousa que fez este governador foi metter-se n'um cubiculo dos religiosos, passando oito dias em exercicios espirituaes, ouvindo missa e os officios divinos todos

os dias, assiduo nas prégações, e confessando e commungando aos sabbados (122).

Em sahindo d'ahi lançou bando ordenando que nenhum dos indios confederados aos portuguezes ouzasse comer carne humana; que se não fizessem guerra sem causa justa, approvada por elle e por seu conselho; que se ajuntassem em povoações grandes, e fizessem casas aos padres para residirem entre elles.

Os portuguezes oppoem-se-lhe, ponderando que as guerras eram a sua segurança, davam-lhes trabalhadores, etc. Sem embargo d'isso foi a lei por diante. Por sua parte os indios instigados reunem-se em quatro poderosas aldêas, a de S. Paulo, a de S. Thiago, a de S. João e a do Espirito-Santo, e se não curvam sem o emprego da força contra elles.

Havia tambem entre elles um grande principal por extremo soberbo e arrogante, já pelo numero de seus arcos, como pelo sitio asperrimo e defensavel em que vivia. Chamava-se elle « *Cururupebá*, » « sapo bufador. » Lançava grandes arrogancias contra os portuguezes, dizia que eram covardes, que não se atreviam a provar suas forças, que não se lhe dava de seus mandados, que havia de conservar seus antigos ritos, comer seus contrarios, e os proprios portuguezes quando lhe quizessem impedir acções tão generosas.

Mem de Sá achou que era máo exemplo, e quanto era conveniente abater aquella soberba. Ordens secretas—dão de repente em suas aldêas, fogo, estrondo de armas,—elles dormiam, foram entrados, mortos, desbaratados : escapam-se pelo escuro da noite, só e desamparado o Cururú, é tomado, posto em prisões apertadas, trazido á cidade, met-

(122) *Chron.* liv. II, n. 49.

tido em aspera prisão « para que a fama do castigo servisse de exemplo e terror aos outros. »

1558. Queixam-se os indios aldêados que os contrarios haviam apanhado trez dos seus, que descuidados pescavam em uma praia, e os comeram. O governador manda recado que entreguem os criminosos. Respondem que os portuguezes os fossem lá buscar. Eram muitos em armas, e haviam chamado os do sertão em auxilio, mais de trezentas aldêas que habitavam ás margens do rio *Paraguaçú*. Mem de Sá parte com ajuda dos aggravados. Vai com elles o padre Antonio Rodrigues, desembarcam nas praias, rompem por entre matos para o sertão, abrindo entrada á machado e fouce, passando alagôas por todo um dia e uma noite. Chegam ao lugar.

« Era uma eminencia cercada em contorno de madeiros grossos, com vallas, fóssos, e muitos milhares de barbaros, ao som de guerra, empenados e arrogantes, que batendo os arcos, enchendo os montes de vozerias, assobios e buzios, provocavam á guerra. »

Mem de Sá divide o seu esquadrão, accomette por dois lados : enfraquecidos e diminuidos aquelles, voltam as costas, os indios offendidos os seguem e fazem n'elles estrago lastimoso. Um dos seus indios corta um braço a um morto, manda sob pena de morte que em tantas horas o ponham alli, e achou-se o braço.

No dia seguinte segue os inimigos por entre brenhas, para acabar de uma vez com aquella guedelha e ronco do gentilismo da Bahia. Acharam mais de duzentas aldêas, nos cabeços dos altos montes. Subiam, trepando de pés e mãos, os primeiros seguram a entrada aos outros. Era tudo pavor e espanto, frechas sem numero.

Os corpos mortos impediam os vivos, valem-se das brenhas, « com tão grande terror que se affirma matava o pai

ao filho pequeno, porque não fosse descobridor, com seu choro, da vereda por onde se escondia. Foi tão grande a mortandade que não podiam contar-se os mortos ».

Voltaram á cidade, Mem de Sá é recebido com acções de graças.

Passados trez dias, chega embarcação de Paraguaçú, fazendo signal de paz, trazem e entregam os delinquentes, querem paz, viver em aldêas, e padres.

No entretanto os francezes se iam cada vez fortalecendo e intrincheirando no Rio desde 1556.

1559. Chega o segundo bispo D. Pedro Leitão, a 9 de Dezembro de 1559. Com elle sete da companhia, dois padres, cinco irmãos.Os padres João de Mello, e Dicio, os irmãos Jorge Rodrigues, Ruy Pereira, José, Crasto, Vicente Mestre. O padre Dicio, que vinha por causa de saude, voltou a Portugal. O irmão José falleceu em breve no collegio da Bahia, Crasto, Ruy Pereira e Vicente Mestre forâm despedidos da companhia.

Noticia de ser Diogo Laines Geral, o padre Luiz da Gram, feito provincial—pelos incommodos de Nobrega —aquelle em S. Vicente, este na Bahia.

Contava a companhia mais de quarenta. Nobrega foi pondo em cada residencia dos indios um padre, e um irmão. Já muitos indios podiam ser mestres do cathecismo, e outros prégadores da fé. Entre todos, um principal, Garcia de Sá. Com a sua prégação se uniram duas aldêas, assentadas em tempo de Duarte da Costa no rio Vermelho. Vieram para mais perto da cidade, reuniram-se com outras aldêas mais pequenas e se fez a aldêa de São *Paulo.*

Outra, de *São Sebastião*, com outras menos numerosas formaram uma povoação junto a Pirajá, trez leguas da cidade ; pozeram-lhe o nome de *São Thiago*.

Os *Tamoyos* insolentes discorriam e perturbavam a costa. Villegaignon era capitão cotholico, zeloso de justiça, e vingador dos aggravos que se faziam aos indios, principalmente mulheres(123). Fugiram-lhe quatro soldados, todos herejes. João Bolês versado na lingua latina, grega e hebrea,e sabedor das escripturas.São recebidos em S. Vicente,falla de imagens santas,bullas,indulgencias, de modo que fazia rir. Apega-se a Luiz da Gram,arguia-o por deixar a palavra de Deus aos portuguezes para a prégar aos gentios,contra o preceito de S. Paulo,que manda começar pelos proprios.

O povo dizia que Bolês era homem doutissimo, que Luiz da Gram, não ousando disputar com elle, por isso o perseguia. Metteu-se de permeio a justiça ecclesiastica. Bolês foi preso com dois companheiros moços e idiotas, e remettido ao bispo da Bahia, sendo que o quarto reduziu-se a fé catholica.

Em Dezembro de 1559 recebeu Gram a sua patente de provincial.

Em Porto-Seguro o padre Francisco Peres funda aquella famosa capella de N. S. da Ajuda, um terço de legua d'onde hoje está a verdadeira fonte milagrosa.

1560. Chegaram de soccorro dois irmãos, Antonio Gonçalves e Luiz Rodrigues.

Fez em Portugal grande echo a noticia dos francezes no Rio, como alli estavam havia quatro annos, que crescia o seu poder com os *Tamoyos*, soccorros de França que enriqueciam das drogas de páo-brasil. A rainha dona Catharina d'Austria, regente na menoridade de D. Sebastião, manda uma armada ao Brasil e a Mem de Sá que por

(123) *Chron.*, liv. II, n. 66.

todos os modos lançasse fóra aquella ignominia do nome portuguez.

Juntou na Bahia mais navios. Eram dez ou onze, entre elles duas náos (não fallando em barcos). Nobrega vai com elle, chegou nos primeiros mezes do anno de 1559. Os francezes se recolhem á fortaleza. Nobrega, doente e lançando sangue, corta a S. Vicente, a sua diligencia mandam-lhe um bergantim artilhado e cousas de guerra, muitos indios e os dois religiosos Fernão Luiz e Gaspar Lourenço.

Com este soccorro, demandam a barra, entram, pojam em terra, combatem a fortaleza. Arremetteram ao cabeço principal, que olha para a barra, chamado das «Palmeiras» entram, ganham a casa da polvora. Indios e francezes despejam o forte confiados no escuro, parte as náos, parte as brenhas. Mem de Sá celebra acções de graças, e os padres da companhia celébram a *primeira missa* que viu aquella ilha.

Entre os indios Martim Affonso primou, teve habito de Christo e tença, da qual depois gozaram alguns dos seus descendentes. A elle se attribue em maxima parte a derrota dos francezes, como era tradição no tempo de Vasconcellos. No mais o habito de Christo o provaria.

Tomaram a artilheria dos francezes, arrazaram o forte, e não occuparam a terra por falta de meios.

Adão Gonçalves, dos mais ricos e poderosos de S. Vicente, um dos principaes autores da victoria, foi á Bahia requerer certidão de serviços. De repente abandona tudo, dá seus bens á companhia (e eram elles de consideração na capitania de S. Vicente) e entra na companhia com um filho que tinha ainda estudante. Este morreu moço.

O governador do Rio foi tomar mantimentos a S. Vicente, no ultimo de Março estava em Santos. (1560).

Em quanto aqui esteve, mudou o governador para Piratininga a villa de S. André (á trez leguas de distancia), estava junto ás florestas e por isso mui salteada dos indios do Parahyba. Luiz da Gram muda o collegio de Piratininga para S. Vicente ; fundaram-se aqui classes e estudos, e assim estiveram até que no reinado de D. Sebastião se passou para o Rio o collegio.

O caminho de Paranápiacaba, entre S. Vicente e Piratininga, como era terra deserta e fragosa e cheia de mattas bravas, era muito infestada dos indios da Parahyba, que alli vinham esperar os caminhantes d'uma e outra parte. Fez-se o novo caminho.

Horrivel tormenta, tremor de terra, mas parece que o furacão fez mais damno que o terremoto.

Era chegada a monção da Bahia. Aos 25 de Junho embarca-se o governador com o padre Luiz da Gram, com dois irmãos, grandes linguas do Brasil, Gonçalo d'Oliveira e Gaspar Lourenço.

Nobrega fica feito superior de S. Vicente e do Espirito Santo. Chegáram em Agosto á Bahia.

Logo em Outubro foi Luiz da Gram visitar as aldêas, a pé com edificação de todos que conheciam as suas poucas forças. No mesmo mez fundou a aldêa de S. Antonio, juntando grande numero de gente que vivia inculta no lugar chamado *Erembê.*

No fim do anno (1560) passaram a Pernambuco os padres Gonçalo d'Oliveira, lingua para os indios, e outro para os portuguezes. Foram bem recebidos em Olinda, e agasalhados em casas que lá deixára feitas o padre Antonio Peres, no alto do sitio do collegio que depois se fundou.

Voltaram á Bahia passados dois annos.

Os *Aymorés* assaltam Ilhéos e Porto-Seguro, sendo

elles a casta a mais brutal e dushumana de todo o Brasil. « Descende dos *Tapuyas* antigos ; porém por occasião de guerras que houve entre elles, succedeu que certos bandos menos poderosos fugindo a seus inimigos, se recolheram ao interior do sertão, a lugares fragosos e montanhas estereis, onde não podessem ser achados ; e como alli viviam separados do commercio de toda a mais gente, por discurso de tempo vieram seus filhos e netos a perder a noticia da linguagem propria, e formaram outra de que nenhuma outra nação era entendida, feia, guttural, arrancada do peito.»

Gente agigantada, robusta, forçosa, não consentem cabello senão na cabeça, todo o mais arrancam. Arcos immensamente grandes, destrissimos frecheiros, grandes corredores, sem casas, nem aldêas, nem roças, dormem na terra, sustentam-se de fructas e caça, comem crú, andam tosquiados com navalhas de canna. Acommettem á traição e nunca á descoberto, andam aos poucos, sem lealdade de uns para outros, nem mesmo de pais para filhos.

Começaram então a descer de suas serras, davam assaltos, roubavam tudo, matavam sem misericordia. Ilhéos, Porto-Seguro assollados. As aldêas desbaratadas.

Mem de Sá os ataca nos Ilhéos, sobem á noite a serra, deu n'elles tomado de somno «degolam, ferem, pondo por terra todo o vivente, homens, mulheres e meninos.»

Tornam a si, como eram valentes, armam ciladas, quando os portuguezes voltavam as praias. Mem de Sá previne-os com contra-cilada. Tomados pelas costas, não sabendo nadar, e só tendo livre o mar, foram postos na ultima derrota. Mem de Sá é recebido nos Ilhéos como em triumpho. Atacam de novo nas praias, postos em torpe fugida, pedem pazes.

Volta á Bahia deixando *destruidas tresentas aldêas do gentio rebelde*, outros retiraram-se a mais de sessenta leguas pelas brenhas.

Foi preciso juntal-os, foram a isso os mais eloquentes linguas do Brasil, não debalde.

Primeira povoação na ilha de Itaparica a trez leguas da cidade, com a invocação de Santa Cruz, Junho de 1561: fundada com o gentio do rio *Paraguaçú*. Assistencia de um padre e de irmão, Antonio Pires e Manoel d'Andrade.

No mesmo mez a segunda, doze leguas ao Norte da cidade, em sitio fertil chamado *Tatuapara*, sob a invocação de Jesus. Padre Antonio Rodrigues. Irmão Paulo Rodrigues. Chegaram em poucos dias a quatrocentos os meninos que aprendiam doutrina.

Terceira, a vinte e duas leguas da cidade, ao norte, S. Pedro, mais populosa que as duas primeiras. Concorreram para ella as aldêas de *Çaboyg*, n'aquelle tempo numerosas, e outras mais pequenas.

A quarta, mais dez leguas adiante, no sitio *Anhebyg*, invocação de Santo André. Estavam porém de guerra com o gentio do rio Itapicurú, o que era impedimento para a sua conversão. Vai-se a elles em missão o padre Luiz da Gram e faz as pazes entre elles e os de *Anhebyg*.

Em Novembro voltou-se o provincial para o sul, funda a quinta povoação na paragem chamada *Macamamú*, dezeseis leguas da cidade, terra fertil, abundante de rios, composta de muitos mil arcos. *Nossa Senhora da Assumpção*. No mesmo mez, a sexta, sitio pouco distante, junto a *Tinharé*, chamado *Taporagoâ* ou *S. Miguel*.

Contando as cinco mais antigas, faziam onze ao todo. Visitou-as a todas n'esse anno, a pé, descalço, recebido com festa em todos. Queriam os indios leval-o em redes baptizou infinitos, casou a muitos. Na aldêa do Bom Je-

sus houve embustes. Um indio, que nunca se soube quem foi, começou a prégar-lhes de noite, que o padre os queria baptizados, para os captivar. Fogem espavoridos. Os padres acodem, e os pacificam.

No dia seguinte, estando todos esperando o baptismo, ouve-se um grito, que a aldêa estava em fogo, fogem todos, nada havia, voltam envergonhados.

No outro houve missa cantada, para os matrimonios, tendo já tomado as mãos a dois contrahentes, depois do offertorio, estremecem, largam a fugir, como aves espavoridas, furando as paredes (de palha) cada qual por onde podia. Os acolytos atraz d'elles, assim revistidos como estavam. Os noivos voltam sujos e esfarrapados, dos lugares onde se tinham escondido.

Trouxe comsigo um principal— *Capinno*— ainda não de paz, ao qual persuadiu que viesse ver a cidade. O governador deu-lhes algumas dadivas, e o titulo de capitão dos seus, (o primeiro do qual se faz menção). Novo soccorro de Portugal em 1561. O padre Francisco Viegas, e um irmão italiano, foram ambos brevemente despedidos da companhia. No entanto o padre Nobrega em S. Vicente, apezar de doente, não esmorecia, e occupava-se em visitas incessantes. Depois da expulsão dos francezes, os *Tamoyos* andavam em continuos assaltos por mar e terra. Mulheres prisioneiras, que resistem á lascivia dos *Tamoyos*, com sacrificio das vidas, exemplos que não seriam raros em neophitos, em mulheres, e em tempos calamitosos.

Fazem-se preces e rogativas, disciplinam-se pelas ruas, para que os portuguezes entrassem em si, conhecendo o seu peccado, e o céo suspendesse o castigo. Tão grande terror infundiam os *Tamoyos!*

Affligidos com desynterias de sangue, curavam tambem com sangrias, que era triaga na medicina do tempo.

Oração nocturna perenne, com disciplina marcada á ampulheta, que passava a outro, logo que descia toda a arêa.

1561.— N'este anno morreu o irmão Matheus Nogueira, coadjutor temporal, recebido na companhia pelo padre Leonardo Nunes em 1559, na capitania do Espirito-Santo. Servira na fronteira d'Africa, no posto de soldado, o lugar de espia que servira com grande risco, livrando-se de mouros, e de leões.

Voltando á patria achou a mulher prostituida. Abandonou-a. Faziam-se então levas de gente para o Brasil, alistou-se como soldado, para viver desconhecido, veiu ao Espirito Santo. Valente e de grandes forças, era dos primeiros sempre contra os inimigos que os assaltavam. Exercia o officio de ferreiro nos intervallos. Passando por aquella capitania Leonardo Nunes, foi recebido na companhia e approvado por Nobrega, depois por S. Ignacio, não obstante ser viva a mulher pois que a tinha abandonada por adulterio. Vivia exemplar em S. Vicente, e em Piratininga. Era bom ferreiro, e os indios nada mais estimam que obras de ferro. Era unico, acabava com os indios quanto queria. Obedeciam-lhe como homem que tinha arte mais que humana ; mandava recados para o sertão, e era pontualmente obedecido. Por sua causa se encheram os seminarios, para aprenderem os meninos com elles.

Por sua causa se converteram muitos maioraes. Morreu de excesso de penitencias, pois a companhia ainda não tinha constituições, e tomava cada um as penitencias que queria. Usava de umas muletas para sustentar-se de joelhos, um tiracollo para ter as mãos erguidas na oração. Esteve cinco ou seis dias de cama, e morreu a 29 de Janeiro de 1561. Na capitania de S. Vicente, foi o primeiro que morreu na cama, e sepultado em Piratininga.

1562.—Vão as cousas da Bahia n'este anno: Luiz da Gram incansavel no seu apostolado. Faz mais de mil baptismos só em tres ou quatro aldêas.

N'este anno houve, segundo o padre Vasconcellos, os seguintes baptismos:

Em S. Thiago	120
Em S. João	550
Em S. Antonio	400
Em S. Pedro	1,150
Itaparica	108
S. Miguel	897
Nossa Senhora d'Assumpção	1,090
Ilhéos em uma aldêa	170
Outra	138
Em S. Thiago	153
S. Antonio	202
S. Paulo	212
Ao todo	5,220

Pode-se saber d'estes baptismos porque os catechistas não o faziam. Só o provincial, que ia em correcção.

Fica de fóra d'esta estatistica S. Vicente e Espirito Santo.

Na aldêa de S. Pedro, a cargo do padre Antonio Rodrigues, os feiticeiros defraudados na honra, e no proveito, os prevertem com razões diabolicas. Desampararam os indios a aldêa. Vai atraz d'elles o padre Rodrigues, encontra-os a poucas jornadas, mais de trez mil homens, mulheres, meninos, carregados de suas alfaias, de cuias, de potes, de patiguás, e de cabaças, famintos e cançados, por serem muitos, e o sertão esteril. Voltaram, e compozeram-se em suas aldêas. D'estes baptizaram-se mais

de mil e quinhentos. Luiz da Gram tenta uma missão ao Rio de S. Francisco, metteu-se a caminho, andadas muitas jornadas, experimentados graves perigos d'homens, e féras, cheios de fome, voltaram, fracos, quebrantados e doentes.

No mez de Julho chegam de S. Vicente á Bahia, quatro religiosos. Todos versados na lingua brasilica.

O padre Manoel de Paiva, o irmão Manoel de Chaves, irmão Gregorio Serrão, irmão Diogo Jacome, a quem o bispo D. Pedro Leitão, pouco depois deu ordens sacras. Vão a Pernambuco, por superior, o padre João de Mello, e o padre Antonio de Sá, perito na lingua do Brasil. Andava em revolta o governador com os principaes da terra, com bandos de parte a parte, compozeram os padres isso, e muitas contendas de particulares, espalhando os Sacramentos da penitencia e communhão, em que acharam muitos descuidos. Com esmolas fundaram a igreja de Nossa Senhora da Graça. Alli estiveram até ao anno de 1567. Em S. Vicente os *Tamoyos* mais alterosos, mais aguerridos, com uso das armas, mais encarniçados com as presas, mais alentados com as victorias, mais soberbos com o auxilio dos francezes.

Os portuguezes acommettendo-os com o mór poder que tinham, foram vencidos e desbaratados. Os *Tupís* do sertão declaram-se contrarios, juntam-se-lhe os neutros, e os que de nós fugiam por descontentes. Vieram sobre a villa de Piratininga.

Um d'elles lembrado da doutrina dos padres escapa-se, rompendo mato, vem dar noticia do ataque. Achavam-se em Piratininga dez religiosos, dos quaes era superior o padre Vieira Rodrigues.— Susto.

Vieram-se logo recolhendo á cidade os alliados, e os que se poderam recolher, de seis ou sete aldêas, vinham

de noite por caminhos secretos; com frios violentissimos, tambem com elles mulheres e crianças, vinham a bandos, e como trazidos da mão de Deus.

Tebyreçá, o principal de Piratininga, recolheu logo os seus indios. Por cinco dias tardou o inimigo e durou a preparação do combate, animando os portuguezes, fazendo pratica aos seus. *Ararayg*, seu irmão, vinha com os contrarios e com *Jaguaranhó* (cão bravo).

Um sobrinho, filho de *Ararayg*, fez todo o possivel para desviar Tebyreçá dos contrarios. Respondeu o tio, que confiava em Deus, e havia de vencel-o e matal-o. Dão sobre a villa com grande estrondo de gritos, todos elles pintados, empennados, jactanciosos, na retaguarda com canalha de velhas, já com as panellas promptas. Fortificam-se na igreja com as mulheres de indios e portuguezes. Jaguaranhó, atacando a igreja pelo lado da cerca, levou uma frechada de que morreu. Combate de parentes, uns com os outros. Desanimam-se os contrarios. Retiram-se em desordem ao segundo dia de combate, destruindo os arredores. Resolvem-se os alliados a ficar em Piratininga. Fazem cerca de taipa á moda de muralha. Enfermaram muitos de desynteria de sangue perigosa. D'esta doença morreu Tebyreçá (1562), assistido do padre Fernão Luiz.

No combate de Piratininga esteve todo o negocio nas mãos d'este indio. Foi sepultado na igreja dos padres.

A vista dos perigos passados, os moradores de Itanhaê chamam os padres e deram-lhe em sua villa o melhor aposento que tinham.

Piririgoâ-Obyg, indio muito velho de Itanhaê de cento e trinta annos, recebe o baptismo. Os *Tamoyos* vêm do Rio em canôas, assaltam toda a praia de *Boyguaçù goaba*, e varias outras partes, matando e captivando tudo. An-

davam em canôas de quinze a vinte remos, por banda e elles muito destros no remar.

Por este tempo chegou de portugal Vasco Fernandes Coutinho : vê a sua capitania desbaratada.

Pede soccorro a Mem de Sá : manda este navios da costa com gente, e por capitão seu filho Fernão de Sá. Chegaram á fóz do rio *Quiricaré*, na altura de dezenove gráos. Elles embarcaram-se, incorporam-se com a gente da terra, dão nos indios, e os afugentam. Os indios voltam para desaffrontar-se, põem tudo em confusão, fogem os nossos para os navios, mas em tanta desordem que Fernão de Sá é morto ás frechadas, e tambem muita gente.

1563 e 24 da companhia. Entra o anno com uma terrivel peste, começando da ilha de Itaparica, deu sobre a cidade, e foi d'ahi correndo ao norte, levando as aldêas de S. paulo, S. João e S. Miguel. « Escassamente deixou viva a quarta parte dos moradores. Calcula-se em trinta mil só na capital da Bahia.

Dores nas entranhas que fazia apodrecer o figado e bofes, e logo bexigas tão podres e peconhentas, que cahiam as carnes aos pedaços, cheios de bichos mal cheirosos.

Trabalho dos padres com os moribundos. Chegam de Portugal mais quatro operarios, o padre Quiricio Caxa, e os irmãos Balthazar Alvares, Luiz Carvalho,e Sebastião de Pina. Luiz Carvalho veiu doente, e voltou sem experimentar melhoras. O padre Caxa abriu uma classe de grammatica.

No maritimo de S. Vicente tudo eram assaltos, mortes, captiveiros, feitos pelos *Tamoyos* (124). Na primeira oitava da paschoa Nobrega com seu companheiro Anchieta, despediram-se de seus religiosos, para se virem

(124) *Chron. da Comp.* liv. III, n. 4.

metter entre os *Tamoyos*. Da fronteira dos *Tamoyos* os levou em barca propria Francisco Adorno, nobre genovez, homem rico da terra, a 21 de Abril de 1563. A 4 de Maio chegaram ás principaes praias dos *Tamoyos*, em distancia de vinte e seis leguas de S. Vicente. Altura 23 gráos e um quarto.

« Tem seu principio vindo da villa de S. Sebastião, da ultima ponta da enseada, que chamam dos *Maramomìs*, fronteira a ilha dos porcos, correndo ao sul, as trez enseadas, seguintes : dos Portos, de Vubatyba, e Larangeiras, até entestar com o grão Cairuçú, penedias disformes, espanto dos navegantes, e pelo sertão cerco horrivel d'altas serranias, incultas, impenetraveis.

Sabendo os *Tamoyos* que tinha desembarcado gente estranha em suas praias, acudiram logo, ouvindo as eloquentes saudações de Joseph de Anchieta (125), hospedado por *Coaquíra* em sua propria lingua. Abrandam-se. Vieram dois chefes, que deram doze indios de refens que fossem a S. Vicente. Os padres armam uma igrejinha coberta de palma. Primeira missa a 9 de Maio. Começam logo a doutrinal-os. Correu fama que eram os padres chegados ás praias de *Iperoyg*. Vieram muitos, uns por curiosidade, outros para estorvar os concertos.

O primeiro foi um principal de nome *Aimbirê* em dez canôas. Era amigo dos francezes, sogro d'um d'elles, amicissimo dos portuguezes, dos quaes fôra assaltado, mettido em uma canôa com ferropéas, d'onde fugira á nado, mas sempre lembrado da injuria.

Junta. Aimbîrê pede os chefes, que d'elle se haviam apartado, e estavam com os portuguezes, e elle

(125) *Chron.* Liv. III, n. 7.

com os *Tamoyos* tramam matar os padres, e para isso formam um conselho secreto (126).

Os padres chegam, e procuram demovel-os; porém o peito do barbaro ficou duro, e concluiu com arrogancia n'estas palavras: « Pois que vós outros sois escassos de « meus contrarios, que têem morto e comido os meus, e « os não quereis entregar, não tenhamos pazes, e voltou- « se descortezmente a outra parte.» (127)

Foi inteirado d'isto *Pindobuçú*, capitão da aldêa, velho, e muito respeitado.

Aimbirè, confiado em si e nos seus, propõe-se a ir a S. Vicente, pedir as cabeças dos tres principaes; foi bem recebido, agasalhado, voltou contente, e de paz.

Um dia vem *Paranapucú* (mar espaçoso), filho do velho *Pindobuçú*, onde estavam os padres. Os padres fogem da praia, e pelos matos se vão metter na casa do velho. O filho chega, o velho lhe conta maravilhas dos hospedes, da sua coragem, da sua continencia, etc. « A superstição se mettia no meio. » Elles nos lançarão, se o quizerem, camaras de sangue, e febres malignas, com que todos morramos. »

Conselhos.— Os velhos expõem as suas queixas. Allegam os padres que trazem as suas cabeças para abono da verdade. As aldêas de *Iperuy* são as que primeiro adherem. Os do Rio de Janeiro, e de Cabo-Frio, « mais frio », e depois de feitas mais tarde as pazes, as quebraram.

No fim de dois mezes, partiu Nobrega, ficou Anchieta, para que os indios não desconfiassem. A causa parace ter sido a noticia de que os barbaros haviam entrado

(126) *Chron.* liv. III, n. 11.
(127) Idem, n. 12.

no forte de S. Vicente, e morto o capitão d'elle e a mulher, e levado a familia captiva. Chegou em fins de Junho (128).

« Fez o padre Anchieta promessa á Virgem de compôr a vida d'Ella em verso, e como não tivesse papel, nem penna, nem tinta « sahe-se á praia e alli junto ao brando murmurar das aguas, escrevia seus versos na arêa, para melhor retel-os na memoria. » (129)

« Paternina conta d'uma ave graciosamsnte pintada, que com brando vôo andava em torno de Joseph, emquanto elle ia compondo e escrevendo, lhe saltava, brincando, ora nas mãos, ora nos hombros, ora na cabeça. »

Vasconcellos tem para si que aquella ave era o correio da Virgem, que lhe trazia despacho do que elle pedia, em galardão do seu trabalho e amor.

A concepção do poema era recurso para Anchieta fugir da concupiscencia, porque no meio de mulheres não impudicas, mas núas e innocentes, e por isso perigosas, elle só e os matos, viam-se assediado de tão temerosos inimigos.

Os *Tamoyos*, levados da sua natural inconstancia, fazem assaltos, e trazem prisioneiros portuguezes a *Iperoyg* (130). Resgatam-se estes por ferramanta e pannos. No primeiro de Julho chegam canôas do Rio, sempre de máo agouro, mas aplacam-se os indios. As canôas, que levaram Nobrega, voltam de S. Vicente, (6 de Julho) contando que um Domingos Braga tinha morto um indio de *Aimbîrê*. Os do Rio triumpham, e querem levar o padre. Porém *Pindobuçú*, e os principaes de *Iperoyg* os defendem. Havia tambem alli um Antonio Dias, que tinha ido resgatar a mulher e os filhos captivos em guerras passadas. Filho

(128) *Chron.* Liv. III, n. 17.
(129) Idem, n. 22.
(130) Idem, n. 25.

José, lhe dizia, um indio velho, pede a Deus que te dê vida, que do mais não tenhas medo. Soube-se depois que o que se dizia ter sido morto, tomado de medo sem fundamento, se metteu pelos matos, e chegou no fim d'um mez.

Foram então chegando os mais indios, e contaram como tinham feito as pazes, e com que ceremonias, e depois de S. Vicente, em Piratininga, em Itanhão, e com os *Tupís* dos padres, e os de *Mayranhaya*, que se abraçaram, e viviam em paz.

A 14 de Setembro de 1563 voltou o padre Anchieta acompanhado por *Cunhambéba* seu amigo, chegando a 21 do mesmo mez, trazendo a noticia de pazes.

Entra o anno de 1564.

Os moradores da Bahia têm fome por effeito da peste do anno antecedente e por falta de quem cultivasse as terras; mas além d'isso obrava tambem a intemperie, e más influencias do ar. Nasciam as plantas viçosas e morriam mallogradas. Morriam os indios de fome nas aldêas (131).

Os que escapavam nas aldêas visinhas á cidade, vendiam-se a si mesmos, « levados do aperto por causa do comer—uns a liberdade por uma cuia de farinha, outros alugavam-se para servir toda a vida, outros vendiam os filhos, ou os fingiam, para esse fim, seus. » Muitos eram senhoreados dos portuguezes, sem nenhum contracto anterior. Acabam-se as aldêas. A de Itaparica por causa da fome se muda para Santa-Cruz de *Jagoaripe*, mas não bastou esta ultima. A de Nossa Senhora da Assumpção de *Tapepitanga*, a de S. Miguel de *Tapéragoâ*, foram desamparadas e espalham-se os moradores pelo mato em busca de sustento.

Os padres João Pereira, Adão Gonçalves, Jorge Rodri-

(131) *Chron*. liv. III, n. 38.

gues e outro irmão estiveram a ponto de serem mortos ás mãos dos que fugiram das aldêas de *Tapéragoâ* e *Tapepitanga*, por lhes quererem aquelles impedir a fuga. De tantas aldêas, ficaram sómente cinco, que essas mesmas depois se reduziram a quatro. Maior inconveniente era que voltavam muitos indios sem mulheres, de quem não sabiam, e queriam casar e se descontentavam por o não poderem fazer.

Consultada a Meza da Consciencia de Lisboa sobre estes pontos, resolveu :

« Que o pai podia em direito vender ao filho em caso de apertada necessidade ; e que qualquer se podia vender a si mesmo para gozar do preço. » Consultam o bispo D. Pedro Leitão, o governador Mem de Sá, o ouvidor Braz Fragoso, o provincial Luiz da Gram, que se publicasse a resolução, e os indios que estivessem fôra d'elle, fossem havidos por livres (132).

« Porém, diz Vasconcellos, como os moradores da Bahia e de toda a costa estavam feitos senhores de tão grande quantidade de indios, vendidos fóra do direito por tios, irmãos e parentes, que não tinham direito sobre elles, determinou-se que os taes eram livres. Visto comtudo as grandes difficuldades que se allegavam, de se largarem os indios do serviço dos portuguezes ; e porque podiam outra vez metter-se entre os gentios, com dispendio de suas almas, e não sem perigo da republica, foi permittido que ficassem em casa dos que os tinham, com as condições seguintes :—» Que os ditos indios, assim mal havidos fossem avisados de sua liberdade ; mas que como livres servissem áquelles que os resgataram em suas vidas, por evitar os inconvenientes, que do contrario se podiam seguir ;

(132) *Chron.* liv. III, n. 40.

e que fugindo os taes indios os podessem os amos mandar buscar e castigar; e com condição que os amos em reconhecimento da liberdade d'elles, lhes pagassem em cada um anno por seu serviço aquillo que justamente lhes fosse taxado, com declaração de que, continuando elles a fugir pera o gentio, sendo depois da primeira vez, perdessem a soldada d'um anno, em recompensa do que os amos perderiam em buscal-os. E outro-sim que os possuidores dos ditos indios não os poderiam vender, nem dar, nem trocar, nem levar fóra do Brasil; e os que os não quizessem possuir com as condições apontadas, os podessem tornar a dar aos que lh'os venderam, sem titulo de dominio que tivessem sobre elles, e estes lhes tornassem o preço. » (133)

« Porém nem estas condições se guardaram, nem a resolução serviu de mais que de captivarem mais indios com capa de vendidos por si mesmos, ou por seus pais, ou parentes, porque enganavam os pobres, e quando hiam a resgatar, faziam que dissessem o que queriam: sendo que (tirando poucos na força da fome sobredita) raramente se achará que algum indio se vendesse a si ou a filho legitimo; nem as suas necessidades são taes, que se não possam remediar sem semelhante rigor de vendas, contrarias á liberdade natural, tão estimada d'elles, e de todos os homens (134). »

Nem tambem a condição permettida do serviço dos indios por toda a vida, posto que por seu estipendio, deixava de ser violenta, e quasi modo de captiveiro, a não intervirem gravissimas razões verdadeiras que a cohonestassem.»

Outra praga. « Por morte do bispo Sardinha, promulgou-se uma sentença contra os indios *Caetés*, dando-os

(133) *Chron.* liv. III, n. 41.
(134) Idem, n. 42.

por escravos, e todos os seus descendentes. Havia nas aldêas grande quantidade de *Caetés* ; não só estes eram havidos por captivos, mas á volta d'elles muitos que o não eram. »

Em consulta com o ouvidor resolveu o governador que fossem exceptuados da sentença os que se reduzissem á igreja.

« A limitação não foi de fructo ; porque elles ou se não acolhiam ás igrejas, ou se o faziam, não estavam ahi seguros dos portuguezes, e, como desesperados, fugiam, e morriam á fome, ou se mettiam com seus proprios inimigos, e morriam á mãos violentas. »

Lei de 11 *de Novembro de* 1595. Manda Filippe II que só ficassem captivos os que fossem tomados em guerra justa.

Lei de 30 *de Julho de* 1609. Declara livres todos os indios do Brasil, baptizados, ou não, e ainda mesmo comprados e julgados captivos por sentença, ficando nullas as vendas e as sentenças.

Na Bahia sahiram com embargos e replicas pelo que havia.

Lei de 10 *de Setembro de* 1610. Confirmando a anterior. A 31 de Março de 1640 decreta-se nova lei: —que nenhum indio, ainda infiel, possa ser captivo nem posto em servidão por nenhum modo, causa ou titulo, nem privado de seus bens, filhos e mulheres, etc.

N'este anno de 1564, haviam dez jesuitas na Bahia, e 15 em S. Vicente. Em Piratininga 18. No Espirito-Santo, Pernambuco, e Porto-Seguro, 2 em cada uma d'estas capitanias, e 3 nos Ilhéos.

D. Sebastião dota o collegio da Bahia com uma congrua para o sustento de 60 religiosos, na redizima da capitania,

o que n'aquelle tempo vinha a ser vinte mil réis, para cada sujeito, ou trez mil crusados ao todo. (*Provisão de 7 de Novembro de* 1564.)

Morre n'este anno de 1564 Diogo Laynes, geral da companhia e em 1565 é nomeado para o substituir o santo padre Francisco de Borja, e na mesma congressão dos padres professos é escolhido procurador da India e Brasil o padre Ignacio d'Azevedo, com o encargo de visitador da provincia do Brasil.

Francisco Sacchino. *Chronica da Companhia*, Liv. 8.°, n. 200, e seguintes.

Ribadenera. *Dos quatro geraes da Companhia.*

Euzebio de Nieremberg. *Dos varões illustres da Companhia.*

Luiz de Gusmão. *Historia das missões.*

Bencio, *Poema dos trez martyres.*

Geraldo Montano (poeta). *Centuria.* Falla do padre Azevedo.

(*Continúa*)

SEDIÇÃO MILITAR NA ILHA DAS COBRAS

EM 1831

Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro

PELO SOCIO EFFECTIVO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO.

Realizára-se a revolução de 7 de Abril, se estabelecêra sem combate uma nova forma politica. A prudencia de um principe que, para salvar um principio abdicou a corôa de um imperio, a união e moderação dos partidos fizeram o paiz atravessar essa crise tão violenta sem scenas de sangue e lutas da anarchia; mas passado o enthusiasmo que sempre produzem essas commoções populares, desappareceram a prudencia e a moderação, e em vez das palavras de perdão e legalidade, da unanimidade de desejos, hasteou cada partido o seu pendão, extremou cada um suas opiniões, e começaram os odios politicos a prégar a perseguição, o banimento e o exterminio. Lavrou a anarchia, tornou-se violenta e intolerante a imprensa, e discursos exaltados, reuniões clandestinas, sociedades politicas entornaram na sociedade idéas perniciosas e subversivas.

Se procurava um partido firmar-se na lei e lançar um véo de esquecimento sobre os erros anteriormente commettidos, mostrava-se o outro violento e sem treguas, julgava servis e traidores áquelles que não admittiam suas idéas, não approvavam seus planos, e nem tinham como uteis violencias e perseguições. Eram para os moderados anarchistas e revolucionarios os que se não curvavam a todos os actos do governo, e não louvavam a linguagem

d'este ou d'aquelle periodico alistado entre os defensores dos ministros. Irritados assim os partidos, accesos os odios politicos, nasciam d'essa conflagração ameaças, injustiças e perseguições reciprocas.

Se separados como se achavam pugnassem os partidos politicos pelas suas idéas, defendessem seus principios, podia essa luta da imprensa trazer desenvolvimento moral ao paiz, esclarecer as opiniões, dar vida ao systema governamental e firmar as bazes do direito e da justiça. Mas assim não aconteceu.

Cada partido, cada facção tratava de exterminar a facção, o partido contrario; era a luta de protestantes e catholicos, da fogueira e do punhal.

Esforçava-se cada partido por extinguir o outro; eram monstros, malvados, aquelles que se achavam alistados na seita dessidente e devia a patria livrar-se d'elles; se não deviam poupar os inimigos, antes aniquilal-os todos para felicidade presente e futura da nação; e d'este modo ateava-se na capital do imperio o facho da discordia e da anarchia.

Além d'esta linguagem vehemente excitavam os espiritos a questão da nacionalidade; era um motivo para intrigas, rivalidades e odios o haver nascido no Brasil ou em Portugal.

Accresce que a força militar, pela influencia e vantagem que adquirira nos negocios publicos desde 1821, assumira certa preponderancia que tornou-se em breve perigosa e fatal; tudo se devia decidir pelo peso da espada, e não eram completos os acontecimentos politicos sem a intervenção do exercito.

Nasceu d'ahi um antagonismo entre militares e paisanos, que começaram a considerar áquelles como oppressores e despoticos.

Costumado a executar as ordens do poder absoluto tornára-se o exercito soberbo e exaltado, e, quando viu que queriam sopitar-lhe a influencia, atirou-se á luta e mostrou-se violento e indisciplinado.

Todos esses elementos, os partidos exacerbados, as aspirações illegaes, as paixões violentas, as questões de nacionalidade e a insubordinação militar lançaram em diversos pontos do imperio a licença, e produziram commoções, sedições e lutas civis.

Nas ruas, nas praças, nos theatros, nos quarteis da capital do imperio levanta a anarchia seu collo altivo; inflammados pelas calumnias e vehemencias da imprensa gritam, clamam os cidadãos, e atacam as rondas municipaes na cidade nova; no theatro exaltam os espiritos, excitam os brios nacionaes, desobedecem e insultam a autoridade; uma turba desenfreada corre aos quarteis, desarma alguns guardas municipaes, subleva os soldados contra o povo; e encerrados nos muros de uma fortaleza, dispondo de munições, soldados indisciplinados reclamam violentamente um dos seus officiáes, preparam-se para atacar a cidade e fazem fogo sobre ella.

Felizmente a lei triumpha d'essas commoções, são dispersos os ajuntamentos, presos os sediciosos, e subjugada a tropa rebelde; a ordem recupera seu imperio, o patriotismo do povo inutilisa os planos dos ambiciosos, que esperavam triumphar nas trevas e no erro, e que, como diz Montesquieu, quando querem pôr em pratica seus projectos trabalham por introduzir na republica uma especie de anarchia; a energia do governo, n'esses tempos agitados e revoltos, extirpa os males, salva a patria, prestes a despenhar-se nos horrores da anarchia, e afasta a luta civil que traz sempre comsigo a immoralidade, a pobreza, a desordem, a desolação e a morte.

Corria na cidade, á mais de mez, o boato de que breve rebentaria uma sedição no corpo de artilheria de marinha aquartelado na Ilha das Cobras; indicavam-se alguns officiaes, e especialmente o capitão José Custodio e o alferes Camillo José Ribeiro como chefes da sublevação, patenteando a linguagem livre e desenvolta dos soldados que inflammava-lhes alguem os animos e excitava-os á revolta. Pareciam não tocar essas atoardas os ouvidos do ministro da marinha, que se não apressava em lavrar a baixa de soldados de quatro, seis e mais annos de serviço, os quaes, era sabido e notorio, desejavam voltar contra o povo as armas recebidas para defensão da patria; e declarando necessitar de gente para guarnecer os navios e a presiganga deixava o ministro em mãos d'essa tropa insubordinada um deposito de tres mil armas, muito cartuxame e algum dinheiro.

Por decreto de 16 de Setembro de 1831 dimittira o ministro da guerra do serviço do exercito diversos officiaes, transfirira muitos de uns para outros corpos, e só poucos dias antes de romper a sedição removêra o ministro da marinha o armamento da ilha, concedêra algumas baixas, mandára prender a diversos officiaes e afastar outros da côrte. Recebeu ordem de recolher ao brigue *Pirajá* o segundo tenente de artilheria de marinha Camillo José Ribeiro, mais tarde de apresentar-se preso na fragata *Constituição*, mas declarando-se doente teve baixa para o hospital de marinha, d'onde, consta, não deixou de insuflar a sedição dos soldados.

Foi tambem instigador d'esse movimento militar o Dr. Cypriano José Barata de Almeida, que se achava detido na ilha, e que mais tarde foi removido para a provincia da Bahia. Ardente e exaltado em suas opiniões politicas, redactor do periodico *Sentinella*, ateou esse cidadão mais

de uma vez o fogo das paixões, e a vehemencia dos odios nas lutas dos partidos.

Ordenára o governo que o capitão José Custodio se ausentasse da côrte no dia 7 de Outubro, e se distribuissem pelas embarcações diversas praças do corpo de artilheria de marinha.

Mas divulgadas estas ordens começou-se a espalhar na cidade, na noite do dia 6, que estava revoltado o corpo de brigada, reclamava seu capitão José Custodio, e que deixando os presos entregues a si proprios, haviam os soldados partido da presiganga para unirem-se a seus camaradas da ilha. De feito, corridos alguns instantes, desembarcava no arsenal de marinha uma deputação da ilha pedindo o capitão supracitado que foi remettido na esperança de aquietar os animos dos soldados; mas produziu esse acto de fraqueza e condescendencia funestos resultados; agitou e fortaleceu a sedição, animou aos temidos, e provocou a ousadia dos exaltados que ás dez horas despejavam fogo de fuzilaria sobre a cidade.

Ouviu-se então tocar a rebate na cidade, retiniu nas ruas o som estrondoso das matracas ; empunhando armas correram os guardas municipaes a guarnecer as praias e diversos pontos no centro da povoação.

Receava-se que chegados a terra, excitassem os soldados revoltados aos facciosos,chamassem a si a gleba social, os presos, e causassem serios motivos de susto e tambem sacrificios de vidas.

Mas, nas lutas civis, nos abalos sociaes quasi sempre encontram a justiça e a lei defensores devôtados ; alli é um João Maillard que assassina o preboste dos mercadores e salva a capital da França ; é um bispo que sobe ás barricadas, admoesta o povo e se cai traspassado de balas exprimem suas ultimas palavras paz e concordia ; aqui é

o capitão tenente Faustino que requisita alguns guardas municipaes, colloca-se á frente de trinta cidadãos, corre ao arsenal de marinha, e sem lembrar-se que ia apresentar o peito ás balas dos revoltosos, levantando vivas á lei e á patria, respondem elle e os seus companheiros com fogo vivissimo aos tiros dos sediciosos; move rapidamente a pequena força que commanda de um para outro ponto, e por essa astucia e tactica militar intimida aos inimigos da lei, que já embarcavam dirigindo-se á cidade, onde se chegassem, talvez se déssem scenas tristes e desastrosas. Mas julgando-se investidos por milhares de combatentes aterram-se os amotinados, dos quaes deixam alguns cahir as armas, outros quedos não sabem resolver-se, estes pensam em fugir e aquelles abandonam as canôas e occultam-se apressados por tráz dos altos muros da fortaleza.

Dirigidos pelos seus commandantes e pelos juizes de paz agglomeram-se os guardas municipaes na cidade, guarnecem os pontos de desembarque, percorrem as praias, e sustentando armas em defensão da patria, permanecem uma noite inteira, noite chuvosa e lugubre, que parecia favorecer esses sinistros acontecimentos. A'meia noite chegava ao arsenal o ministro da marinha e expedia providencias que mais cedo deveriam de ter sido ordenadas.

Rompeu o dia 7 e longe de entregarem-se, persistiam os sediciosos em suas exigencias; e por isso já era tempo de mostrar o governo que não transigia com rebeldes, e que tendo por si os cidadãos e a lei, podia restaurar a ordem e manter a tranquillidade publica.

O patriotico batalhão de officiaes avulsos de 1.ª e 2.ª linha que, que em defensão da lei e da patria trocára as bandas pelos cinturões e as espadas pelas baionetas, apre-

sentou-se formado, e reunido aos cidadãos conduziu seis canhões ao morro de S. Bento.

Tres vezes enviou o governo emissarios aos rebeldes intimando-lhes a rendição, que, depostas as armas, esperassem embarcados ou indulgencia ou castigo conforme a dicisão dos poderes competentes, mas pertinazes tres vezes recusaram, e traduzindo a prudencia por fraqueza, ousaram propôr indecorosas condições, entre outras que seu amigo, seu pai e companheiro o capitão José Custodio pudesse retirar-se livremente com seus filhos e amigos.

Immediatamente ordenou o governo embarcasse para a ilha uma força sufficiente para bater e sujeitar os rebeldes.

Nomeado em 29 de setembro commandante das guardas municipaes o marechal José Maria Pinto Peixoto, collocado á frente de 600 d'esses guardas e do batalhão de officiaes soldados voluntarios da patria, determinou ao coronel João Paulo dos Santos Barreto organisasse as columnas de assalto á fortaleza da ilha, as quaes ficáram assim dispostas: a primeira columna de meio batalhão de officiaes e 186 guardas municipaes, a segunda de outra metade do mesmo batalhão e 180 guardas municipaes, a terceira de 200 guardas nacionaes e de uma reserva de 150 dos referidos guardas.

Commandava a primeira o coronel João Paulo, a segunda o major Luiz Alves de Lima, hoje duque de Caxias, e a ultima o cidadão Manoel Antonio Airosa.

Postadas estas columnas junto ao portão do arsenal ordenou-se ás cinco e meia horas da tarde, que a bateria assestada no adro do mosteiro de S. Bento despejasse fogo contra os sublevados, e tambem os navios de guerra dispostos convenientemente e commandados pelo chefe de divisão João Taylor.

Ao som dos primeiros tiros dos canhões embarcou em

lanchas á primeira columna, e abicou á ilha sem a menor resistencia; postada na ponte do desembarque deitára a guarda dos sediciosos uma descarga sobre as lanchas, mas respondendo-se ao fogo, fugira apressadamente.

Na frente da columna estendeu o coronel João Paulo uma linha de atiradores, mandou os officiaes soldados proegerem a retaguarda, e com velocidade e intrepidez ganharam elle e os seus a esplanada da fortaleza pela frente do porto.

Apezar de occuparem uma posição vantajosa, d'onde podiam causar grande damno aos cidadãos que os acommettiam, fizeram os insurgidos um fogo interrompido e mal sustentado, e cercados pela força atacante retiraram-se dos parapeitos que defendiam.

Desembarcou a segunda columna, circumdou a ilha pelo lado esquerdo sem encontrar maior resistencia, approximouse da fortaleza e cercou-a n'esse ponto.

Reconhecendo não ser necessario enviar á ilha mais força, embarcou o marechal Pin'o Peixoto, dirigiu-se ao primeiro ponto investido, e percebendo no parapeito da fortaleza alguns soldados, entre os quaes um com a bandeira nacional desfraldada, intimou-lhes abrissem o portão da praça e se rendessem, como já lhes havia exigido o coronel Barreto; mas não attenderam os sublevados, e, aproveitando-se da cessação do fogo dispáráram traçoeiramente alguns tiros, dos quaes um matou ao guarda municipal Estevão de Almeida Chaves, que se achava na esplanada junto ao fosso.

Antes de ferir mortalmente ao guarda Almeida Chaves varou a bala o bonet do alferes José da Victoria Soares de Andrea, hoje marechal de campo.

A morte do destemido cidadão excitou os brios dos que combatiam pela lei, e inflammados pela ancia da vingança

lançaram uma descarga cerrada que amedrontou os sediciosos e afastou-os dos parapeitos.

Appropinquaram-se do portão da fortaleza o coronel Barreto e varios officiaes, e tentaram arrombal-o a couce d'armas, mas por ser impossivel tal operação, resolveu-se trazer do arsenal um obuz para romper e despedaçar o portão da praça ; e se não empregou-se esse meio foi por que o tenente-coronel Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, escalando as muralhas, firmando-se na fragosidade das pedras,galgou sem escada o parapeito ; e logo,após elle,um guarda municipal e varios officiaes praticáram tão arriscada acção ; dobados alguns minutos servia-se de uma escada de mão o coronel Barreto para chegar ao espaldão assim como outros officiaes, e tambem o marechal Pinto Peixoto que, intimando rendição aos revoltosos, sujeitaram-se estes formando-se na praça dos quarteis e depondo as armas.

N'essa occasião entrava pelo lado opposto o major Luiz Alves de Lima á frente da sua columna, havendo abatido o portão, onde encontrara pouca resistencia d'aquelles que defendiam-no, e aprisionado antes as sentinellas do dique e de outros pontos.

Subiram a 200 os sublevadas aprisionados, exceptuando os presos que haviam sido por elles soltos e se achavam occultos, estando escancaradas as prisões.

Escoltados por guardas municipaes foram os rebeldes removidos para o navio presiganga, cuja guarnição, como vimos, pegára em armas, desprezára os presos e corrêra a unir-se a seus companheiros da ilha. Regressaram á côrte as columnas atacantes, excepto o batalhão de officiaes, sob as ordens do coronel Barreto, que ficou encarregado de sobreroldar a fortaleza, capturar os rebeldes e presos homisiados nos matos e casas adjacentes.

Denodo e civismo patentearam o batalhão de officiaes e companhias de guardas municipaes que assaltaram a fortaleza ; além do guarda municipal morto por uma bala, que bateu-lhe logo abaixo do pescoço, ficaram feridos e contusos tres officiaes, não contando os sediciosos nem uma victima, e só mui poucos feridos. Preencheu dignamente o marechal Pinto Peixoto a missão de que encarregou-o o governo, mostrou-se activo e prudente, e soube poupar sangue, que sempre é doloroso ver derramado em uma luta de irmãos.

Dirigiu-lhe o conselho da sociedade defensora da liberdade e independencia nacional o seguinte officio :

« Cidadão Commandante Geral das Guardas Municipaes.—Expôr a vida e o sangue para salvar a patria é sem duvida praticar um acto de sublimado patriotismo ; mas reunir ainda a isso o respeito ás leis da humanidade e compadecer-se d'aquelles mesmos que as não reconhecem, é tocar o limite das virtudes sociaes. Eis o que fizeram esses que no dia 7 d'este mez correram a desalojar a anarchia do seu derradeiro baluarte. E tanta bravura e heroicidade não podiam ser consideradas sem o mais vivo transporte de gratidão pelo conselho da sociedade defensora da liberdade e independencia nacional. Vós, pois, cidadão, que fazeis parte d'esta sociedade recebei não já só nossos puros e unanimes agradecimentos pela coragem e illustrado amor da patria, de que nos haveis dado exemplo, senão igualmente os parabens pela gloria que vos coube de commandar os bravos que por seu denodo e virtudes civicas firmáram para sempre a liberdade e ventura dos nossos compatriotas.

Deus vos guarde, cidadão, por muitos annos no gozo da consideração e estima publica que vos rodeiam.»

Appareceu publicado na *Aurora Fluminense* e consa-

grado aos bravos do batalhão de officiaes, soldados e guardas municipaes, que atacaram a fortaleza da Ilha das Cobras, o presente soneto :

D'entre os bastardos filhos de Mavorte
Traição surgiu, horrores se encetáram,
Em negros antros tetricos juráram
A' bella Nictheroy sanguinea sorte.

Do povo aos gritos, civico transporte
Inflamma os bravos ; subito voaram
Aos muros, onde os monstros decretaram
O roubo, o estupro, a confusão e a morte.

Não soffre inulto o cidadão valente
Que o cóllo altêa a furia da anarchia,
Em circulo postada armi-potente.

Convulso, ao vél-o, eis cede à valentia,
Exulta Nictheroy, e o brado ingente
Louva dos filhos seus a galhardia.

O juiz de paz da parochia de Santa Rita, Manoel Teixeira da Costa Silva, enviou ao commandante geral dos guardas municipaes da referida freguezia, o cidadão Joaquim José Pereira de Faro Filho, este officio :

« Illm. Sr. A' vista dos acontecimentos que tiveram lugar n'esta cidade em a noite de 6 e dia 7 do corrente, bem como dos brilhantes serviços que prestaram os nossos comparochianos, cidadãos da guarda municipal, pois privando-se de todas as commodidades, correndo ás armas, expuzeram as vidas a bem da sociedade ameaçada por uma força de rebeldes, eu não posso deixar de manifestar a admiração e reconhecimento de que me acho penetrado para com tão bravos e dignos membros da associação brazileira. Foi sob as immediatas ordens de V. S. e debaixo

da sua judiciosa direcção que os nossos comparochianos, cidadãos da guarda municipal, ganharam o laurel de gloria que pertence áquelle que na sociedade preenche arduos deveres, e salva a patria da sanha de seus inimigos; é pois por intermedio de V. S. que eu desejo cheguem os meus vivos agradecimentos aos Srs. commandantes de esquadra (1) afim de que estes o levem tambem ao conhecimento dos briosos compatriotas do seu respectivo commando. Com taes cidadãos a ordem publica nada tem que receiar dos perturbadores e ambiciosos, e o systema monarchico representativo e as liberdades de cada um não soffrerão abalo que comprometta a sua estabilidade.»

Manifestaram patriotismo nos acontecimentos dos dias 6 e 7 o batalhão de officiaes soldados, os guardas municipaes e muitos cidadãos; e entre aquelles que mais se distinguiram notam-se o official de marinha José Joaquim Faustino que, á frente de poucos guardas municipaes e cidadãos, simulou pelos movimentos e tactica militar dispôr de força numerosa, de modo que amedrontrou os rebeldes; e o tenente coronel Jacintho Pinto de Araujo Corrêa, o primeiro em subir os muros da fortaleza.

Jacintho Pinto se distinguira em 1826 na colonia do Sacramento; em 1827 abordára e tomára uma escuna de guerra da republica de Entre-Rios, levando a esta empreza 30 homens desarmados, e como simples soldado fizéra a campanha da independencia.

Em uma descripção em verso dos successos da noite de 6 e dia 7 de Outubro de 1831, publicada n'essa épocha, por um mineiro, guarda municipal, estão estampados estes versos dedicados á Jacintho Pinto:

(1) Commandante de esquadra, era um emprego semelhante ao de inspector de quarteirão.

E tu, Jacintho illustre, a quem a sorte
Na frente collocou da brava gente,
Que o mal seguro pé sobre a muralha
O primeiro firmaste... Ah! não, não temas
Que a mãi nova adoptada por teu gosto (2)
Ingrata mãi se esqueça do seu filho,
Do heróe que nas acções é brasileiro.

Votou a assembléa legislativa louvores aos guardas municipaes, ao batalhão de officiaes soldados, e aos juizes de paz; e a regencia, em nome do imperador, mandou elogiar-lhes e agradecer-lhes a maneira heroica e legal com que se comportaram na noite de 6 e no dia seguinte.

Na falla com que a regencia encerrou a assembléa geral, em 1 de Novembro de 1831, lêm-se em louvor dos guardas municipaes e batalhão de officiaes estas palavras que merecem escriptura:

« O Brasil se recordará sempre grato dos relevantes serviços prestados pelos guardas municipaes, officiaes soldados e outros bravos militares; estes dignos brasileiros tem arrostado por toda a parte os maiores perigos, esquecidos de si, e só tendo por diante o que lhes merece a sua patria. »

Esses elogios exagerados levantados pelo governo e o partido dominante manifestam a exacerbação das idéas da épocha; procuravam os que dominavam a situação lançar a odiosidade sobre o partido contrario, engrandecer seu triumpho para aproveitarem-se dos negocios publicos e dirigirem o paiz abatendo e aniquillando o partido vencido.

Sepultára-se no dia 8, na igreja de S. Francisco de Paula, o cadaver do cidadão Estevão de Almeida Chaves.

Precedido de numeroso concurso de cidadãos e guardas

(2) O Brasil, sua patria adoptiva.

municipaes sahira da rua de S. Pedro, onde residira o finado, o ataúde sustentado pelo marechal de campo Pinto Peixoto e juizes de paz de differentes parochias da cidade; mais de cinco mil pessoas atopetavam o largo de S. Francisco, desejando alguns por curiosidade, porém muitos por vivo interesse assistir a um acto tão solemne e patriotico.

A presença dos companheiros do morto, testemunhas de sua intrepidez no assalto da fortaleza, a lembrança dos perigos que estiveram imminentes sobre a cidade, a gravidade do acto, a numerosa concurrencia de cidadãos, a assistencia dos membros da regencia e de muitos funccionarios de subida jerarchia davam ao espectaculo um caracter melancolico e imponente, que compungia os corações e exaltava os espiritos.

A igreja estava colgada de preto, guardava no centro um pomposo catafalco, e recolhia no côro grande e escolhida orchestra.

Ainda se não vira no Rio de Janeiro tão grande multidão em taes actos funebres, e todas as despezas d'essas exequias correram por conta de uma subscripção popular.

Estampou a *Aurora Fluminense* em suas paginas este soneto, em honra á memoria de Almeida Chaves :

Votado á guerra, Chaves destemido,
Fervendo-te no peito o duro Marte,
Montas, qual raio, o forte baluarte,
Que é do Janeiro um ôlho ennobrecido.

A vencer ou morrer, já decidido
Prodigas a aggressão com força e arte :
E o teu sem par valor por toda a parte
Confunde os tramas do feroz partido.

Porém, oh dôr! em meio da victoria
Tiro certeiro as fauces te vulnéra,
Perdes a vida onde ganhaste a gloria.

Nome deixando na terraquea esphera,
Sobes laureado ao templo da memoria,
Em novo ser de eterna primavera.

Em outra poesia dedicada a esse cidadão, lê-se:

Não receies que o tempo estragador
Desfaça os louros que colheste, heróe:
Pôde a parca ao destino submettida
Os teus dias cortar tão sem piedade
Mas não póde riscar teu nome illustre,
Dos fastos do Brasil agradecido.

Ordenou o governo, por decreto de 12 de Outubro de 1831, que a camara municipal inscrevesse, no livro destinado a transmittir á posteridade os grandes acontecimentos, o nome do cidadão Estevão de Almeida Chaves, declarando ser o primeiro guarda municipal que, no dia 7 de Outubro, déra a vida em defeza da lei, da patria e da liberdade, atacando os rebeldes da fortaleza da ilha das Cobras.

Eram merecidas essas honras tributadas ao homem que acabára em defensão da ordem e da liberdade publica, que se sacrificára pelo socego e ventura da patria, e que deixára a seus concidadãos em sua morte um exemplo de patriotismo, e em seu tumulo um monumento de gloria.

Mandou o governo instaurar conselhos de investigação e de guerra para julgar os sediciosos da Ilha das Cobras, e remetteu ás sociedades politicas, dedicadas ás doutrinas da ordem e da legalidade, o relatorio fiel dos acontecimentos de 6 e 7 de Outubro, que os periodicos *Nova Luz*, *Jurujuba*, *Exultado*, *Sentinella da Ilha das Cobras* e a *Voz da Liberdade*, levados pela fermentação das idéas da época

e pelo fogo das paixões politicas, alteraram e desfiguraram, atirando insultos á regencia, aos officiaes soldados, aos guardas municipaes e á memoria de Estevão Chaves por ser brasileiro adoptivo, mas que se sacrificára no sacrosanto altar da lei.

Desarmados e presos os insurgidos da ilha, estabelecida a observancia das leis e a ordem publica, cessáram alguns d'aquelles jornaes exaltados a sua publicação ; deixou de apparecer a *Nova Luz*, e interromperam sua marcha regular o *Jurujuba* e o *Exaltado*.

Qual seria o motivo, que teriam de commum essas folhas com os sublevados da ilha ; não foram os jornalistas e redactores perseguidos, e como deixáram de bater-se na arena da liberdade ; seria uma simples coincidencia, ou recuáram perante o triumpho da lei pelo espirito civico ?

Que esses periodicos excitavam paixões violentas, aspirações illegaes e produziam commoções, diz-nos o ministro da justiça, o padre Diogo Antonio Feijó, no aviso que, em 7 de Outubro de 1831, dirigiu á assembléa geral pedindo providencias em favor da paz e segurança publica. Escreve o ministro :

« Quatro periodicos, échos d'esse partido anarchico, entretem e conservam no espirito da população a insubordinação, o desprezo das leis e nenhum caso das autoridades, e por consequencia a verdadeira anarchia. Não é ao governo que compete punil-os. A lei e os jurados são insufficientes. O codigo criminal é em muitos casos irrisorio pela leveza das penas ; o nosso processo eterno, cercado de mil tortuosidades, abre a porta á impunidade ; e quando a agitação tem chegado ao termo actual não são medidas ordinarias que pódem salvar o Estado ; o governo já tem proposto algumas medidas, mais seriam propostas se es-

perança houvéra de serem attendidas, e se já semelhantes não fossem desprezadas. »

Não foi um simples movimento de soldados amotinados a sedição da Ilha das Cobras; os boatos de sublevação espalhados ha mais de mez, as cartas vindas de S. Paulo e Minas annunciando-a, as censuras despertadas pelas medidas do governo, sobre a retirada da ilha do deposito de cartuxame e armamento, as relações que os facciosos entretinham com a tropa insubordinada, a linguagem ardente da imprensa, tudo faz crêr que houve um plano vasto e que tramára-se contra a lei e a patria sinistra conspiração. Tentáram os sediciosos um desembarque na cidade, e se não contavam encontrar partidarios, se não sabiam que haviam de seguil-os os presos do Aljube e a força de linha aquartelada no campo de Sant'Anna, na qual, não tendo o governo confiança, a não enviára contra a fortaleza da ilha, se não esperavam ser apoiados pelo vulgo ignobil, se não tinham algum plano, algum designio como explicar-se o motivo que os trazia á terra !

E n'essa época de effervescencia popular, em que a imprensa, as sociedades politicas hasteavam o archote da desordem e anarchia, dolorosas scenas presenciaria o povo, se desembarcasse em uma cidade populosa e despida de meios de defeza, essa tropa indisciplinada ; felizmente a promptidão e civismo dos cidadãos abafáram em sua origem essa sedição, e salváram a patria da anarchia, do despotismo e da guerra civil (3).

(3) Diario do Governo do mez de Outubro de 1831. Legislação Brasileira de Nabuco, mez de Outubro de 1831; Aurora Fluminense ns. 541 a 558 e Discripção em verso dos sucessos da noite de 6 e dia 7 de Outubro de 1831 por um mineiro, guarda municipal, impressa no Rio de Janeiro.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

PADRE JOSE' MAURICIO NUNES GARCIA

Nas solemnes festividades religiosas do tempo de El-rei, via-se no coro da igreja cathedral, um homem de fronte erguida, cheio de inspiração e genio dirigindo numerosa orchestra ; era um artista inspirado que escrevia poemas de harmonia, e enthusiasmava as turbas que ouviam-no ; e esse homem predestinado, na frente de uma orchestra, em uma festa real, enchendo de emoções ao rei, aos cortezãos, ao clero, ao povo que absortos ouviam-no e admiravam a harmonia, os sons melodiosos de sua musica divina, e esse artista cujos hymnos impressionavam a um auditorio numeroso e davam ás festas da igreja o maior attractivo e encanto, aprendera comsigo só a arte que professava, ou antes Deus lh'a revelára ; e esse musico que a multidão ouvia com pasmo, afogando no phrenesi do applauso os mais cadentes sons dos seus hymnos, era o padre José Mauricio Nunes Garcia.

Nasceu na rua da Uruguayana, outr'ora da Valla, no Rio de Janeiro, em 22 de Setembro de 1767, José Mauricio Nunes Garcia, filho de Apollinario Nunes Garcia e D. Victoria Maria da Cruz, ambos naturaes de Minas, e baptisou-se na igreja do Rosario, antiga Sé e cathedral.

Tinha seis annos quando perdeu seu pae, mas não comprehendeu seu coração a dôr de tão pesado golpe, porque

n'essa idade, em que os risos são perennes e as alegrias não cessam, viu o menino orfanado junto a seu berço um olhar como não ha outro, um sorriso, afagos e carinhos que consolam e alegram sempre aos corações infantis; viu junto a si sua mãe, que beijava-o, acariciava-o, escondendo em seus mimos e bafejos as dores e as lagrimas pelo esposo fallecido. Os cuidados que deviam repartir-se por um pae e uma mãe recahiram todos sobre a infeliz viuva que comprehendeu-os; e ella, e uma irmã que tributava ao sobrinho verdadeira estima, iniciaram-no nos primeiros estudos.

Era ainda creança e desprezava José Mauricio os folguedos infantis para ir tocar viola ou cravo; e não era raro ve-lo acompanhar os sons d'esses instrumentos com sua voz doce e mimosa de menino.

Reconhecendo sua propensão para a musica enviou-o sua mãi para a escola de Salvador José, onde em pouco tempo sobresahiu José Mauricio entre seus condiscipulos, e lisongeou a seu mestre que ufanava-se de te-lo em sua aula, por conhecer-lhe o gosto, a dedicação que votava ao estudo da musica.

Foi estudar latim com o padre Elias, mestre régio, e no fim de tres annos adquiriu conhecimentos tão completos dos autores latinos que o padre-mestre considerava-o capaz de substitui-lo. Matriculou-se na aula do Dr. Goulão para seguir o estudo da philosophia, e tanto se avantajou que seu mestre apresentou-o para substituto da cadeira, mas José Mauricio recusou; chamava-o sua vocação a outros estudos, e não era nas sciencias, mas nas artes, que devia deixar um nome lembrado pela posterioridade.

N'aquelles tempos de fé e contricção chamava a igreja a si os espiritos mais cultivados e as intelligencias mais esclarecidas; o homem estudioso procurava o santuario;

a cella do mosteiro era o retiro da meditação e do estudo; vestia-se o habito de frade ou a samarra de sacerdote não para passar-se vida folgada e tranquilla, senão para gozar-se de consideração social, e no retiro do mundo enriquecer-se o espirito nas lides litterarias e illumina-lo com a leitura e lição dos mestres; era o padre o primeiro homem da sociedade, porque tambem o padre era o verdadeiro apostolo da religião e da sciencia.

Quiz José Mauricio abraçar a vida da igreja, e achou quem o favorecesse n'esse digno desejo; doou-lhe o negociante Thomaz Gonçalves a casa que hoje tem o n. 14 na rua das Marrecas; e tendo esse patrimonio recebeu as ordens de diacono, e mais tarde em 1792 cantou missa solemne. Teve licença para pregar em 1798, apezar de não haver cursado ainda a aula do Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, o que fez de 1802 a 1804, e d'elle disse esse professor que frequentou a sua aula por espaço de dois annos, e n'ella fez rapidos progressos que raras vezes se encontram.

Tinha José Mauricio conhecimentos de historia e geographia, das linguas franceza e italiana, e lhe não eram estranhos o grego, o inglez e o hebraico.

Era um sacerdote virtuoso e illustrado; o bispo D. José Caetano da Silva Coutinho elogiava seus talentos, e convidava-o para as palestras litterarias no seu palacio; mas o pobre padre necessitava servir-se da sua arte, do ensino da musica, para adquirir o sustento quotidiano, e o que obtinha lhe não sobrava para comprar um cravo, era com uma viola de cordas metallicas, que ensinava os exercicios da musica em sua aula gratuita da rua das Marrecas.

Conservou aberta essa aula durante trinta e oito annos; seus discipulos traziam no chapéo um laço azul e encar-

nado, estavam isentos do serviço militar, e eram convidados para cantarem nas festividades da capella real.

Sem recursos pecuniarios, necessitando do tempo para obter o sustento de cada dia, gastava José Mauricio muitas horas em ensinar gratuitamente a arte, cujos arcanos bebêra dos labios divinos; inspiravam-no o patriotismo e a caridade; Deus e patria eram as duas palavras que guiavam-lhe a razão, e faziam pulsar-lhe o coração no peito; Deus e patria eram seu evangelho; verdadeiro ministro do altar amava no mundo a seus semelhantes e consagrava suas acções ao céo.

Fallecendo o padre João Lopes Ferreira, mestre de capella na antiga cathedral e Sé foi José Mauricio eleito pelo bispo D. José Joaquim Justiniano para esse cargo em 2 de Junho de 1798 com o ordenado de 600$000, e durante o tempo que exerceu esse lugar enriqueceu o archivo da igreja cathedral com suas composições musicaes, augmentou o numero das figuras da orchestra, e deu brilho e esplendor ás festividades religiosas. Em 26 de Novembro de 1808 obteve o emprego de inspector de musica da real capella com o mesmo ordenado de 600$.

Amante e apreciador da musica, como era um dos seus antepassados o rei D. Manoel, deleitava-se D. João VI ao ouvir nas solemnidades da real capella as inspiradas composições de José Mauricio, e dedicava ao musico brasileiro affeição sincera; mas os cortezãos, os artistas portuguezes, o mestre Marcos Portugal escarneciam-no, lançavam-lhe doestos por elle ser mulato, e não haver nascido no velho mundo, como se a côr da pelle possa ser pergaminho de nobreza e merecimento.

Mas esqueçamos, os risos, as satyras rediculas atiradas ao artista do Brasil, porque o proprio rei as despresava, e, admirando o genio do afamado artista, encarregava-o

frequentemente de novas composições para as festas reaes, e convidava-o para tocar piano no recinto do paço. E em um saráo, no palacio real, depois de José Mauricio ter manifestado no piano bellas variações de improviso, tão enthusiasmado ficou o rei ao ouvir o artista que, despregando da farda do seu guarda roupa, o visconde de Villa Nova da Rainha, o habito de Christo collocou-o com suas proprias mãos no peito do celebrisado musico.

Esse acto de El-rei animou e deu alento ao grande artista, que mais facilmente soube desdenhar as zombarias da côrte, e rir-se da ignorancia d'aquelles que desprezavam-no por ser um pouco escura a côr de sua pelle.

Mais tarde renunciou José Mauricio essa condecoração em seu filho o Dr. José Mauricio Nunes Garcia, que a conserva como uma reliquia preciosa.

Mandára El-rei vir de Lisbôa o organeiro Antonio José, que amigo de José Mauricio, iniciára-o no mecanismo do orgão da capella real, instrumento composto de tres teclados, muitos registros e assaz complicado, tendo na base uma carranca que nas notas graves escancarava a boca e esbugalhava os olhos.

Servia-se José Mauricio d'esse orgão para deleitar o rei nas solemnidades religiosas; improvisava melodias, brincava sobre o teclado, fazia chover um conjuncto de sons harmoniosos, e repetia inesperadamente as notas graves que dispertavam o monarcha, os nobres, o auditorio, attrahindo a attenção de todos para o coro da igreja cathedral.

Emquanto não chegou de Lisbôa o organista José do Rosario exerceu o artista brasileiro mais esse emprego na capella real.

Apezar da vastidão de sua intelligencia e riqueza dos seus talentos, tão afanoso era o trabalho a que se dedicava o eminente artista, compondo e ensaiando peças novas

que, já em 1816 sentia alterações em sua saude, como se deprehende de um requerimento por elle dirigido ao bispo, em que pedia permissão para celebrar missa em casa.

Em signal de amizade e apreço a esse musico de sua real capella ordenou D. João VI se lhe concedesse uma ração de criado particular do paço ; mas os que dirigiam a ucharia molestavam com doestos ao pobre artista que por evitar lutas mesquinhas, requereu fosse a ração convertida em dinheiro, e de feito o erario régio arbitrou-a em trinta e dois mil réis mensaes.

Concedia-lhe o rei esses favores, e prestava-lhe consideração e estima ; no entanto ao encontrar-se um dia, nas salas do palacio, com o seu musico predilecto disse-lhe :

— O padre nunca pede nada !....

José Mauricio curvou-se, tomou a mão do seu protector, beijou-a e respondeu :

— Quando Vossa Magestade entender que eu mereço me dará.

Não sabia pedir, e conhecendo seu merecimento não queria diminuir com a supplica a graça que pudesse receber das mãos reaes.

A mezada que alcançára de creado particular do paço foi-lhe supprimida logo depois de ausentar-se D. João para Lisboa.

A fragata que conduziu á America a archiduqueza D. Leopoldina, primeira imperatriz do Brasil, trouxe a seu bordo uma banda de musica marcial ; José Mauricio que ficára encantado dos novos e aperfeiçoados instrumentos dos musicos estrangeiros, tratou de compôr doze divertimentos de sopro para essa banda marcial ; e todas as tardes agglomerava-se o povo,no largo de S.Jorge, em frente á casa do artista, para ouvir o ensaio d'essas me-

lodias, cujas partituras desappareceram da casa do autor no dia do seu enterramento, assim como um tratado de contraponto ; mas d'ellas guardara copia com muita estimação no seu archivo o conde de Farrobo.

Escreveu para o real theatro de S. João a opera *Le due Gemelle*, cuja partitura perdeu-se ; compôz para a festa de Santa Cecilia uma linda missa e credo, cujos originaes, offerecidos ao archivo do Instituto Historico pelo Dr. José Mauricio serviram-lhe de titulo de admissão como membro correspondente d'essa associação. Na fazenda de Santa Cruz preparou o habil artista em quinze dias a grande missa e credo da degollação de S. João Baptista, tendo gasto Marcos Portugal um mez em compôr as matinas.

Esse bello trabalho de José Mauricio realçou mais o seu talento, mereceu do rei novos e repetidos gabos, deixou nas trevas aos seus competidores, e encorajou-o a affrontar a seus desaffeiçoados, que começaram a olhar com assombro para esse artista, e a reconhecer que havia n'aquelle homem que elles desprezavam, um fogo divino, uma inspiração que Deus só concede aos genios.

Ao retirar para Portugal levou o rei comsigo muitos sacerdotes, musicos e cantores da real capella, cujas festividades perderam o brilho e despiram-se da pompa que tornavam-as grandiosas e concorridas ; os officios divinos decahiram d'aquella grandeza e fausto com que eram executados, muitos instrumentos emmudeceram e calaram-se muitas vozes da orchestra ; soffreram os artistas e tambem sentiu o rei deixar no Brasil a Marcos Portugal e a José Mauricio, de quem jamais se esqueceu. Entre as mais gratas recordações que levou da terra de Santa Cruz, guardou o nome do artista brasileiro, e escreveu-lhe de Portugal uma carta em que se queixava por não tel-o acom-

panhado para Lisboa. Está esse documento em mãos do Dr. José Mauricio.

Innumeraveis composições escreveu o nosso maestro; muitas missas, credos, te-deuns, psalmos, ladainhas, antifonas, mottetos, responsorios, matinas, novenas, solos, officios funebres, hymnos e modinhas, em uma das quaes foi ditada a poesia pela musa do marquez de Maricá; deixou muitos discipulos, entre outros Geraldo Ignacio Pereira, Lino José Nunes, Francisco Manoel da Silva, o autor do hymno nacional, e Francisco da Luz Pinto, que exerceu muitos annos, o emprego de mestre de musica no imperial collegio Pedro 2.º.

Mas o trabalho insano a que se entregára por tantos annos para satisfazer os desejos e exigencias do rei e cumprir os deveres de mestre de capella fatigaram-o e arruinaram-lhe a saude. José Mauricio já não comparecia ás festividades santas, vivia só, recluso, reconhecia que haviam corrido seus dias de gloria em que, enthusiasmado e applaudido por um auditorio numeroso, esvoaçava, em seus momentos de inspiração, no céo das melodias. Notára o imperador Pedro 1.º a ausencia do grande artista, e uma vez encontrando-o disse-lhe;

— O padre já não apparece.....

— Para que, senhor, retorquiu José Mauricio, já dei o que tinha de dar.

A vida ia pouco e pouco se apagando n'aquelle organismo; o peso dos annos haviam já abatido a robustez d'aquella intelligencia e enfraquecido a luz d'aquelle cerebro illuminado por um raio divino. O artista sentiu-se doente, e como presagiando que o mal era de morte, para não dar trabalho na remoção do seu cadaver, deixou o sotão em que habitava, e cuja escada era estreita e tortuosa, e veiu asylar-se na alcova da sala do jantar.

— Porque mudou de leito, meu pai? Perguntou-lhe o filho.

— Para dar menos trabalho, accrescentou o doente que pouco padeceu; ás 6 horas da tarde d'esse mesmo dia, em 18 de Abril de 1830, começou a entoar o hymno de Nossa Senhora, e corridos instantes cerrou os olhos para entrar na noite do tumulo.

Elle que vivêra pela musica, que em seus sonhos ouvíra melodias dos labios dos anjos, que em suas noites de trabalho e insomnia estudára os sons harmoniosos de sua musica arrebatadora, e mais de uma vez despertára ao repercutir-lhe no ouvido o echo dos applausos saudando a sua inspiração e genio, devia morrer cantando; seus ultimos gemidos deviam ser sons cadentes, e um hymno o seu ultimo hausto de vida; e de feito foi um hymno á rainha pura e candida do christianismo.

O distincto poeta, o grandioso cantor do Colombo, o venerando artista, o antigo e festejado orador deste Instituto, Manoel de Araujo Porto Alegre, dirigiu-se, á convite do Dr. José Mauricio, á casa n. 18 da rua do Nuncio onde perecêra o afamado musico, e tirou de suas feições uma mascara em gesso que existe no Museu Nacional. O conego Luiz Gonçalves dos Santos quiz vestir o morto, mas o Dr. José Mauricio já havia cumprido esse dever triste e pungente para um filho.

Incumbiu-se do enterro a irmandade de Santa Cecilia, e nas exequias entoou-se uma symphonia funebre do illustre morto, composição grandiosa, cujos sons repercutindo-se na rotunda da igreja de S. Pedro, onde sepultavam-se os clerigos n'aquelles tempos, levavam lagrimas a todos os olhos, e tiravam gemidos de todos os peitos.

Mandou o Dr. José Mauricio exhumar os ossos do seu saudoso pai, e recolheu-os em uma urna que havia sido

construida para guardar os ossos do illustre prégador da ordem de S. Francisco, frei Sampaio.

Algum tempo depois de haver perecido esse celebre orador sagrado encommendáram alguns de seus admiradores ao entalhador Adriano uma urna para deposito de seus ossos ; mas foi fugaz o enthusiasmo por frei Sampaio, seus amigos esqueceram-no, e tambem da urna.... que ficou na officina do artista até ir compral-a o Dr. José Mauricio.

Esse cofre onde estão encerrados os restos mortaes do primeiro musico nacional descança na igreja do Sacramento, para onde foi removido por pedido do Dr. José Mauricio, e provisão do monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno.

Era o padre José Mauricio de estatura elevada, physionomia expressiva, olhar vivo e brilhante quando regia a orchestra ou ensinava a arte divina, de que foi tão mavioso e digno interprete, e manifestava nos labios, nariz e nos pomolos os caracteres da raça do sangue mixto que corria-lhe nas veias.

Depois de quatorze annos de penosas tentativas conseguiu o Dr. José Mauricio gravar na tela as feições de seu pai. Esse retrato é um monumento de amor filial, da vontade energica de um homem que lutou annos e annos, sem ser artista, para perpetuar pela pintura a physionomia do seu estimado pai.

Entre as composições de José Mauricio mencionam-se, como mais notaveis, a symphonia funebre executada nas suas exequias, a missa de *requiem*, a missa, *Te-Deum* e *matinas* para a festa de Santa Cecilia, os doze divertimentos para instrumentos de sopro, a ouvertura da tempestade escripta para o elogio dramatico representado no anniversario natalicio do vice-rei D. Fernando, depois

marquez de Aguiar, a grande missa e credo da degolação de S. João Baptista e diversos mottetos e hymnos.

Sem haver deixado a terra em que nascêra, sem ter ouvido as lições dos grandes mestres, tornou-se elle um artista inimitavel; a natureza creára-o genio, nas auras da patria bebêra as harmonias dos seus hymnos, e só com seu cravo ou sua viola de cordas metallicas vibrava sons bellos e divinos que immortalisaram seu nome.

Neuckom, discipulo de Haydn e distincto compositor do concerto de tres mil vozes celebrado na inauguração da estatua de Guttemberg, dizia que José Mauricio era o primeiro musico improvisador do mundo ; e d'elle escreveu o conego Januario da Cunha Barbosa o seguinte :

« Tão destro quando tangia um orgão como quando tirava as mais doces vozes de um piano, tão seguro quando regia a grande orchestra de um templo, como quando compunha algumas peças que dão gloria ao seu nome, era sempre um mestre digno de respeito dos maiores professores e da admiração d'aquelles sobre quem impera o encanto da harmonia. »

Abrindo a biographia d'esse artista escripta por Porto-Alegre lê-se :

« O grande artista de que nos vamos occupar foi um homem singular na arte de Gui de Arezzo ; foi uma organisação especial que ultrapassou a época em que viveu, e dominou por largos annos o campo que invadiu com o poderio do seu engenho, com a sua fecundidade, e com a revolução que causou nos animos que conquistára »(1).

Se como artista deixou José Mauricio um nome immortal, tambem pelas suas virtudes e illustração tornou-se co-

(1) Vid. *Revista do Instituto Historico*, vol. XIX, pag. 354, biographia de José Mauricio Nunes Garcia, por Manoel de Araujo Porto Alegre.

nhecido e notavel; era sacerdote venerado é douto; honrou a tribuna sagrada; e em um sermão proferido na festa dos Santos Innocentes, na capella real, mereceu louvores do rei D. João que nomeou-o prégador régio.

Assim, se as artes saúdam e recordam com louvor o nome de tão afamado musico, tambem as letras o não olvidam, e guarda-o a patria como um munumento de sua fama e gloria.

Dr. Moreira de Azevedo.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1871

1.ª SESSÃO, EM 14 DE ABRIL DE 1871

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Coruja, Lagos, Candido Mendes, Pinheiro de Campos, Xavier de Brito, Homem de Mello, José Christino, Marques de Carvalho, Paranhos Junior, e Escragnolle Taunay, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Não havendo acta, o Sr. 1.º secretario deu conta do expediente que constou do seguinte :

Um aviso do Sr. ministro do imperio, de 10 de Dezembro ultimo, transmittindo o 39.º volume do jornal da sociedade geographica de Londres, do anno de 1869, e os dois primeiros numeros do mesmo jornal, de 1870, que lhe foram enviados com destino a este Instituto.

Dito do mesmo Sr. ministro, com data de 3 de Janeiro do corrente anno, accusando o recebimento do officio que lhe dirigiu o Sr. presidente do Instituto em 30 de Dezembro ultimo, cobrindo a relação dos membros eleitos para servirem os cargos da meza administrativa e commissões do mesmo Instituto no presente anno social.

Um officio do Sr. presidente da provincia do Pará, en-

viando dois exemplares da obra intitulada *A Região occidental da provincia do Pará*, constando das resenhas estatisticas das comarcas de Obidos e Santarem, escripta por Domingos Soares Ferreira Penna, e mandada publicar por ordem do governo da provincia.

Ditos dos Srs. presidentes das provincias de Matto-Grosso, Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Espirito-Santo, Paraná e Alagôas, remettendo varios relatorios e collecções de leis provinciaes.

Dito do Sr. director do archivo militar, enviando um exemplar do *Plano hydrographico da bahia do Rio de Janeiro*, ultimamente lithographado na officina d'aquelle estabelecimento, e levantado pelo capitão-tenente Diogo Jorge de Brito e outros officiaes da armada imperial, em 1810, e copiado em maior escala, com alterações das sondas, feitas pelo chefe de esquadra Eliziario Antonio dos Santos.

Dito do Sr. director geral da repartição de estatistica, solicitando d'este Instituto quaesquer esclarecimentos, e documentos que por ventura existam, e que não lhes sendo mais necessarios, possam auxiliar áquella repartição no desempenho do serviço de que se acha encarregada.

Dito do Sr. A. da Silva Tullio, bibliothecario da bibliotheca publica de Lisboa, agradecendo ao Instituto a remessa das suas *Revistas*, feitas pelo Sr. 1.° secretario.

Dois ditos do Sr. conselheiro Miguel Maria Lisboa, remettendo um exemplar da obra do Sr. Manoel Nunes Giraldes, lente cathedratico da faculdade de Coimbra, intitulada *O Papa-rei e o concilio* ; e um dito da obra « *Le Marquis de Pombal* », publicada pelo Sr. Dr. Francisco Luiz Gomes Canarim.

Dito do Sr. Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro, offerecendo varios exemplares do *Elogio Historico do con-*

selheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel e noticia dos successos politicos que precederam e seguiram-se à proclamação da independencia na provincia de S. Paulo. Declarando o mesmo offertante que os ditos exemplares são para o archivo do Instituto e para serem distribuidos.

Dito do Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, offerecendo um exemplar de cada uma das suas duas ultimas producções—*Maximas e Pensamentos*, e o drama — *Os filhos da fortuna* ; declarando o mesmo Sr. que por incommodos de saude não tem sido possivel comparecer ao Instituto e agradecer a sua admissão n'elle como membro correspondente, o que fará logo que cesse o impedimento.

Dito do Sr. Dr. Miguel Antonio da Silva, communicando, por intermedio do Sr. Dr. Pinheiro de Campos, que se achava soffrendo de uma angina, e por isso impossibilitado de comparecer á sessão.

Dito do Sr. encarregado de negocios de Italia, offerecendo, por parte da sociedade geographica italiana, os seus *Boletins*, e a obra—*Archivio per l'Antropologia e la Etnologia*.

Dito do Sr. Manoel de Sousa Garcia, residente no Ceará, offerecendo um volume de suas poesias — *O Triumpho das Armas Brasileiras*.

Dito do Sr. consul geral da Austria n'esta corte, pedindo da parte de S. Ex. o Sr. J. J. de Tschudi, actual emviado extraordinario da confederação Suissa em Vienna, que este Instituto lhe remetta os n. 23 e seguintes de sua *Revista*, para completar a collecção, visto não ter recebido os ns. subsequentes ao 22.—Ao Sr. 1.º secretario para satisfazer.

Dito do consocio o Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, dando conhecimento ao Instituto dos suffragios que pelo eterno descanço da alma de S. Alteza a Serenissima Prin-

ceza D. Leopoldina, de saudosa recordação, tiveram lugar na provincia do Maranhão, associando-se elle, como membro d'este Instituto, a essas manifestações de pezares e mandando em seu nome celebrar uma missa no convento do Seminario Pequeno por alma d'aquella Excelsa Princeza, outr'ora dos brasileiros tão querida e hoje tão pranteada pelo seu prematuro passamento em plaga estrangeira. O Instituto recebeu a communicação com o mais profundo silencio e recolhimento, e ordenou que se agradecesse ao nosso consocio.

Seis ditos do mesmo Sr. Dr. Cesar Marques, remettendo o « Almanak da provincia do Amazonas», e varios numeros dos jornaes — *Publicador Maranhense* e *Paiz*, onde se acham muitos artigos do mesmo Sr. sobre a historia e geographiado Maranhão.

Pelo Sr. Joaquim de Almeida Portugal, por intermedio do Sr. Dr. Candido Mendes, foram offerecidos tres volumes em inglez, contendo a vida de Jesus Christo e a Biblia Sagrada.

Pelo Instituto Smithsonian dos Estados-Unidos, os seus Relatorios annuaes ; « a Correspondencia entre William Penn e James Logan em os annos de 1700 a 1750 ; —« o Relatorio do Director da penitenciaria de Philadelphia,» e uma collecção de miscellaneas.

Pela Sociedade Christiania varias obras em continuação ás que já tem anteriormente remettido.

Pela Secretaria do Senado—« Collecção de pareceres da mesa do Senado—Synopse dos objectos pendentes de deliberação »—; e collecções de seus «Annaes», tudo do anno de 1870.

Pelo Sr. Dr. Abilio Cezar Borges, o *Terceiro livro de leitura*, por elle publicado, para uso da infancia brasileira.

Pelo Sr. Dr. Guilherme Gumblenton Daunt, por inter-

medio do Sr. Coruja, a obra intitulada « —History of the Irish brigades in the service of France etc.—by John Cornelius O'Callanghan London. 1870 »—.

Pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, *Actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal com as Potencias do Mundo*, etc. e *Memorias da Academia Real de Sciencias de Lisboa*, o tomo 4.° da nova serie.

Pelo Sr. João Candido de Moraes de Rego : *Almanak Administrativo da provitcia do Maranhão*, 1871.

Pelo Sr. Conselheiro Azambuja, foi offerecido uma « Memoria historica sobre limites entre a republica de Columbia e o Imperio do Brasil », escripta por José Maria Quejano Otero, em 1869.

Pelo Sr. Dr. Carlos Frederico Xavier de Azevedo, a sua obra com o titulo *Historia Medico Cirurgica da esquadra brasileira, nas campanhas do Uruguay e Paraguay.*

Pela Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, os seus jornaes de Janeiro e Fevereiro do corrente anno.

Pelo Sr. Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, tomo 9.°, 1870.

Pelo Sr. Desembargador Joaquim Rodrigues de Sousa a sua obra *Analyse e Commentario da Constituição politica do Imperio ou theoria pratica do governo constitucional brasileiro*, impressa no Maranhão.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foram lidas e remettidas á 2.ª commissão de historia, as seguintes propostas :

1.ª « Propomos para socio correspondente do Instituto Historico Geographico Brasileiro ao Sr. Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro, servindo de titulo de admissão o seu trabalho historico, recentemente publicado n'esta Corte e offerecido ao mesmo Instituto, sob o titulo : *Elogio Historico do conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel e noticia dos successos politicos da independencia na provincia de S. Paulo.* Sala das sessões, etc.—Homem de Mello—Felizardo Pinheiro de Campos—Carlos Honorio de Figueiredo—Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo— Pedro Torquato Xavier de Brito—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

2.ª Propomos para membro correspondente do Instituto o Sr. Dr. Ladisláo Netto, servindo de titulo de admissão a sua obra *Investigações Historicas e Scientificas sobre o Museu Imperial do Rio de Janeiro.* Sala das sessões, etc. (Assignados) Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.— Homem de Mello.—J. Norberto de S. Silva.

Os Srs. Dr. Candido Mendes e Lagos, occuparam a attenção do Intituto, lendo : o 1.º a Introducção de uma sua memoria com o titulo :—« Considerações sobre o commercio, sua origem e desenvolvimento desde os tempos primitivos até os nossos dias, comprehendendo a historia da legislação commercial dos differentes povos »—; e o 2.º —Um trabalho com o titulo de —« Observações sobre duas cabeças embalsamadas, de selvagens da Nova Zelandia, existentes no Museu Nacional d'esta côrte»—.

As 8 ½ horas, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo

SECRETARIO SUPPLENTE.

2.ª SESSÃO EM 5 DE MAIO DE 1871

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

Ás 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Lagos, senador barão de S. Lourenço, conselheiro Ponte Ribeiro, brigadeiro Xavier de Castro, Drs. Candido Mendes, Marques de Carvalho e Escragnolle Taunay; tendo communicado que não podiam comparecer por incommodados, os Srs. Dr. Sousa Fontes e Coruja.

Annunciando-se a chegada de S. M. o Imperador, é o mesmo Augusto Senhor recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, passou-se ao expediente, que constou do seguinte:

Um officio do Sr. presidente da provincia do Ceará, remettendo dois exemplares da Falla com que foi aberta a sessão da Assembléa Legislativa Provincial no dia 1.º de Setembro do anno passado, e o Relatorio com que foi entregue ao actual Sr. presidente a administração d'aquella provincia.

Dito do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, remettendo o jornal *Paiz*, onde foi publicado um artigo seu sobre medicos e cirurgiões da provincia do Maranhão.

Dito do Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, declarando que por incommodado não podia comparecer á sessão, e offerecia ao Instituto alguns documentos impressos para servirem á historia do reinado do Sr. D. Pedro II; e um parecer, tambem impresso, dado pelo Sr. general Rohan, sobre o projecto de via de communi-

cação entre Assumpção, Mato-Grosso e esta provincia com a do Rio Grande do Sul.

Dito do Sr. bibliothecario da bibliotheca publica da cidade do Porto, agradecendo a remessa que este Instituto fez áquelle estabelecimento litterario dos 1.º, 2.º e 3.º trimestre do volume 32 das suas *Revistas* ; e pedindo que, para completar a collecção que possue, o Instituto lhe envie os volumes relativos aos annos de 1860 á 1868. Ao Sr. 1.º secretario para satisfazer a solicitação.

Dito do Sr. bibliothecario da bibliotheca publica de Lisboa, agradecendo a remessa das *Revistas* que este Instituto lhe fez por intermedio do Sr. 1.º secretario.

Dito do Sr. 1.º secretario do Instituto de Coimbra, agradecendo igualmente ao Instituto as remessas de suas *Revistas*, tambem enviadas por intermedio do Sr. 1.º secretario.

OFFERTAS :

Pelo Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt foi offerecida as *Notas historicas da cidade de Itú extrahidas dos velhos archivos e por informações de pessoas fidedignas. Por J. L. de Oliveira Cezar.*

Pelo Sr. Dr. José Ferrari *Conferencia politico-moral acerca da causa primaria dos maiores males publicos.*

Pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo *Rio da Prata e Paraguay*, quadros guerreiros.

Pelo Sr. Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay, *Diario do exercito Campanha do Paraguay, commando em chefe* de S. A. R. marechal do exercito Conde d'Eu.

Pelo Sr. conego Fernandes Pinheiro, *Documentos comprobatorios dos serviços do Dr. Claudio Luiz da Costa na guerra da Independencia na provincia da Bahia* ; — *Documentos para a historia da conquista de Cayena, achados*

entre os papeis do Dr. Claudio Luiz da Costa, e Apontamentos para a historia chronologica do Instituto dos Meninos cegos do Rio de Janeiro.

Pela secretaria de estrangeiros foram remettidas as *Memorias*, ultimamente publicadas, da sociedade real dos Antiquarios do Norte.

Pela Typographia Nacional, *A Collecção de Leis e Decisões do governo imperial do Brasil, de* 1870.

Pelo Sr. barão de S. Lourenço, um exemplar do *Relatorio* que apresentou a Assembléa Legislativa da provincia da Bahia no dia 1.º de Março do corrente anno.

Pelo Sr. Dr. Lagos, varios documentos manuscriptos e originaes, que os houve em leilão publico do espolio do finado membro d'este Instituto, tenente-coronel Adolpho Antonio Frederico Seweloh, por julgar que elles contem materia importante para a biographia do dito finado; e para esclarecimentos de alguns pontos controversos da historia militar do paiz.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Passando-se á ordem do dia, o Sr. conego Fernandes Pinheiro leu a *Biographia*, por elle escripta, do finado consocio Dr. Claudio Luiz da Costa.

A's 8 horas da noite, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. *Sousa Fontes*,

2.º SECRETARIO.

3.ª SESSÃO, EM 19 DE MAIO DE 1871.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Exms. Srs. visconde de Sapucahy, barão do Bom-Retiro, Macedo, Norberto, conego Fernandes Pinhiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Lagos, Coruja, Moreira de Azevedo, Capanema, Marques de Carvalho, conselheiro Gomes Jardim, Lopes Netto e Pontes Ribeiro, senador Candido Mendes, Dr. Machado Portella, tenente-coronel Xavier de Brito, L. A. de Castro, José Christino, Homem de Mello, Miguel Antonio da Silva, Boulanger e Escragnolle Taunay ; e sendo annunciada a chegada de S. M. o Imperador, foi o mesmo augusto senhor recebido com as honras do estylo ; e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida a acta da antecedente, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

O Sr. 1.º secretario deu conta do seguinte expediente :

Um officio do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, transmittindo ao Instituto um exemplar do *Relatorio*, com que no dia 14 de Março do corrente anno abriu a 1.ª sessão da 14.ª legislatura da assembléa provincial.

Dito do Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, communicando que, achando-se de nojo pelo fallecimento de seu filho Daniel Pinheiro, não podia comparecer á presente sessão. Ficou o Instituto inteirado.

Dito do Sr. 1.º secretario do Instituto Litterario d'esta côrte, communicando a sua installação, e enviando a relação dos membros que foram eleitos para a sua directoria.

Dito do Sr. presidente do Atheneu Maranhense, enviando a relação dos membros eleitos para compôrem a secção de historia e geographia, e requerendo a este Instituto a sua filiação. Foi o requerimento remettido á commissão de estatutos.

Foram feitas as seguintes offertas :

Pelo Sr. conego Manoel da Costa Honorato, de um exemplar do seu livro, com o titulo—*Maria Santissima, a Heroina por excellencia ou o Novo Mez Mariano.*

Pela secretaria do imperio, varios relatorios e collecções das leis provinciaes.

Pela academia real das sciencias de Madrid, *Discursos moraes e politicos lidos na real academia*, 5 volumes, *Resumo de suas actas, e discursos lidos na sessão geral celebrada em* 10 *de Junho de* 1866, 2 volumes, e *Relação dos academicos da academia de sciencias moraes e politicas, dos annos de* 1869 e 1870.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Findo o expediente, o Sr. barão do Bom-Retiro, pedindo a palavra disse : que não tendo comparecido a algumas sessões do Instituto, cumpria-lhe como presidente da commissão promotora do monumento de José Banifacio, nomeada pelo mesmo Instituto, declarar que as quantias até agora recebidas para esse fim, attingiam approximadamente a 50:000$000, e que julgando que esta somma será sufficiente para se levar a effeito o dito monumento, de accordo com os mais membros da commissão, pretende na Europa, para onde breve seguirá, empregar, com o auxilio do nosso consocio o Sr. Porto Alegre, todos os seus esforços para conseguir no menor tempo possivel a realisação n'esta côrte, do projectado monumento, não sumptuoso, mas condigno d'aquelle illustre sabio e da gloria nacional.

Declarou mais que tendo fallecido os dois membros da alludida commissão, Drs. Fernando Sebastião Dias da Motta e Claudio Luiz da Costa, o Instituto nomeasse quem os substituisse. O Sr. presidente nomeou para a referida commissão os Srs. Drs. Homem de Mello e Macedo.

Passando-se á ordem do dia, e não havendo propostas nem pareceres de commissões, obteve a palavra o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, e leu um bem elaborado trabalho sobre a *Sedição da Ilha das Cobras em* 1831; abundando em considerações a respeito dos partidos politicos n'aquella época, sua linguagem na imprensa, e apreciando com criterio os serviços então prestados pela guarda municipal, que salvou o paiz de eminente calamidade, etc.

Ao terminar a sessão, o Sr. presidente, em nome do Instituto, dirigiu a S. M. o Imperador as seguintes palavras :

« Senhor.—O Instituto vai ser privado por algum tempo da augusta presença de V. M. Imperial, que tanto tem honrado suas lucubrações ; mas está convencido de que ainda de longe seus trabalhos gazarão da influencia de seu inclyto protector. Sentindo vivissima saudade por esta separação, o Instituto faz votos ao céo pela conservação da saude de V. M. Imperial, e confia na Divina Misericordia que S. M. a Imperatriz colherá d'este passo as vantagens que a nação espera do sacrificio que por ella faz o magnanimo coração de V. M. Imperial. »

Ao que S. M. se dignou responder :

« Agradeço muito ao Instituto, e espero que continúe com o mesmo zelo a occupar-se das letras patrias. »

A's 9 horas levantou-se a sessão.

Dr. Sousa Fontes,
2.º SECRETARIO.

4.ª SESSÃO, EM 2 DE JUNHO DE 1871.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. conego Fernandes Pinheiro, Drs. Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Lagos, Coruja, tenente-coronel Xavier de Brito, Homem de Mello, Boulanger e Machado Portella, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE :

Uma circular do Sr. ministro do imperio, communicando que S. M. o Imperador usando do consentimento outorgado pela assembléa geral, partiu para Europa com S. M. a Imperatriz, assumindo S. A. Imperial a Sra. D. Izabel a regencia do imperio. Inteirado.

Um officio do Sr. vice-presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. barão de S. Lourenço passou-lhe a administração da mesma provincia.

Uma carta do Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, communicando que, por justo impedimento, não podia comparecer a esta sessão. Inteirado.

Outra do Sr. secretario da academia real de sciencias, de letras e bellas-artes da Belgica, agradecendo a remessa das *Revistas* d'este Instituto, feitas pelo Sr. 1.º secretario, e remettendo as suas *Memorias* e *Boletins* de 1869 e 1870.

Outra do Sr. Joaquim Francisco Lopes, offerecendo ao Instituto um exemplar de sua *Memoria sobre a verêda mais facil da estrada de Matto-Grosso.*

OFFERTAS :

Pelo Sr. Dr. Pientzenauer de um exemplar de suas *Theses* para os concursos á cadeira de clinica medica e cirurgica, sustentadas na faculdade de medicina do Rio de Janeiro em 1866 e 1871.

Pela secretaria da justiça, de um exemplar do *Relatorio* apresentado pelo Sr. ministro d'aquella repartição á assembléa geral legislativa na actual sessão.

Pela Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, um numero do seu jornal.

Pela meza administrativa do Atheneu Maranhense, os estatutos do mesmo Atheneu.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e approvou-se a seguinte proposta :

« Proponho que se dê para ordem do dia da sessão seguinte este ponto :—O que se deverá pensar do systema colonial adoptado pelos portuguezes no Brasil ?

« Sala das sessões do Instituto, 2 de Junho de 1871.— Conego Dr. *J. C. Fernandes Pinheiro.* »

O Sr. Dr. Homem de Mello, obtendo a palavra, leu um trabalho seu, com o titulo : *Excursões pela provincia do Ceará.*

Nada mais havendo a tratar, o Sr. presidente levantou a sessão ás 7 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo,

SECRETARIO SUPPLENTE.

5.ª SESSÃO, EM 16 DE JUNHO DE 1871.

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU.

Presidencia do Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, Joaquim Norberto, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Homem de Mello, Lagos, Coruja, Candido Mendes, Xavier de Castro, Xavier de Brito, João Ribeiro, Pinheiro de Campos e Escragnolle Taunay; e tendo comparecido S. A. o Sr. conde d'Eu, foi o mesmo recebido com as formalidades do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, servindo de 2.° secretario, procedeu a leitura da acta da antecedente, a qual, posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.° secretario, servindo de 1.°, deu conta do expediente que constou do seguinte:

Officios dos Srs. 1.° secretario conego Fernandes Pinheiro e Dr. Miguel Antonio da Silva, communicando não poderem comparecer á presente sessão por incommodos de saude. Inteirado.

Dito do Sr. secretario da Illm. Camara Municipal, participando que a mesma camara, tendo mandado proceder ao ajardinamento do largo de S. Francisco de Paula, reservára o espaço necessario para a collocação da estatua do patriarcha da independencia José Bonifacio de Andrada e Silva. Resolveu o Instituto que o officio fosse remettido á commissão promotora d'este monumento, para ella providenciar a respeito do que fôr necessario fazer-se.

O Sr. Dr. João Ribeiro de Almeida offereceu ao Instituto um exemplar dos seus *Estudos sobre as condições hygienicas dos navios encouraçados, as molestias mais frequentes a seu bordo e os meios de combater as causas da insalubridade n'elles existentes.*

O Sr. Dr. Carlos Honorio offereceu ao Instituto 6 exemplares do *Relatorio* que, sobre a colonisação, dirigiu o Sr. Dr. João Pedro Carvalho de Moraes ao ministerio da Agricultura, visto que o Instituto tinha dado para ordem do dia dos seus trabalhos, a discussão e solução de um ponto identico.

Foram remettidos ao Instituto, pelo presidente da provincia do Espirito-Santo, e por diversas redacções, varios jornaes e periodicos.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA.

Entrou em discussão, foi approvado e remettido á commissão de admissão de socios, o parecer da commissão subsidiaria de historia ácerca da obra—*Investigações historicas e scientificas sobre o Muséo Nacional*, pelo Dr. L. Netto.

2. PARTE.

Pondo-se em discussão o seguinte ponto :

« *O que se deverá pensar do systema colonial adoptado pelos portuguezes no Brasil?* » Sobre elle o Sr. Dr. Homem de Mello apresentou, por escripto, a sua opinião fundamentada.

ULTIMA PARTE.

Ficando adiada a discussão d'este ponto, passou-se á ultima parte da ordem do dia, a qual foi preenchida pelo

Sr. Dr. Candido Mendes de Almeida, que continuou com a leitura de sua « Memoria sobre o commercio, sua origem e desenvolvimento, desde os tempos primitivos até nossos dias, comprehendendo a historia da legislação commercial dos differentes povos. »

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo,
SECRETARIO SUPPLENTE.

6.ª SESSÃO EM 30 DE JUNHO DE 1871.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Sousa Fontes, Carlos Honorio, Homem de Mello, Coruja, Lagos, Candido Mendes, Perdigão Malheiro, Costa Azevedo e Xavier de Castro, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, servindo de 2.º secretario, leu a acta da antecedente, a qual foi approvada, e o Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.º secretario, servindo de 1.º, deu conta do expediente que constou do seguinte:

Officios dos Srs. conego Pinheiro e Miguel Antonio da Silva, communicando que, por incommodados, não podem comparecer á presente sessão.

Um officio do Sr. presidente da provincia do Ceará, remettendo dois exemplares da Collecção de leis promulgadas pela assembléa provincial, na sessão do anno passado.

Dito do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo

um exemplar do *Relatorio* sobre a instrucção publica d'aquella provincia.

Dito do Sr. presidente do Rio Grande do Sul remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o seu antecessor, conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima, passou-lhe a administração da provincia.

Dito do Sr. Dr. Joaquim José Gomes da Silva Netto, offerecendo ao Instituto 10 numeros do jornal *Estandarte*, onde sahiram publicados os seus artigos — Caparáo — Estrada para Minas Geraes — e Minas de Ouro.

Um officio do Sr. conego Manoel da Costa Honorato, no qual faz considerações sobre algumas inexactidões que se encontram no *Diccionario topographico estatistico e historico da provincia de Pernambuco*, por elle publicado, e offerecido como titulo de sua admissão ao Instituto. Achando-se este diccionario pendente do parecer da commissão de admissão de socios, resolveu o Instituto, depois de fallarem alguns de seus membros sobre o conteúdo do referido officio, que elle fosse remettido áquella commissão.

Foram feitas as seguintes offertas :

Pela secretaria de Estado dos negocios da Guerra, de um exemplar do *Relatorio* apresentado á Assembléa Geral Legislativa na actual sessão, pelo Exm. Sr. visconde do Rio Branco.

Pelo Sr. director da estrada de ferro de D. Pedro II, de um exemplar do *Relatorio* apresentado pelo mesmo ao Sr. ministro de Agricultura, commercio e obras publicas, no anno de 1870.

Pelo Sr. Bartholomeu Cecchetti, a obra com o titulo *D. Alcune opere della principessa Dora d'Istria*. Venezia, 1868.

Pela Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o seu jornal de Maio do corrente anno.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA.

Os Srs. José da Costa e Azevedo e Carlos Honorio de Figueiredo propozeram para membro correspondente do Instituto, o Sr. Manuel Rouaud y Paz-Soldan, commissario por parte do Perú na demarcação dos limites da republica com o Imperio do Brasil. Foi a proposta remettida á commissão de admissão de socios.

Entrando em discussão a proposta para a creação e publicação da nova revista com o titulo *Bibliotheca Brasileira*, conjunctamente com o parecer da commissão de fundos, sobre o augmento de despeza que o Instituto tem a fazer com a execução da dita proposta, tomaram parte n'ella varios socios, resolvendo-se a final que se désse principio á dita publicação; ficando o Sr. Lagos, como autor da proposta, encarregado da direcção e de promover os meios para fazer com que seja impresso o 1.º volume da *Bibliotheca Brasileira*.

Ficaram sobre á mesa, para serem votados na proxima sessão, dois pareceres da commissão de admissão de socios, favoraveis aos Srs. Drs. Olegario Herculano de Aquino e Castro e Ladisláo Netto, concluindo os mesmos pareceres que sejam estes senhores admittidos como socios correspondentes.

Achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente adiou a leitura de trabalhos de socios, e levantou a sessão ás 8 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo,

SECRETARIO SUPPLENTE.

7.ª SESSÃO, EM 14 DE JULHO DE 1871.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Lagos, Moreira de Azevedo, Coruja, Candido Mendes, Xavier de Brito, Pinheiro de Campos, Boulanger, Miguel Antonio da Silva, Escragnolle Taunay e João Ribeiro de Almeida, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, servindo de 2.º secretario, leu a acta da antecedente, a qual foi approvada.

O Sr. 1.º secretario, conego Fernandes Pinheiro, deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Um officio do Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto, acompanhado de 21 exemplares do seu opusculo « *Politica tradiccional—Intervenções do Brasil no Rio da Prata* » sendo um exemplar para a bibliotheca do Instituto, e os outros para serem distribuidos pelos socios presentes.

Uma carta do Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, offerecendo alguns extractos do *Jornal do Commercio* de Lisboa, narrando a honrosa recepção que alli teve os nossos augustos soberanos.

Foram feitas as seguintes offertas :

Pela secretaria do Imperio, o *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa, na actual sessão, pelo Sr. ministro do Imperio conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.

Pelo Sr. Dr. Wappaus, um exemplar da sua obra *Handbuch der Geographie und statistik des Kaiserreichs Brasilien tellt*, Leipzig, 1871.

Pelo autor, sob o pseudonymo de *Kakistos*, um folheto com o titulo *O Tratado de 27 de Março de* 1867.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e foi remettida á commissão de archeologia a seguinte proposta :

« Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o Sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, medico-cirurgico da escola de Lisboa, commendador da ordem militar de S. Bento de Aviz, socio de varias academias e sociedades scientificas, autor de diversas obras, nomeadamente da *Descripcão historica das moedas romanas* existentes no gabinete numismatico de S. M. El-Rei D. Luiz I, » offerecida a este Instituto o anno proximo passado. Sala das sessões do Instituto, em 14 de Julho de 1871.—*J. C. Fernandes Pinheiro.* »

Votou-se, em escrutinio secreto, e foram unanimemente approvados os dois pareceres da commissão de admissão de socios, que haviam ficado sobre á mesa, favoraveis aos Srs. Drs. Olegario Herculano de Aquino e Castro, e Ladisláo de Sousa Mello Netto, sendo estes senhores proclamados socios correspondentes do Instituto.

O Sr. conego Fernandes Pinheiro, obtendo a palavra, apresentou por escripto a sua opinião sobre o seguinte ponto, dado para ordem do dia : *O que se deverá pensar do systema colonial adoptado pelos portuguezes no Brasil ?*

Occupou a ultima parte da ordem do dia o Sr. Dr. Candido Mendes, continuando com a leitura de sua *Memoria* «sobre o commercio desde os tempos primitivos até os nossos dias.»

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo,
SECRETARIO SUPPLENTE.

8.ª SESSÃO EM 28 DE JULHO DE 1871.

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, commendador Lagos, Homem de Mello, Coruja, Ladisláo Netto, Xavier de Brito, Pinheiro de Campos, senador Candido Mendes, Escragnolle Taunay, Luiz Antonio de Castro e Miguel Antonio da Silva, o Sr. presidente abriu a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente.

O Sr. 1.º secretario deu conta do expediente, que foi o seguinte:

Um officio do Sr. Dr. Sousa Fontes, communicando que, por incommodo de pessoa de sua familia, não podia comparecer á presente sessão.

Dito do Sr. Freire Allemão, no qual communica que tendo soffrido grave enfermidade, e achando-se ainda com grande enfraquecimento de suas faculdades intellectuaes, não podia dar cumprimento, como membro da commissão de Estatutos, ao trabalho que o Instituto lhe encarregára, e por isso o devolvia para ser commettido a outro membro d'essa commissão. — Inteirado.

Foram feitas as seguintes

OFFERTAS:

Pelo Sr. Dr. João Ribeiro de Almeida, um exemplar dos seus *Estudos sobre as condições hygienicas dos navios encouraçados, as molestias mais frequentes a seu bordo e os meios de combater as causas de insalubridade n'elles existentes.*

Pelo Sr. Olympo Eugenio de Arroxellas Galvão, dois

exemplares da sua obra com o titulo *Assembléas Legislativas Provinciaes das Alagôas*, contendo os nomes dos deputados e supplentes das 18 legislaturas de 1835 a 1871, as mesas, os trabalhos e occurrencias principaes, etc.

Pelas secretarias d'Estado de Marinha e Estrangeiros os *Relatorios* d'estas repartições, apresentados á Assembléa Geral Legislativa na actual sessão pelos respectivos ministros.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA.

Não havendo proposta nem pareceres de commissões, o Sr. Dr. Homem de Mello, obtendo a palavra, leu um seu trabalho sobre a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul; e o Sr. Dr. Candido Mendes continuou com a leitura da sua *Memoria sobre o commercio desde os tempos primitivos*.

A's 7 1/2 horas levantou-se a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo

SECRETARIO SUPPLENTE.

9.ª SESSÃO EM 11 DE AGOSTO DE 1871.

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Noberto, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Coruja, Lagos, Homem de Mello, Borges, Boulanger e Pinheiro de Campos, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida a acta da anterior pelo Sr. Dr. Carlos Honorio,

secretario supplente, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

Em seguida o Sr. J. Norberto, pedindo a palavra, expôz, em sentidas expressões, que tendo fallecido e sepultado-se hoje o distincto consocio o Sr. Braz da Costa Rubim, membro das commissões de ethnographia e orçamento, autor de varias memorias publicadas na *Revista Trimensal* d'este Instituto, que o recommendam á lembrança dos seus collegas, e constante companheiro de trabalhos litterarios, propunha que, em signal de pezar, não houvesse sessão.

Sendo unanimemente approvada esta proposta, o Sr. presidente levantou immediatamente a sessão.

Dr. *Moreira de Azevedo,*

2.º SECRETARIO SUPPLENTE.

10.ª SESSÃO EM 25 DE AGOSTO DE 1781

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Exm. Sr. conselheiro de Estado visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Homem de Mello, Pinheiro de Campos, Borges, Coruja e Costa Azevedo, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Lida pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo, secretario supplente, a acta da ultima sessão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

Não tendo comparecido o Sr. 1.º secretario, por incom-

modado, occupou este cargo o Sr. Dr. Carlos Honorio o qual deu conta do seguinte expediente :

Um officio do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo um exemplar da collecção de leis provinciaes promulgadas no corrente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia de Sergipe remettendo dois exemplares do *Relatorio* com que foi aberta a 2.ª sessão da 20.ª legislatura da Assembléa d'aquella provincia, e a *Exposição* feita por seu antecessor ao passar-lhe a administração.

Dito do Sr. presidente da provincia do Maranhão, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que foi aberta, em 3 de Maio ultimo, a Assembléa Provincial.

Um officio do consocio o Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, offerecendo ao Instituto, e para serem distribuidos pelos socios presentes, vinte exemplares do « Discurso que proferiu na sessão da Camara temporaria de 12 de Julho ultimo, sobre a proposta do governo para a reforma do estado servil. »

Dito do mesmo Sr. Dr. Perdigão, devolvendo o manuscripto, em 4 volumes, do padre Francisco de Menezes, constantes de cartas, com o titulo—*Lamentações Brasilicas*, declarando o mesmo Sr. Dr. Perdigão que por falta de tempo não pôde fazer um extracto, visto que ha n'esse manuscripto muito que aproveitar para a historia patria.

Dito do Sr. Dr. Olegario Herculano de Aguino e Castro, agradecendo ao Instituto o haver-lhe recebido em seu gremio, como socio correspondente.

OFFERTAS

Pele consocio o Sr. capitão de mar e guerra José da Costa e Azevedo foi offerecido um folheto com o titulo—

Dos illustres sabios vindicados, escripto pelo Sr. Manuel Rouaud y Paz Soldan, e impresso em Lima em 1868.

Pela redacção da « Revista da Instrucção Publica da provincia da Bahia», dois ns. do seu jornal do mez de Julho do corrente anno.

Pela Sociedade Geographica de Paris, os seus *Boletins* dos mezes de Julho a Dezembro de 1870, e Janeiro á Março de 1871.

Pelo Sr. Maximiano Lopes Machado, um folheto com o titulo—*A Parahyba e o Atlas do Sr. Dr. Candido Mendes de Almeida*.

Pelo Sr. Dr. José Alves Pereira de Carvalho e Henrique Alves de Carvalho, 4 exemplares da *Exposição* por elles feita contra o Dr. Juiz Municipal da 1.ª Vara.

Pelo Sr. Dr. Pinheiro de Campos de varios jornaes que trazem a *Viagem de S. M. o Imperador*.

Varios jornaes remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Homem de Mello continuou com a leitura das suas « *Excursões pela provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul*.»

Levantou-se a sessão as 7 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo

SECRETARIO SUPPLENTE

11.ª SESSÃO, EM 22 DE SETEMBRO DE 1871

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Exmo. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Exmo. Srs. visconde de Sapucahy, Drs. Sousa Fontes, Carlos Honorio, senador Candido Mendes, Pinheiro de Campos, Olegario H. de Aquino e Castro, Ladisláo Netto, Homem de Mello, Coruja e Borges, o Sr presidente abriu a sessão.

Em seguida o Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, leu a acta da sessão antecedente, a qual, sendo posta em discussão e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.º secretario servindo de 1.º, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Participação do Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, de não poder comparecer á sessão por incommodado.

Officio do Sr. Presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar da Collecção de leis provinciaes sanccionadas e publicadas no presente anno.

Dito do Sr. João da Costa Moraes Rego, communicando haver prestado juramento e entrado em exercicio do cargo de presidente do Athenêo Maranhense, e declarando que, no desempenho de suas funcções o Instituto e cada um de seus membros o acharão sempre disposto a cumprir com as determinações compativeis com o serviço social, a bem das letras patrias.

Dito do Sr. Floriano Alves da Costa, editor do jornal

litterario—*A Luz*, offerecendo uma collecção d'este jornal e pedindo ao Instituto as suas *Revistas*.

Dito do consocio o Sr. Dr. Gabaglia, devolvendo a obra sobre a provincia de Matto-Grosso, escripta pelo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho que lhe havia sido remettida para, como membro da commissão de geographia, dar sobre ella o seu parecer ; declarando o mesmo Sr. Dr. Gabaglia que, por seu máo estado de saude, não tem podido satisfazer ao que o Instituto d'elle exige.

OFFERTAS

Pelo consocio o Sr. Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro foi offerecido um exemplar do *Atlas da Guerra do Paraguay* e um folheto sobre o mesmo assumpto, organisados pelo Sr. 1.º tenente E. C. Jourdan..

Pela secretaria da Agricultura, de um exemplar do *Relatorio* apresentado á Assembléa Geral Legislativa na sessão do corrente anno, pelo Exmo. Sr. ministro e secretario d'Estado conselheiro Theodoro Machado Freire Pereira da Silva.

Pela Academia de Munich, varias obras em continuação as que já tem remettido.

Pelo Sr. Dupont, varios folhetos e catalagos de obras de que é editor.

Por diversas redacções varios jornaes e periodicos.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, foi approvado e remettido á commissão de admissão de socios um parecer dado pela commissão de archeologia e ethnographia sobre a obra escripta pelo Sr.

A. C. Teixeira de Aragão, com o titulo de—*Descripção historica das moedas romanas existentes no Gabinete Numismatico de S. M. El-rei D. Luiz* 1.°, visto servir a mesma obra de titulo de admissão de seu autor ao gremio do Instituto.

Leu-se igualmente, e ficou sobre a mesa para ser discutido na proxima sessão, um parecer da commissão de fundos e orçamento, approvando as contas do anno findo, apresentadas pelo Sr. thesoureiro, e orçando a receita e despeza do Instituto para os annos de 1871 e 1872.

O Sr. senador Candido Mendes continuou com a leitura da sua—*Historia do Commercio desde os tempos primitivos.*

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. Moreira de Azevedo
2.° SECRETARIO SUPPLENTE

12.ª SESSÃO, EM 6 DE OUTUBRO DE 1871.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes, Coruja, Homem de Mello, Borges, Pinheiro de Campos, Aquino e Castro, Xavier de Brito, Escragnolle Taunay e João Ribeiro de Almeida, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2.° secretario, procedeu a leitura da acta da anterior, a qual, sendo posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, foi approvada.

Por não ter comparecido, por incommodado, o Sr.

conego Fernandes Pinheiro, 1.º secretario, occupou este cargo o Sr. Dr. Carlos Honorio, e deu conta do seguinte

EXPEDIENTE :

Um officio do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar da collecção de leis promulgadas pela Assembléa Provincial na sessão ordinaria do corrente anno.

Dito do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, apresentando o 2.º volume do seu *Diccionario Historico e Geographico da provincia do Maranhão*, cujo 1.º volume já anteriormente havia offerecido ao Instituto.

Dito do Sr. conego Manoel da Costa Honorato, offerecendo os ns. 44 e 47 do *Apostolo*, publicados no anno proximo passado, nos quaes foram impressos o *Relatorio* do presidente da sociedade União Catholica apresentado á sessão magna de 18 de Dezembro do mesmo anno, e o *Discurso necrologico* recitado na mesma sessão pelo dito Sr. conego Honorato.

OFFERTAS :

Pelo Sr. barão de Angra, por intermedio do Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja, foi offerecido um exemplar do — « *Plano hydrographico da bahia do Rio de Janeiro*, levantado pelo capitão-tenente Diogo Jorge de Brito e copiado em maior escala com alteração das sondas, pelo chefe de esquadra conselheiro de guerra Eliziario Antonio dos Santos.

Pela sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o seu jornal do mez de Agosto do corrente anno.

Por intermedio do senador Candido Mendes, proposta para a organisação de um conselho de immigração, apre-

sentada em 28 de Outubro de 1868 pelo Sr. Joaquim M. de Almeida Portugal ao Sr. ministro da Agricultura ; e um exemplar da obra, com o titulo *Conceição de Itanhaem, Impressões de Viagem.*

Pelo Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos foi offerecido o *Jornal da Tarde*, em que se acha a traducção do — « Memorial dirigido ao Exm. Sr. barão do Bom-Retiro pelo Sr. William G. Armstrong, superintendente das fabricas de peças de artilheria de Elswick, por occasião da visita de S. M. o Imperador áquelle estabelecimento. »

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Resolveu o Instituto, sob proposta assignada por todos os seus membros presentes, que no dia 11 do corrente fosse uma commissão especial de seu seio, felicitar e agradecer a S. A. Imperial Regente pelo faustissimo motivo de haver sido sanccionada e publicada a lei sobre o elemento servil.

E por proposta do Sr. presidente, foi resolvido que igual felicitação se dirigisse a S. M. o Imperador, por intermedio do Sr. 1.º vice-presidente barão do Bom Retiro, a quem se officiaria para cumprir com a grata missão do Instituto.

Por pedido do Sr. 3.º vice-presidente Joaquim Norberto, resolveu o Instituto que se désse ao Sr. Machado de Assis uma collecção de suas *Revistas.*

Foi remettida á commissão de fundos e orçamento um requerimento em que os empregados do Instituto pedem augmento de vencimentos.

ORDEM DO DIA.

Entrando em discussão o parecer da commissão de

fundos e orçamento sobre as contas do Sr. thesoureiro e receita e despeza do Instituto; á requerimento do Sr. Dr. Carlos Honorio ficou adiada até a proxima sessão.

O Sr. Dr. Homem de Mello leu a «*Biographia de Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça*, distincto Redactor do *Correio Brasiliense* publicado em Londres desde 1808 até 1822;»

E o Sr. Dr. Candido Mendes proseguiu na leitura da sua *Memoria sobre o commercio desde os tempos primitivos.*

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo.
SECRETARIO SUPPLENTE.

13.ª SESSÃO, EM 20 DE OUTUBRO DE 1871.

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Exms. Srs. Drs. Macedo, conego Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Coruja, tenente-coronel Xavier de Brito, Ladisláo Netto, Pinheiro de Campos, Boulanger, senador Candido Mendes, conselheiro Lopes Netto, Drs. Pinto Junior, Escragnolle Taunay e Silva Paranhos, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE:

Uma participação do Sr. Lagos, de não ter podido com-

parecer as sessões em consequencia de sua grave enfermidade.

Um officio do Sr. conselheiro director geral da secretaria da Guerra, remettendo, de ordem do Sr. ministro da mesma repartição, 6 exemplares do *Atlas historico da guerra do Paraguay*, e respectivos textos.

Dito do Sr. presidente da provincia de Sergipe, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. Dr. Antonio Candido da Cruz Leitão passou a administração ao 2.° vice-presidente Dr. Dyonizio Rodrigues Dantas, e *Exposição* com que lhe foi entregue a administração da provincia.

Dito do Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o 1.° vice-presidente coronel João Simões Lopes passou-lhe a administração da mesma, no dia 12 de Setembro proximo findo.

Dito do Sr. Dr. Joaquim Antonio Carneiro da Cunha Miranda, offerecendo ao Instituto um exemplar da sua obra com o titulo: *Estudo elementar de direitos de usufructo adaptado á legislação patria em vigor.*

Uma carta, escripta de Buenos-Ayres, pelo Exm. Sr. barão de Cotegipe, pedindo a este Instituto, por intermedio do Sr. presidente, uma collecção de suas *Revistas*, para ser offerecida á bibliotheca publica de Buenos Ayres. Resolveu o Instituto que se enviasse a pedida collecção.

Dita do Sr. Diogo Barros Arana, acompanhando tres caixões com livros que, por intermedio do Sr. conselheiro Lopes Netto, o conselho da universidade do Chile envia a este Instituto, ao qual pede as suas *Revistas* e publicações para principio de reciprocidade e relações que deve existir entre os corpos consagrados ás letras e ás sciencias. Resolveu o Instituto que o Sr. 1.° secretario enviasse as suas

Revistas áquella universidade e entretivesse com ella mutua correspondencia.

Dita do Sr. conego Honorato, offerecendo 5 numeros do *Jornal da Tarde*, onde se acham impressos artigos seus sobre a postura da camara municipal da cidade do Recife, que prohibiu os dobres de sinos nas igrejas d'aquelle municipio.

Dita do Sr. Machado de Assis, agradecendo ao Instituto o haver-lhe remettido uma collecção de suas *Revistas*, conforme o pedido feito pelo Sr. 3.° vice-presidente Joaquim Norberto.

OFFERTAS :

Pelo Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, por intermedio do Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, foi offerecido o seguinte :—« Vocabulario das arvores brasileiras que pódem fornecer madeira para construcções.—Manual Agricola —Supplemento ao Diccionario de plantas medicinaes brasileiras.—Questão—Convirá ao Brasil a introducção de colonos chins ?—Duas palavras sobre a educação moral da mulher.—A soberania do povo e o Direito divino.—Algumas idéas sobre a relação existente entre as epidemias e epizoocias. — Efficacia da vaccina : resposta a seus detractores. »—

Pelo Sr. arcediago Vicente Zeferino Dias Lopes, por intermedio do Sr. A. A. Pereira Coruja, foi offerecida a *Noticia biographica* do Exm. e Revm. Sr. D. Feliciano José Rodrigues Prates, 1.° bispo da diocese do Rio Grande de S. Pedro do Sul.

Pela sociedade de geographia de Londres, o seu *Boletim* do mez de Março do corrente anno.

Pela sociedade de geographia de Paris, os *Boletins* da

mesma dos mezes de Maio, Junho, Julho e Agosto do corrente anno.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

O Sr. Dr. Macedo, obtendo a palavra, disse, que a commissão nomeada pelo Instituto para felicitar e agradecer a S. A. Imperial a Regente por haver sanccionado e mandado pôr em execução a lei sobre o elemento servil, se dirigira ao palacio d'aquella Excelsa Princeza, para cumprir sua missão, e elle, como orador do Instituto, pronunciou n'esse acto o discurso, que exhibirá para ser impresso na *Revista*. E que S. A. Imperial se dignou benevolamente acolher a manifestaçõo dos votos do Instituto. A resposta de S. A. é recebida com profundo acatamento.

ORDEM DO DIA.

Foi lida e remettida a commissão de admissão de socios a seguinte proposta :

« Proponho para membros correspondentes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro os Srs. José Victorino Lastarria, Miguel Luiz Amanátegui, Diogo Barros Arana, e Benjamin Vicuña Mackenna, cidadãos da republica do Chile. Sala das sessões, 20 de Outubro de 1871.—*Filippe Lopes Netto.* »

O Sr. 1.º secretario, motivou a seguinte proposta :

« Proponho que o Instituto nomêe ao Sr. Bernardo José da Motta para guarda da sua bibliotheca, com a gratificação de trinta mil réis mensaes. Sala das sessões, 20 de Outubro de 1871.—Conego *Joaquim C. Fernandes Pinheiro.* A qual sendo posta em discussão, foi approvada.

Entrando em discussão o parecer da commissão de

fundos e orçamento dado sobre as contas do anno proximo findo. Depois de sobre elle fallarem varios membros e de explicações dadas pelo Sr. thesoureiro a respeito da apparente contradicção que parecia haver entre a receita e despeza do Instituto ; foi o mesmo parecer approvado, e conseguintemente as contas das despezas do anno findo.

Entrando igualmente em discussão o parecer da mesma commissão de fundos sobre o orçamento da receita e despeza do Instituto para o presente anno social depois de discussão em que tomaram parte os Srs. conego Pinheiro, Coruja, Moreira de Azevedo, Pinto Junior, Felizardo e Macedo, foi a final approvado o orçamento na parte da receita, e alteradas, por uma emenda offerecida pelo Sr. 1° secretario, as differentes verbas de despeza, conservando-se, todavia, a mesma somma consignada no orçamento da commissão.

Foi tambem approvado o parecer da sobredita commissão de orçamento, que augmenta mais dez mil réis mensaes ao ordenado dos empregados, e, por proposta do Sr. thesoureiro, cinco mil réis tambem mensaes ao cobrador e entregador da *Revista do Instituto.*

Achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente adiou a leitura de trabalhos de socios, e levantou a sessão ás 8 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo,
SECRETARIO SUPPLENTE.

14ª SESSÃO EM 3 DE NOVEMBRO DE 1871

HONRADA COM A PRESENÇA DE S. A. O SR. CONDE D'EU

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, senador Candido Mendes, Olegario, Perdigão Malheiro, Pinto Junior, Pinheiro de Campos, Ladisláo Netto, Escragnolle Taunay e Luiz Antonio de Castro, o Sr. presidente abriu a sessão.

Sendo lida pelo Sr. secretario supplente Dr. Carlos Honorio a acta da antecedente, foi esta approvada.

Pelo Sr. 1º secretario conego Fernandes Pinheiro foi apresentado e lido o expediente, que constou do seguinte :

Um officio do Sr. presidente da provincia do Espirito-Santo, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. Dr. Antonio Dias Paes Leme passou a administração d'aquella provincia ao Sr. 1º vice-presidente Dyonisio Alvaro Resendo, e um dito da *Falla* com que foi aberta a assembléa legislativa provincial na sessão ordinaria do anno findo pelo mesmo Sr. vice-presidente Resendo.

Uma carta do Sr. Coruja, thesoureiro do Instituto, participando que não podia comparecer á presente sessão por incommodado, e lembrando a conveniencia da compra dos livros deixados pelo fallecido consocio o Sr. Lagos, para a qual declara haver dinheiro nos cofres da thesouraria.

Dita do Sr. bacharel Bartholomeu José Pereira, offerecendo ao Instituto um exemplar do seu *Compendio de Physica.*

Um officio do Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, remettendo o parecer que elaborou, como

um dos membros da commissão de geographia, relativamente á obra sôbre a provincia de Mato-Grosso, escripta pelo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho.

Pelo consocio o Sr. bacharel Alfredo d'Escragnolle Taunay foi offerecido um exemplar da sua obra *La Retraite de Laguna.*

Varios jornaes remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

O Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro participou ao Instituto que o consocio Sr. Dr. Cesar Augusto Marques chegou a esta côrte, e que não póde comparecer á presente sessão por se achar ainda incommodado da viagem. — Inteirado.

O Sr. Dr. Olegario motivou o seguinte requerimento:

« Sendo conveniente fixar-se a verdadeira intelligencia do art. 6° dos estatutos, em ordem a se poder deliberar sôbre diversas propostas que têm sido apresentadas para admissão de socios, requeiro que a commissão de estatutos seja convidada a apresentar com brevidade o seu parecer sôbre as duvidas suscitadas pelo digno relator da commissão de admissão de socios o Sr. Dr. Perdigão Malheiro em sessão de 25 de Setembro de 1868. Sala das sessões, etc.—*Olegario Herculano de Aquino e Castro.* »

Entrando em discussão este requerimento, depois de fallarem sôbre elle os Srs. Drs. Pinto Junior, Perdigão Malheiro, 1° secretario conego Fernandes Pinheiro e seu autor, foi afinal approvado e remettido á commissão de estatutos. E achando-se esta commissão incompleta por ter um só membro activo, estando outro ausente e o terceiro doente, o Sr. presidente nomeou para substituirem aos impedidos os Srs. Drs. Olegario e Pinto Junior.

Por indicação do Sr. Dr. Olegario resolveu o Instituto que a commissão de pesquizas de manuscriptos e o

Sr. 1° secretario ficassem autorisados para mutuamente se entenderem com os herdeiros do finado consocio o Sr. Lagos sôbre a compra da importante bibliotheca que elle possuia, dando com brevidade conta ao Instituto para este decretar os fundos necessarios, afim de se fazer effectiva a sua acquisição.

ORDEM DO DIA

O Sr. senador Candido Mendes continuou com a leitura de sua *Historia do commercio desde os tempos primitivos.*

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo
SECRETARIO SUPPLENTE

15.ª SESSÃO EM 17 DE NOVEMBRO DE 1871

Presidencia do Exmo. Sr. visconde de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Joaquim Norberto, Drs. Conego Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Coruja, Pinheiro de Campos, senador Candido Mendes, Olegario, Perdigão Malheiro, Pinto Junior, conselheiro D. Francisco, Cesar Augusto Marques, conselheiro Lopes Netto, Capanema, Silva Paranhos e Xavier de Brito, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. Desembargador Tristão de Alencar Araripe, agradecendo ao Instituto o diploma de membro correspondente que lhe foi conferido, e promettendo auxilial-o como lhe permettissem as suas limitadas habilitações e o seu amor pelas letras patrias.

Dito do Sr. director geral interino da repartição de Estatistica, solicitando do Instituto uma collecção de suas *Revistas*. Resolveu o Instituto que o Sr. 1.º secretario satisfizesse ao pedido.

Dito do Sr. consul do imperio allemão no Rio de Janeiro, cobrindo outro do Sr. redactor do Instituto Geographico em Gotha, no qual manifesta o desejo de entrar em relações com este Instituto, e solicitando as suas *Revistas* e publicações desde o anno de 1860. Resolveu o Instituto que o Sr 1.º secretario remetteses as *Revistas* pedidas e entretivesse com aquelle Instituto relações de mutua correspondencia.

Dito do Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto, offerecendo 20 exemplares do 4.º tomo da collecção dos *Tratados do Brasil com as differentes Potencias Estrangeiras*, para ser um archivado no Instituto e os outros distribuidos pelos socios presentes.

Dito da commissão da augusta loja regular America da cidade de S. Paulo, pedindo ao Instituto os seus trabalhos impressos para a bibliotheca popular que a mesma loja pretende brevemente inaugurar n'aquella cidade. Ao Sr. 1.º secretario para satisfazer.

Dito do Sr. 2.º secretario do Instituto Historico e Geographico da provincia de S. Pedro, remettendo a collecção de suas *Revistas*.

Dito do Sr. J. Ewbank da Camara, engenheiro director

das obras hydraulicas do cáes d'alfandega do Rio Grande do Sul, enviando um folheto sobre o porto das Torres.

OFFERTAS

O Sr. Dr. Carlos Honorio offereceu um diploma manuscripto de membro familiar do Santo Officio, passado em 1754.

O Sr. Dr. Portugal offereceu por intermedio do Sr. senador Candido Mendes, uma *Tabella* dos pruductos das differentes provincias do Imperio do Brasil, para uso dos emigrantes.

O Sr. Paranhos—*Estudios historicos sobre la revolucion argentina—Belgramo y Guemes*—escripta por D. Bartholomeu Mitre.

O Sr. Dr. Pinheiro de Campos, offereceu, em continuação, varios jornaes que contém o itenerario da viagem de S. M. o Imperador na Europa.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redações.

Todas as offertas são recebidas com agrado, e o Sr. 1.º secretario encarregado de agradecel-as.

ORDEM DO DIA

Foi lida e remettida á commissão de fundos e orçamento, a seguinte proposta :

« Propomos que se mandem fazer os bustos do visconde de S. Leopoldo e do Dr. Gonçalves Dias socios benemeritos, autores de varios trabalhos historicos, para serem collocados na sala das nossas sessões.Instituto Historico, 17 de Novembro de 1871.*Joaquim Norberto de Sousa e Silva*—

Dr. *Manoel Duarte Moreira de Azevedo*—*Carlos Honorio de Figueiredo.*

Foi approvado e remettido á commissão de admissão de socios, o parecer da commissão de geographia, acerca da obra—« *Noticia da provincia de Mato Grosso,* por J. F. Moutinho.»

Foi lida a seguinte proposta :

« Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o general D. Bartholomeu Mitre, cidadão argentino. Sala das sessões, 3 de Novembro de 1871. *Candido Mendes de Almeida—Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro—J. M. da Silva Paranhos—D. Francisco Balthazar da Silveira—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior—Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.*

Entrando em discussão esta proposta, e havendo manisfestação unanime do Instituto para ser ella votada n'esta sessão, e oppondo-se a isso ás disposições dos artigos 1.° e 2.° do additamento aos Estatutos, o Sr. Dr. Sousa Fontes pediu a urgencia, que foi approvada. E achando-se presentes dois membros da commissão de admissão de socios, estes em seguida apresentáram o parecer

A' vista do mesmo, o Sr. presidente mandou que fosse convocada, para o dia 20 do corrente, uma sessão extraordinaria para ter lugar a sua votação.

Foram lidos e approvados quatro pareceres da commissão de admissão de socios favoraveis aos Srs. conego Dr. Manoel da Costa Honorato, José Victorino Lastarria, Miguel Luiz Amunátegui, Diogo Barros Arana, Benjamin Vicuña Mackenna, commendador Augusto Carlos Teixeira de Aragão e Manoel Rouaud y Paz-Soldan. E correndo o escrutinio sobre cada um d'elles, foram admittidos, por maioria de votos, como membros correspondentes do Instituto.

Foi lido o parecer da commissão de Estatutos e redacção da *Revista*, acerca das duvidas que occorrem na applicação do art. 6° dos Estatutos.

Posto em discussão o dito parecer foi approvado unanimemente, e por deliberação do Instituto resolvido,sob proposta do Sr. Dr. Pinheiro de Campos, que o parecer fosse junto aos Estatutos, afim de ser executado como parte integrante d'elles, e impresso conjuctamente na nova edição dos mesmos.

Achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente adiou a leitura de trabalhos, dando para ordem do dia da seguinte sessão, apresentação de propostas, de pareceres de commissões o leituras.

Dr. J. R. de Sousa Fontes
SEGUNDO SECRETARIO

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 20 DE NOVEMBRO DE 1871.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 5 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Capanema, Candido Mendes, Olegario, Castro, Escragnolle Taunay, Macedo, João Ribeiro e Pinheiro de Campos, o Sr. presidente abriu a sessão e declarou que a havia convocado extraordinariamente para ter lugar a votação, por escrutinio, do parecer da commissão de admissão de socios dado sobre a proposta feita na ultima sessão ordinaria, para ser admittido ao gremio do Instituto, como membro honorario, o Sr. general Mitre.

E' dispensada a leitura da acta d'essa ultima sessão ordinaria, e lido o referido parecer, foi votado por escru-

tinio e unanimememente approvado, e proclamado socio honorario do Instituto o Sr. general D. Bartholomeu Mitre.

Nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo.
SECRETARIO SUPPLENTE.

16.ª SESSÃO EM 1 DE DEZEMBRO DE 1781.

Presidencia do Exm Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes, Marques Carvalho, Pinheiro de Campos, José Christino, Olegario, conego Honorato, Escragnolle Taunay, Cezar A. Marques, Coruja e Silva Paranhos, o Sr. presidente abriu a sessão.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão ordinaria, bem como a da extraordinaria do dia 20 de Novembro ultimo.

Não tendo comparecido, por incommodado, o Sr. conego Fernandes Pinheiro, 1.º secretario, occupou este cargo o Sr. Dr. Carlos Honorio, e deu conta do seguinte

EXPEDIENTE :

Um officio do Sr. presidente da provincia de Goyaz, remettendo um exemplar do *Relatorio* que apresentou á Assembléa Legislativa provincial no acto de sua installação em o 1.º de Junho do corrente anno.

Dito do Sr. mordomo da casa imperial, declarando ao Instituto, em resposta á communicação que lhe foi diri-

gida pelo Sr. 1.º secretario em officio de 15 de Novembro ultimo, sobre a necessidade de reparos a fazer-se no telhado da sala onde está a bibliotheca do mesmo Instituto, que estão dadas as convenientes ordens para se proceder a minucioso exame sobre os reparos precisos; aguardando o resultado d'esse exame para dar conhecimento ao Instituto.— Inteirado.

Dito do Sr. general D. Bartholomeu Mitre, agradecendo o diploma de membro honorario que o Instituto lhe conferiu em sessão de 20 de Novembro ultimo, e promettendo o seu concurso em prol d'esta illustrada corporação.

O Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, offereceu a biographia do distincto sabio geologo Sir Roderick Murgueson, presidente da Real Sociedade Geographica de Londres, e ultimamente fallecido em Inglaterra.

O Sr. conego Dr. Honorato, pedindo a palavra, agradeceu ao Instituto a sua admissão ao gremio do mesmo como membro correspondente; promettendo empregar suas limitadas habilitações para corresponder á honra que esta associação se dignou conferir-lhe.

ORDEM DO DIA.

Leu-se um parecer da commissão de geographia dado sobre duas memorias do bacharel Eduardo José de Moraes; concluindo o mesmo parecer que essas memorias podiam servir de titulo de admissão de seu autor como membro correspondente do Instituto. Resolveu este que o referido parecer fosse remettido á commissão de admissão de socios.

Obtendo a palavra o Sr. senador Candido Mendes, e, proseguindo na leitura da sua *Historia do Commercio*, foi interrompido pela chegada do Sr. general Mitre, que

foi recebido por todos os membros do Instituto com a maior consideração, e tomou assento como socio honorario. Concluida a leitura, o Sr. Candido Mendes disse que o Instituto tinha a satisfação de ver hoje em seu gremio ao Exm. Sr. general Mitre, que, além de distincto litterato e notavel historiador, muito se havia recommendado a esta respeitavel corporação pela sincera amizade que votava ao Brasil, e ainda mais pelo desvellado interesse que tomava pela historia e geographia d'America. O Sr. presidente, n'essa occasião, com palavras lisongeiras, felicitou ao Sr. general Mitre.

Este illustre general, agradecendo a honra que tinha recebido com a sua nomeação e a que acabava de receber n'este momento, disse: — « Que se considerava feliz em pertencer a uma corporação composta de membros tão distinctos, de alguns dos quaes se permittia chamar collega, considerando-se discipulo dos que n'ella caminhavam á frente das letras e das sciencias sul-americanas. Que o Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro, perseverando em sua tarefa e trabalhando sem descanso, era a associação scientifica que mais alto se havia levantado na America do Sul, dando ao mundo um novo contingente que illuminára o horisonte da historia, da geographia e da ethnographia americana. Que outras sociedades do mesmo genero, mais antigas, e com mais sciencia e experiencia, poderiam ter mais autoridade no velho mundo, illustrando os reconditos annaes do passado e os mysterios das transformações do homem e da natureza; mas que o Instituto Brasileiro, explorando um campo mais virgem, era o que com mais critica e mais copia de documentos havia estudado os ignorados thesouros da historia e da geographia do novo mundo, thesouros que ainda estavam por descobrir-se, desde suas

raças pre-historicas e suas civilisações primitivas extinctas, até seu estado actual, assim na ordem physica como na ordem moral. Que se associava com enthusiasmo ás suas nobres tarefas, e collocaria sob seus auspicios o primeiro trabalho que podesse executar em tal sentido, esperando que a autoridade dos que tinha chamado seus collegas e dos que considerava seus mestres, permittisse que taes producções se collocassem á sombra de sua bandeira de labor e de progresso.

Sendo esta a ultima sessão do presente anno social, o Sr. presidente mandou circular o livro das inscripções para trabalhos do anno futuro, e n'elle inscreveram-se os Srs. :

Dr. Cezar Augusto Marques « *Os Jesuitas no Maranhão.* »

Alfredo d'Escragnolle Taunay « *Os tres mais importantes combates da retirada da Laguna, junto ao rio Apa —Narração historica* : »

Felizardo Pinheiro de Campos — « Continuação do *Bosquejo historico do actual reinado.* » —

Levantou-se a sessão ás 7 1/2 horas da tarde.

Dr. *M. D. Moreira d'Azevedo.*
SECRETARIO SUPPLENTE.

SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÕES EM 21 DE DEZEMBRO DE 1871

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 5 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Carlos Honorio, Olegario H. de Aquino e Castro, conego Honorato, Escragnolle Taunay, Pinto Junior, Dr. Cesar A. Marques, Pinheiro de Campos,

Ladisláo Netto, o Sr. presidente abriu a sessão da assembléa geral de eleições dos membros da mesa, e commissões que devem servir no futuro anno social de 1872, e, preenchidas as formalidades prescriptas pelos Estatutos, sahiram eleitos os Srs.:

PRESIDENTE

Exm. Sr. visconde de Sapucahy, reeleito.

1° VICE-PRESIDENTE

Exm. barão do Bom-Retiro, reeleito.

2° VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo, reeleito.

3° VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Sousa e Silva, reeleito.

1° SECRETARIO (*Para servir dois annos na fórma dos estatutos*)

Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, reeleito.

2° SECRETARIO

Coronel Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes, reeleito.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, reeleito.
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, dito.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo, reeleito.

THESOUREIRO

Antonio Alvares Pereira Coruja, reeleito.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

João José de Sousa Silva Rio, reeleito.
Tenente-coronel Francisco José Borges.
Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, reeleito.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira, reeleito.
Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Senador Candido Mendes de Almeida.
Dr. João Ribeiro de Almeida.
Dr. Antonio Pereira Pinto.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Joaquim Manoel de Macedo, reeleito.
Joaquim Norberto de Sousa e Silva, dito.
Dr. Cesar Augusto Marques.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. José Maria da Silva Paranhos, reeleito.
Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, dito.
Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Senador Candido Mendes de Almeida.
Conselheiro Ricardo José Gomes Jardim, reeleito.
Dr. Guilherme Schuch de Capanema, reeleito.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, reeleito.
Capitão de mar e guerra José da Costa e Azevedo.
Dr. Miguel Antonio da Silva.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Conselheiro Filippe Lopes Netto.
Dr. Ladisláo de Sousa Mello e Netto.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, reeleito.
Dr. Guilherme Schuch de Capanema, dito.
Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.
Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.

Terminada a eleição o Sr. presidente declarou que o Instituto entrava em ferias, e levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo.
2º SECRETARIO

PARECERES

DE

Commissões ou commissarios especiaes

PARECER DA COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS ACERCA DA OBRA— *Diccionario topographico da Provincia de Pernambuco, por Manoel da Costa Honorato.*

A commissão de trabalhos geographicos examinou o *Diccionario topographico, estatistico e historico da provincia de Pernambuco* organisado pelo Sr. Manoel da Costa Honorato, estudante do quinto anno da faculdade de direito do Recife 1863, e hoje conego honorario da capella imperial.

Para compôr esta obra declara o autor ter compulsado a legislação patria; toda a legislação provincial, as *Memorias historicas* e o *Ensaio Topographico* de Fernandes Gama, a *Estatistica civil e politica* do Sr. desembargador Figueira de Mello, a *Descripção das costas desde Pitimbú até S. Bento*, de Vital de Oliveira, o *Diccionario geographico do Brasil* de Saint-Adolphe, addicionado por Lopes de Moura, os *Relatorios* dos presidentes da provincia e dos chefes de varias repartições »— alguns escriptos publicados sobre diversos pontos da provincia ou sua historia, e finalmente valeu-se tambem das informações que poude adquirir de seus amigos.

E' certamente difficil á commissão de trabalhos geographicos dar um juizo seguro a respeito do merecimento

d'esta obra, tanto mais que não tem á mão algumas das obras citadas pelo autor, a fim de reconhecer se foi elle escrupuloso nos extractos que fez, e se nas correcções, addições e suppressões a que procedeu se houve com o criterio sempre necessario em trabalhos d'este genero. O *Diccionario* de Saint-Adolphe, que foi uma das fontes a que o autor recorreu, a que o venerando Augusto de Saint Hilaire qualifica de *util*, contém entretanto erros mui notaveis a respeito das diversas localidades que descreve, e não póde portanto merecer a confiança plena dos leitores.

Outro tanto se póde dizer de muitas obras publicadas a respeito do assumpto, sem exceptuar as *Memorias historicas* de Monsenhor Pisarro, onde até se encontram verdadeiros disparates a respeito da posição relativa de grande numero de localidades. E' certamente por essa causa que o autor commette um erro palmar quanto a uma parte importante da linha divisoria entre Pernambuco e Parahyba do Norte, fazendo-a passar pelo Abiay, quando de facto e de direito, é o rio *Guayana* e seu confluente *Capibaribe-merim* que servem de divisa por aquelle lado entre as duas provincias.

Cumpre porém fazer justiça ao autor. Como homem illustrado, como patriota sincero, quiz elle prestar um bom serviço ao paiz, e merece por este lado os agradecimentos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Suas disposições naturaes para os trabalhos geographicos estão bem patentes na obra que nos offerece, e é por isso digno de toda a animação. Obras como esta, que são do maior interesse não só aos particulares, como á propria administração publica, poderiam servir de base a trabalhos mais perfeitos, se, apenas publicados, fossem officialmente enviados ás diversas autoridades da provincia,

como sejam, juizes de direito e municipaes, camaras, e finalmente a pessoas illustradas do interior, a fim de que revendo os artigos concernentes ás localidades onde funccionam ou habitam, fizessem as correcções que entendessem convenientes, o que habilitaria os autores a publical-as novamente escoimadas d'esses erros que as tornam suspeitas.

Rio de Janeiro, em 19 de Novembro de 1868.

Henrique de Beaurepaire Rohan, Relator.
Pedro Torquato Xavier de Brito.

CARTA DO CONEGO DR. MANOEL DA COSTA HONORATO ACERCA DO PARECER ACIMA.

Illm. e Exm. Sr.— Tendo eu publicado em 1863 um ensaio sobre a provincia de Pernambuco sob o titulo de *Diccionario topographico, estatistico e historico* tive a honra de ser proposto pelo Rev. Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, em uma das sessões de 1864, para socio do Instituto Historico e Geographico do Brasil; entretanto até a data presente não fui aceito para membro do mesmo Instituto por que a honrada commissão de admissão de socios entendeu melhor não dar parecer sobre essa proposta, do que dal-o desfavoravel.

Eu tenho uma reputação a zelar; e, por tanto, é-me necessario fazer sahir d'esse esquecimento em que tem jazido ha tanto tempo essa proposta, desfazendo qualquer prevenção que se tenha apoderado dos animos da illustrada commissão.

Ao que me parece, e supponho que não estou enganado,

o grande erro com que a illustrada commissão embaraçou-se foi o rio *Abiahy* apresentado no *Diccionario de Pernambuco* servindo de limite entre esta provincia e a da Parahyba. Devo, por tanto, justificar-me.

O *Diccionario de Pernambuco* é o primeiro de seu genero quanto a aquella provincia; e naturalmente o seu autor devia lutar com muitas difficuldades para confeccional-o. Pedi e instei por informações; mas não as consegui como desejava, e algumas chegaram tarde e imperfeitas.

Em vista de taes difficuldades fui o primeiro a confessar a imperfeição de meu trabalho no prologo que o precedeu; e logo depois verifiquei que o rio *Abiahy* pertencia á provincia da Parahyba sómente, e nada tinha com a de Pernambuco. E, por que o meu primeiro ensaio não ficasse perdido, nos annos de 1864 e 1865 requeri a Assembléa provincial de Pernambuco um subsidio para percorrer e estudar toda a provincia, a fim de confeccionar e publicar novo trabalho; o que não me foi concedido em consequencia do estado precario dos cofres da provincia.

Si, porém, eu errei dando o rio *Abiahy* por limite entre aquellas duas provincias, não fui o primeiro, nem tambem o ultimo que commetteu tal erro.

Antes de mim José Saturnino da Costa Pereira, em seu *Diccionario topographico* publicado n'esta côrte em 1834, deu o rio *Abiahy* collocado na divisa entre Pernambuco e a Parahyba. Entretanto não me consta que tivesse sido contestado.

O tenente de estado-maior José Bernardo Fernandes Gama, subvencionado pela provincia de Pernambuco para escrever as *Memorias Historicas* da mesma provincia, no 1.° vol. publicado em 1844 deu o rio *Abiahy* como limite entre Pernambuco e a Parahyba. Entretanto a sua obra

não foi regeitada pelo governo provincial, e seu autor chegou a publicar quatro volumes d'essa obra, sendo a final surprehendido pela morte quando encetava a publicação do quinto.

O Sr. Dr., hoje senador, Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, em sua *Estatistica da provincia de Pernambuco* feita por conta do governo provincial, apresentou o rio *Abiahy* servindo de limite entre Pernambuco e a Parahyba; e não consta que por isso o seu trabalho tivesse sido regeitado.

O Sr. Dr., hoje tambem senador, Thomaz Pompêo de Sousa Brasil nas cinco edições de seu *Compendio de Geographia* tem seguido o mesmo limite; notando, porém, que duas edições d'esse compendio foram publicadas depois do meu *Diccionario.*

Seguindo tão bons autores, eu não duvidei copiar os limites apresentados por elles em suas obras, por que não dispunha de dados melhores.

Ainda em meu favor tenho o *Atlas do Imperio do Brasil* organisado e recentemente publicado pelo Sr. senador Candido Mendes de Almeida, que deixou escapar o mesmo erro em que eu tinha cahido; e esse mesmo *Atlas* lhe serviu de titulo de admissão para socio do Instituto Historico do Brasil.

Entretanto esses illustres autores, por todos os titulos dignos da estima publica, não foram repellidos pelo Instituto Historico e Geographico do Brasil, e animados pela aceitação que tiveram d'esta corporação continuam a prestar relevantissimos serviços ás letras patrias.

Animado, pois, pela boa disposição que deve existir no Instituto Historico para com aquelles que se dedicam ao estudo de nosso paiz, apresento a seguinte correcção ao erro involuntario que commetti.

O limite natural entre as provincias de Pernambuco e da Parahyba é o rio *Goyanna* ; formado pelas ribeiras *Tracunhaem* e *Capibaribe-mirim*, desde sua origem até o oceano, onde desemboca entre as pontas de *Coqueiros* e de *Pedras*.

Si, porém, quizermos marcar toda a linha observada na pratica, diremos o seguinte : Servem de limite entre as provincias da Parahyba e de Pernambuco as extremas meridionaes das freguezias da Taquára e da Alhandra, pertencentes á Parahyba; a extrema septentrional da freguezia de Itambé, pertencente a Pernambuco, e a meridional de Itaipú, pertencente a Parahyba ; a rua principal de Pedras de Fogo e a estrada das Boiadas até a povoação da Serrinha ; e depois, seguindo pela estrada que vai para Camutanga do municipio de Goyanna, segue-se o rumo das aguas ao sul do Salgado ; caminhando-se para o poente até a povoação de Matta Virgem do municipio de Cabaceiras, depois passa-se entre as villas do Teixeira ao norte, e Ingazeiro ao sul, sendo esta de Pernambuco, e aquella da Parahyba ; finalmente passa-se entre o Piancó e Pajeú de Flores até encontrar o limite do Ceará.

Portanto, rogo a V. Ex. o obsequio de fazer sahir do esquecimento essa proposta, ou aceitando a emenda que apresento ; ou reprovando a minha candidatura.

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1871.

Deus guarde a V. Ex. — Illm. e Exm. Sr. Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes M. D. secretario do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

Manoel da Costa Honorato.

PARECER DA COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS, ACERCA DAS OBRAS — *Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. Elogio historico, pelo Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro* e—*Investigacões historicas e scientificas sobre o Museu nacional, pelo Dr. Ladisldo Netto.*

A commissão, sendo-lhe presentes a *Biographia do conselheiro Amaral Gurgel*, escripta pelo Sr. Dr. Olegario H. d'Aquino e Castro e as *Investigações Historicas e Scientificas sobre o Museu Nacional*, pelo Sr. Dr. Ladisláo Netto, passou a accupar-se de sua leitura, prestando toda a attenção de que são dignos ambos trabalhos, e folga de reconhecer que só achou motivo para louvores.

Com effeito, envidar esforços para que não caiam no olvido os nomes d'aquelles que em sua vida se consagraram ao serviço da patria ou das sciencias com toda a dedicação de que eram capazes, e fazel-os surgir radiante *ao lume da lanterna da memoria*, é nobre e digno ; mas não o é menos—«tomar aos hombros a ingrata mas não inglo-ria tarefa de patrocinar perante o governo e o paiz a causa de um estabelecimento tão util como o Museu», que ahi jaz no abandono.

Os dois escriptos revelam pela elegancia e facilidade do estylo e pureza da phrase que seus autores dispõem de conhecimento da lingua e de grande habito de escrever.

O assumpto de que ambos se occuparam é d'aquelles que cabal pertencem ao fôro do Instituto, pois que é todo historico.

A' vista do que expõe julga a commissão que os dois tra-

balhos são dignos de darem ingresso no nosso Instituto a seus illustres autores.

Rio de Janeiro, 2 de Junho de 1871.

Dr. João Ribeiro de Almeida, RELATOR.
J. M. da Silva Paranhos.
Alfredo d'Escragnolle Taunay.

PARECER DA COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA ACERCA DA OBRA—*Descripção historica das moedas romanas, pelo Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão.*

Parecer da commissão de archeologia e de ethnographia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro sobre a obra do Sr. commendador Augusto Carlos Teixeira de Aragão, medico-cirurgião pela escola de Lisboa, cirurgião-mór de caçadores 1, socio de varias sociedades scientificas, etc., intitulada « *Descripção historica das moedas romanas existentes no gabinete numismatico de S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I.*

Em data de 17 do mez proximo passado foi enviada á commissão de archeologia e ethnographia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro a obra do Sr. commendador Augusto Carlos Teixeira de Aragão, medico-cirurgião pela escola de Lisboa, cirurgião-mór de caçadores 1, socio de varias academias e sociedades scientificas, sob o titulo de « *Descripção historica das moedas romanas existentes no gabinete numismatico de S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I,*» afim de que a dita commissão, examinando-a, désse sobre

ella seu parecer, e á vista do seu merito possa servir de titulo de admissão ao seu illustrado autor no gremio do Instituto.

A commissão de archeologia e ethnographia dando cumprimento á essa incumbencia do Instituto Historico vem declarar que leu com toda attenção o trabalho do Sr. commendador Teixeira de Aragão, e que lhe é assás agradavel exprimir a opinião de que tão interessante livro, muito longe de ser uma simples enumeração acompanhada de ligeira descripção das moedas romanas que possue o real gabinete numismatico do Sr. D. Luiz I, como faria talvez crêr o modesto titulo da obra, é pelo contrario precioso compendio da sciencia numismatica, onde se acham condensados todos os principios e regras d'essa utilissima sciencia, auxiliar valiosissimo da archeologia e da historia, lucidamente expostos e coordenados com admiravel methodo.

O Sr. commendador Teixeira de Aragão, autor d'esta obra, e director do gabinete numismatico de S. M. F. o Sr. D. Luiz I, desde longos annos se votou ás pesquizas da numismatica, e foi elle proprio que durante 20 annos colleccionou no reino de Portugal, as quasi todas 2,653 moedas romanas que constituem a rica collecção d'esse gabinete, e que são minuciosamente descriptas e estudadas sob o mais rigoroso ponto de vista historico em sua obra. D'essas moedas, 519 pertencem ao periodo da republica romana; 1840 ao periodo do alto imperio, e 294 ao do baixo imperio.

Precedendo á parte propriamente descriptiva, onde a par de todos os pormenores historicos e do mais alto interesse em relação á cada uma das moedas romanas, são estas descriptas chronologicamente e por classes, escreveu o Sr. commendador Teixeira de Aragão, sob a epigraphe de—

Estudos preliminares—bellas paginas sobre a *moeda* desde a mais alta antiguidade, considerando-a sob o ponto de vista da numismatica, isto é como « monumentos inalteraveis, auxiliares da historia, que o tempo não destróe como ao pergaminho, nem soffre das revoluções do globo, nem do capricho das gerações como os monumentos architectonicos. »

N'essa introducção de sua obra, passa o autor em revista a moeda romana em seus diversos typos, considerada conforme a natureza do metal de que é feita, o cobre, a prata, o ouro; estuda depois as diversas classes de moedas empregadas pelos romanos, taes como as moedas votivas ou de consagração, isto é, instituidas em honra dos imperadores; as moedas restituidas, as incusas; os medalhões e as tesseras ou moedas de phantasia, etc., etc.

E' portanto de parecer a commissão de archeologia e ethnographia que a obra do Sr. commendador Augusto Carlos Teixeira de Aragão é digna de toda a consideração por parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, não só pelo valor historico que encerra, como pela agradavel fórma litteraria com que se acha elaborada, devendo pois, mui justamente ser recebido como optimo titulo de admissão do seu illustrado autor para socio correspondente d'esta corporação.

Sala das commissões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 18 de Agosto de 1871.

Miguel Antonio da Silva, RELATOR
Francisco José Borges.

PARECER DA COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS, ACERCA DA OBRA—*Noticia da Provincia de Mato-Grosso, por Joaquim Ferreira Moutinho.*

« O livro intitulado—*Noticia da provincia de Mato-Grosso, seguida de um roteiro da viagem da sua capital á de S. Paulo*, por Joaquim Ferreira Moutinho, encerra muitas informações relativas á geographia phisica e politica, á historia e á estatistica d'essa provincia.

O autor fundando-se no seu testemunho e no dos homens da sciencia, que em diversas épochas estudáram esses assumptos, conseguiu, no nosso conceito, o fim que se impôz, embora uma ou outra apreciação menos exacta na descripção do paiz, dos usos e costumes dos seus habitantes, e dos successos politicos, possa por ventura ser contestada. Assim apreciando, não hesitamos em recommendar esse livro á consideração do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio de Janairo, 30 de Outubro de 1871.

Bacharel Pedro Torquato Xaxier de Brito.
G. S. de Capanema.

PARECERES DA COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO.

A' commissão de fundos e orçamento tendo examinado as contas do sr. thesoureiro relativas ao anno de 1870, verificou que se acham regularmente escripturadas, sendo a despeza comprovada por 38 documentos.

Montou a receita propria do anno social, na quantia de Rs. . . . . 9:334$463
que addicionadas ao saldo de 1869 . . . 9:533$708

Somma	18:868$171
dos quaes, deduzida a despeza de . . .	8:307$670
fica o saldo que passou á 1871, de . . .	10:560$501

DEMONSTRAÇÃO DA RECEITA.

	Orçada	Effectuada
§ 1.º Joias de entradas. . .	40$000	60$000
§ 2.º Prestações semestraes. .	750$000	768$000
§ 3.º Cobrança de divida activa	300$000	294$000
§ 4.º Venda da *Revista*. . .	180$000	313$800
§ 5.º Dividendos de acções. .	425$000	425$000
§ 6.º Juros de Apolices . .	240$000	270$000
§ 7.º Ditos de C/correntes .	10$292	13$663
§ 8.º Consignação do Thesonro.	7:000$000	7:000$000
	8:945$292	9:144$463
Agio na compra de uma apolice		190$000
Somma a Receita . .		9:334$463
Saldo que passou de 1869		9:533$708
Total . .		18:868$171

DEMONSTRAÇÃO DA DESPEZA.

	Fixada	Effectuada
§ 1.º Impressão da *Revista*..	4:200$000	4:999$000
§ 2.º Compra de livros e manuscriptos.........	1:800$000	785$800

§ 3.° Ordenados e agencia...	2:000$000	1:994$700
§ 4.° Expediente e eventuaes	945$292	528$170
	8:945$292	8:307$670
Saldo em 31 de Dezembro de 1870.....................		10:560$501
Somma...........		18:868$171

DEMONSTRAÇÃO DO SALDO.

Em dinheiro.............	14$126	
Em 5 apolices da divida publica.............	5:000$000	
Em 25 acções da Banco Rural e Hypothecario..	5:000$000	
Em c/c. na Caixa Economica	546$375	10:560$501

Rezulta, portanto do exame arithmetico das contas que se acham ellas regulares, e nos devidos termos, e portanto, a commissão é de

parecer

que sejam approvadas as contas do Sr. thesoureiro Antonio Alvares Pereira Coruja.

Tem, porém a commissão a observar que ainda este anno foram os fundos do Instituto Historico augmentados com uma Apolice da divida publica de Rs. 1:000$000, facto que muito concorre para que se figure prospero o estado de suas finanças, mas que a commissão considera uma irregalaridade, que induz a crer que existe um avultado saldo, entretanto que o Sr. thesoureiro declara que a

divida passiva conhecida do Instituto importa na quantia de Rs.3:073$000, proveniente das impressões do 4.º tomo da *Revista* de 1869, e dos tres primeiros tomos de 1870, que estão por pagar. Porque, o Sr. thesoureiro está autorisado a empregar na compra de Apolices, as sobras da receita sobre e despeza, e ninguem dirá que houve sobras, uma vez que ficou por pagar semelhante despeza propria do anno,

Ora, tendo sido e despeza paga	8:307$670
E restando pagar-se	3:073$000
Monta a despeza de 1870—a	11:380$670
Foi a receita inclusive o agio na compra de uma Apolice	9:334$463
Houve, portanto a deficit de	2.046$207

Outrosim nota a commissão que, encerrando-se as contas em 31 de Dezembro, sómente em Junho do corrente anno lhe fossem enviadas para serem examinadas; demorando-se ainda a remessa do orçamento até o corrente mez. D'esta demora resulta que tem já decorrido oito mezes do anno social, sem que haja orçamento approvado, facto que se tem dado em annos anteriores, e que a commissão deseja evitar, propondo que

O orçamento da receita e despeza para o anno de 1871 vigorará tambem no de 1872.

Sala das sessões, 19 de Agosto de 1871.

J. J. Sousa Silva Rio, RELATOR
Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello
Francisco José Borges.

A commissão de fundos e orçamento do Instituto Historico e Geographico do Brasil, tem a honra de apresentar e submetter á approvação do Instituto o seguinte

ORÇAMENTO:

Art. 1.° E' orçada a receita para o anno social de 1871 na quantia de Rs. 19:760$501, a saber:

§ 1° Joias............................	60$000
§ 2.° Prestações semestraes..............	800$000
§ 3.° Cobrança de divida activa...........	300$000
§ 4.° Venda da *Revista*..................	300$000
§ 5.° Dividendo de acções................	425$000
§ 6.° Juros de apolices..................	300$000
§ 7.° Ditos de conta-corrente.............	15$000
§ 8.° Consignação do Thesouro Nacional...	7:000$000
	9:200$000
Saldo do anno de 1870................	10:560$501
Rs........	19:760$501

Art. 2.° E' fixada a despeza em Rs. 9:200$000, distribuidos pelas seguintes verbas:

§ 1.° Impressão e reimpressão da *Revista*..	6:000$000
§ 2.° Compra de livros e manuscriptos.....	600$000
§ 3.° Ordenados e agencia...............	1:980$000
§ 4.° Expediente e eventuaes.............	620$000
Rs........	9:200$000

Art. 3.º A deficiencia das quantias fixadas para as verbas 1.ª, 2.ª e 4.ª poderá ser supprida pelas sobras que houver em alguma d'ellas.

Art. 4.º Realizado o pagamento da despeza effectiva, se houver saldo, será recolhido á Caixa Economica, ou empregado em apolices da divida publica.

Art. 5.º E' autorisado o Sr. thesoureiro a proceder á venda das acções do Banco Rural e Hypothecario, ao par, ou ácima do valor nominal de 200$000, e a converter o producto em apolices da divida publica.

Art. 6.º O presente orçamento terá vigor tambem no anno de 1872.

Art. 7.º Ficam revogadas as disposições em contrario.

Sala das sessões, aos 19 de Agosto de 1871.

J. J. Sousa Silva Rio.
Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.
Francisco José Borges.

Emendas propostas ao orçamento das despezas do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que deve vigorar no anno economico de 1871—1872.

Impressão da *Revista* de 1871............	3:000$000
Reimpressão do 1.º trimestre da *Revista* de 1848 e da do 4.º trimestre da de 1849....	1:500$000
Ordenados dos actuaes empregados (com o augmento annual de 120$000 para cada um conforme o parecer da commissão); ao	

agente do cobrador na razão de 360$000 annuaes e gratificação de 360$000 annuaes ao espanador de livros e encarregado do asseio da sala, archivo, bibliotheca, etc.	2:760$000
Compra de livros, manuscriptos, e encadernações..............................	1:000$000
Expediente e despezas eventuaes..........	940$000
Somma...........	9:200$000

Sala das sessões do Instituto Historico e geographico Brasileiro, em 20 de Outubro de 1871.

Conego Dr. *Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.*
1.° SECRETARIO.

A commissão de fundos e orçamento a que foi presente o requerimento dos empregados do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pedindo augmento de seus ordenados, sem deixar de reconher a exiguidade dos que actualmente percebem, e outro-sim as provos que por muitos annos têm elles exhibido de dedicação aos differentes trabalhos á seu cargo, não se anima, todavia, attendendo ao estado de finanças do Instituto, a aconselhar a concessão de um augmento de vencimentos tal, que seja para elles uma prova do reconhecimento de seus bons serviços, e da generosidade do Instituto.

Pensa, porém, que seria de equidade, se não de justiça, conceder-se-lhes um pequeno augmento, e é de

parecer

que se conceda a cada um dos peticionarios a gratificação

mensal de dez mil réis que será paga pela verbo de—Expediente e eventuaes.

Sala das sessões, 14 de Outubro de 1871.

J. J. Sousa Silva Rio, RELATOR.
F. I. M. Homem de Mello.
Francisco José Borges.

PARECER DA COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA, ACERCA DAS DUVIDAS QUE OCCORREM NA APPLICAÇÃO DO ART. 6º DOS ESTATUTOS.

A commissão de Estatutos e redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, á quem foi presente o requerimento do Sr. Dr. Perdigão Malheiro, apresentado em sessão de 25 de Setembro de 1868, bem como a indicação offerecida na ultima sessão, relativamente ás duvidas que occorrem na applicação do art. 6.º dos Estatutos, vem dar o seu parecer á respeito :

Requer aquelle digno consocio que o Instituto resolva :

1.º Se em vista do citado art. 6.º basta a sufficiencia litteraria do candidato para ser admittido socio effectivo ou correspondente.

2.º No caso negativo, se devem ser preferidos para titulo de admissão trabalhos proprios dos candidatos, e especiaes sobre historia e geographia do Brasil, e sobre ethnographia, archeologia e linguas dos seus indigenas,

tendo-se em attenção o fim da creação do Instituto (art. 1.°) e o que dispõe o final do art. 13, combinado com o art. 6.° dos mesmos Estatutos.

3.° Se a offerta para titulo de admissão deve ser feita pelo proprio candidato, ou basta que o seja por algum dos socios ou por terceiro.

Examinado o art. 6.° dos Estatutos verifica-se que para ser admittido na qualidade de socio effectivo deverá o candidato apresentar trabalho proprio acerca da historia, geographia ou ethnographia do Brasil, quer esse trabalho seja inedito, quer estampado, uma vez que elle abone a capacidade do autor, o qual estando completo o numero dos socios effectivos, será recebido na qualidade de correspondente; mas que para ser socio correspondente basta que, além da sufficiencia litteraria do candidato, esse offereça ao Instituto uma obra de valor sobre o Brasil ou outra parte da America, ou algum presente importante para o museu do mesmo Instituto.

Considerando, porém, a commissão:

1.° Que o Instituto Historico tem por fim especial colligir, methodizar, publicar ou archivar os documentos concernentes á historia e geographia do Brasil, e a archeologia, ethnographia e linguas dos seus indigenas. (Art. 1.° dos Estatutos.)

2.° Que é fóra de duvida que só podem ser aceitos como socios effectivos do Instituto os candidatos que houverem preenchido as condições impostas na 1.ª parte do art. 6.°, quanto á apresentação de trabalhos proprios. sobre assumptos comprehendidos no art. 1.° dos Estatutos,

3.° Que á classe de socios correspondentes pertencem os que, propondo-se á effectividade do cargo, não podem ser n'elle aceitos, por se achar preenchido o numero fixado no art. 4.° dos mesmos Estatutos.

4.º Que d'entre os socios correspondentes tem d: sahi os que são destinados á preencher o numero fixo dos effectivos, independente de nova proposta e apresentação de titulo de admissão. (Arts. 6.º e 13 dos Estatutos).

5.º Que por estylo, observado desde a reforma dos Estatutos em 1851, se tem entendido que para socio correspondente deve o candidato satisfazer de preferencia a condição imposta aos que se propõem á ser socios effectivos, por que fica assim desde logo consultado o interesse da associação e cumprido o preceito regulamentar.

6.º Que com quanto d'este modo pareça que ficam arredados do Instituto muitos candidatos, cuja proficiencia e luzes são aliás reconhecidas no dominio das letras, nada mais facil será á quem, n'essas favoraveis condições, pretender a honra de associar-se ao Instituto, do que applicar a sua aptidão e estudos á especialidade de que se occupa o Instituto Historico, com manifesta vantagem para as letras em geral, e particularmente para a historia e geographia do Brasil ;

E' a mesma commissão de parecer que, na applicação do artr 6.º dos Estatutos, se tenha por assentado o seguinte :

1.º Não basta, para ser admittido como socio effectivo ou correspondente, a sufficiencia literaria do candidato, demonstrada em trabalhos de ordem estranha aos fins do Instituto.

Em um e outro caso ó de mistér que se offereça algum trabalho proprio, nas condições definidas no citado artigo; pronunciando-se préviamente sobre o merecimento do escripto o juizo do Instituto, depois de ouvida a commissão respectiva.

2.º Póde porém ser admittido como socio correspondente, provada a indispensavel sufficiencia litteraria, e offe-

recida qualquer obra de valor, de producção propria ou alheia, sobre assumpto relativo ao Brasil ou outra parte da America, o candidato que, por ser residente fóra do Imperio ou outro semelhante motivo, não tiver de passar á effectivo, na conformidade do disposto nos Estatutos.

3.º A offerta para titulo de admissão de socio effectivo ou correspondente poderá ser feita directamente pelo candidato, ou por alguns dos socios em seu nome.

4.º Nas propostas observar-se-ha restrictamente o disposto no art. 8.º dos Estatutos, para o effeito de não serem aceitos sem que contenham as precisas informações sobre as qualidades do candidato.

E' extensiva a disposição da parte 1.ª art. 2.º dos estatutos de 2 de Novembro de 1861 aos socios effectivos ou correspondentes.

E porquanto seja o presente parecer da commissão mera declaração do sentido da disposição controversa, sem innovação, refórma ou alteração dos Estatutos em vigor, conclue a mesma commissão propondo que, sem dependencia de qualquer outra providencia, se tenha assim por declarada e explicada a disposição contida nos citados artigos dos Estatutos.

Sala das sessões, 17 de Novembro de 1871.

D. Francisco Balthazar da Silveira.
Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior

PARECERES DE ADMISSÃO DE SOCIOS

A commissão de admissão de socios, tomando na devida consideração a proposta de 14 de Abril do presente anno,

assignada pelos consocios Srs. Drs. Homem de Mello, Pinheiro de Campos, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Xavier de Brito e Maximiano de Carvalho, e o parecer favoravel da commissão subsidiaria de trabalhos historicos, approvado em 16 de Junho corrente, é de parecer que seja admittido ao gremio d'este Instituto como socio correspondente o Sr. Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro.

Sala das sessões. Em 30 de Junho de 1871.

A. M. Perdigão Malheiro.
Manoel Ferreira Lagos.

NOTICIA

O Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro, filho do major Thomaz de Aquino e Castro (já fallecido), nasceu na cidade de S. Paulo, aos 30 de Março de 1828.

Fez n'essa mesma cidade os seus estudos preparatorios ; e, havendo ahi cursado desde 1844 a Academia de Sciencias Juridicas e Sociaes, em 1848 recebeu o gráo de barachel, e em 1849 o de doutor.

Serviu de promotor n'aquella capital desde 1849 a 1854, em que a 9 de Janeiro foi despachado Juiz de Direito ; cargo que exerceu successivamente na capital de Goyaz, Jaguary (Minas), Itapeteninga (S. Paulo), e ainda exerceu n'esta côrte como juiz da 2.ª vara crime em 1865 ; e desde 1866 até hoje a 2.ª vara commercial.

Foi chefe de Policia da provincia de Goyaz desde 1855 a 1858, de S. Paulo desde 1864 a 1865.—Exerceu interinamente, por quatro vezes, igual cargo n'esta côrte, de 1865 a 1867.

Eleito deputado geral á 13.ª legislatura pela sua provincia natal, teve assento em 1867 e 1868, em que foi a camara dissolvida.

Collaborou em diversos jornaes litterarios em S. Paulo, e tem escripto para a *Revista Juridica*, que se publica n'esta côrte.

Outros trabalhos tem publicado. Em 1857,—*Formulario sobre a marcha dos processos policiaes que tem de ser julgados definitivamente pelas autoridades policiaes.* Em 1862,—*Pratica das Correições ou comentario ao regulamento de* 2 *de Outubro de* 1851. Em 1871,—*Elogio Historico do conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel e noticia dos successos politicos que precederam e seguiram-se á proclamação da independencia na provincia de S. Paulo*; trabalho offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

O RELATOR

A. M. Perdigão Malheiro

A commissão de admissão de socios, apreciando a proposta de 14 de Abril do presente anno, assignada pelos consocios Srs. Dr. Moreira de Azevedo, Homem de Mello, e Norberto de Sousa e Silva, e o parecer favoravel da commissão subsidiaria de trabalhos historicos approvado em

16 de Junho corrente anno, é de parecer que o candidato o Sr. Dr. Ladisláo de Sousa Mello e Netto está no caso de ser admittido ao gremio d'este Instituto como membro correspondente.

Sala das sessões, em 30 de Junho de 1871.

A. M. Perdigão Malheiro.
Manoel Ferreira Lagos.

NOTICIA

O Dr. Ladisláo de Sousa Mello e Netto, filho legitimo de Francisco de Sousa Mello e Netto e D. Maria da Conceição Mello e Netto, nasceu aos 27 de Junho de 1838 na cidade de Maceió, hoje capital da provincia das Alagôas.

Embora seu pai desejasse que seguisse elle a vida do commercio, de que o mesmo fazia profissão, concluida a instrucção primaria, a reconhecida aptidão para o desenho valeu-lhe a ventura de ser enviado para esta côrte, onde cursou a Academia das Bellas-Artes desde 1856 a fim de 1868, com approvações distinctas e premios.

Outras, porém eram suas aspirações.

Estudou n'aquelle intervallo mathematicas applicadas ás Bellas-Artes, algumas sciencias, physicas e naturaes, não deixando de recreiar-se na litteratura e poesia.

Em 1859 serviu como desenhador da commissão astronomica e hydrographica encarregada de explorar a costa de Pernambuco.

Em 1862 partiu para Minas-Geraes como ajudante do

Sr. E. Liais, encarregado da exploração do alto S. Francisco. Dedicou-se então com mais ardor ao estudo das sciencias naturaes e particularmente da botanica.

O seu primeiro trabalho n'esta sciencia, escripto em francez, foi impresso no *Comptes rendus* da Academia de Sciencias do Instituto de França ; e assim outros : a sua melhor recommendação no mundo scientifico da Europa quando para alli foi em 1864 em commissão scientifica do governo imperial.

Frequentando alli a Sorbona e o Museu do Jardim das Plantas, desenvolvia elle cada vez mais os seus estudos, ao mesmo tempo que determinava o hervario que havia colhido em Minas Geraes, e publicava varias memorias, todas em francez, á excepção de uma—*Apontamentos sobre as plantas economicas do Brasil* (1866).

Enviado, em qualidade de membro vitalicio da Sociedade Botanica de França, com outros botanicos, ao Mediterraneo, d'alli regressou pouco depois a Paris, donde se dirigiu a Munich a encontrar-se com o seu amigo e mestre Dr. Martius, de quem ouviu uteis e sabios conselhos.

Publicou o seu—«*Itinéraire botanique dans la province de Minas-Geraes* — como addições á Flora Brasileira.» E assim outros trabalhos (em latim) nos—«*Annales des Sciences Naturelles.*»

Recolheu-se Ladisláo Netto ao Brasil com o diploma de doutor em sciencias naturaes, em 1866.

Casou-se em 1868.

Nomeado desde 1855 director da sessão de botanica do Museu Nacional, tomou posse logo que aqui chegou ; e tambem da gerencia do Museu, de acordo com o conselheiro Freire Allemão, director geral. E a esse estabelecimento consagra o Dr. Ladisláo Netto precioso tempo e dedicação ; assim como á sociedade Vellosiana.

Tem elle continuado, com enthusiastica actividade os seus estudos e trabalhos, dando á luz da publicidade o fructo de suas elocubrações ; trabalhos apreciados pelas summidades scientificas; merecendo especial menção o Dr. Baillon que denominou—*Nettoa*—um genero novo de plantas em attenção a Netto, o nosso distincto patricio.

Ainda em 1870 publicou elle as suas—« *Investigações historicas e scientificas sobre o Museu Nacional.*—E em 1871 — *Apontamentos sobre a botanica applicada no Brasil.*

O RELATOR

A. M. Perdigão Malheiro

A commissão de admissão de socios, tomando na devida consideração a proposta de 15 de Julho de 1864, assignada pelo consocio o Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro para ser admittido ao gremio d'este Instituto como socio correspondente o Sr. conego Dr. Manoel da Costa Honorato, servindo de titulo de admissão seu *Diccionario topographico, estatistico e historico da provincia de Pernambuco,* sobre o qual deu parecer a commissão de trabalhos geographicos em 19 de Novembro de 1868, approvado pelo Instituto em 16 de Julho de 1869 ; e considerando os termos d'esse parecer, bem como a resposta que lhe dá o mesmo Sr. conego Dr. M. da C. Honorato constante de sua carta de 30 de Julho do corrente anno, transmittida a esta commissão com o officio de 6 de Julho, em a qual o autor procura explicar o seu pensamento, e desfazer as duvidas levantadas ; considerando que, além

d'esse trabalho, outros tem publicado o mesmo candidato, como seja *Corrientes* e a *Ilha do Bom Jesus*; mostrando habilitações e amor ao trabalho, além de empenho de pertencer ao Instituto como util collaborador:

E' de parecer que o mesmo Sr. conego Dr. Manoel da Costa Honorato está no caso de ser admittido na qualidade proposta.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 25 de Agosto de 1871.

A. M. Perdigão Malheiro.
Guilherme S. de Capanema.

A' commissão de admissão de socios, tendo na devida consideração a proposta de 30 de Julho do corrente anno, assignada pelos consocios os Srs. José da Costa Azevedo e Carlos Honorio de Figueiredo, é de parecer que o candidato Sr. Manoel Rouaud y Paz Soldan está no caso de ser admittido ao gremio d'este Instituto em qualidade de membro correspondente. Distincto geographo, commissario por parte do Perú para a demarcação de limites entre esta Republica e o Imperio, nome já conhecido, os trabalhos offerecidos como titulo de admissão revelam suas preciosas habilitações.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 25 de Agosto de 1871.

A. M. Perdigão Malheiro
G. S. de Capanema

A commissão de admissão de socios, tomando como proposta a conclusão do parecer da commissão de Archeologia e Ethnographia d'este Instituto de 18 de Agosto de 1871, favoravel ao Sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, sobre a sua obra *Descripção historica das moedas romanas existentes no gabinete numismatico de S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I*, e attendendo ás habilitações litterarias do candidato, é de parecer que está o mesmo senhor no caso de ser admittido ao gremio do Instituto como socio correspondente.

Sala das sessões, em 3 de Novembro de 1871.

A. M. Perdigão Malheiro.
Guilherme S. de Capanema.

A commissão de admissão de socios, apreciando attentamente a proposta de 20 de Outubro de 1871 assignada pelo consocio o Sr. Filippe Lopes Netto, é de parecer que os candidatos Srs. José Victorino Lastarria, Miguel Luiz Amunátegui, Diogo Barros Arana e Benjamim Vicuña Mackenna, estão no caso de serem admittidos ao gremio d'este Instituto como socios correspondentes. São todos cidadãos da republica do Chile, residentes em Santiago, onde os tres primeiros são lentes da respectiva Universidade, e o ultimo é deputado ; distinctos todos por seus meritos litterarios ; e escriptores de nota, como consta de varias obras pelos mesmos publicadas, sobre diversos

assumptos, historicos, politicos, sociaes e juridicos; obras que fazem parte da preciosa livraria, com que d'aquella Republica foi mimoseado o nosso Instituto.

Sala das sessões, em 3 de Novembro de 1871.

A. M. Perdigão Malheiro
G. S. de Capanema

A commissão de admissão de socios, em vista da proposta assignada pelos consocios os Srs. senador Candido Mendes de Almeida, Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro, José Maria da Silva Paranhos, conselheiro D. Francisco Balthasar da Silveira, Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior e conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, é de parecer que o Sr. general D. Bartholomeu Mitre está no caso de ser admittido ao gremio d'este Instituto como socio honorario.

Sala das sessões. Rio, 17 de Novembro de 1871.

A. M. Perdigão Malheiro.
Guilherme S. de Capanema.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1871

DISCURSO

DO PRESIDENTE O SR. VISCONDE DE SAPUCAHY

Senhores ! Venho executar o mandado da lei organica do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil pungido de vivissima saudade :

Falta-nos a presença augusta dos dois supremos vultos do imperio.

Este sentimento seria menos supportavel a quem ora tem a honra de dirigir-vos a palavra, se mitigado não fosse pela consideração das vantagens que promette a imperial viagem ; e pelo contentamento que dilata um coração brasileiro ao contemplar as enthusiasticas, merecidas demonstrações de respeito e admiração votadas na culta Europa ás virtudes, talentos, vasta capacidade e illustração do monarcha americano.

Venha elle, quanto antes, enriquecido tambem com os productos da observação e da experiencia, obtidas pelas investigações de seu genio activo e perscrutador nas plagas onde se ostentam garbosos os milagres da civilisação ; vanha proseguir o empenho de engrandecer a patria, e preparar-lhe a plenitude de prosperidade, para a qual a destinára o Supremo Dador de todos os bens.

No anno social que hoje finda, trigesimo terceiro da existencia da associação, e de que vos devemos conta, continuou o Instituto a esmerar-se no cumprimento dos Estatutos, os quaes tiveram declarações do genuino sentido da disposição relativa á admissão dos socios. O Instituto se desvanece de que satisfez contente e leal a recommendação de seu magnanimo protector, realisada na sessão de 19 de Maio, quando por despedida lhe dirigiu o presidente as seguintes palavras :

« Senhor ! O Instituto vai ser privado por algum tempo da augusta presença de Vossa Magestade Imperial, que tanto tem honrado suas locubrações ; mas está convencido de que ainda de longe seus trabalhos gozarão da influencia de seu inclyto protector.

« Sentindo vivissima saudade por esta separação, o Instituto faz votos ao céo pela conservação da saude de Vossa Magestade Imperial ; e confia na Divina Misericordia que Sua Magestade a Imperatriz colherá d'este passo as vantagens que a nação espera do sacrificio que por ella faz o magnanimo coração de Vossa Magestade Imperial. »

O imperador respondeu :

« Agradeço muito ao Instituto, e espero que continue com o mesmo zelo a occupar-se das letras patrias. »

Cessou felizmente o impedimento do erudito primeiro secretario, que por dois annos vedou-lhe o comparecimento nas sessões, sem comtudo inhibir-lhe a pratica e o exercicio dos outros encargos, que cavalheiramente desempenhou.

Ouvireis hoje sua eloquente voz no sem senão relatorio dos trabalhos da sociedade.

Essa chronica, habilmente traçada, vos informará que o quadro social adquiriu eminentes collaboradores nacio-

naes e estrangeiros, d'entre os quaes, por circumstancias especiaes, farei antecipada menção do general D. Bartholomeu Mitre, distincto estadista, elegante escriptor, consummado nos conhecimentos litterarios e scientificos, quinhoeiro em nossos trabalhos da guerra do Paraguay, e finalmente amigo do Brasil.

Vem aqui a proposito responder a censura feita ao Instituto pelo modo como procede na admissão dos socios : é acoimado de avarento ou cioso, tranca suas portas aos estudiosos.

A censura é injusta.

O Instituto caminha como lhe ordenam os estatutos, os quaes, prudentes, entenderam que convinha tornar ainda mais apreciado o honroso titulo de membro d'esta importante associação, exigindo boas provas litterarias, que de ante-mão recommendassem o merito dos candidatos propostos.

« Com effeito (escrevia o illustrado consocio nosso actual orador) a necessidade de offerecer á consideração do Instituto um trabalho de propria lavra acerca de um ponto de historia ou geographia patria, exclue por um lado a possibilidade de se fazerem admissões estereis, e de chegar a ser pouco apreciado, á força de se tornar commum, o diploma que esta nobre sociedade confere ; e por outro lado tambem essa mesma exigencia se transforma em um poderoso incentivo para os espiritos elevados, e para os jovens talentos que almejam manifestar-se.

« E nem de outro modo (continúa o prestante membro) poderiamos proceder, principalmente desde a hora solemne e grandiosa em que o Imperador do Brasil, descendo do seu throno para occupar a cadeira de presidente honorario do Instituto, elevou esta instituição litteraria a

um gráo tão subido, que só no verdadeiro merito se podem encontrar azas bem forçosas para voar até lá. »

Não foi pequeno o numero dos socios ceifados pela morte.

Obreiros de reconhecido merito pagaram o infallivel tributo, e entre elles o commendador Manoel Ferreira Lagos, que, desde os primeiros annos da fundação do Instituto, lhe prestou serviços tão relevantes e de tão subido quilate, que o constituem benemerito da associação e tornam duradora sua memoria.

O eximio orador em sua phrase limpida, castigada e seductora, manifestará os titulos dos illustres finados para que vivam na recordação dos amigos das letras.

Pondo aqui termo, rendo graças á Serenissima Princeza Imperial Regente e ao illustrado principe consorte, nosso presidente honorario, pela mercê de honrarem com suas augustas presenças esta solemnidade.

O Instituto, Senhora, vê desde já em V. A. Imperial sua generosa protectora.

Está aberta a sessão.

RELATORIO

DO PRIMEIRO SECRETARIO

CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO

Senhores.—Pertinaz enfermidade da qual ainda sinto os funestos effeitos alongou-me por dois annos d'esta cadeira ; minha falta não vos foi, porém,por fórma alguma sensivel,graças á proficiencia do meu dignissimo substituto, o nosso muito illustrado 2.° secretario.

A' proverbial indulgencia a que me haveis habituado rogo-vos addíteis a consideração de que o meu estado morboso impede-me de cumprir, como desejára, o difficil e honroso munus com que tanto me haveis distinguido.

No anno que acabamos de transcursar apenas tres sessões foram honradas com a augusta presença de Sua Magestade o Imperador, que, levado pelo estremecido amor que consagra a virtuosa esposa que o céo outorgou-lhe, foi demandar remotos climas, consultar de perto os oraculos da sciencia medica, e quiçá deparar nas vicissitudes das viagens esses profundos abalos que não raro melhor aproveitam do que os mais heroicos medicamentos. Oxalá sejam seus louvaveis esforços coroados de felicissimo exito e que em breve saudemos jubilosos o suspirado regresso dos nossos bem amados imperantes. Sempre que lhe foi possivel, veiu sua alteza o Sr. conde d'Eu honrar com sua presença as nossas sessões, dando com isso eloquente testemunho do vivo interesse que consagra á esta instituição, que, no periodo a que estou alludindo, demonstrou á luz meridiana que nenhum movel menos nobre e confessavel lhe nortêa os pasaos, pois que, á guisa do philosopho grego, andou diante dos que negavam o mo-

vimento. Parece ser hoje moda acoimar de decadencia e degeneração os homens e as instituições contemporaneas : foi, talvez, cedendo á esse fatal impulso, que em um augusto recinto ergueram-se autorisadas vozes para accusar este Instituto de degeneração e máo emprego da subvenção com que o auxiliam os cofres publicos. Cumpre-nos, senhores, como vosso humilde e obscuro orgão, aquilatar n'este dia solemne o peso d'essa accusação. Em má hora foi ella apoiar-se nas paginas da nossa *Revista*, que, ornando hoje as bibliothecas da Europa e da America póde facilmente offerecer a contrariedade do libello. Disse-se que devêra ser—*um repositorio de manuscriptos, uma restauração de obras antigas, uma divulgação de livros raros, e uma compillação de noticias, tudo relativo á sua especialidade, e não um periodico para escriptos contemporaneos, que muitas vezes nenhum interesse inspiram, e roubam espaço, que podia ser melhor empregado.*

Quem, de boa fé, se der ao trabalho de compulsar a mencionada *Revista* reconhecerá quão infundada foi a accusação, verificando que n'estes ultimos annos temos dado á estampa preciosos e antiquissimos manuscriptos, como a *Nobiliarchia Paulistana*, genesis do primeiro estabelecimento portuguez em nossas plagas ; restauramos e divulgamos livros raros, como o do *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas* pelo padre Christovão d'Acuña (1) ; e as interessantissimas *Memorias sobre o melhoramento da provincia de S. Paulo* (2) ; e sobre a *Igreja do Brasil* (3) pelo conselheiro A. R. Velloso de Oliveira ; compillamos noticias de subido valor historico e scientifico, como, entre muitas, a do Sr. Dr. Carlos Rath relativa aos

(1) Vide *Revista do Instituto*—anno de 1865.

(2) Vide *Revista do Instituto*—anno de 1868.

(3) Vide *Revista do Instituto* —anno de 1866.

vestigios deixados por um povo que habitou nossa terra em épocha anterior ao diluvio universal (4), e correspondendo aos desejos do nosso augusto e immediato protector, manifestados na memoravel sessão de 15 de Dezembro de 1849, temos registrado nas columnas da mencionada *Revista* avultado numero de trabalhos de socios, discutindo, averiguando e corrigindo pontos litigiosos da nossa historia, geographia, ou ethnographia, dos quaes para não ferir a modestia dos vivos ou suscitar competencias, unicamente mencionarei os *Annaes da provincia de Goyaz* (5) e a memoria intitulada *O Brasil e a Oceania* (6) pelos nossos saudosos consocios A. Gonçalves Dias e J. M. P. de Alencastre.

Não abre espaço a *Revista* a desforços pessoaes, registra os factos com a maior imparcialidade e sempre sob a immediata responsabilidade dos autores das memorias, esforçando-se por arredar-se cautelosamente das syrtes politicas, onde o seu baixel correria risco de sossobrar.

No ultimo decennio (1861 a 1871) enriquecemos a nossa bibliotheca e archivo com 1022 obras, constantes de 1,763 volumes, 65 mappas e cartas geographicas e 272 manuscriptos. Fizemos encadernar preciosas brochuras e reencadernar livros que se iam arruinando, distribuindo-os bibliographicamente por numerosas estantes e prateleiras, collocadas nos compartimentos, recentemente cedidos pela munificencia imperial.

Em presença d'estes dados estatisticos, de cuja veracidade me constituo fiador, parece que a actual administração do Instituto póde com certa ufania declarar, que, reconhecendo e bem alto proclamando os relevantes ser-

(4) Vide *Revista do Instituto*—anno de 1871.
(5) Vide *Revista do Instituto*—annos de 1864 a 1865.
(6) Vide *Revista do Instituto*—anno de 1867.

viços e sublime abnegação dos cavalheiros que a precederam, não lhes cede a palma em zelo e dedicação, havendo envidado todos os esforços para conservar immune o deposito das gloriosas tradicções e do lisongeiro conceito que souberam conquistar.

Desendividando-se do onus contrahido pela sua mui merecida eleição, occupou o Sr. senador Candido Mendes de Almeida a vossa attenção com a assidua leitura de uma erudita introducção historica á sexta edição dos *Principios de Direito Mercantil* por José da Silva Lisboa (visconde de Cayrú). E' uma luminosa resenha das alternativas porque tem passado o commercio em geral; tanto na antiguidade como nos seculos medios e modernos, com applicação especial no Brasil, comprehendendo outrosim a legislação commercial de todos os povos.

Não foram sufficientes as poucas horas de que podiamos dispôr para chegar ao termo d'essa importantissima elucubração, que no anno proximo vindouro prenderá ainda vossa curiosidade.

Ausente d'esta capital, não pôde outro collega nosso transmittir-me a nota que lhe havia pedido do conteúdo das *Impressões de viagens* ás provincias do Ceará e S. Pedro do Sul, que tão dignamente administrára. Privado pelo meu máo estado de saude de ouvir as judiciaes reflexões do Sr. Dr. F. I. Marcondes Homem de Mello, e não podendo referir-me ás suas proprias indicações, vejome forçado a guardar silencio ácerca de tão valiosos escriptos, bem como á respeito da biographia que igualmente vos leu do celebre redactor do *Correio Brasiliense.* Por identicos motivos, apenas mencionarei que um dos mais antigos obreiros d'esta associação pagou-lhe derradeiro tributo, lendo em uma das primeiras sessões d'este anno algumas observações sobre duas cabeças embalsa-

madas de selvagens da Nova Zelandia, existentes no Museu Nacional. A prematura e lastimosa morte do commendador Manoel Ferreira Lagos, privou-nos da posse de muitos outros trabalhos começados, ou sómente planeados.

A indefessa actividade do Sr. Dr. M. D. Moreira de Azevedo revelou-se ainda este anno na apresentação de um curioso estudo concernente á *Sedição militar da ilha das Cobras*, no fatidico anno de 1831. N'esse succulento trabalho examinou o nosso consocio o estado dos partidos politicos, a vehemencia da imprensa periodica, a insubordinação das tropas, a attitude energica do governo, os relevantes serviços prestados pela nova guarda municipal, e a dedicação de alguns bons cidadãos, um dos quaes succumbiu sobre as ameias da expugnada fortaleza. Subindo da singela e veridica narrativa dos factos á apreciação das suas causas e effeitos, exhibiu novos titulos á justa reputação que tem sabido grangear.

Rendendo homenagem á memoria de um preclaro varão, que por largos annos sentou-se entre nós, o conselheiro Dr. Claudio Luiz da Costa, procedi ao tosco inventario dos seus muitos e assignalados serviços prestados á patria em dias de tribulação e desconforto, antes que o sol de Julho explendido rutilasse nos campos de Pirajá, ou quando desenfreada soldadesca erguia pavorosos brados, prenuncio de lutuosas scenas, ou finalmente quando já na tarde da existencia afagava e dirigia com solicitude tão paternal os desherdados da luz.

No proposito de aclarar as discussões historicas e a exemplo do que outr'ora se praticava, propuz e benevolamente annuistes, que fosse dada para ordem do dia a contravertida these das vantagens e inconvenientes do systema colonial adoptado pelos portuguezes no Brasil. Apressou-se de aceitar o repto o Sr. Homem de Mello, que em

poucas e brilhantes paginas escoimou a verdade historica da paixão politica : e interrogando o oraculo da legislação penal, demonstrou que os criminosos, que por commutação de penas, eram enviados ás nossas plagas, não passavam, na maioria dos casos, de deliquentes de leves infracções ou réos de imaginarios delictos. Concluiu o nosso distincto collega que não é exacta a asserção dos que pretendem fosse povoado o Brasil de malvados, subtrahidos aos carceres e aos patibulos.

Inscrevendo-me desde logo, não pude apresentar em tempo o meu trabalho ; assim sendo precedido pelo do Sr. Dr. Homem de Mello, tão sómente na leitura, abundei (sem que o soubesse) em identicas considerações. Foi-me de summa satisfação e não pequena honra ver confirmado por tão competente juiz o que timidamente pensára, arraigando-se-me d'essa arte a convicção de que seremos sempre injustos quando quizermos avaliar os homens e instituições de outras eras pelas idéas dominantes na nossa. Razão de sobra tinha Cousin de dizer que a ninguem é dado caminhar adiante do seu seculo.

Assisadas deliberações tomou o Instituto no anno prestes a findar, cabendo a prioridade na ordem do tempo e da magnitude do assumpto a de nomear uma commissão especial para ter a subida honra de felicitar em seu nome a Sra. Princeza Imperial Regente pela prompta sancção que se dignára dar á lei da Assembléa geral, proclamando a liberdade do ventre da mulher escrava e a successiva e gradual emancipação do elemento servil.

N'essa mesma occasião, por proposta do nosso sabio presidente, deliberou o Instituto rogar ao seu dignissimo 1.º vice-presidente fizesse chegar a Sua Magestade o Imperador as expressões do seu reconhecimento pelo vivo

interesse que por tão salutar medida tomára o mesmo augusto senhor.

Constando-lhe o infausto passamento do seu consocio o commendador Lagos, deu-se pressa o Instituto de autorisar-me para, de accordo com o illustrado relator da commissão de pesquiza de manuscriptos, tratar de adquirir a riquissima collecção que d'elles possuia o referido commendador. Dirigi-me immediatamente á senhora viuva Lagos communicando-lhe a decisão supra indicada, e rogando-lhe me désse autorisação para examinarmos esses manuscriptos e algumas obras impressas de que mais carecesse a nossa bibliotheca: até o momento em que estas linhas escrevo nenhuma solução recebi, que possa communicar-vos.

Além das habituaes propostas, destinadas a preencher os claros que em nossas fileiras annualmente introduz a morte, pendentes umas do estudo das respectivas commissões e sanccionadas outras por vossa adhesão, foram-vos submettidas algumas de subida importancia. Entre estas ultimas releva fazer expressa menção da que autorisou a criação de uma revista auxiliar com o titulo de *Bibliotheca Brasileira*— a qual devêra ser dirigida pelo nosso fallecido consocio Sr. Lagos, e a que em sessão de 17 de Novembro ultimo apresentaram os Srs. Drs. C. H. de Figueiredo e J. Norberto de S. S. para que na sala das nossas sessões se erigisse os bustos dos benemeritos socios visconde de S. Leopoldo e A. Gonçalves Dias. Envolvendo esta ultima a decretação de fundos, não consignados no orçamento vigente, propuz, com plena aceitação vossa, fosse ella remettida á respectiva commissão.

Folgo, senhores, de render encomios á actividade desenvolvida pelas nossas commissões: e permitta-me que antes de tudo vos assignale o importantissimo serviço

que acaba de prestar-vos a de Estatutos e redacção da *Revista* fixando de modo tão luminoso a genuina intelligencia de alguns artigos do nosso codigo fundamental, cuja execução nos expunha a serios embaraços, e quiçá dissabores. Serão de ora avante bem conhecidas e claramente fixadas as condições para admissão ao nosso gremio, sempre accessivel aos homens de boa vontade e que nos queiram trazer o valioso concurso de suas luzes.

Como de costume apresentou a commissão de fundos e orçamento o seu parecer, acompanhado do balancete da nossa receita e despeza do anno findo e do orçamento para o vindouro; discordando eu das suas apreciações e calculos, pelos motivos que tive a honra de expôr-vos em sessão economica, offereci uma emenda substitutiva, que mereceu a vossa unanime approvação. Resultou da larga discussão suscitada por esse incidente que cabalmente conhecesseis a continuação do nosso prospero estado financeiro.

Avaliando devidamente as razões allegadas pelos empregados subvencionados d'este Instituto quando pediram melhoramento de seus exiguos vencimentos, propôz a sobredita commissão que fosse favoravelmente deferida a sua supplica, a que promptamente accedestes; depois de vos haver eu demonstrado que dentro dos limites da nossa receita ordinaria, e sem prejuizo de outros ramos de serviço, era possivel effectuar-se o requerido augmento. Conhecedor dos sentimentos que animam os nossos empregados, julgo poder affirmar-vos que cada vez mais se empenharão no exacto cumprimento dos seus deveres, testemunhando-vos dest'arte toda a sua gratidão.

Acertadamente entendestes que muito importava a conservação da nossa já bem volumosa livraria, e precioso archivo, a creação de mais um empregado exclusivamente

incumbido do seu asseio e ventilação. Annuindo a uma proposta minha confiastes este encargo a um antigo servidor da casa imperial, cujas honrosos precedentes assaz o abonam.

Não posso ter a satisfação de communicar-vos que em dia se acha a publicação da *Revista*; e ainda d'esta vez é a falta de papel causa primordial d'esta omissão. Sabeis que este genero nos é principalmente fornecido pela França, e os lastimosos successos de que acaba de ser theatro retardaram a expedição das encommendas ha muito feitas. Logo, porém, que voltem as transacções mercantis ao seu estado normal, o que espero brevemente aconteça, será deligentemente recuperado o tempo perdido.

Pelo mesmo motivo estacionou a reimpressão da mesma *Revista* no tomo XII, que será dado á estampa no anno proximo futuro, com summa satisfação dos que anhelam por possuir collecções completas de tão util publicação.

Vendo o afan com que se deseja possuir essa publicação, e os elogios que de todas as partes lhe chegam, seria de esperar que os livros da thesouraria registrassem o progressivo augmento de assignantes e compradores de collecções, ou numeros avulsos: infelizmente, porém, isso não acontece, e do ultimo balancete que tenho á vista, verifica-se que no anno findo apenas entraram para os nossos cofres trezentos mil réis, provenientes d'essa verba, sendo para notar que é a nossa *Revista* a mais barata que existe no imperio (7), constando já de trinta e quatro volumes.

(7) A assignatura é de 4$ por anno, por um volume de 700 a 800 paginas.

Vieram este anno prestar-nos valioso auxilio esforçados lidadores, seus nomes esculpidos em nossos marmores capitolinos são o do Sr. general D. Bartholomeu Mitre, admittido na classe dos socios honorarios em testemunho do subido apreço que lhe consagramos pelos relevantes serviços prestados ás armas e ás letras; dos Srs. D. José Victorino Lastarria, D. Miguel Luiz Amunátegui, D. Diogo Barros Arana e D. Benjamim Vicuña Mackenna, conspicuos cidadãos da republica do Chile, e vantajosamente conhecidos pelos que saboream os primores da lingua de Cervantes e Calderon; do Sr. D. Manoel Rouaud y Paz Soldan, distincto geographo peruano, e como tal escolhido para commissario da demarcação de limites entre essa republica e o imperio: do Sr. Dr. Carlos Augusto Teixeira de Aragão, director do gabinete numismatico de Sua Magestade Fidelissima o Sr. D. Luiz I, e autor de uma sapientissima *Descripção Historica das moedas romanas existentes n'esse gabinete*; do Sr. Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro, assaz conhecido pelos seus doutos trabalhos juridicos de onde passou-se aos arraiaes das letras para ceifar virentes louros na composição do *Elogio Historico do conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel*, trabalho de folego onde são discutidos e averiguados muitos e gravissimos pontos da historia da independencia da heroica provincia de S. Paulo, com a lucidez do anysta e a profundidade do philosopho; do Sr. Dr. Ladisláo de Sousa Mello e Netto, que desde verdes annos convive com Linnèo, Jussieu e de Candolle, grangeando pelos seus trabalhos lisongeiro e animador conceito dos próceres da sciencia européa, e cujos lazeres foram utilmente aproveitados na obra que lhe serviu de titulo de admissão, repleta de curiosissimas e reconditas noticias sobre o nosso museu; e finalmente do Sr. conego Dr.

Manoel da Costa Honorato, que nos arrebóes da vida compôz e publicou o seu tão interessante *Diccionario Historico Topographico e Estatistico da provincia de Pernambuco* que, apezar de ligeiros senões que lhe notou a commissão de geographia, não deixa de ser uma obra de vulto e de summa utilidade aos estudiosos das nossas cousas.

Continúa o Instituto a receber dos supremos poderes do Estado, assim como das autoridades de ordem menos elevada, auxilios e favores a que nos têm acostumado, sem que por isso nos julguemos exonerados da divida de gratidão, que por meu intermedio ora lhes tributaes.

Nossas relações scientificas e litterarias com as instituições congeneres do velho e novo continente, acham-se em estado satisfactorio, estudando com esmero os meios praticos de cada vez mais aperfeiçoal-os, fazendo cessar justas reclamações que algumas vezes nos são endereçadas.

A' proposito de relações scientificas e litterarias entendo ser este asado ensejo para agradecer a dois dos nossos benemeritos consocios, que tanto se têm esforçado para estreitar os vinculos d'essas relações: quero fallar dos Srs. conselheiros José Feliciano de Castilho e Filippe Lopes Netto. O primeiro com louvavel empenho buscou reatar o fio da nossa correspondencia com as academias, sociedades e bibliothecas portuguezas; e o segundo, fazendo reverter em nosso proveito o prestigio que tão justamente soube grangear nas republicas do Pacifico, contribuiu poderosamente para pôr-nos em contacto com algumas d'essas republicas, nomeadamente com a do Chile da qual acabamos de receber um opulento donativo constando de livros, brochuras, mappas e jornaes.

Chegado á meta do estadio, que com titubantes passos

hei percorrido, consenti que vos faça um pedido e ao mesmo tempo atreva-me a dar-vos um conselho. Doze annos se hão volvido d'esde o dia em que, cedendo mais aos impulsos de benevolencia do que consultando aos legitimos interesses da nossa instituição, me erguesteis á este honroso cargo, vosso erro tem sido seis vezes repetido; tempo é, porém, a reparal-o, concedendo-me o almejado repouso.

Confesso-vos, senhores, o meu embaraço e enleio sempre que tenho de dar-vos conta das obras que vos foram offerecidas durante o anno. Versam ellas sobre tantas e tão variadas materias que excedem muito aos tenues conhecimentos por mim adquiridos, além de que, peço-vos ainda venia para repetir, as oscillações da minha saude e os deveres annexos ao magisterio poucos ocios me deixam para ler e apreciar o merito d'essas mesmas obras. Imploro, pois, toda a vossa indulgencia pela imperfeição da resenha, asseverando outrosim aos illustres cavalheiros cujos nomes forem ommittidos, que nenhum sentimento de menospreço, ou falta de consideração, determinou o meu forçado silencio.

Preterindo a ordem chronologica e qualquer precedencia hierarchica, regular-me-hei tão sómente pelos apontamentos tomados á medida que procedia a sua leitura nos curtos intervallos deixados pelo cumprimento de imperiosos deveres ou pelas intermittencias da molestia.

Um dos mais laboriosos soldados da imprensa, medico tão desvellado como caritativo, conciliando habilmente o dever com a devoção, em uma palavra o Sr. Dr. Cesar Augusto Marques publicou e graciosamente offereceu ao Instituto, de que é um dos ornamentos, o seu *Diccionario Historico e Geographico da Provincia do Maranhão*. Competentes e imparciaes juizes hão proferido seus laudos

sobre este valiosissimo trabalho; a que o nosso consocio consagrou sua proverbial actividade e esse espirito de investigação e de analyse que constituem um dos seus mais bellos caracteristicos. Foi uma empreza arrojada, senão temeraria, que credora se tornava de todo auxilio e animação.

Outro benemerito consocio nosso, o Sr. Dr. M. D. Moreira de Azevedo, illustrou a nossa livraria enviando-lhe a nova e brilhante producção de sua laboriosa lavra: refiro-me aos *Quadros guerreiros do Prata e do Paraguay*, precioso kaleidoscopio por onde successivamente passam, évocados pela musa da historia, os vultos heroicos que das margens do Moron ás do Aquidaban ovante conduziram o pavilhão auri-verde. Nos arroubos do patriotico enthusiasmo não sacrificou a verdade, e no brilhantismo do colorido revellou-se o pincel do Ticiano.

Devidamente auxiliado pelo governo imperial pôde o Sr. capitão Alfredo d'Escragnolle Taunay levar ao cabo a sua tão mimosa como interessante—*La Retraite de Laguna* que em 1868 começára a publicar. No meu relatorio d'esse anno já alguma cousa disse ácerca d'esse livro, e abundando nas considerações que então fiz, corroboro-as com o resultado da leitura da parte ora dada a estampa, que veiu cada vez mais confirmar-me no conceito que d'esse esforçado paladino das letras formo augurando-lhe esperançoso porvir. Sinto verdadeiro jubilo saudando d'esta cadeira a uma das mais robustas intelligencias da nova geração, certo de que com os olhos fitos na constellação da gloria desdenhará as tortuosas verêdas por onde muitos outros buscam avizinhar-se das honras, ou da opulencia. Relevai-me, senhores, esta expansão, dictada pelo sentimento natural ao mestre que vê seus discipulos se estradarem pelos rumos que lhes havia indicado.

O illustrado e infatigavel publicista, encanecido em manusear documentos esquecidos em nossos archivos em damno dos nossos inauferiveis direitos e justissimas pretenções, offertou-nos um estimabellissimo opusculo com o titulo *Intervenção do Brasil no Rio da Prata*. Conheceis a proficiencia com que o Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto sóe tratar d'estas materias, proficiencia que tão avantajado conceito lhe tem valido de extranhos e nacionaes contrastes, pois afianço-vos, pela rapida leitura que do mencionado opusculo procedi, que esmagou o nosso doutissimo collega as cabeças d'essa Medusa de intrigas e desconfianças, com que alguns periodistas platinos exploram a inimizade de duas raças, oriundo de um mesmo tronco, collocadas em uma mesma região, ligadas por identicos interesses, e cuja hostilidade eleva-se do crime ao sacrilegio. A luz de irrecusaveis documentos demonstrou que a alcunhada *politica tradicional* nada exprime, não passando de um vocabulo vazio de sentido, excogitado pelos exploradores de odios e vinganças internacionaes.

O supra mencionado Sr. Dr. Pereira Pinto fez-nos tambem donativo do quarto volume da sua *Collecção de Tratados*, que logrou terminar, apoz indescriptiveis fadigas e não poucas contrariedades. Bem hajam os que, como o nosso esclarecido consocio, deixam se guiar pela luminosa columna da gloria, e que no cumprimento de uma grande idéa encontram satisfactorio galardão.

Entre os valiosos presentes que recebemos dos nossos consocios estrangeiros, penso dever fazer expressa menção do nono volume do *Diccionario Bibliographico* do Sr. Innocencio Francisco da Silva, pelo valiosissimo subsidio que presta a quantos se entregam ao cultivo das letras patrias. Proseguindo no plano que tão bem ideára, e tão affincadamente vai levando avante, presta o nosso consocio ser-

viço de ordem tão elevada que não ha termos, por mais emphaticos, que possam traduzir-lhe o valor que aliás tem sido reconhecido e apregoado pelas primeiras notabilidades.

Muitas e importatissimas obras, brochuras, mappas, cartas, jornaes e manuscriptos nos foram offertados, de que se fará menção em um dos annexos a este relatorio, agradecendo aqui em vosso nome a generosidade e cavalheirismo dos respectivos doadores.

DISCURSO

DO ORADOR DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

O anno social do Instituto Historico e Geographico do Brasil tem, como o anno solar, suas quatro estações, senão bem discriminadas e consecutivas, ao menos precisamente determinadas e sentidas pelos seus effeitos.

Acabastes de ouvir a descripção animada, risonha e brilhante da nossa ultima primavera, da estação das flôres e das mais favoneadoras esperanças na resenha dos novos adeptos que vieram enriquecer o quadro dos socios do Instituto, e que auspiciosos asseguram em seus dadivosos labores pingues colheitas no campo da intelligencia.

A mesma voz autorisada e eloquente vos expôz em relatorio esclarecido os thesouros do nosso estio e do nosso outono nas primicias das searas de jovens e alentados escriptores que se mostram, rompendo no céo da patria, como auroras fulgentes precursoras de ainda mais formosos dias, e nos fructos sazonados de provectos cultivadores da historia e da geographia do Brasil, philosophos investigadores dos factos que arrasam os segredos dos tempos que já fôram, e registram e assignalam os acontecimentos contemporaneos, de que outros mais tarde serão juizes, arvores frondosas e de perfeito desenvolvimento, no refrigerio de cuja sombra descansam e meditam aquelles que estudam e ainda lavram modestos no mesmo solo, na madureza de cujos fructos se alimenta o espirito de nós todos, e na respiração de cujas folhas se purifica a atmosphera da historia impregnada de emanações, de preconceitos, de falsas apreciações das cousas do passado e das paixões, e dos odios uns apenas vesgos e outros completamente cegos

dos contendores de hontem e de hoje, que se arrojam a querer sentenciar, quando uns e outros, vencidos e vencedores, por sua vez, no pleito das idéas e na briga dos caprichos, já se desordenáram e se abysmáram engulidos nos rodemoinhos da intolerancia politica.

Mas a primavera, o estio, o outono, as estações dos risos e das esperanças, da abundancia e da riqueza, tinham de passar, passáram. Adeus, flôres ! adeus, primicias das searas !... Adeus, fructos sazonados !...

O inverno chegou.

O inverno, a estação da quéda das folhas, o quadro da natureza morta, a mortalha branca estendida no gelo que cobre os campos e que reveste lugubremente as arvores seccas se annunciam na minha voz.

E' meu dever fallar-vos dos nossos consocios finados durante o anno social que hoje termina, lembrar-vos as folhas cahidas das ramadas do nosso Instituto n'este ultimo e doloroso inverno ; antes, porém, de levar-vos commigo ás sepulturas de nossos irmãos, antes de voltar-me para a morte que nos enche de luto, deixai que por breve instante eu me abrace com a vida que ainda me inspira confiança e me accende enthusiasmo, com aquella vida que se perpetúa pela successão da familia, pelo amor e culto do casal paterno, e que me excita a clamar: Oh, mocidade estudiosa ! oh, mancebos cujo talento é brilhante como o sol do céo brasileiro, e cuja imaginação tem o impeto das pororocas do Amazonas, oh, folhas verdes da primavera, que deveis succeder as folhas cahidas do inverno, vinde!... o Instituto vos espera e vos reclama !

Vinde !... E' já tempo : dos preclaros varões que plantiram esta bella instituição no seio da patria, poucos restam e estão pedindo herdeiros e continuadores da obra gloriosa, e os que eram, como eu era, jovens no berço do

Instituto já grizalhos os cabellos, gastas as forças e abatido o espirito, se perturbam quando fallam, vacillam quando avançam, e apenas pagam um ultimo tributo de civismo e de dedicação no vespertino crepusculo de um dia nebuloso que quasi se confunde com a noite.

Talvez sómente por isso seja bem cabida em mim a voz do inverno : vou, pois, com a consciencia do frio enregelador da minha palavra, que me torna apenas supportavel pelos habitos da paciencia que tem envelhecido obrigada a ouvir-me, nomear, e rapida e incompletamente esboçar o merecido elogio dos nossos consocios finados.

A morte, penetrando cruel no gremio do nosso Instituto, não vibrou a espada de Tarquinio, cortando as papoulas mais altivas pela elevação ás grandezas illusorias da terra ; multiplicou, porém, suas victimas privando-nos de preciosos, dignos e trabalhadores companheiros.

Não temos de honrar, como nos ultimos annos, a memoria de heróes brasileiros redivivos gloriosamente sacrificados á desaffronta nacional, cujo lençol mortuario foi o estandarte do imperio. A guerra mais collossal da America do Sul acabára com a victoria absoluta e perfeita do Brasil e das republicas alliadas. Dos nossos leões do mar, dos nossos hercules da terra, não poucos, distinctos officiaes, e soldados rasos, irmãos e iguaes em bravura e patriotismo, já morrêram mais ou menos ignorados, sublimes porém, pela consciencia e pelo desinteresse no religioso cumprimento do civico dever. A benção de Deus santifica sua gloria immensa, mas ainda bem que d'esses paladinos da patria os que eram e são nossos consocios, vivem ainda e fulguram todos galhardamente promptos ao primeiro brado do seu, do nosso Brasil, que aliás respira na mais justa e segura confiança da paz, dulcissimo anhelo de quem detesta o horrivel choque das armas, e só á força, e

só por offensa de honra e ataque a seus direitos de má vontade aceitaria a guerra ainda com a certeza do triumpho.

Tambem não me caberá hoje recordar-vos, como em todos os ultimos annos vultos imponentes, nomes prestigiosos de personagens eminentes do nosso inconstante e um pouco indistincto theatro politico, estadistas que, ainda bem em regra quasi sem execução, ufanam a patria pela sua probidade sem macula, mas que repassados quasi todos nos tempos recentes de confusão e de contradicções de idéas suicidas de partidos, que vegetam artificialmente á custa d'ellas, querem e não querem, adunam-se aos principios, e repellem as consequencias, commungam com os adversarios de idéas, e estreitam-se com os correligionarios de affeição, e n'esse labyrintho em que quasi todos se perdem suppondo todos ter em suas mãos o fio de Ariadne, uns são estadistas que não andam, nem se movem, como colossos de Rhodes que desafiam o cataclismo que os deve destruir, outros se fazem arreceiar em violento arrojo, como o cavallo de Mazeppa, ou como o carro de Phaetonte, ameaçando desenfreamento e ruinas, e raros, que sabendo viver no seu tempo, e remoçando com a seiva do espirito publico, são como a Phenix da fabula, e renascem de suas cinzas no meio das odorificas essencias dos principios salutares e sabios que a civilisação adiantada proclama e impõe, corrigindo sem perigo os atrasamentos e as imperfeições do passado.

O triste obituario do nosso anno social não reclama nem mausoléos, nem cenotaphios, nem as pompas funebres com que a vaidade dos vivos desfigura e dissimula a suprema igualdade da morte ; apenas nos pede e merece aquella simples oração que á sombra dos cyprestes e á beira das sepulturas modestas sahe murmurante e repassada da

religião das almas e da saudade dos corações dos socios do Instituto.

Falleceu este anno na provincia do Pará o nosso consocio o brigadeiro reformado barão de Jaguarary.

Marcos Antonio Bricio que, além de outros premios dos seus serviços, mereceu ser agraciado com aquelle titulo, teve per berço a cidade de S. Luiz do Maranhão, onde nasceu a 24 de Dezembro de 1800, filho legitimo de Marcos Antonio Bricio e de D. Maria Quiteria Bricio, cedo adoptou a carreira das armas, e exclusivamente soldado, e sem outras ambições que o deslumbrassem, foi sereno e paciente subindo a escala dos postos até que obteve a sua refórma com o de brigadeiro. Na provincia do Pará desempenhou dignamente as funcções de commandante superior da guarda nacional das comarcas da capital e de Bragança, de presidente do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra e de director geral dos indios. Respondendo á uma carta circular dirigida pelo Instituto a todos os seus socios com o fim de obter apontamentos biographicos de cada um d'elles, o barão de Jaguarary, deu irrecusavel testemunho de sua modestia, limitando-se a simples lembrança os derradeiros tributos de patriotismo que pagava em sua vida cansada.

Mas o justo apreço do merecimento, da virtude e de relevantes serviços escreverá no peito do velho soldado, e no pergaminho de titulo de nobreza que não se herda, a historia que elle esquecêra e que a gratidão remunerou.

O brigadeiro Marcos Antonio Bricio, barão de Jaguarary, era commendador da ordem de S. Bento d'Aviz, official da imperial ordem da Rosa, cavalleiro da imperial ordem do Cruzeiro e commendador da real ordem de S. Jorge de Napoles.

Perdemos a 2 de Agosto de 1871 no Rio de Janeiro

Fructuoso Luiz da Motta, e ainda este anno no Rio Grande do Sul o Dr. Dionysio de Oliveira Silveira, dois estimaveis e antigos consocios.

No vigor da idade e no maior viço do seu talento cahiu para não mais levantar-se o nosso laborioso e prestante consocio José Martins Pereira de Alencastre.

A 19 de Março de 1831 nascêra elle na freguezia do Rio Fundo da provincia da Bahia a cuja capital foi levado para receber a instrucção primaria e estudar humanidades: o brilho de sua intelligencia se manifestou desde logo igualado pelo fervor de sua applicação; mas a pobreza dos pais não pôde satisfazer o empenho legitimo do amor, e o esperançoso estudante apenas esclarecido com algumas disciplinas preparatorias teve ainda muito joven de ir pedir ao trabalho o pão quotidiano, e acanhados recursos para desenvolver suas faculdades na leitura e meditação do gabinete.

Na provincia do Piauhy, para onde lhe cumpriu partir, fôram bem depressa aproveitadas suas habilitações, e Alencastre successivamente serviu os lugares de promotor publico interino em Oeiras, de procurador fiscal da thesouraria geral, de praticante supra-numerario da secretaria do governo, e por fim o de professor publico da lingua portugueza do Licêu da capital. Em Agosto de 1857 o nosso consocio almejando espaço mais vasto para os vôos do seu talento, veiu para a cidade do Rio de Janeiro, e em Outubro do mesmo anno obteve a nomeação de official de secretaria da intendencia da Marinha; apenas, porém, acabava de tomar posse do seu emprego, quando poucos dias depois foi despachado secretario do governo da provincia do Paraná, onde no anno seguinte recebeu o decreto, que o nomeava segundo official da secretaria do conselho naval então creado.

Secretario do governo da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul desde Abril de 1859 até o fim de Janeiro de 1861, o prestimoso Alencastre é n'essa data incumbido de mais alta commissão pelo governo imperial que o noméa presidente da provincia de Goyaz, e dois mezes depois ainda o considera distinctamente designando-o, embora ausente, para chefe de secção da secretaria de Estado dos negocios da Agricultura, commercio e obras publicas n'esse anno instituida.

Deixando a presidencia de Goyaz por exoneração que solicitára, dedicou-se zeloso ao seu novo emprego, até que em 1866 foi d'elle distrahido para ir exercer a presidencia da provincia das Alagòas, que durante o seu governo teve a gloria de mandar para a guerra do Paraguay dois corpos com 116 praças, além de 20 outras destinadas á armada imperial. Um anno depois o nosso hoje finado consocio voltava para a capital do Imperio e recebia em premio de seus serviços a commenda da ordem de Christo.

De 1867 em diante, Alencastre consagrou-se exclusivamente ao dever cumprido escrupulosamente de empregado publico, ao amor da esposa, ao culto da amizade e ao estudo e trabalhos importantes que sem duvida apressáram-lhe a morte.

Legou a seus compatriotas utilissimo e eloquente exemplo do triumpho da applicação, da diligencia e da actividade: a historia de sua vida é uma voz que ensina e brada aos desanimados pela pobreza e pela humildade do berço: « Trabalhai !... Aspirai !... e subireis pelo merecimento !... No Brasil não ha privilegios, nem podem haver illotas ! O Brasil é da intelligencia que resplende, da actividade laboriosa e honesta, que assegura a riqueza abençoada, e da honra e da virtude, que abrigam a pro-

funda reverencia do proprio orgulho dos potentados, e tem altares na consciencia publica: não ha privilegios nem de opulencias, nem de fidalguias, e se houvesse alguns que no meio de seus concidadãos se presumissem de privilegiados por aquellas condições, seriam idolos de pés de barro só adorados por si mesmos, e em breve prazo cahiriam despedaçados ao impulso da igualdade dos direitos, e confundidos pelo escarneo geral.

Foi com a convicção d'esta verdade que Alencastre trabalhou, aspirou e subiu: de compleição delicada, de saude fraca, mas de vontade energica, seu espirito reagia sobre o corpo abatido, vencia, recolhia louros de victoria, exaltava-se com os triumphos; gastava, porém, demais a vida....

Um anno antes da morte, a morte se pronunciára mais ou menos proxima na molestia reconhecidamente incuravel e implacavelmente progressiva, e o sentenciado, com o açodamento de quem sabe que pouco tempo tem de seu, não fez questão de mezes, e trabalhou em dobro....

A morte, como que teve a seu modo piedade do martyr do trabalho, e na tarde de 12 de Março ultimo de subito poupou-o ao tormento de agonia longa, abrindo-lhe o céo á alma em instantaneo passamento.

Poucos mezes antes recebido com ufania no gremio do nosso Instituto o general D. Wenceslão Paunero, ministro plenipotenciario da Republica Argentina n'esta côrte, inesperadamente falleceu no dia 7 de Junho d'este anno.

Nobre e vigoroso guerreiro que cingira a espada na primeira juventude para batalhar em prol da causa sagrada da independencia de sua patria, Paunero era uma das glorias do exercito argentino e um dos benemeritos da republica d'além do Prata, nos livros de cuja historia seu nome é bello ornamento, e seus feitos alimentam capitulos.

Depois de haver fraternisado com os nossos bravos na guerra da alliança contra o dictador do Paraguay, viéra corôado com os louros da victoria fraternal desempenhar alto ministerio diplomatico na côrte do Imperio amigo, e aqui em suas sympathicas relações com o governo imperial, e em sua amavel intimidade e suave trato diario com a sociedade brasileira personificou a politica mutua e generosa das duas potencias sul-americanas, a politica da da condemnação de preconceitos anachronicos e mesquinhos, e da consagração da amizade leal, civilisadora, proficua e digna, cujos laços tem já dois nós sublimes o da liberdade e o da honra; o da liberdade na destruição da tyrannia de Rosas, o da honra na aniquilação do despotismo affrontoso de Lopez.

O Brasil rende tributos de gratidão e de saudade á memoria do general Paunero, e guarda religiosamente em seu seio como deposito sagrado os restos mortaes do illustre argentino.

Nossos olhos parecem procurar obedientes á memoria grata que lembra com saudade, um homem, tradição viva, amante, enthusiasta do nosso Instituto, uma fronte expansiva, uma fronte proeminente onde se ostentava a intelligencia, um olhar ás vezes investigador, ás vezes dardejante, um sorriso ás vezes franco e amigo, ás vezes tremulante, ironico, em que scintillava o espirito esplendido de amor da sciencia, ou de atticismo e de epigramma, de incalculaveis gradações desde o gracejo innocente que obrigava a sorrir até o sarcasmo pungente que atarantava a impostura; o companheiro provado nos dias de mais desalento d'esta illustrada associação, uma das varas do berço pobre do Instituto, um dos nossos benemeritos, vós todos estaes pronunciando o seu nome Manoel Ferreira Lagos.

As cadeiras distinctas d'esta assembléa estão occupadas; mas em nossa memoria ha aqui um immenso lugar vasio, e que difficilmente se preencherá no Instituto; é a de Manoel Ferreira Lagos.

A sciencia medica chora-o duplamente: chora-o porque elle nunca deixára de cultival-a theoricamente, embora praticando-a só por caridade no tecto da pobreza, e por dedicação na casa da amizade; e porque, academico distincto, estudante notavel e famoso na escola do Rio de Janeiro, depois de passados com louvor e brilhantismo todos os seus exames, esquecêra o diploma e o titulo que era de direito seu, e rico do enthesourado fundo não procurára as apparencias da fórma, e contente com o saber se olvidára de ser doutor!...

A administração publica chora-o; porque a secretaria do Estado dos negocios Estrangeiros opulenta de illustrações e de consummados, leaes, discretos e honrados servidores do paiz n'aquella delicada repartição ministerial não tem um que seja mais amestrado, de mais illustração, de mais discrição e sábia reserva, de mais honroso e escrupuloso proceder, do que Manoel Ferreira Lagos.

A administração publica chora-o ainda, lembrando o perdido director da secção de zoologia e de anatomia comparada, e o bibliothecario do museu nacional.

O Estado lamenta a perda do homem de sciencia, do cidadão prestante, do artista pelo gosto e pela harmonia intelligente, do patriota pelo amor e pelo zelo, d'aquelle que em grande parte dirigiu e organisou as exposições nacionaes n'esta capital, e na ultima universal de Paris se distinguiu, como infatigavel, exigente, pressuroso, e no intimo do coração verdadeira e religiosamente brasileiro e commissario do imperio americano.

O Estado não póde olvidal-o n'essa pouco feliz, porém muito trabalhosa, digna e não infructifera commissão scientifica, que explorou principalmente a provincia do Ceará e na qual foi elle o solicito chefe da secção zoologica, n'essa expedição patriotica de conquista dos tres reinos da natureza em um paiz que ainda espera o seu completo descobrimento, expedição que talvez fosse mal iniciada, mas que não merecia ter sido abatida e contrariada, quando marchavam commandando-a vultos sympathicos e respeitaveis, como do venerando sabio Freire Allemão, do mathematico e naturalista abalisado o severo e por escrupulosamente honrado ás vezes rabugento Capanema ; do litterato e poeta, genio da doçura, espirito illustrado, e santo coração que se chamava Gonçalves Dias, de Giacomo Gabaglia, que deslizando pela terra perlustrava os astros e os obrigava ao serviço da terra, e do esclarecido e dedicado cultor da zoologia o estudioso e habilissimo Ferreira Lagos, a quem a energia potente do animo dava musculos de ferro ao corpo franzino, e luz brilhante á face magra e pallida.

Mas é no seio quasi filial do Instituto Historico e Geographico do Brasil que mais fundo penetrou o golpe que cortou a vida preciosa do nosso benemerito consocio. Era aqui, era no Instituto que elle tinha depositado e amava o mais bello florão de sua gloria.

Apenas sahido da escola de medicina do Rio de Janeiro, Ferreira Lagos foi columna inabalavel d'esta instituição ainda em sua primeira infancia, coadjuvando os seus fundadores, e especialmente o conego Januario da Cunha Barbosa, a quem succedeu no cargo de 1° secretario, e na redacção da nossa *Revista*, tendo já antes servido de 2° secretario.

Com a morte de alguns de seus principaes patriarchas, e com o cansaço e a indifferença que quasi sempre seguem aos primeiros annos de esforços mal apreciados e de pura dedicação desinteressada, o Instituto viveu ignorado, decadente, ameaçado de dissolução pelo abandono, e durante longo e doloroso periodo deveu sua conservação ao culto zelosissimo de oito ou dez constantes sacerdotes, que nunca desertáram do templo, e o testemunho publico de sua vida á publicação regular da *Revista*, que Ferreira Lagos soube tornar tão interessante ; tão rica de thesouros para a historia patria, que sómente pela *Revista trimensal* se applaudia uma ou outra vez dentro e principalmente fóra do paiz a existencia d'essa sociedade quasi invisivel, de cujo fogo sagrado a Vestal mais cuidadosa no tempo da adversidade foi o nosso finado consocio.

A protecção franca e immediata do Imperador, a presença infallivel de S. M. Imperial ás nossas sessões abriram nova época, a da renascença e a do florescimento do Instituto. Ferreira Lagos deixou então o cargo de secretario perpetuo e de redactor da *Revista* ; mas foi annualmente eleito nosso terceiro vice-presidente, até que por sua ausencia prolongada durante os trabalhos da expedição scientifica, outro muito menos digno, embora seu fiel companheiro dos annos difficeis, teve de mal succeder-lhe no honroso posto.

Além dos brilhantes e profundos relatorios que apresentou como secretario nas solemnidades anniversarias do Instituto, e em que espalhou com profusa mão provas incontestaveis de seus variados conhecimentos, Ferreira Lagos ostentou sem vaidade e por vezes em nossas sessões o privilegio admiravel de leitura de seus trabalhos, mas leituras longas que obrigavam attenção e não permittiam

distracções, e que acabavam sempre deixando o desgosto de terem acabado tão depressa.

Ora em extensa memoria, alimento de numerosas sessões, elle registrava, demonstrava, corrigia e punia os erros mais ou menos extravagantes, as falsidades e as calumnias, que abundam nas obras escriptas por viajantes e escriptores francezes, inglezes e allemães sobre o Brasil ; ora em estudo de não menos longo folego expunha e castigava os preconceitos ridiculos, os costumes reprehensiveis, a giria especial e revoltadora da significação genuina das palavras portuguezas, que em calculada e insistente observação elle recolhêra, imitando, e por dever estudando certos pontos do interior do paiz ; adubava e suavisava, porém, com tanta felicidade, com tanta graça e naturalidade as apreciações e as lições do philosopho reflectido e grave com epigrammas tão agudos, com episodios tão interessantes, com idéas, imagens, comparações e explosões de espirito travesso tão originaes, que, tendo lido uma hora, seus consocios só no fim da leitura ouvida chegavam a calcular o tempo que ella durára. Era uma hora de azas abertas, e a voar deleitosamente como o vôo de alguns minutos.

Essa natureza risonha, prazenteira, feliz, cheia de confiança na vida, de enlevo ao respirar os perfumes das flôres da sciencia, e dos encantos possiveis na terra, parecendo dotada de certa negação para acreditar, para pensar no mal physico proprio e desgraçadamente fatal, deu ao menos a Ferreira Lagos a esquivança a apprehenções sinistras, e a descrença de um diagnostico que de subito se verificou.

Elle motejava e ria-se da affecção incuravel e inflexivel do coração que abalisados medicos tinham reconhecido n'elle : a seus amigos consolava com a propria incre-

dulidade autorisada por sua sciencia medica; á esposa, á mãi, á familia, serenava, brincando e zombando com a ameaça da morte.

Quem sabe qual era o verdadeiro e recondito juizo d'aquelle espirito illuminado, d'aquelle coração generoso, d'aquelle caracter energico e dominador de commoções e temores?... Enganou-se ou enganava?... A morte é muda, e o nosso benemerito consocio Manoel Ferreira Lagos cahiu no abysmo da morte sem ter um instante para o ultimo adeus á vida.

Justa e merecidamente apreciado em sua patria, como no velho mundo, o nosso finado consocio tinha diploma de membro de numerosas sociedades humanitarias e sabias, e era cavalleiro da ordem de Christo, dignatario da imperial da Rosa, cavalleiro de S. Thiago da Espada, official da Legião de Honra, e da Instrucção Publica de França, e da imperial ordem turca de Medjidié de 3ª classe.

O Instituto Historico e Geographico do Brasil só teve e só tem uma ordem honorifica para distinguir e galardoar os serviços relevantissimos de Manoel Ferreira Lagos: foi o seu amor durante a vida, é a sua gratidão, e o devido culto á memoria indelevel dobenemeri to depois do seu passamento.

E' um nome que nos fica com grande exemplo por lição.

A 3 de Junho do anno que vai acabar dormiu seu ultimo somno, o somno de que se acorda na eternidade um velho nobre e venerando que o nosso Instituto contava com orgulho entre os seus socios, e que o Brasil todo amava e respeitava, o senador José da Silva Mafra; tinha 83 annos de idade, descançou.

Dominado pelas prevenções da implacabilidade da

morte, os indifferentes, aquelles que não são nem filhos nem irmãos, nem amigos do octogenario que acaba de dar a alma ao Creador, dizem, vendo passar seu cortejo funebre : « Ao menos viveu bastante ! Era tempo !... »

N'esta observação transuda a inveja egoista, mas natural dos que temem não chegar á mesma idade : é triste, é acerbo pensal-o . chora-se menos o velho que morre : o velho é arvore que seccou, já não póde dar sombra, deixal-a cahir !...

Todavia ha velhos excepcionaes, que se olham, que se estimam, que ardentemente se desejam conservar, como tradicções vivas, como legitimos representantes de uma geração, de que poucos restam, e que para a gloriosa phalange das grandes virtudes civicas em tempos de provação, de regidez e grandeza patriotica, velhos que quanto mais velhos, e arrastando os passos, e a dobrar-se extenuados ao peso da vida, mais monumentaes se ostentam pelas recordações do passado, que em si resumem, velhos que são Anchyses, e de quem cada cidadão quizéra ser o pio Enéas, que o levasse em seus hombros para salvar n'elle a memoria de Troya ennobrecida e heroica.

Um d'esses velhos excepcionaes, queridos, venerados, era o senador José da Silva Mafra.

A 14 de Janeiro de 1788 nasceu elle na freguezia de Nossa Senhora das Necessidades, na cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina; com 13 annos de idade assentou voluntariamente praça de soldado na companhia de granadeiros do 3° regimento de linha da guarnição do Pará, e o menino soldado, cabo de esquadra imberbe, recebeu seu baptismo de sangue antes de contar 14 annos, fazendo no Rio-Grande do Sul, a gloriosa, romanesca e arrojada campanha de 1808. Tendo seguido com o seu regimento para a provincia do Pará, d'ahi marchou a 22

de Outubro de 1808 na expedição destinada á conquista de Cayenna, d'onde voltou a 5 de Março de 1811, trazendo por galardão de seus serviços nos punhos da farda a divisa de tenente, e no peito a medalha de honra.

Em 1820 foi promovido a capitão e nomeado ajudante de ordens do inspector das tropas da linha do Pará, e no fim do mesmo anno partiu para sua provincia natal elevado a sargento-mór e commandante da fortaleza de Santa Cruz. Por decreto de 3 de Setembro de 1821 o principe regente, que devia ser bem depressa o primeiro Imperador do Brasil, fez-lhe mercê do habito da ordem de S. Bento de Aviz, e de 12$ de tença effectiva.

A 3 de Março de 1823 o já distincto brasileiro foi agraciado com o habito de cavalleiro da ordem imperial do Cruzeiro; não deixeis passar sem nota a data e a ordem honorifica: 1823 e o Cruzeiro querem dizer, exprimem e proclamam indedendencia da patria, e glorificação do benemerito. Cavalleiro do Cruzeiro significava então palladim do Ypiranga.

Um anno e cinco dias depois, e continuando sempre a commandar aquella fortaleza de Santa Cruz da Barra do Norte, José da Silva Mafra teve a patente de tenente-coronel, e a 19 de Julho de 1830 chegou ao termo da sua carreira militar, sendo reformado no mesmo posto.

Nascido em berço pobre e humilde, soldado voluntario ainda na infancia, afastado apezar seu dos fócos de luz que dimana das academias e das grandes instituições illustradoras do espirito, Mafra reagiu contra a fortuna mesquinha, e na barraca do guerreiro em campanha, e no quartel do regimento em guarnição, quando punha de lado a espingarda ou a espada, tomava o livro, e lendo com avidez, attenção e reflexão severas, como que dizia a si mesmo: Quero saber!...

Esse gosto e ardor pelo estudo, que aliás nem um só dia prejudicáram os deveres da disciplina militar, e que depois de 1832 se desenvolvêram mais facil e regularmente, deram a José da Silva Mafra natural e variada cópia de conhecimentos e de instrucção que a experiencia, o talento feliz e o juizo recto aprimoravam, e que elle em sua modestia escondia tanto, que sómente aquelles que de perto o conhecêram, que aproveitaram o seu fecundissimo concurso em trabalhos de administração e de commissões importantes, principalmente no Senado, puderam marcar com justeza o alto quilate do brilhante por outros menos bem apreciado.

O official reformado não deixou de ser activo cidadão; exerceu durante alguns annos o luger de secretario do governo da provincia de Santa Catharina com intelligencia, lealdade e honra nunca desmentidas, e mais tarde foi por muito tempo primeiro vice-presidente da mesma provincia; administrou-a como tal por vezes, dando provas de justiça e prudencia, e só a seu pedido e instancias, quando já 74 annos exigiam menos aturado labor e mais descanço, obteve a sua demissão.

A 3 de Outubro de 1844 o illustre catharinense mereceu ser escolhido senador em lista triplice livremente offerecida pela sua provincia a S. M. o Imperador; na camara vitalicia trabalhou com dedicação em diversas commissões, e desmpenhando por muitos annos as funcções de 1º secretario, deixou n'ellas indelevelmente gravadas a constancia do seu zelo, a profundeza de seus juizos e os largos horisontes abarcados por sua instrucção sem orgulho, do que expande solemne testemunho a autoridade mais conceituada, um preclarissimo cidadão que o paiz todo venera, o sabio das affirmações difficeis, aquelle que

o senado brasileiro ostenta, como seu presidente, e presidente modelo, o Sr. visconde de Abaeté.

José da Silva Mafra foi commendador da ordem de S. Bento de Aviz, official da imperial ordem da Rosa, e veador da casa imperial.

Além de todas essas distincções e grandezas da terra coube-lhe ainda uma, a mais pesada, porém a mais nobre: depois de tanto servir ao Estado, de tanto influir, de tanto administrar, de tanto poder abusivo, mas facilmente executar, e dobrar-se ás seducções do egoismo interesseiro e insidioso, morreu, teve a honra de morrer, deu o bello exemplo, deu-nos a honra de morrer em extrema pobreza.

Era da idade, e dos costumes do tempo e da geração de Evaristo, de Paula e Sousa, de Feijó e de outros, mais moço apenas que os tres velhos e legendarios Andradas; morreu como elles: era um direito de gloria e um dever de benemerito sem jaça morrer assim.

Abençoada seja a opulencia monumental d'essa extrema pobreza em que morreu sereno esse dos grandes da nossa terra.

José da Silva Mafra era illustrado sem que fosse sabio; independente sem que fosse altivo: pertencia á escola liberal, mas recusava-se aos extremos e aos exclusivismos de partido: espirito governamental, tinha um pharol, que era a lei; um dogma, que era a justiça; um amor ardente, que era a liberdade; um cuidado solicito, que era a ordem.

Typo de lealdade, modelo de honra, sacrario da amizade, encanto de ameno trato, symbolo de moderação, esse velho de 83 annos morreu, conservando, como nos melhores tempos da virilidade da razão, um thesouro raro, a faculdade mais proficua, o principal segredo da excellen-

cia do legislador, da previdencia do estadista, da acção opportuna e efficaz do governo na solução dos problemas mais difficeis, o condão mais poderoso de Washington, a luz que de improviso mostra o caminho do acerto nos mais tremendos conflictos de idéas aos politicos da Grã-Bretanha; segredo, cuja revelação faz sorrir a todos, porque todos acreditam que o possuem; flamma serena, cuja falta incompleta os maiores sabios, e que ás vezes illumina um homem pouco instruido; privilegio talvez natural e de bem poucos, que ás vezes acontece não terem borla nem capello; um segredo, portanto, que, na direcção da vida do homem, dos cuidados da familia e dos destinos dos povos, vale mais que todas as sciencias humanas: o bom senso.

Ao pronunciar estas ultimas palavras de elogio, e de despedida d'além-tumulo ao nosso venerando consocio finado senador José da Silva Mafra, não foi sem reflectida intenção que procurei exaltar o precioso attributo que todos n'elle reconheciam.

Nunca houve época em que esse thesouro raro, o bom senso, devêsse ser posto em mais activo, constante e copioso tributo pelos governos e pelos governados; pois que em toda a parte, e em quasi todas as nações, o solo estremece ao choque das novas aspirações, dos interesses e da implacavel necessidade de reformas profundas na vida economica, politica e social dos povos. Ao longe a sociedade se confrange, sentindo-se solapada; no meio d'ella rompem da terra vulcões, algumas de cujas lavas menos horriveis podem ser fascinadoras e contagiosas. Em nossa patria o céo quasi sempre tão branco é toldado por nuvens escuras, que se approximam e se misturam; as questões de politica interna se resolvem e se aggravam com a inexoravel questão social, que aliás, para gloria do Brasil, foi em sua moderada e prudente resolução iniciada nobre e san-

tamente, com a purificação da innocencia, até bem pouco maculada pelo sello negro da escravidão, imposto duas vezes: uma ao feto, no ventre da mãi escrava; outra ao brasileire recem-nascido ás portas da vida, predestinada inferno.

E' grave, é apprehensiva, é e ha de ser tormentosa a época; e em nosso patriotismo, ao imaginar e calcular a magnitude, e a melindrosa natureza dos trabalhos a vencer, a Hercules, que aspiram-se, não é tanta a sabedoria bebida nos livros, não é tanto a sciencia, que vem da placenta das academias: é mais e melhor do que isso, é em nome do amor de nossa patria, do nosso Brasil, o thesouro raro, o bom-senso do governo e dos governados, o bom-senso, que não confunde a tocha da fé nem com as fogueiras do fanatismo, nem com o falso braseiro da descrença philosophica, que acaba aniquilando a alma na cinza da materia queimada; o bom-senso, que não confunde a aura suave e divina da liberdade nem com o ar mal movido pelos ventiladores rudes da oppressão dissimulada, nem com os pampeiros e as tempestades desenfreadas da anarchia; o bom-senso, que reconhece, quer, proclama, e que ha de manter e fazer brilhar no Brasil indeleveis, omnipotentes e sublimes, a familia, a patria e Deus, e na familia o amor, e na patria a liberdade, e em Deus a fé!...

MANUSCRIPTOS OFFERECIDOS AO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1871.

PELO SR. MANOEL FERREIRA LAGOS.

Varios documentos, pertencentes ao finado tenente-coronel Adolpho Antonio Frederico Seweloh, para servirem para a biographia do mesmo finado, e para elucidar alguns pontos da historia militar do paiz.

PELO SR. CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO.

Documentos para a historia da conquista de Cayena, achados entre os papeis do Dr. Claudio Luiz da Costa.

Documentos comprobatorios dos serviços prestados na guerra da independencia na provincia da Bahia.

Documentos sobre o Instituto dos Meninos Cegos da côrte do Rio de Janeiro.

PELO SR. DR. CARLOS HONORIO DE FIGUEIREDO.

Carta passada a Manoel da Cunha de Sampaio, nomeando-o familiar do santo officio. Lisboa, 1754.

MAPPAS OFFERECIDOS AO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1871.

PELO ARCHIVO MILITAR.

Plano hydrographico da bahia do Rio de Janeiro ultimamente litographado, e levantado pelo capitão-tenente Diogo Jorge de Brito e outros officiaes da armada imperial em 1810, e copiado em maior escala com alteração das sondas, feitas pelo chefe de esquadra Eliziario Antonio dos Santos.

PELO SR. DR. OLEGARIO HERCULANO DE AQUINO E CASTRO.

Atlas historico da guerra do Paraguay organisado pelo 1.º tenente F. C. Jourdan. Rio de Janeiro, 1871.

PELO SR. BARÃO DE ANGRA.

Plano hydrographico da bahia do Rio de Janeiro levantado pelo capitão-tenente Diogo Jorge de Brito e copiado em maior escala com alteração nas sondas pelo chefe de esquadra conselheiro de guerra Eliziario Antonio dos Santos, 1849.

PELA SECRETARIA DA GUERRA.

Atlas historico da guerra do Paraguay, organisado pelo 1.º tenente F. C. Jourdan. Rio de Janeiro, 1871.

RELATORIOS E DOCUMENTOS REMETTIDOS PELAS SECRETARIAS DE ESTADO.

SECRETARIA DO IMPERIO.

Relatorios das presidencias do Piauhy, Pará, Goyaz, Paraná, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catharina, Alagôas Rio Grande do Sul, Pernambuco, Maranhão, dos annos de 1869, 70 e 71.

Collecções de leis das provincias do Maranhão, Alagôas, Sergipe, Parahyba, Goyaz, Matto-Grosso, S. Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul de 1869 e 1870.

Relatorio apresentado á assembléa geral na 3.ª sessão da 14.ª legislatura pelo ministro e secretario d'Estado dos negocios do Imperio Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira. Rio de Janeiro, 1871.

SECRETARIA DE ESTRANGEIROS.

Mémoires de la Société Royale des Antiquaires du Nord. Nouvelle série, Copenhague, 1869, 2 vol.

Relatorio da repartição dos negocios Estrangeíros apresentado á assembléa geral legislativa na 3.ª sessão da 14.ª legislatura pelo ministro e secretario Dr. Manoel Francisco Corrêa. Rio de Janeiro, 1871.

SECRETARIA DA JUSTIÇA.

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na 3.ª sessão da 14.ª legislatura pelo ministro e secretario d' Estado dos negocios da Justiça conselheiro Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato. Rio de Janeiro, 1871.

SECRETARIA DA GUERRA.

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na 3.ª sessão da 14.ª legislatura pelo ministro e secretario d' Estado dos negocios da Guerra visconde do Rio Branco. Rio de Janeiro, 1871.

SECRETARIA DA MARINHA.

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na 3.ª sessão da 14.ª legislatura pelo ministro e secretario d' Estado dos negocios da Marinha Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo. Rio de Janeiro, 1871.

SECRETARIA DA AGRICULTURA.

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na 3.ª sessão da 14.ª legislatura pelo ministro e secretario d' Estado dos negocios da Agricultura, commercio e obras publicas, conselheiro Theodoro Machado Freire Pereira da Silva. Rio de Janeiro, 1871.

RELATORIOS E DOCUMENTOS OFFERECIDOS PELAS PRESIDENCIAS DE ALGUMAS PROVINCIAS.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DAS ALAGÔAS.

Collecção de leis da assembléa legislativa das Alagôas, do anno de 1870. Maceió, 1870.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO PARANÁ.

Relatorio apresentado ao Exm. Sr. presidente Dr. Venancio José de Oliveira Lisboa pelo Sr. vice-presidente Dr. Agostinho Ermelino de Leão por occasião de passar a administração da provincia do Paraná. Coritiba, 1871.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa do Paraná na abertura da 2.ª sessão pelo Exm. Sr. presidente Dr. Venancio José de Oliveira Lisboa. Coritiba, 1871.

Collecção de leis e regulamentos da provincia do Paraná—Tom. 18º. Coritiba, 1871.

PELO PRESIDENTE DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO.

Collecção de leis provinciaes de Matto-Grosso de 1869 Cuiabá, 1870.

PELO SR. PRESIDENTE DE SANTA CATHARINA.

Relatorios apresentados pelo presidente da provincia de Santa Catharina Dr. Francisco Ferreira Corrêa ao 1.º vice-presidente Dr. Manoel Vieira Tosta, e este ao presidente Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa. Desterro, 1871.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO RIO-GRANDE DO SUL

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. João Capistrano de Miranda e Castro, 1º vice-presidente da provincia, passou

a administração da mesma ao Exm. Sr. conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima, presidente da mesma, em 4 de Novembro de 1870. Porto-Alegre, 1870.

Relatorio com que no dia 14 de Março de 1871 abriu o Exm. Sr. Francisco Xavier Pinto Lima a sessão da assembléa provincial. Porto-Alegre, 1871.

Relatorio com que o Exm. Sr. conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima passou a administração da provincia ao Exm. Sr. coronel João Simões Lopes, 1° vice-presidente, no dia 24 de Maio de 1871. Porto-Alegre.

Relatorio com que o Exm. Sr. 1° vice-presidente da provincia coronel João Simões Lopes passou a administração ao 2° vice-presidente Exm. Sr. João Dias de Castro. Porto-Alegre.

Collecção das leis e resoluções da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, tomo 24. Porto-Alegre, 1871.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE GOYAZ

Relatorio apresentado á assembléa legislativa da provincia de Goyaz pelo Exm. Sr. Dr. Antero Cicero de Assis, presidente da provincia, em o 1° de Junho de 1871. Goyaz, 1871.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO CEARA'

Falla com que o Exm. Sr. desembargador João Antonio de Araujo Freitas Henrique abriu a 1ª sessão da 18ª Legislatura da Assembléa Provincial no dia 1° de Setembro de 1870. Ceará, 1870.

Relatorio com que foi entregue ao Sr. Dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior a administração da provincia do Ceará, em 20 de Janeiro de 1871 ;

Collecção das Leis da provincia do Ceará, de 1870, tomo 36—Fortaleza, 1870.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DA BAHIA

Relatorio apresentado a assembléa da provincia da Bahia pelo Exm. Sr. presidente da mesma barão de S. Lourenço em 1° de Março de 1871, e annexos ao mesmo Relatorio ;

Relatorio com que o Exm. Sr. barão de S. Lourenço, presidente da provincia da Bahia passou a administração da mesma ao 4° vice-presidente Dr. Francisco José da Rocha. Bahia, 1871.

Relatorio sobre a instrucção publica da provincia da Bahia, apresentado ao Exm. Sr. conselheiro barão de S. Lourenço presidente da mesma provincia por Francisco José da Rocha. Bahia, 1871.

Collecção de leis promulgadas no anno de 1871. Bahia.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO

Correio da Victoria (Jornal.) 3 numeros ;

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Antonio Dias Paes Leme, passou a administração da provincia do Espirito Santo ao 1.° vice-presidente coronel Dionisio Alves Rosendo. Victoria, 1871.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO MARANHÃO

Relatorio lido pelo Exm. Sr. presidente Dr. A. O. Gomes de Castro por occasião da installação da assembléa legislativa da provincia do Maranhão, em 3 de Maio de 1871. S. Luiz do Maranhão, 1871.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SERGIPE

Relatorio com que o Exm. Sr. tenente-coronel Francisco José Cardoso Junior, abriu a 2.ª sessão da assembléa

provincial de Sergipe, no dia 3 de Março de 1871. Aracajú, 1871.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Antonio Candido da Cunha Leitão, presidente da provincia de Sergipe, passou a administração ao Exm. Sr. Dr. Dionisio Rodrigues Dantas, 2.º vice-presidente, no dia 14 de Agosto de 1871, Aracajú, 1871.

OBRAS OFFERECIDAS AO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1871

PELO SR. JOAQUIM DE ALMEIDA PORTUGAL

Pictorial Bible and church-history.—Stories, from the begining of the World down to the present time, By Henry Formby, London, 3 vol. in-12.

PELO SR. DR. ABILIO CEZAR BORGES

Terceiro livro de leitura para uso da infancia brasileira, Bruxellas, 1870. in-8.

PELO SR. DR. J. TITO NABUCO DE ARAUJO

Os filhos da fortuna, drama em 1 prologo e 3 actos, original brasileiro. Rio de Janeiro, 1871.

Maximas e Pensamentos do Dr. J. T. Nabuco de Araujo. —Rio de Janeiro, 1871, in-8.

Almanak administrativo e commercial do correio de Manáos da provincia do Amazonas para 1871.

PELO SR. DR. GUILHERME GUMBLETON DAUNT

History of the Irish Brigades in the service of France, etc., by John Cornelius O'Callaghan. London, 1870, in-8.

PELO SR. DR. CARLOS FREDERICO DOS SANTOS XAVIER AZEVEDO

Historia-Medico-Cirurgica da esquadra brasileira nas campanhas do Uruguay e Paraguay, de 1864 a 1869. Rio de Janeiro, 1870.

PELA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Corpo diplomatico—contendo os actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas Potencias do Mundo desde o seculo 16° até os nossos dias. Lisboa, 1868.

Memorias da Academia de Sciencias de Lisboa, nova serie—tomo 4.° parte 2,ª Lisboa, 1870.

Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo.—Lisboa, 1869.

PELO SR. JOÃO CANDIDO DE MORAES REGO

Almanak administrativo da provincia do Maranhão organisado pelo offertante, 1871.

PELO SR. DR. LADISLÁO NETTO

Apontamentos relativos á botanica applicada no Brasil, Rio de Janeiro, 1871.

Investigações historicas e scientificas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1870.

PELO SR. CONSELHEIRO J. M. N. DE AZAMBUJA

Memoria histórica sobre límites entre la republica de Colombia i el imperio del Brasil, por José Maria Quijano Otero. Bogotá, 1869, in-8.

PELO SR. MANOEL DE SOUSA GARCIA

O triumpho das armas brasileiras — Poesias. Ceará, 1870.

PELO SR. DR. CESAR AUGUSTO MARQUES

Diccionario historico e geographico da provincia do Maranhão. Maranhão, 1870, in-folio.

PELO SR. DR. OLEGARIO HERCULANO DE AQUINO E CASTRO

O conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. Elogio historico e noticia dos successos politicos que precederam, e seguiram-se á proclamação da independencia na provincia de S. Paulo. Rio de Janeiro, 1871, in-8 gr.

Guerra do Paraguay, pelo 1° tenente E. C. Jourdan. Rio de Janeiro, 1871.

Atlas historico da guerra do Paraguay, pelo mesmo 1° tenente Jourdan. Rio de Janeiro, 1871, in-folio max.

PELA SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL

As suas revistas dos mezes de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio a Agosto do corrente anno.

PELO SR. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

Diccionario bibliographico portuguez, estudos historicos, tomo 9.º Lisboa, 1870.

PELO SR. JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS

Murmurios do Guahyba, revista mensal consagrada ás letras e á historia da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul. Porto-Alegre, 1870.

PELO SR. DR. JOAQUIM RODRIGUES DE SOUSA

Analyse e commentario da constituição politica do Imperio do Brasil, ou theoria e pratica do governo constitucional brasileiro. S. Luiz do Maranhão, 1870, 2 vol, in-8 gr.

PELA SECRETARIA DO SENADO

Annaes do senado, 2ª sessão de 1870, 14ª legislatura, 4 vol. Rio de Janeiro, 1870.

PELA SOCIEDADE GEOGRAPHICA DE ITALIA

Bolletino della societá geografica italiana. Fasciculos 4º e 5.º Firenze, 1870, 2 vol.

Archivo per l'antropologia e etnologia. Firenze, 1871, in-8.

PELO SR. MANOEL NUNES GIRALDES

O papa-rei e o concilio. Lisboa, 1870, in-4.

PELA SOCIEDADE REAL DE GEOGRAPHIA DE LONDRES

Proceedings-address at the anniversary meeting of the Royal Geographical Society. London, in-8.

The Journal of the Royal Geographical Society. London, 1869.

Proceedings of the Royal Geographical, etc. London, Março, 1871; e os jornaes de Maio e Agosto do corrente anno.

PELA TYPOGRAPHIA NACIONAL

Collecção das leis e decisões do governo do Imperio do Brasil de 1870. Rio de Janeiro, 2 vol, in-8.

PELO INSTITUTO SMITHSONIAN DOS ESTADOS-UNIDOS

Annual report of the board of regents of the Smithsonian Institution. Washington, 1869.

Correspondence between William Pum and James Logan, and others, 1700—1750. Philadelphia, 1870.

Annual report of the inspectors of the state penitentiary, etc. Philadelphia, 1869.

Smithsonian-miscellaneous collections, vol. 9.º Washington, 1869.

Twenty-third annual report of the trustee and superintendent of the Indiana Institute of the education of the Blind. Indianopolis, 1869.

Narrative of a Journey to Musardu, the capital of the western mandingoes, by Benjamin Anderson. New-York, 1870, 2 vol.

PELA SOCIEDADE DE CHRISTIANIA, NA ALLEMANHA

Varias obras em continuação ás que já anteriormente havia remettido ao Instituto.

PELO SR. TENENTE-CORONEL PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Documentos para servirem á historia do reinado do Sr. D. Pedro II.

Parecer impresso, dado pelo Sr. general Rohan sôbre o projecto de via de communicação com Assumpção, com Mato-Grosso, e entre esta provincia e a do Rio-Grande do Sul.

PELO SR. CONEGO DR. MANOEL DA COSTA HONORATO

Maria Santissima, a heroina por excellencia, ou o novo mez Mariano. Rio de Janeiro, 1871.

PELA ACADEMIA RERL DE SCIENCIAS DE MADRID

Discursos leidos ante la Real Academia de Ciencias morales y politicas de Madrid, 1868—1869, 3 vol.

Résumen de sus actas y discursos leidos en la junta jeneral, celebrada en 10 de Junio de 1866, 2 ns.

Catalogo de los academicos de la Academia de Ciencias Morales y Politicas, años 1869 – 1870.

Memorias de la Academia de Ciencias Morales y Politicas. Madrid, 1867 a 1869, 2 vol.

PELO SR. DR. LUIZ PIENTZENAUER

These para o concurso da cadeira de chimica medica. Rio de Janeiro, 1866.

These para o concurso da cadeira de chimica cirurgica. Rio de Janeiro, 1871.

PELO SR. DR. JOÃO RIBEIRO DE ALMEIDA

Estudo sôbre as condições hygienicas dos navios encouraçados, as molestias mais frequentes a seu bordo, e os meios de combater as causas de insalubridade n'elles existentes. Rio de Janeiro, 1871.

PELA ACADEMIA REAL DE SCIENCIAS, DAS LETRAS E DAS BELLAS-ARTES DA BELGICA

Mémoires couronnées et mémoires des savants étrangers, publiées par l'Académie. 1867—1870. Bruxelles, 1870, 2 vol. in-4.

Annuaire de l'Académie Royal des Sciences, des lettres et des beaux-arts de Belgique. Bruxelles, 1870, in-8.

Bulletins de l'Académie Royal des Sciences, des lettres et des beaux-arts de Belgique, tomes 27 et 28. Bruxelles, 1869, 2 vol. in-8.

PELO SR. DR. CARLOS HONORIO DE FIGUEIREDO

Relatorio apresentado ao ministerio da agricultura,

commercio e obras publicas, pelo Dr. João Pedro Carvalho de Moraes. Rio de Janeiro, 1870.

PELO SR. MARIANNO PROCOPIO FERREIRA LAGE

Estrada de ferro de D. Pedro II. Relatorio do anno de 1870, apresentado ao Sr. conselheiro Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, ministro da Agricultura, commercio e obras publicas. Rio de Janeiro, 1871.

PELO SR. BARTHOLOMEU CECCHETTI

Di alcune opere della principessa Dora d'Istria. Venezia, 1868.

PELO SR. FRANCISCO SOLANO ASTA-BURUAGA.

Diccionario jeografico de la republica de Chile. Nueva-York, 1867.

PELO SR. DR. NICOLÀO JOAQUIM MOREIRA.

Questão—Convirá ao Brasil a importação de colonos chins ? Rio de Janeiro, 1870.

Algumas idéas sobre a relação existente entre as epidemias e epizoocias.—Memoria lida na academia imperial de medicina. Rio de Janeiro, 1871.

Duas palavras sobre a educação moral da mulher. Discurso. Rio de Janeiro, 1871.

Efficacia da vaccina.—Resposta a seus detractores. Rio de Janeiro, 1869.

A soberania do povo e o Direito divino. Rio de Janeiro, 1869.

Supplemento ao Diccionario de plantas medicinaes brasileiras. Rio de Janeiro, 1871.

Vocabulario das arvores brasileiras que pódem fornecer madeiras para construcções civis, navaes e marcenaria. Rio de Janeiro, 1870.

PELO SR. ARCEDIAGO VICENTE ZEFERINO DIAS LOPES.

Noticia biographica do Exm. e Revm. Sr, D. Feliciano José Rodrigues Prates, 1.º bispo da diocese do Rio Grande de S. Pedro do Sul. Porto-Alegre, 1871.

PELO SR. BACHAREL BARTHOLOMEU JOSÉ PEREIRA.

Curso de physica da escola de marinha. Rio de Janeiro, 1871.

PELO SR. DR. JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.

Estudios históricos sobre la revolucion arjentina.—Belgramo y Guemes. Por Bartholomeu Mitre. Buenos-Ayres, 1865.

PELO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL.

As suas Revistas até agora publicadas—6 ns. Porto-Alegre, 1860—1863.

PELO SR. J. EWBANK DA CAMARA.

O Porto das Torres—Inconveniencia da construcção. Série de Artigos publicados no Commercial do Rio Grande do Sul. Rio Grande, 1871.

PELO SR. JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO.

Associação das servas de Santa Thereza de Jesus.—Projecto de uma associação de caridade formada de senhoras, e destinada a commemorar a visita de S. M. a Imperatriz do Brasil á cidade do Porto.—Porto, 1871.

PELO SR. DR. ANTONIO PEREIRA PINTO.

Politica tradiccional. – Intervenções do Brasil no Rio da Prata—Rio de Janeiro, 1871.

Apontamentos para o Direito Internacional ou collecção completa de tratados celebrados pelo Brasil com differentes potencias estrangeiras.—Rio de Janeiro, 1869, tomo 4.º in-8 gr.

PELO SR. COM O PSEUDONYMO—KAKISTOS.

O Tratado de 27 de Março de 1871.

PELO SR. WAPPAUS.

Handbuch der Geographie und Statistik des Kaiserreichs Brasilien. Leipzig, 1871, in-8.

PELO SR. OLYMPIO EUZEBIO DE ARROXELAS GALVÃO.

Assembléas Legislativas Provinciaes das Alagôas contendo os nomes dos deputados e supplentes das 18 legislaturas (1835—1871), as mezas e os trabalhos ou occurrencias principaes de cada sessão, com a data de suas instal-lações e encerramentos, adiamentos e prorogações, e nomes dos presidentes que as installáram. Maceió, 1871.

PELO SR. MAXIMIANO LOPES MACHADO.

A Parahyba e o Atlas do Dr. Candido Mendes de Almeida. Pernambuco, 1871.

PELA SOCIEDADE GEOGRAPHICA DE PARIS.

Os Boletins dos mezes de Julho a Dezembro de 1870 e Janeiro á Agosto do corrente anno.

PELO SR. PERDIGÃO MALHEIRO.

Discurso proferido na sessão da camara temporaria em 12 de Julho de 1871 sobre a proposta do governo para a refórma do estado servil. Rio de Janeiro, 1871.

PELA REDACÇÃO.

Revista da instrucção publica, 2 ns.—Bahia, 1871.

PELO SR. CAPITÃO DE MAR E GUERRA JOSÉ DA COSTA AZEVEDO.

Dos ilustres sabios vindicados. Lima, 1868.

PELO SR. F. A. DA COSTA.

O jornal intitulado a—Luz. Collecção publicada n'esta côrte aos domingos. Rio de Janeiro, 1871; e Typos politicos: Sayão Lobato; idem: Zacharias. Rio de Janeiro, 1871.

PELO SR. BACHAREL ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY.

La Retraite de Laguna.—Rio de Janeiro, 1871.

PELO SR. SENADOR CANDIDO MENDES DE ALMEIDA.

A villa da Conceição de Itanhaen.—Impressões de viagem. Santos, 1871.

Proposta para a organisação de um conselho de immigração apresentada ao Exm. Sr. conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão, ministro da Agricultura, por Joaquim M. de Almeida Portugal.

PELO SR. DR. JOAQUIM ANTONIO CARNEIRO DA CUNHA MIRANDA.

Estudo elementar de direitos de uso-fructo adaptado á legislação patria em vigor. Recife, 1871.

OBRAS OFFERECIDAS AO INSTITUTO HISTORICO PELA UNIVERSIDADE DO CHILE, POR INTERMEDIO DO SR. CONSELHEIRO FILIPPE LOPES NETTO.

F. U. Zenteno.—De los Actos de Comercio, 1 (*)
M. Vargas.—Adios a la vida, 1.
M. de la Barra.—La America, 1.
Apuntes hydrograficos sobre la costa de Chile, 1.
P. de Ona.—Arauco Domado, 1.
A. B. Gana.—La Aritmetica en el amor, 1.
B. V. Mackenna.—Informe sobre la imigracion, 1.
F. A. de Toledc.—Purem indómito, poema, 1.
J. R. Astorga.—Boletin eclesiastico, 4.
A. Valderrama.—Bosquejo histórico de la poesia chilena, 1.
D. Arana.—Das campañas de Chiloé, 1.
J. R. Saavedra.—Cartas sobre la Inquisicion, 1.
Catalogo de la biblioteca Egana, 1.
Catalogo de la biblioteca de Santiago, 1.
J. J. V. Eyzaguirre.—El catolicismo en presencia de sus disidentes, 2.
Censo jeneral de Chile, 1.
F. Errazuriz.—Chile bajo el imperio de la constitucion, 1.
S. Saufuentes.—Chile desde la batalla de Chocabuco, 1.
Codigo de comercio de Chile, 1.
Codigo de Chile, 1.
Codigo penal de Beljica, 1.
Confederacion de los pueblos hispano-americanos, 1.
Aplicacion de los bienes de los regulares, 2.
Coleccion de los articulos de Jotabeche, 1.
Coleccion de los tratados de Chile, 1.
D. B. Arana.—Compendio de historia moderna, 1.

(*) Numero dos volumes.

Compendio de historia de America, 1.
M. Elizalde.—Concordancia del código civil chileno, 1.
J. Y. D. Arteaga.—Constituyentes chilenos de 1870, 1.
A. B.—Cosmografia del universo, 1.
C. M. Sayago.—Cronica de la marina, 1.
Cuadro de la administracion Montt, 1.
Cuenta de la inversion de los Caudales, 1.
Entradas y gastos fiscales de Chile, 6.
F. S. Perez.—Curso de ciencias matematicas. 6.
A. A. Gorbea.—Curso de matematicas, 2.
F. S. Perez.—Curso de arquitectura, 1.
R. Brizeno.—Curso de filosofia, 2.
Le S. de Crepy.—Curso de artilleria, 1.
M. M. y M. Diaz.—Curso de topografia, 1.
M. Tessereau.—Curso de hijiene, 1.
F. S. Perez.—Curso de mecanica, 2.
R. Briseno.—Derecho natural, 1.
M. L. Amunátegui.—Descubrimento i conquista de Chile, 1.
F. Gonzalez.—Diccionario de derecho, 1.
J. Donoso.—Diccionario teológico, 4.
F. G. de la Huerta.—Dictamen, 1.
Nueva ordenanza de aduanas, 1.
R. Picart.—La division reducida, 1.
A. de Burgos.—Elementos de agricultura, 2.
R. A. Philippi.—Elementos de botanica, 1.
J. V. Lastarria.—Elementos de derecho público, 1.
Derecho público constitucional. 1.
J. V. Bustillos.—Elementos de farmacia, 1.
V. M.—Elementos de filosofia, 1.
J. Domeyko.—Elementos de mineralogia, 1.
L. Brosnier.—Elementos de quimica, 1.
A. Vasquez.—Elementos de quimica organica, 2.

V. P. Rosales.—Ensayo sobre Chile, 1.
A. Montt.—El gobierno en Europa, 1.
L. A. V.-Heyl.—Primera edad de la literatura romana, 1.
J. Chacon.—Estudio del código civil chileno, 1.
R. Briseno.—Estadística bibliographica, 1.
Formulario de medicamentos, 1.
A. Bello.—Gramatica castellana, 1.
J. F. Lobeck.—Gramatica latina, 1.
J. R. Saavedra.—Gramatica española, 1.
La Grecia contemporanea, 1.
B. V. Mackenna.—La guerra a muerte, 1.
J. Arteaga.—Guia del instructor, 1.
J. Donoso.—Guia del Párroco, 1.
J. B. Suarez.—Guia del preceptor primario, 1.
Historia de los Estados-Unidos, 1.
B. V. Mackenna.—Historia de la ciudad de Sant'Iago, 2.
G. Prescott.—Conquista del Perú, 3.
Conquista de Mejico, 4.
A. de Lamartine.—Historia de los constituyentes, 1.
B. V. Mackenna.—Historia de la administracion Montt, 5.
Historia de Valparaiso. Tomo 1.°, 1.
J. F. Lobeck.—Historiæ litterarum romanorum, 1.
J. I. V, Eyzaguirre.—Historia eclesiastica, 3.
C. Gay.—Historia fisica y politica de Chile, 28.
V. Bereau.—Historia griega, 1.
A. B. Gana.—El Ideal de un Calavera, 1.
F. de Lamoye.—La India contemporánea, 1.
M. Gormaz.—Indice del código civil, 1.
A. Covarrubias.—Exposicion nacional d'Agricultura, 1.
Informe sobre la instruccion primaria, 1.
L. Larroque.—Depósito de Guano, 1.
J. R. Saavedra.—La inquisicion, 1.
J. Donoso.—Instituciones de derecho canónico, 2.

J. C. Fabres.—Derecho civil chileno, 1.
J. V. Lastarria.—Instituta del derecho civil chileno, 1.
M. L. y G. V. Amon.—Instruction primaria en Chile, 1.
J. I. V. Eyzaguirre.—Intereses católicos en America, 2.
B. V. Mackenna.—Introduccion de la administracion Montt, 2.
J. V. Lastarria.—Sistema colonial de los españoles, 1.
J. Cordovez.—Lecciones sobre el Universo, 1.
F. Rodigas.—Manual de cultura hortense, 1.
Manual de labranza, 1.
Manual del Marino, 1.
J. Donoso.—Manual del párroco americano, 1.
F. Pennese.—Manual de Medicina practica, 1.
B. Overbeg.—Manual de Pedagojia, 1.
M. Martinez.—Memoria sobre la revolucion de Chile, 1.
Memorias de lord Cochrane, 1.
J. V. Lastarria.—Miscelanea histórica y literaria, 3 v.
F. Sarmiento.—Memoria sobre educacion comum, 1.
A. Murillo.—Memorias y trabajos cientificos, 1.
C. Jourdain.—Nociones de filosofia, 1.
M. F. Guillon.—Curso de lingua franceza, 2.
C. G. Moesta.—Observaciones astronomicas, tomo 1.°
P. G. de la Fuente.—Oratoria sagrada, 1.
Ordenanza de Aduanas de Chile, 1.
B. V. Mackenna.—Ostracismo del general D. B. O'higins, 1.
Ostracismo de los Carreras, 1.
J. D. Cortez.—Parnaso chileno, 1.
Parnaso peruano, 2.
F. H. A.—Partida doble aplicada al comercio, 2.
Correspondence echangé entre le Chile et les E'tats-Unis, 1.
C. W Martinez.—Poesias, 1.
G. Matta.—Poesias, 1.

G. B. Gana.—Poesias, 1.
L. R. Velasco.—Poesias, 1.
E. de la B. Lastar.—Poesias líricas, 1.
Montalembert.—Porvenir político de la Inglaterra, 1.
M. L. Amunátegui —Precursores de la independencia de Chile, 1.
A. Bello.—Derecho internacional, 1.
» Ortologia i métrica de la lengua castellana, 1.
Derecho administrativo chileno, 1.
J. F. Lobeck.—Progymnasmata latina, 1.
J. B. Lira.—Prontuario de los juicios, 3.
J. F. Lobeck.—Prosodias i métricas latinas, 1.
F. Gonzalez.—Proyecto de código de enjuciamento civil, 1.
J. Arteaga.—Proyecto de código militar, 1.
V. Quesada.—Proyecto de ley de mineria, 1.
J. V. Lastarria.—Proyectos i discursos parlamentarios, 3.
F. V. Fontecilla.—Organazacion de los tribunales, 1.
J. A. Varas.—Recopilacion de leys, 3.
J. A. G.—Recopilacion de las leys de la marina, 1.
H. Castille.—Retratos políticos, 1.
A. Cochut.—Revistas de Europa, 1.
D. Calvo.—Rimas, 1.
Sinodos diocesanos de Santiago de Chile, 1.
E. Tocornal.—Lejislacion hipotecaria, 1.
A. L. Holley.—Tratado de artilleria, 1.
A. de la Fuente.—Instruccion de artilleria, 1.
I. Domeyko.—Tratado de ensayes, 1.
F. A. Leroy.—Tratado de jeometria, 1.
R. V. Garcia.—Tratado de la verdadera religion, 1.
J. M. Orrego.—Fundamentos de la fé, 1.
D. A. Torres.—Tratado de quimica, 1.

M. Cruchaga.—Tratado de economía política, 1

J. G. C. Seneuil.—Tratado de economía política, 2.

N. Molinare.—Tratado de instrumentos públicos, 1.

M. L. Amunátegui.—Títulos de la república de Chile, 1.

G. E. Cox.—Viaje a la Patagonia, 1.

W. Irving.—Vida i viajes de C. Colon, 1.

D. B. Arana.—Vida i viajes de H. de Magallanes, 1.

Washington, fundacion de los E. Unidos, 1

J. V. Lastarria.—Historia del medio siglo, 1.

» La America, 1.

D. B. Arana.—Elementos de literatura (retórica y poética), 1.

» Idem (historia literaria), 1.

Memorias del departamento de guerra de 1851 — 70, 16.

Memorias del departamento de guerra y marina, 1836—48, 7.

Memorias del departamento de hacienda, 1824 — 70, 26.

Memoria del departamento de interior i relaciones exteriores, 1844, 1.

Memorias del departamento de relaciones exteriores, 1836—70, 22.

Memorias del departamento de marina, 1849 - 69. 16.

Memorias del departamento de justicia, etc., etc., 1841. —70, 26.

Memorias del departamento del interior, 1840—70. 26.

Documentos parlamentarios, 9.

Anales de la universidad de Chile, 33.

Monitor de las escuelas primarias, 12.

Coleccion de historiadores de Chile, 6.

Boletin de las leyes de Chile, 1823—70, 32.

Revista de ciencias i letras, tomo 1°.

Revista de Santiago, 3.

Estadística comercial de Chile, 9.

Sesiones del congreso nacional, 1846—70, 26.
Anuario estadístico de la república de Chile, 9.
Historia de la república de Chile, 3.
D. Aracena.—America pontificia, 1.
R. A. Philippe.—Elementos da historia natural, 2.
H. Taine.—Filosofia del arte, 1.
F. V. Gormaz.—Reconocimentos de la costa de Chile, 1.
T. Ward.—Las biblias protestantes, 1.
I. L. Gana.—Guerra de costas, 1.
J. L. Gandarillas.—Discursos en la camara de diputados, 1.
L. Sada,—Cultivo de la moreira, 1.
P. del Barrio.—Terreno carbonifero de Coronel y Lota, 1.
H. Corne.—Biografia de Richelieu, 1.
W. Trottez.—Aves domesticas, 1.
Michelet.—Historia moderna, 1.
M. L. Amunátegui.—Titulos de la república de Chile, 1.
Relacion de la espulsion de un sacristan, 1.
L. E. Ramirez.—Jeografia elementar, 1.
A. Favry.—Elementos de mitolojia, 1.
M. M. Boyardo.—El Orlando enamorado, 1.
A. B. Gana.—Un drama en el campo, 1.
Almanaque náutico, 1.
Anuario meteorologico de Chile, 1.
J. A. D. Prado.—Instruccion primaria, 1.
P. Florian. -Fundacion de los Estados-Unidos, 1.
F. Basterrica.—Elementos de Jeometria, 1.
A. Jourdier.— La piscicultura, 1.
Diversos.—Arte de Abanileria, 1.
M. R. Lira.—Los jesuitas e sus detractores, 1.
I. Renjifo.—Lecciones de aritmética, 1.
M. L. i G. V. Amu.—D. José Joaquim Vallejo, 1.
M. Robinet.—Cultivador de gusanos de seda, 1.
Debeauvoys.—Guia del Alpilcutor, 1.

M. L. i G. V. A.—D. Salvador Sanfuentes, 1.
Ley de presupuestos para los gastos, 1866—67, 15.
Censo de la república de Chile, 1854, 1.
J. Jariez.—Anexo a la geometría descriptiva, 1
Memoria del Intendente de Maule, 1.
J. H. Salas.—Juramento civil de los Obispos, 1.
Policia sanitaria en Chile, 1.
Opúsculos sobre la Hacienda Publica, 1.
F. G. de la Fuente.—La Oratoria sagrada, tomo 1.
J. E. Gorostiaga.—Servicio de los canones rayados, 1.
R. i F. F. V. Gormaz.—Maniobras de una flota, 1
M. Guizot.—Historia de la civilizacion en Europa, 1.
C. Rousset.—La Gran Carta, 1.
G. Izquierdo.—Tratado de Aritmética, 1.
Navegacion a vapor en el Pacífico 1
Incendio de la Compañia, 1.
Documentos sobre la cuestion española, 1.
V. Mackenna.—Viajes en Europa (F. as 1.as 110 pag.), 1.
A. Febres.—Arte de lengua de Chile, 1.
R. Bisset.—Bosquejos de la democracia, 1.
J. M. S. Chavez.—Instruccion de la guerrilla, 1.
Constitucion de las camaras legislativas, 1.
J. V. Lastarria.—Don Diego de Portales, 1.
J. Miquel.—Catecismo bijienico, 1.
M. L. Amunátegui.—D. Ignacio Domeyko, 1.
Historia política e eclesiástica de Chile, 1.
C. G. Ugalde.—Poemas de la Infancia, 1.
D. N. H. y Quiros.—Gramática castellana, 1.
J. W. Goethe.—Jerman i Dorotea, 1.
D. F. Sarmiento.—Vida de N. S. Jesucristo, 1.
F. P. Caforo.—Curso de historia jeneral, 1.
F. S. Astaburuaga.—Curso de agricultura, 1.
Ségur.—Los francmasones, 1.

J. V. Lastarria.—El libro de oro de las escuelas, 1
Los francmasones, 1.
C. Sainte-Foix.—Las horas serias de un jóven, 1.
El mensajero del pueblo, 2.
El alegre, 1.
Revista de instruccion pri   ia, 1.
Sesiones del congreso constituyente, 1.
Diario de documentos del gobierno, 1.
Registro de docum tos del gobierno, 1.
Gazeta ministerial, 1.
Opusculos diversos, 354
Vinte e seis cartas geographicas diversas do Chile.

SOCIOS ADMITTIDOS AO GREMIO DO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1871

HONORARIO

General D. Bartholomeu Mitre.

CORRESPONDENTES

Augusto Carlos Teixeira de Aragão.
Benjamin Vicuña Mackenna.
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.
Diogo Barros Arana.
Manoel Rouaud y Paz-Soldan.
José Victorino Lastarria.
Miguel Luiz Amunátegui.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXIV
PARTE SEGUNDA

TERCEIRO TRIMESTRE

PAG.

QUARTO TRIMESTRE

ERRATA

ERROS	EMENDAS
Pag. 102—ultima linha—Posteriores e ulteriores...	Supprima-se—posteriores e
» 103—linha 22—256,886....................	Supprima-se
» 128—no fim—Acrescente-se—*J. C. Fernandes Pinheiro.*	